

ROBIN COOK



TERMINAL



Robin Cook

TERMINAL

Terminal, 1993

Terminal
Robin Cook



CIRCULO DO LIVRO LTDA.

Caixa postal 7413 01065-970 São Paulo, Brasil

Edição integral

Copyright (c) 1993 Robin Cook

Título original: Terminal

Tradução: Alves Calado

Capa: Cromo Keystone

Obra licenciada para o Circulo do Livro Ltda.

pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composição: Circulo do Livro Impressão e acabamento: Gráfica
Círculo

ISBN 85-332-1022-1

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

96 98 00 9 97

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Matthew Bankowski, Ph.D., pela paciência e generosidade em tolerar minhas perguntas sobre sua área de especialização e por sua boa vontade em ler e comentar o manuscrito de Terminal.

Também gostaria de agradecer a Phyllis Grann, minha amiga e editora, por suas opiniões valiosas. Além disso, quero me desculpar por qualquer efeito deletério que o atraso do manuscrito de Terminal possa ter causado a sua longevidade.

Finalmente, gostaria de agradecer aos departamentos de ciência básica do College of Physicians and Surgeons da Columbia University, por proporcionar o embasamento que me tornou possível compreender e apreciar os rápidos progressos que ocorrem na biologia molecular.

Para Jean, com amor e admiração.

Ciência sem consciência é a ruína da alma.

François Rabelais

Prólogo

4 de janeiro
Segunda-feira, 7h05 da manhã

Helen Cabot acordou aos poucos, enquanto a madrugada emergia da escuridão de inverno que encobria Boston, Massachusetts. Dedos de luz pálida e anêmica varavam o escuro do quarto no terceiro andar da casa de seus pais na Louisburg Square. A princípio não abriu os olhos, deleitando-se sob o edredom da cama de dossel. Sentia-se disposta, misericordiosamente alheia aos terríveis eventos moleculares que ocorriam no fundo de seu cérebro.

As férias não tinham sido das mais divertidas. Para não perder aulas em Princeton, onde havia se matriculado no primeiro ano, programara uma dilatação e curetagem eletiva entre o Natal e o Ano Novo. Os médicos haviam prometido que a remoção do tecido endometrial anormalmente denso no útero eliminaria as dolorosas cólicas que a deixavam incapacitada sempre que entrava no período menstrual. Também haviam prometido que seria uma intervenção de rotina. Mas não foi.

Virando a cabeça, Helen contemplou a luz suave da manhã difusa através das cortinas de renda. Não tinha qualquer sensação de uma desgraça iminente. Na verdade, há vários dias não se sentia tão bem.

Apesar de tudo ter corrido tranquilamente, com apenas um pequeno desconforto pós-operatório, no terceiro dia após a cirurgia ela desenvolvera uma dor de cabeça insuportável, seguida de febre, tontura e, o mais perturbador de tudo, distúrbios de fala. Felizmente os sintomas haviam desaparecido com a mesma rapidez com que surgiram, mas seus pais continuaram insistindo para que mantivesse a consulta marcada com o neurologista do Hospital Geral de Massachusetts.

Deixando-se cair de volta no sono, Helen ouviu o barulho quase imperceptível do teclado do computador de seu pai. O gabinete dele ficava ao lado do quarto de Helen. Abrindo os olhos apenas o suficiente para ver o relógio, ela percebeu que mal passava das sete. Era espantoso quanto seu pai trabalhava. Como fundador e diretor de uma das empresas de software mais poderosas do mundo, ele poderia se dar o luxo de descansar sobre os louros. Mas não descansava. Era compulsivo, e, em resultado disso, a família se tornara assombrosamente rica e importante.

Infelizmente, a segurança de que Helen desfrutava devido à situação familiar não levou em conta que a natureza não respeita a riqueza nem o poder temporal. A natureza trabalha de acordo com sua própria agenda. Os eventos que ocorriam no cérebro de Helen, sem que ela soubesse, eram ditados pelas moléculas de DNA que compunham seus genes.

E, naquele dia do início de janeiro, quatro genes em vários neurônios do seu cérebro estavam entrando em ação para produzir certas proteínas codificadas. Esses neurônios não se dividiam desde que Helen era bebê, o que era normal. Mas agora, por causa desses quatro genes e das proteínas resultantes, os neurônios seriam forçados a se dividir outra vez, e a continuar se dividindo. Um câncer particularmente maligno estava para destroçar a vida de Helen. Aos vinte e um anos de idade, Helen Cabot estava numa situação potencialmente "terminal", e não tinha a menor ideia.

4 de janeiro, 10h45 da manhã

Acompanhado por um ligeiro zumbido, Howard Face foi deslizando para fora das entranhas do novo aparelho de ressonância magnética do Hospital Universitário, em St. Louis. Nunca estivera mais aterrorizado na vida. Sempre se sentira vagamente ansioso com relação a hospitais e médicos, mas, agora que se encontrava doente, seus medos estavam totalmente desenvolvidos e eram avassaladores.

Com quarenta e sete anos, Howard tivera saúde perfeita até aquele dia fatídico de meados de outubro, quando avançou para a rede nas semifinais do torneio anual de tênis do Belvedere Country Club. Ouviu-se um leve estalo e ele se esparramou de forma vergonhosa enquanto a bola voava sobre sua cabeça. O ligamento cruzado anterior se rompera dentro do joelho direito.

Isso fora o começo de tudo. Curar o joelho tinha sido fácil.

Apesar de alguns pequenos problemas que os médicos relacionaram aos efeitos secundários da anestesia geral, Howard voltara ao trabalho em apenas alguns dias. Para ele, fora importante voltar rapidamente; dirigir uma das maiores fábricas de aviões do país não era fácil, numa época de profundos cortes nos orçamentos de defesa.

Com a cabeça ainda estabilizada no aparato semelhante a um torno, Howard não percebeu a presença do técnico até o homem falar.

— Tudo bem? — perguntou ele enquanto começava a desprender sua cabeça.

— Tudo bem — Howard conseguiu responder. Estava deitado. Seu coração palpitava de terror. Tinha medo do que o teste revelaria.

Por trás de uma divisória de vidro podia discernir um grupo de indivíduos com jalecos brancos estudando a tela de um tomógrafo computadorizado. Um deles era seu médico, Tom Folger. Estavam todos apontando, gesticulando e, o mais perturbador de tudo, balançando a cabeça.

O problema começara na véspera. Howard acordara com dor de cabeça, um acontecimento raro, a não ser quando tomava "umas e outras", o que não ocorrera. Na verdade, não bebia nada desde a noite de Ano Novo.

Depois de tomar uma aspirina e comer um pouco do desjejum, a dor diminuía. Mas durante a manhã, em meio a uma reunião de diretoria e sem qualquer aviso, ele vomitara. Fora uma coisa tão violenta e inesperada, sem que houvesse uma náusea o prendendo, que ele não pudera virar-se.

Para sua absoluta mortificação, o desjejum não digerido fora lançado sobre a mesa da diretoria.

Já com a cabeça liberada, Howard tentou se levantar, mas o movimento fez a dor voltar com força total. Recostou-se de novo na mesa do aparelho de RM e fechou os olhos até que o médico tocou-lhe gentilmente o ombro. Tom era clínico da família há mais de vinte anos.

Haviam-se tornado bons amigos com o passar do tempo, e se conheciam muito bem. Howard não gostou do que viu no rosto de Tom.

— É ruim, não é? — perguntou.

— Eu sempre fui direto com você, Howard...

— Então não mude agora — sussurrou Howard. Não queria ouvir o resto, mas precisava.

— A coisa não parece boa — admitiu Tom. Manteve a mão no ombro de Howard. — Existem vários tumores. Três, para ser exato. Pelo menos são os que podemos ver.

— Meu Deus — gemeu Howard. — É terminal, não é? — Não é assim que devemos falar neste momento.

— Como não é? — Howard quase gritou. — Você acaba de me dizer que sempre foi direto comigo. Eu fiz uma pergunta simples. Tenho o direito de saber.

— Se você me forçar a responder, tenho de dizer que sim; pode ser terminal. Mas não sabemos com certeza. Por enquanto, temos muito trabalho a fazer. A primeira coisa é descobrir de onde vem. O fato de ser multifocal sugere que se espalhou de outro lugar.

— Então vamos em frente — disse Howard. Se existe uma chance, quero vencer essa coisa.

4 de janeiro, 1h25 da tarde

Quando acordou na sala de recuperação, Louis Martin sentia como se a garganta tivesse sido queimada com um maçarico de acetileno. Já tivera dores de garganta antes, mas nada chegara nem perto do que sentiu ao tentar engolir após a cirurgia. Para tornar as coisas piores, sua boca estava tão seca quanto o Saara central.

A enfermeira que se materializara ao lado da cama, aparentemente vindo do nada, tinha explicado que o desconforto se devia ao tubo endotraqueal que o anestesista inserira antes da operação. Deu-lhe uma toalha úmida para ele sugar, e a dor diminuiu.

No momento em que empurraram sua maca de volta ao quarto, começara uma dor diferente, situada em algum lugar entre as pernas e irradiando-se até o meio das costas. Louis sabia qual era a causa daquele desconforto. Era a região onde acontecera a cirurgia destinada a reduzir uma próstata avolumada. Aquela coisa estivera forçando-o a levantar-se para urinar quatro ou cinco vezes por noite.

Ele marcara a cirurgia para o dia seguinte ao Ano Novo. Tradicionalmente, aquela era uma época tranquila na gigantesca firma de computadores que ele dirigia no norte de Boston.

Exatamente quando a dor começava a tirá-lo do sério, outra enfermeira deu-lhe um bolo de Demerol através do equipo intravenoso que continuava preso à sua mão esquerda. Um frasco de líquido estava pendurado numa haste em forma de T, que se projetava da cabeceira de sua cama.

O Demerol lançou-o de volta a um sono drogado. Ele não tinha certeza de quanto tempo se passara quando percebeu uma presença junto à sua cabeça. Custou-lhe toda a força abrir os olhos; as pálpebras pareciam de chumbo. Na cabeceira da cama, uma enfermeira mexia no tubo plástico que saía do frasco de soro. Na mão esquerda, ela tinha uma seringa.

— O que é isso? — murmurou Louis. Sua voz parecia inebriada. A enfermeira sorriu.

— Pela voz, parece que você já andou bebendo demais.

Louis piscou, tentando focalizar o rosto moreno da enfermeira.

Em sua condição drogada, a mulher parecia um borrão. Mas estava correta quanto à sua voz.

— Não preciso de mais remédio para dor — Louis conseguiu dizer.

Lutou para ficar numa posição meio sentada, apoiado num cotovelo.

— Não é remédio para dor — disse a enfermeira.

— Ah! Enquanto a enfermeira terminava de injetar, Louis percebeu lentamente que ainda não sabia o que estavam lhe dando.

— Que tipo de remédio é esse? — perguntou.

— Uma droga maravilhosa disse a enfermeira, guardando rapidamente a seringa.

Louis riu, a despeito de seu estado. Ia fazer outra pergunta, mas a enfermeira satisfez sua curiosidade.

— É um antibiótico. — Sacudiu de leve o ombro de Louis, num gesto tranquilizador. — Agora feche os olhos e descanse.

Louis deixou-se cair de novo na cama. Deu um risinho. Gostava de gente com senso de humor. Repetiu mentalmente o que a enfermeira dissera: uma droga maravilhosa. Bom, os antibióticos eram drogas maravilhosas, sem dúvida. Lembrou-se de que o dr. Handlin dissera que ele poderia ter de tomar antibióticos como precaução, no pós-operatório.

Tentou vagamente pensar em como seria um hospital antes da descoberta dos antibióticos. Sentiu-se grato por viver na era moderna.

Fechando os olhos, seguiu a sugestão da enfermeira e tentou relaxar. A dor ainda estava presente, mas, devido ao narcótico, não o incomodava. Os narcóticos também eram drogas maravilhosas, bem como os anestésicos. Louis fora o primeiro a admitir que era um covarde quando a dor chegava. Jamais poderia ter tolerado uma cirurgia quando não existia qualquer das "drogas maravilhosas".

Enquanto caía no sono, ficou imaginando que tipo de medicamentos o futuro traria. Decidiu que teria de perguntar a opinião do dr. Handlin.

4 de janeiro, 2h53 da tarde

Norma Kaylor olhou as gotas caindo no equipo de microgotas sob o frasco de soro, que passava através de um cateter grosso preso ao seu braço esquerdo. Ela tinha sentimentos confusos quanto aos medicamentos que estava tomando. Esperava que os poderosos agentes quimioterápicos curassem o câncer que surgira em seu seio e, pelo que lhe contaram, se espalhara para o fígado e os pulmões. Ao mesmo tempo, sabia que os remédios eram venenos celulares,

capazes de fazer uma devastação tanto em seu corpo quanto no tumor. O dr. Clarence a tinha alertado para tantos efeitos colaterais pavorosos que ela fizera um esforço para não escutar sua voz. Mas ouvira o suficiente. Assinara o formulário de consentimento com uma sensação de indiferença atordoadada.

Virando-se, Norma olhou através da janela para o céu intensamente azul de Miami, cheio de bolhas maciças de cúmulos brancos.

Desde que o câncer fora diagnosticado, ela fazia força para não perguntar por que eu? Ao sentir pela primeira vez o caroço, esperara que ele desaparecesse por conta própria, como acontecera com tantos outros no passado. Somente depois de vários meses, e de a pele sobre o caroço ter ficado subitamente retraída, ela se obrigara a procurar um médico.

Apenas para descobrir que seus medos eram justificados: o caroço era maligno. E pouco antes de seu trigésimo terceiro aniversário, ela passara por uma mastectomia radical. Não tinha se recuperado totalmente da operação quando os médicos iniciaram a quimioterapia.

Determinada a pôr fim à autopiedade, ela estava estendendo o braço para pegar um romance quando a porta do quarto particular foi aberta. Nem levantou os olhos. O pessoal do Forbes Cancer Center estava sempre entrando e saindo para ajustar o equipo de soro ou injetar o medicamento. Ela ficara tão acostumada às idas e vindas constantes que agora mal interrompia a leitura.

Somente depois de a porta ser fechada outra vez é que ela percebeu que havia recebido algum remédio novo. O efeito foi espantoso, drenando subitamente a força de seu corpo. Até o livro que estava segurando caiu de suas mãos. Porém o mais apavorante foi o efeito sobre a respiração; parecia que ela estava sendo sufocada. Em agonia, tentou conseguir ar, mas estava cada vez mais difícil, e logo ficou totalmente paralisada, a não ser pelos olhos. A imagem da

porta sendo aberta em silêncio foi a última coisa de que teve consciência.

1

26 de fevereiro
Sexta-feira, 9h15 da manhã

— Ah, meu Deus, lá vem ela! — Sean Murphy pegou freneticamente os prontuários empilhados à sua frente e entrou no cômodo atrás do posto de enfermagem no sétimo andar do Edifício Weber, do Boston Memorial Hospital.

Confuso com a interrupção súbita, Peter Colbert, um colega terceiranista de medicina em Harvard, examinou a cena. Não havia nada fora do normal. Era exatamente como qualquer ala movimentada de um hospital de medicina interna. O posto de enfermagem era uma colmeia de atividade, com o agente administrativo do andar e quatro auxiliares de enfermagem ocupados trabalhando. Havia também vários funcionários empurrando pacientes em cadeiras de rodas. Música de órgão, da trilha sonora de uma novela diurna, podia ser ouvida do saguão do andar. A única pessoa incomum que se aproximava era uma atraente enfermeira a quem Peter daria nota oito ou nove. Seu nome era Janet Reardon. Peter sabia alguma coisa sobre ela. Era filha de uma das antigas famílias abastadas de Boston, ativa e intocável.

Peter desencostou-se do balcão onde estivera sentado, junto à estante de prontuários, e abriu a porta da sala de trás. Era um

escritório para uso geral, com bancadas, um terminal de computador e uma pequena geladeira. Ali as enfermeiras faziam seus relatórios no fim de cada turno, e os que traziam marmita usavam-no como refeitório. Nos fundos havia um lavatório.

— O que está acontecendo? — perguntou Peter. Estava no mínimo curioso. Sean estava encostado à parede, com os prontuários apertados contra o peito. — Feche a porta! — ordenou Sean.

Peter entrou na sala.

— Você está transando com Janet Reardon? — era em parte uma pergunta, em parte uma descoberta aturdida.

Fora há quase três meses, no início do estágio do terceiro ano de medicina, que Sean apontara Janet e perguntara:

— Quem é aquela ali? — Sua boca ficara frouxa. Na sua frente encontrava-se uma das mulheres mais lindas que ele já vira. Estava descendo de cima do balcão depois de pegar alguma coisa na inacessível prateleira superior de um armário, e poderia dizer que ela tinha uma figura capaz de embelezar qualquer revista.

— Ela não faz o seu tipo — dissera Peter. — E feche a boca. Comparada a você, ela é da realeza. Conheço uns caras que tentaram namorar com ela. É impossível.

— Nada é impossível — dissera Sean, olhando Janet com admiração atordoada.

— Um pé-rapado como você nunca chegaria à primeira curva. Quanto mais à linha de chegada!

— Quer apostar? Cinco pratas como você está errado. Ela vai estar sedenta pelo meu corpo quando terminarmos o curso de medicina.

Na época Peter rira. Agora avaliava o colega com respeito renovado. Pensou que passara a conhecer Sean nos últimos meses de trabalho insano, e ali estava ele, no último dia do estágio de medicina, surpreendendo-o.

— Dá uma olhada para ver se ela já foi embora.

— Isso é ridículo — disse Peter, mas abriu a porta alguns centímetros. Janet estava no balcão falando com Carla Valentine, a enfermeira-chefe.

Peter deixou a porta fechar.

— Ela está aí fora.

— Droga! Não quero falar com ela agora. Tenho muito o que fazer, e não quero uma cena. Ela não sabe que estou indo para Miami fazer aquele curso no Forbes Cancer Center. Não quero falar com ela até sábado à noite. Sei que ela vai ficar furiosa.

— Então vocês estão namorando?

— É, a coisa tem andado quente. O que me lembra: você me deve cinco pratos. E deixa eu contar, não foi fácil. No início ela mal falava comigo. Mas com o tempo o charme absoluto e a persistência deram resultado. Acho que principalmente a persistência.

— Você trepou com ela? — perguntou Peter.

— Não seja grosseiro.

Peter riu.

— Eu, grosseiro? Esse é o pior exemplo do roto falar mal do esfarrapado que eu já vi.

— O problema é que ela está levando a sério. Só porque dormimos juntos algumas vezes, acha que a coisa vai ser permanente.

— Estou ouvindo falar em casamento?

— De mim, não — disse Sean. — Mas acho que é isso que ela pensa. É loucura, especialmente porque os pais dela me odeiam. E, puxa, eu só tenho vinte e seis anos.

Peter abriu a porta outra vez.

— Ela ainda está lá, falando com uma das outras enfermeiras. Deve estar de folga.

— Grande! — disse Sean com sarcasmo. — Acho que posso trabalhar aqui. Preciso fazer essas anotações antes de pegar outra internação.

— Eu te faço companhia — disse Peter. Saiu e voltou com vários prontuários.

Trabalharam em silêncio, usando as fichas que carregavam nos bolsos com os últimos resultados dos exames de laboratório de seus pacientes. A ideia era resumir cada caso para os estudantes de medicina que fariam o revezamento de serviço em 1º de março.

— Este aqui foi o meu caso mais interessante — disse Sean depois de cerca de meia hora. Segurou no alto o enorme gráfico. — Se não fosse por ela, eu nem teria ouvido falar no Forbes Cancer Center.

— Está falando de Helen Cabot? — perguntou Peter.

— A própria.

— Você pega todos os casos interessantes, seu filho da mãe. E Helen também é uma gata. No caso dela, os atendentes ficavam implorando para ser chamados.

— É, mas essa gata está com tumores múltiplos no cérebro. — Sean abriu o prontuário e folheou algumas de suas duzentas páginas. — É triste. Só tem vinte e um anos, e é obviamente terminal. A única esperança é ser aceita pelo Forbes. Eles vêm tendo uma sorte incrível com esse tipo de tumor.

— O relatório final de patologia voltou?

— Ontem. Ela tem meduloblastoma. É bem raro; somente uns dois por cento de todos os tumores do cérebro são desse tipo. Li um pouco sobre o assunto, para poder brilhar no round desta tarde. Geralmente encontrado em crianças pequenas.

— Então ela é uma exceção infeliz — comentou Peter.

— Não é exatamente uma exceção. Vinte por cento dos meduloblastomas ocorrem em pacientes com mais de vinte anos. O que surpreendeu todo mundo e fez com que ninguém chegasse perto de adivinhar o tipo de célula foram os focos múltiplos. Originalmente, o médico dela pensou que ela tinha câncer

metastático, provavelmente de um ovário. Mas estava errado. Agora ele planeja um artigo para o *New England Journal of Medicine*.

— Dizem que ela não é só linda; também é rica — disse Peter, lamentando outra vez não tê-la como paciente.

— O pai dela é executivo-chefe da Software, Inc. E claro que os Cabot não estão passando dificuldades. Com todo o dinheiro que têm, certamente podem pagar um lugar como o Forbes. Espero que o pessoal de Miami possa fazer alguma coisa por ela. Além de ser bonita, ela é uma garota legal. Passei um bom tempo com ela.

— Lembre-se, os médicos não devem se apaixonar pelas pacientes — disse Peter.

— Helen Cabot tentaria um santo.



JANET REARDON desceu a escada, voltando para a pediatria no quinto andar. Gastara os quinze minutos do café tentando encontrar Sean.

As enfermeiras do sétimo disseram que haviam acabado de vê-lo, trabalhando nas anotações de serviço, mas não tinham ideia de para onde ele fora.

Janet estava perturbada. Há várias semanas não dormia bem, acordando às quatro ou cinco da manhã, muito antes do despertador. O problema era Sean e o relacionamento deles. Ao conhecê-lo, fora repelida pela atitude vulgar e pretensiosa, mesmo sentindo atração por seus traços mediterrâneos, pelos cabelos pretos e os olhos irlandeses chocantemente azuis.

Quando Sean começou a assediá-la, Janet resistiu. Achava que não tinham nada em comum, mas ele se recusou a aceitar um não. E a inteligência aguda de Sean espicou sua curiosidade.

Finalmente saiu com ele, achando que um encontro acabaria com a atração. Mas não acabou. Logo descobriu que a atitude rebelde que ele demonstrava era um poderoso afrodisíaco. Numa virada surpreendente, Janet decidiu que todos os seus namorados anteriores eram muito previsíveis, muito tipo o pessoal do Myopia Clube de Caça. Percebeu de repente que estivera presa a uma expectativa de casamento semelhante à dos pais, voltada para alguém convencionalmente aceitável. Foi então que o encanto rude de Sean agarrou seu coração, e Janet se apaixonou.

Chegando ao posto de enfermagem no andar da pediatria, Janet percebeu que ainda tinha alguns minutos de folga. Empurrando a porta da sala dos fundos, foi em direção à máquina de café. Precisava de um reforço para aguentar o resto do dia.

— Está parecendo que perdeu um paciente — disse uma voz.

Janet se virou e viu Dorothy MacPherson, uma enfermeira de quem se tornara amiga, sentada, com os pés sem sapatos apoiados na bancada.

— Talvez seja ruim assim mesmo — disse Janet enquanto pegava o café. Permitiu-se apenas meio copo. Aproximou-se de Dorothy e sentou-se pesadamente numa das cadeiras de metal. — Homens! — acrescentou, com um suspiro de frustração.

— Um lamento familiar — disse Dorothy.

— Meu relacionamento com Sean Murphy não está indo a lugar algum — Janet disse, depois de algum tempo. — Está realmente me incomodando, e eu tenho de fazer alguma coisa. Além disso — acrescentou com um riso —, a última coisa que desejo é ser forçada a admitir para minha mãe que ela estava certa.

Dorothy sorriu.

— Posso entender.

— A coisa chegou ao ponto em que acho que ele está me evitando.

— Vocês conversaram sobre isso?

— Venho tentando — disse Janet. — Mas falar sobre sentimentos não é um dos pontos fortes de Sean.

— Mesmo assim, talvez você devesse sair com ele esta noite e dizer o que acabou de falar comigo.

— Ha! — Janet riu com escárnio. — É sexta-feira. Não podemos.

— Ele está de plantão? — perguntou Dorothy.

— Não. Toda sexta-feira ele e os amigos de Charlestown vão juntos a um bar. Namoradas e esposas não são convidadas. É a famosa noite dos rapazes. E, neste caso, é uma espécie de tradição irlandesa, com gritarias e tudo.

— Parece repugnante.

— Depois de quatro anos em Harvard, um ano de biologia molecular no MIT, e agora três anos de faculdade de medicina, seria de pensar que ele houvesse crescido e superado. Pelo contrário, essas noites de sexta parecem ser mais importantes do que nunca.

— Eu não aguentaria — disse Dorothy. — Eu achava que o fetiche do meu marido pelo golfe era ruim, mas não é nada comparado com o que você está contando. Tem mulher envolvida nessas escapadas de sexta à noite?

— Algumas vezes eles vão a Revere. Lá existe um bar de strip-tease. Mas na maior parte das vezes é Sean e os rapazes tomando cerveja, contando piadas e assistindo a jogos num telão de TV. Pelo menos é assim que ele descreve. Obviamente eu nunca fui.

— Talvez você devesse se perguntar por que está envolvida com esse homem.

— Já fiz isso — disse Janet. — Especialmente nos últimos tempos, depois que passamos a ter tão pouca comunicação. É difícil até arranjar tempo para conversar. Além de todo o trabalho para a faculdade de medicina, tem a pesquisa também. Ele está num programa de M.D.-Ph.D. em Harvard.

— Ele deve ser inteligente.

— É a única coisa que se salva. Isso e o corpo.

Dorothy riu.

— Pelo menos existem duas coisas para justificar sua angústia. Mas eu não deixaria meu marido sair nessa coisa juvenil de sexta à noite. Puxa, eu ia lá e fazia com que ele passasse vergonha. Os homens são crianças, mas é preciso haver algum limite.

— Não sei se eu poderia fazer isso — disse Janet. Mas, enquanto tomava um gole do café, pensou um pouco na ideia. O problema é que a vida inteira ela fora passiva, deixando as coisas acontecerem e em seguida correndo atrás do fato. Talvez por isso tivesse entrado naquele tipo de problema. Talvez precisasse tomar coragem e ser mais decidida.



— QUE DROGA, Marcie! — gritou Louis Martin. — Onde é que estão aquelas projeções? Eu disse que deveriam estar na minha mesa. — Para enfatizar o desagrado, Louis bateu no mata-borrão forrado de couro, lançando para o ar uma confusão de papéis. Vinha se sentindo irritado desde que acordara às quatro e meia daquela manhã com uma dor de cabeça ferrenha. Enquanto estava no banheiro procurando uma aspirina, vomitara na pia. O episódio o deixara chocado. O vômito chegara sem aviso e sem náusea.

Marcie Delgado entrou em disparada no escritório do chefe. Ele gritara com ela e a criticara o dia inteiro. Humildemente, estendeu a mão sobre a mesa e pegou um maço de papéis que se encontrava logo na frente do homem, preso com um clipe de metal. Na capa estava escrito em letras de forma:

PROJEÇÕES PARA A REUNIÃO DA DIRETORIA, DIA 26 DE FEVEREIRO.

Sem demonstrar sequer reconhecimento, quanto mais um pedido de desculpas, Louis agarrou os documentos e saiu do escritório feito um vendaval. Depois de meia dúzia de passos, não pôde se lembrar para onde ia. Quando finalmente recordou que era para a sala da diretoria, não teve certeza de qual era a porta.

— Boa tarde, Louis — disse um dos diretores, vindo atrás dele e abrindo a porta à direita.

Louis entrou na sala sentindo-se desorientado. Lançou um olhar fugidio às pessoas sentadas ao redor da comprida mesa de reuniões. Para sua consternação, sentia-se incapaz de reconhecer qualquer rosto.

Baixando os olhos para o maço de papéis que havia trazido, deixou que ele caísse. Suas mãos estavam tremendo.

Louis Martin ficou mais um instante em pé, enquanto as vozes silenciavam. Todos os olhares estavam fixos em seu rosto, que se tornara de uma palidez espectral. Os olhos de Louis rolaram para cima, sumindo dentro das órbitas, e suas costas se arquearam. Ele caiu para trás, a cabeça batendo no tapete com um ruído surdo. Simultaneamente ao impacto no chão, o corpo de Louis começou a tremer antes de ser assolado por violentas contrações musculares tônico-clônicas.

Nenhum dos participantes da diretoria jamais vira uma crise do grande mal, e por um instante ficaram todos perplexos. Finalmente um homem superou o choque e correu para perto do executivo caído. Somente então os outros reagiram, saltando para os telefones em busca de auxílio.

No momento em que chegou a equipe da ambulância, a crise já havia passado. A não ser por uma dor de cabeça e um resto de letargia, Louis sentia-se relativamente normal. Não estava mais desorientado. Na verdade, ficou perplexo ao saber que tivera uma crise convulsiva. Pelo que percebera, tinha apenas desmaiado.

A primeira pessoa a ver Louis na sala de emergência do Boston Memorial Hospital foi um médico residente que se apresentou como George Carver. George parecia aflito, porém meticoloso. Depois de concluir um exame preliminar, disse a Louis que teria de interná-lo, mesmo com o médico particular de Louis, Clarence Handlin, ainda não tendo sido consultado.

— Uma crise convulsiva é coisa séria? — perguntou Louis. Depois de sua operação de próstata, dois meses antes, ele não estava feliz com a perspectiva de ser hospitalizado.

— Vamos precisar de uma consulta neurológica — disse George.

— Mas qual é a sua opinião?

— Crises convulsivas súbitas num adulto sugerem doença cerebral estrutural.

— Que tal falar em língua de gente? — disse Louis. Ele odiava o jargão médico.

O residente parecia irrequieto.

— Estrutural significa exatamente isso — disse, evasivo. —

Alguma coisa anormal com o próprio cérebro, não somente com sua função.

— Quer dizer, como um tumor cerebral?

— Poderia ser um tumor — disse George relutante.

— Santo Deus! — Louis sentiu que começava a suar frio.

Depois de acalmar o paciente do melhor jeito que pôde, George foi para o "poço", como os que trabalhavam ali chamavam o centro da sala de emergência. Primeiro procurou saber se o médico particular de Louis já havia ligado. Não havia. Em seguida, folheou o relatório de um residente de neurologia. E disse ao auxiliar da sala de emergência para chamar o estudante de medicina encarregado da próxima internação.

— A propósito — perguntou George ao auxiliar, enquanto voltava ao cubículo onde Louis Martin esperava —, qual é o nome do estudante?

— Sean Murphy — disse o auxiliar.



— MERDA! — DISSE SEAN quando seu bipe parou de tocar. Tinha certeza de que Janet desaparecera há muito, mas, só para garantir, abriu a porta cuidadosamente e examinou a área. Como não a viu, foi adiante.

Teria de usar o telefone do posto de enfermagem, já que Peter estava tomando conta do que ficava na sala dos fundos, tentando conseguir relatórios de última hora com o laboratório.

Antes de ligar para alguém, Sean aproximou-se de Carla Valentine, a enfermeira-chefe.

— Vocês estão me procurando? — Esperava que estivessem, porque nesse caso a chamada implicaria algum trabalho fácil. Temia que a chamada viesse da internação ou da sala de emergência.

— Por enquanto você está completamente livre — disse Carla.

Então Sean discou o telefone e recebeu a má notícia. Era a sala de emergência com uma internação.

Sabendo que quanto mais rápido soubesse do caso e fizesse o exame físico mais rápido estaria livre, Sean acenou para Peter, que continuava telefonando, e desceu a escada.

Em circunstâncias normais, Sean gostava da sala de emergência e de seu constante ar de excitação e pressa. Mas, na tarde de seu último dia de estágio, ele não queria outro caso. O exame padrão feito pelos estudantes de medicina de Harvard demorava horas, e implicava o preenchimento de quatro a dez páginas de anotações em letra apertada.

— É um caso interessante — disse George quando Sean apareceu. George estava no telefone, falando com a radiologia.

— É o que você sempre diz.

— Verdade — disse George. — Já viu um papiledema?

Sean balançou a cabeça.

— Pegue um oftalmoscópio e olhe para a saída dos nervos nos dois olhos do cara. Parecem montanhas em miniatura. Significa que a pressão intracraniana está elevada. — George empurrou o prontuário sobre a mesa, na direção de Sean.

— O que ele tem? — perguntou Sean.

— Acho que é um tumor cerebral. Sofreu uma crise convulsiva no trabalho.

Nesse momento alguém na radiologia atendeu o telefone, e a atenção de George concentrou-se em marcar uma TC de emergência.

Sean pegou o oftalmoscópio e foi olhar o sr. Martin. Estava longe de ser hábil no uso do instrumento, mas, depois de persistência de sua parte e paciência da parte de Louis, conseguiu captar vislumbres das saídas dos nervos, que estavam intumescidas.

Fazer anamnese e exame clínico para um estágio de faculdade era, na melhor das circunstâncias, uma tarefa trabalhosa. Realizá-lo na sala de emergência e depois na de raios X, enquanto esperava uma TC, era dez vezes mais difícil. Sean persistiu, fazendo o máximo de perguntas que lhe ocorriam, especialmente sobre a doença. O que ficou sabendo, e que ninguém ainda descobrira, foi que Louis Martin tivera dor de cabeça transitória, febre, náusea e vômitos cerca de uma semana depois de sua cirurgia de próstata, no início de janeiro.

Conseguira essa informação logo antes de Louis começar o exame de TC. O técnico tivera de ordenar que Sean saísse da sala do aparelho e fosse para a sala de controle momentos antes de o exame começar.

Além do técnico que controlava o tomógrafo, várias outras pessoas estavam na sala de controle. Dentre elas o dr. Clarence Handlin, médico particular de Louis Martin, George Carver, o médico residente, e Harry O'Brian, o residente de neurologia de

plantão. Estavam todos agrupados ao redor da tela de TC, esperando que aparecessem os primeiros "cortes".

Sean puxou George de lado e disse sobre a dor de cabeça, a febre e a náusea que haviam ocorrido antes.

— Uma boa descoberta — disse George enquanto puxava a pele do queixo com ar pensativo. Estava obviamente tentando relacionar os sintomas anteriores ao problema atual. — A febre é a parte curiosa — disse. — Ele disse que foi uma febre alta?

— Moderada. Trinta e oito a trinta e oito e meio. Disse que parecia um resfriado, ou uma gripe leve. O que quer que tenha sido, desapareceu por completo.

— Pode ter alguma relação. De qualquer modo, esse cara está doente. A TC preliminar mostrou dois tumores. Lembra-se de Helen Cabot?

— Como posso esquecer? — disse Sean. — Ela ainda é minha paciente.

— Os tumores desse sujeito se parecem muito com os dela.

Os médicos ao redor da tela do tomógrafo começaram a falar, excitados. Os primeiros cortes estavam aparecendo. Sean e George foram para trás deles, olhando por sobre os seus ombros.

— Aqui estão, de novo — disse Harry, indicando com a ponta de seu martelo de percussão. — Sem dúvida alguma, são tumores. E aqui está outro pequeno.

Sean esforçou-se para ver.

— Provavelmente metástases — disse Harry. — Tumores múltiplos como esses têm de vir de outro lugar. A próstata dele era benigna?

— Completamente — disse o dr. Handlin. — Ele teve boa saúde a vida inteira.

— Fuma? — perguntou Harry?

— Não — disse Sean.

As pessoas na frente se deslocaram para dar a ele uma visão melhor da tela.

— Vamos ter que fazer um exame minucioso para determinar se é ou não metástase — disse Harry.

Sean curvou-se mais para perto da tela. As áreas de menor densidade eram nítidas até para os seus olhos inexperientes. Mas o que de fato atraiu sua atenção foi que eles se pareciam com os tumores de Helen Cabot, como dissera George. E, como os dela, estavam todos no cérebro. Esse fora um ponto de particular interesse em Helen Cabot, já que os meduloblastomas geralmente ocorriam no cerebelo, e não no cérebro.

— Sei que, estatisticamente, você tem que pensar em metástase dos pulmões, do cólon ou da próstata — disse George. — Mas quais são as chances de que estejamos vendo um tumor semelhante ao de Helen Cabot? Em outras palavras, um câncer multifocal primário do cérebro, como o meduloblastoma.

Harry balançou a cabeça.

— Lembre-se: quando você ouve barulho de cascos, deve pensar em cavalos, e não em zebras. O caso de Helen Cabot é único, ainda que alguns semelhantes tenham sido relatados recentemente no país. Mesmo assim, estou disposto a apostar com qualquer um que estamos olhando para um tumor metastático.

— Em que departamento você acha que ele deve ficar? — perguntou George.

— Tanto faz — disse Harry. — Se ele ficar na neurologia, vamos precisar de uma consulta de medicina interna para o exame metastático. Se ficar na medicina interna, vai precisar de consulta neurológica.

— Já que nós ficamos com a Cabot — sugeriu George — por que não ficam com ele? De qualquer modo, vocês interagem melhor com a neurocirurgia.

— Para mim, tudo bem — disse Harry.

Sean gemeu por dentro. Todo o trabalho que tivera com a anamnese e o exame clínico, para nada. Já que o paciente seria internado pela neurologia, o acadêmico de neurologia receberia o crédito. Mas pelo menos significava que Sean estava livre. Sean fez um gesto para George, indicando que estaria com ele mais tarde durante a ronda, e em seguida saiu da sala de TC. Apesar de suas anotações de serviço estarem atrasadas, Sean aproveitou o tempo para fazer uma visita. Tendo pensado e falado sobre Helen Cabot, quis vê-la. Ao sair do elevador no sétimo andar, foi diretamente para o quarto 708 e bateu na porta entreaberta.

A despeito da cabeça raspada e da série de manchas azuis deixadas no couro cabeludo pelo marcador, Helen Cabot ainda conseguia parecer atraente. Tinha feições delicadas, que realçavam seus olhos grandes, verdes e brilhantes. O rosto tinha a perfeição translúcida de um modelo fotográfico. Mas estava pálida, e não havia dúvida de que se encontrava doente. Mesmo assim, seu rosto se iluminou quando viu Sean.

— Meu médico favorito — disse.

— Futuro médico — corrigiu-a Sean. Não gostava de bancar o médico, como muitos acadêmicos. Desde que terminara o segundo grau sentia-se um impostor, representando primeiro o papel de aluno de Harvard, depois de pesquisador do MIT e agora de estudante de medicina de Harvard.

— Ouviu as boas notícias? — perguntou Helen. Ela sentou-se, apesar da fraqueza resultante das várias crises convulsivas que vinha tendo.

— Conte.

— Fui aceita no protocolo do Forbes Cancer Center.

— Fantástico! Agora posso contar que estou indo para lá. Tive medo de dizer antes de saber se você também ia.

— Que coincidência maravilhosa! — disse Helen. — Vou ter um amigo lá. Suponho que você sabe que eles tiveram uma remissão de

cem por cento com o meu tipo de tumor.

— Sei. Os resultados são incríveis. Mas não é coincidência estarmos indo juntos. Foi o seu caso que me fez saber do Forbes. Como já lhe contei, minha pesquisa envolve a base molecular do câncer. Descobrir uma clínica onde estão tendo cem por cento de sucesso no tratamento de um câncer específico é extraordinariamente instigante para mim. Estou espantado por nunca ter lido sobre eles na literatura médica. De qualquer modo, quero ir até lá e descobrir exatamente o que eles estão fazendo.

— O tratamento ainda é experimental — disse Helen. — Meu pai fez questão de me enfatizar isso. Achamos que o motivo de eles evitarem publicar os resultados é que querem primeiro ter certeza absoluta do que declaram. Mas, com ou sem publicação, mal posso esperar para chegar e começar o tratamento. É o primeiro raio de esperança desde que começou esse pesadelo.

— Quando você vai?

— Na semana que vem. E você?

— Vou cair na estrada na madrugada do sábado. Tenho que me apresentar lá na terça de manhã. Vou estar esperando você.

Sean estendeu a mão e segurou o ombro de Helen.

Ela sorriu, colocando a mão sobre a de Sean.



DEPOIS DE COMPLETAR o relatório, Janet voltou ao sétimo andar, à procura de Sean. Mais uma vez as enfermeiras disseram que ele estivera ali havia alguns instantes, mas aparentemente desaparecera. Sugeriram chamar pelo alto-falante, mas Janet queria pegá-lo desprevenido. Como já passava das quatro horas, achou que

o melhor lugar para encontrá-lo seria o laboratório do dr. Clifford Walsh. O dr. Walsh era o orientador do Ph.D. de Sean.

Para chegar lá, Janet teria de sair do hospital, abrigar-se contra o vento de inverno, caminhar um bom trecho da Avenida Longfellow, atravessar o quadrilátero da faculdade de medicina e subir ao terceiro andar. Antes mesmo de abrir a porta do laboratório, soube que tinha acertado. Reconheceu a figura de Sean através do vidro fosco. Era principalmente o jeito de ele se mover. Tinha uma graça surpreendente para uma estrutura tão musculosa. Não havia movimentos desperdiçados.

Realizava suas tarefas com rapidez e eficiência.

Depois de entrar na sala, Janet fechou a porta e hesitou. Por um instante ficou observando Sean. Além dele havia três outras pessoas bastante ocupadas. Um rádio tocava música clássica. Não se ouviam conversas.

Era um laboratório antigo e atulhado, com bancadas de pedra-sabão. Os equipamentos mais novos eram os computadores e uma série de analisadores de mesa. Sean descrevera em várias ocasiões O tema de sua tese de Ph.D., mas Janet ainda não tinha certeza de que entendera tudo.

Ele estava procurando genes especiais chamados Oncogenes, que tinham a capacidade de levar uma célula a tornar-se cancerosa. Sean explicara que os oncógenes pareciam ter Origem a partir dos genes normais de "controle celular", que alguns tipos de vírus chamados retrovírus tinham a tendência de capturar para estimular a produção viral em futuras células hospedeiras.

Durante aquelas explicações, Janet balançava a cabeça confirmando nos momentos adequados, mas sempre se interessara mais pelo entusiasmo de Sean do que pelo assunto. Também percebera que teria de fazer mais algumas leituras na área de genética molecular se quisesse entender a área específica que Sean pesquisava. Sean tinha a tendência de presumir que ela tinha mais

conhecimentos do que possuía, num campo em que os avanços ocorriam num ritmo estonteante.

Parada junto à porta, apreciando o V formado pelos ombros largos e a cintura estreita de Sean, Janet ficou curiosa com o que ele estaria fazendo. Num contraste agudo com o que ocorrera em suas visitas nos últimos dois meses, ele não estava preparando um dos analisadores. Em vez disso, parecia estar separando objetos e limpando-os.

Depois de observar por vários minutos, esperando que ele percebesse sua presença, Janet deu alguns passos e ficou ao seu lado. Janet era relativamente alta, com um metro e sessenta e sete; e como Sean media apenas um e setenta e nove, eles praticamente podiam se olhar nos olhos, especialmente quando Janet estava de salto alto.

— Posso perguntar o que você está fazendo? — disse Janet de súbito.

Sean deu um pulo. Seu nível de concentração era tão grande que ele não sentira sua presença.

— Só limpando — falou com ar culpado.

Janet inclinou-se e encarou seus olhos espantosamente azuis. Ele devolveu o olhar por um momento, e depois virou o rosto.

— Limpando? — O olhar de Janet percorreu a bancada vazia. — Que surpresa! — Voltou a olhar para o rosto de Sean. — O que está acontecendo aqui? Essa é a área de trabalho mais imaculada que você já teve. Há alguma coisa que não me contou?

— Não — disse Sean. Em seguida parou antes de acrescentar: — Bom, sim. Há. Vou fazer um curso opcional de dois meses.

— Onde?

— Miami, Flórida.

— E não ia me contar?

— Claro que ia. Estava planejando contar amanhã à noite.

— Quando você vai embora?

— No domingo.

Os olhos irados de Janet percorreram a sala. Seus dedos batiam distraídos sobre a bancada. Perguntou a si própria o que fizera para merecer esse tipo de tratamento. Olhando de volta para Sean, disse:

— Você ia esperar até a véspera para me contar?

— A coisa só foi decidida esta semana. Eu não tinha certeza até dois dias atrás. Quis esperar a hora certa.

— Considerando o nosso relacionamento, a hora certa seria quando chegasse a decisão. Miami? Por que isso agora?

— Lembra daquela paciente de que falei? A mulher com meduloblastoma?

— Helen Cabot?

— Essa mesma. Quando li sobre o tumor dela, descobri... — fez uma pausa.

— Descobriu o quê?

— Não, não foi nas minhas leituras — corrigiu-se Sean. — Uma das atendentes disse que o pai ouvira falar de um tratamento que, aparentemente, conseguia remissão de cem por cento. O protocolo só é administrado no Forbes Cancer Center, de Miami.

— É aí você decidiu ir. Assim, sem mais nem menos.

— Não exatamente. Falei com o dr. Walsh, que por acaso conhece o diretor de lá, um homem chamado Randolph Mason. Há vários anos eles trabalharam juntos no NIH. O dr. Walsh falou com ele a meu respeito, e conseguiu que me convidassem.

— Essa é a época errada para isso — disse Janet. — Você sabe que estou confusa a nosso respeito.

Sean deu de ombros.

— Sinto muito. Mas agora eu estou com tempo, e isso pode ter grandes consequências. Minha pesquisa envolve a base molecular do câncer. Se eles estão conseguindo uma taxa de cem por cento de remissão para um tumor específico, isso deve ter implicações para todos os cânceres.

Janet sentiu-se fraca. Suas emoções estavam à flor da pele. O afastamento de Sean por dois meses, nessa época, parecia a pior situação possível para a sua psique. Mas os motivos eram nobres. Ele não estava indo para o Club Med ou alguma coisa do gênero. Como poderia ficar com raiva, ou tentar impedi-lo? Sentiu-se totalmente confusa.

— E existe o telefone — disse Sean. — Eu não estou indo para a lua. São só dois meses. E você compreende que isso pode ser muito importante.

— Mais importante do que o nosso relacionamento? — Janet deixou escapar. — Mais importante do que o resto de nossas vidas? — Quase imediatamente sentiu-se idiota. Esse tipo de comentário soava tão juvenil!

— Agora não vamos entrar numa discussão comparando alhos com bugalhos — disse Sean.

Janet suspirou fundo, lutando contra as lágrimas.

— Depois falamos sobre isso. Esse não é o lugar para um confronto emocional.

— Esta noite eu não posso — disse Sean. — É sexta-feira e...

— É você precisa ir àquele bar estúpido — disse Janet, ríspida.

Viu algumas pessoas da sala se virando para olhá-los.

— Janet, fale baixo! — disse Sean. — Nós saímos juntos no sábado à noite, como combinamos. Aí a gente conversa.

— Sabendo como esse afastamento me deixaria abalada, não consigo entender por que você não pode deixar de beber uma noite com seus amigos vagabundos.

— Cuidado, Janet. Meus amigos são importantes para mim. Eles são minhas raízes.

Por um instante seus olhares se encontraram com hostilidade palpável. Então Janet se virou e saiu do laboratório.

Sean olhou sem graça para os colegas. A maioria deles evitou seu olhar. Não o dr. Clifford Walsh. Era um homenzarrão barbudo.

Usava um comprido jaleco branco, com as mangas enroladas até os cotovelos.

— O tumulto não ajuda a criatividade — disse. — Espero que sua partida com esse tom azedo não influencie seu comportamento em Miami.

— Não tem a menor chance — disse Sean.

— Lembre-se, pus a mão no fogo por você. Garanti ao dr. Mason que você seria valioso para a organização. Ele gostou de saber que você teve muita experiência com anticorpos monoclonais.

— Foi isso que o senhor contou? — perguntou Sean, consternado.

— Pela nossa conversa, percebi que ele estaria interessado nisso — explicou o dr. Walsh. — Não fique irritado.

— Mas fiz isso há três anos no MIT. Eu me afastei totalmente da química de proteínas.

— Eu sei que agora você está interessado em oncógenes. Mas *você* queria o trabalho, e eu fiz o que achei melhor para que fosse convidado. Quando estiver lá, você pode explicar que prefere trabalhar em genética molecular. Conhecendo-o como conheço, não tenho dúvida de que vai fazer com que saibam como se sente. Tente só ser diplomático.

— Li alguns trabalhos da pesquisadora-chefe — disse Sean. — É perfeito para mim. A experiência dela é em retrovírus e oncógenes.

— A dra. Deborah Levy — disse o dr. Walsh. — Talvez você possa trabalhar com ela. Mas, quer trabalhe ou não, agradeça por ter sido convidado tão em cima da hora.

— Simplesmente não quero ir até lá e ficar preso com trabalho desinteressante.

— Prometa que não vai causar problemas — disse o dr. Walsh.

— Eu? — Sean perguntou com as sobrancelhas arqueadas. — O senhor me conhece.

— Conheço bem demais. Esse é o problema. Sua arrogância pode ser perturbadora, para dizer o mínimo, mas pelo menos agradeça a

Deus por sua inteligência.

2

26 de fevereiro
Sexta-feira, 4h45 da tarde

— Só um segundo, Corissa — disse Kathleen Sharenburg parando e encostando-se num dos balcões de cosméticos da Neiman Marcus. Tinham vindo ao shopping, a oeste de Houston, comprar roupas para as aulas de dança. Agora que tinham feito as compras, Corissa estava ansiosa para chegar em casa.

Kathleen sentira uma súbita tontura que lhe deu a impressão enjoativa de que a sala estava girando. Por sorte, assim que encostou no balcão, a sensação parou. Em seguida ela estremeceu, numa onda de náusea. Mas também passou.

— Tudo bem? — perguntou Corissa. As duas cursavam o primeiro ano do segundo grau.

— Não sei — disse Kathleen. A dor de cabeça que sentira intermitentemente nos últimos dias estava de volta. Aquilo vinha acordando-a no meio da noite, mas ela não dissera nada aos pais, com medo de que houvesse alguma relação com o baseado que fumara no fim de semana anterior.

— Você está branca que nem um fantasma. Talvez a gente não devesse ter tomado aquele fudge.

— Ah, meu Deus! — sussurrou Kathleen. — Aquele homem está escutando nossa conversa. Ele está planejando sequestrar a gente no estacionamento.

Corissa virou-se, meio esperando que houvesse algum sujeito medonho vindo para cima delas. Mas só viu um punhado de mulheres pacificamente fazendo compras, a maioria nos balcões de cosméticos. Não viu nenhum homem.

— De que homem você está falando?

Os olhos de Kathleen estavam fixos adiante, sem piscar.

— Aquele perto dos casacos. — Apontou com a mão esquerda.

Corissa seguiu a direção do dedo de Kathleen e finalmente viu um homem a cerca de quinze metros. Ele estava em pé atrás de uma mulher que remexia em cabides de mercadorias. Nem sequer olhava para elas.

Confusa, Corissa virou-se para sua melhor amiga.

— Ele está dizendo que a gente não pode sair da loja — disse Kathleen.

— Do que você está falando? Puxa, você está me deixando assustada.

— Precisamos sair daqui. — Abruptamente, Kathleen virou-se e foi na direção oposta. Corissa teve de correr para alcançá-la. Agarrou o braço de Kathleen e forçou-a a se virar.

— O que há de errado com você?

O rosto de Kathleen era uma máscara de terror.

— Agora são mais homens — disse, ansiosa. — Estão descendo a escada rolante. Também estão falando que vão pegar a gente.

Corissa virou-se. Realmente havia vários homens descendo a escada rolante. Mas àquela distância Corissa nem podia ver seus rostos. Quanto mais ouvir o que diziam.

O grito de Kathleen golpeou Corissa como uma descarga elétrica.

Corissa virou-se e viu Kathleen começando a desmaiar. Tentou impedir que ela caísse, mas as duas se desequilibraram e caíram no

chão, num tumulto de braços e pernas.

Antes que Corissa pudesse se livrar, Kathleen começou a ter uma Convulsão. Seu corpo se arqueava violentamente contra o chão de mármore.

Mãos solícitas ajudaram Corissa a ficar de pé. Duas mulheres que estavam num balcão de cosméticos ali perto foram ajudar Kathleen.

Impediram que ela batesse a cabeça no chão e conseguiram colocar alguma coisa entre seus dentes. Um fio de sangue escorria dos lábios de Kathleen. Ela havia mordido a língua.

— Ah, meu Deus, meu Deus! — Corissa ficou repetindo.

— Qual é o nome dela? — perguntou uma das mulheres que estavam amparando Kathleen.

— Kathleen Sharenburg — disse Corissa. — O pai dela é Ted Sharenburg, diretor da Shell — acrescentou como se, de algum modo, o fato ajudasse a amiga.

— É melhor alguém chamar uma ambulância — disse a mulher.

— É preciso fazer parar a convulsão dessa garota.



JÁ ESTAVA ESCURO enquanto Janet tentava olhar através da janela do Ritz Café. Pessoas andavam apressadas pela Newbury Street, as mãos agarrando as lapelas dos casacos ou os chapéus.

— De qualquer modo, não sei o que você vê nele — estava dizendo Evelyn Reardon. — No dia em que você o trouxe em casa eu disse que ele não era adequado.

— Ele está tirando um Ph.D. e um M.D. em Harvard — Janet lembrou à mãe.

— Isso não desculpa seus modos, ou a falta deles — disse Evelyn.

Janet encarou a mãe. Era uma mulher alta e esguia, com feições retas e regulares. Poucas pessoas tinham dificuldade em reconhecer que Evelyn e Janet eram mãe e filha.

— Sean tem orgulho de suas origens — disse Janet. — Ele gosta de ter vindo da classe trabalhadora.

— Não há nada errado nisso. O problema é mirar-se nela. O rapaz não tem modos. E aquele cabelo comprido...

— Ele acha que as convenções são asfixiantes — disse Janet. Como sempre, via-se na posição pouco invejável de precisar defender Sean.

Naquele momento era especialmente irritante, já que estava de mal com ele. O que esperava da mãe era conselho, e não as velhas críticas.

— Que coisa vulgar! — disse Evelyn. — Se ele estivesse planejando exercer a medicina, podia haver esperança. Mas essa tal de biologia molecular, ou o que quer que seja, não compreendo. O que ele está estudando mesmo?

— Oncogenes. — Janet devia saber que não valia a pena contar com a mãe.

— Explique outra vez o que é isso.

Janet pôs mais um pouco de chá em sua xícara. A mãe podia ser exasperante, e tentar descrever para ela a pesquisa de Sean era como um cego guiar outro cego. Mesmo assim tentou.

— Os oncógenes são genes capazes de transformar células comuns em células cancerosas. Eles vêm dos genes celulares normais, presentes em todas as células vivas e chamados de proto-oncógenes. Sean acha que uma verdadeira compreensão do câncer só acontecera quando todos os proto-oncógenes e oncógenes forem descobertos e definidos. E é isso que ele está fazendo: procurando oncógenes em vírus especializados.

— Pode ser uma coisa muito importante — disse Evelyn. — Mas é muito complicado, e dificilmente será o tipo de carreira para

sustentar uma família.

— Não tenha tanta certeza. Sean e alguns colegas, alunos do MIT, começaram uma empresa para fazer anticorpos monoclonais enquanto ele estava fazendo o mestrado. Chamaram a firma de Immunotherapy, MC. Há um ano ela foi comprada pela Genentech.

— Isso é estimulante. Sean teve um bom lucro?

— Todos tiveram. Mas eles concordaram em reinvesti-lo numa empresa nova. Por enquanto só posso dizer isso. Ele me fez jurar segredo.

— Guardando segredo para sua mãe? Parece meio melodramático. Mas você sabe que seu pai não aprovaria. Ele sempre diz que as pessoas devem evitar o uso do próprio capital para começar novas empresas.

Janet suspirou de frustração.

— Nada disso tem a ver com o assunto. O que eu queria saber é o que você acha de eu ir para a Flórida. Sean vai ficar lá dois meses. Somente fazendo pesquisa. Aqui em Boston ele faz pesquisa e o trabalho da faculdade. Achei que talvez lá tivéssemos mais chance de conversar e resolver as coisas.

— E seu trabalho no Memorial? — perguntou Evelyn.

— Posso tirar uma licença. E certamente posso trabalhar em Miami. Uma das vantagens de ser enfermeira é que posso arranjar trabalho em praticamente qualquer lugar.

— Bom, eu não acho uma boa ideia.

— Por quê?

— Não é certo ficar correndo atrás desse rapaz. Particularmente sabendo o que seu pai e eu achamos dele. Nunca vai se adaptar à nossa família. E, depois do que ele disse ao tio Albert, eu nem saberia onde colocá-lo numa mesa de jantar.

— O tio Albert estava implicando com o cabelo de Sean. E não ia parar.

— Não é desculpa para dizer o que ele disse a uma pessoa mais velha — Todos nós sabemos que o tio Albert usa peruca.

— Sabemos, mas não mencionamos — disse Evelyn. — É chamar o cabelo dele de tapete felpudo na frente de todo mundo foi indesculpável.

Janet tomou um gole de chá e olhou pela janela. Era verdade que toda a família sabia que o tio Albert usava peruca. Também era verdade que ninguém comentava o fato. Janet crescera numa família com muitas regras não-verbalizadas. A expressão individual, especialmente entre as crianças, não era encorajada. A etiqueta era considerada de importância vital.

— Por que você não namora aquele jovem adorável que a levou ao jogo de polo no Myopia Clube de Caça ano passado? — sugeriu Evelyn.

— Era um imbecil.

— Janet! Por algum tempo tomaram o chá em silêncio.

— Se você quer tanto assim conversar com ele — disse Evelyn por fim —, por que não fazer isso antes de ele ir embora? Procure-o esta noite.

— Não posso — disse Janet. — Sexta à noite é o dia de ele sair com os amigos. Vão todos a um bar perto da escola onde ele fez o segundo grau.

— Como diria o seu pai, não está mais aqui quem disse — disse Evelyn com evidente satisfação.



DEBAIXO DE UMA jaqueta de lã, um suéter com capuz isolava Sean da névoa enregelante. O cadarço do capuz estava puxado e amarrado sob o queixo. Enquanto corria pela High Street na direção

da Monument Square em Charlestown, ele passava uma bola de basquete de uma mão para a outra. Acabara de jogar uma partida no Charlestown Boys Club com um grupo chamado "Os Ex-Alunos". Era uma mistura de amigos e conhecidos com idades entre dezoito e sessenta anos. Fora um bom exercício, e ele ainda estava suando.

Passando pela Monument Square, com seu enorme monumento fálico comemorativo da Batalha de Bunker Hill, Sean aproximou-se da casa de sua infância. Como bombeiro hidráulico, seu pai, o sr. Brian Murphy, ganhara um dinheiro decente, e antes de virar moda morar na cidade ele comprara uma antiga casa vitoriana. A princípio os Murphy tinham vivido no dúplex do andar térreo, mas, depois de o pai morrer de câncer no fígado aos quarenta e seis anos, O aluguel do dúplex passara a ser tremendamente necessário. Quando Brian Jr, o irmão mais velho, fora para a faculdade, Sean, seu irmão mais novo, Charles, e sua mãe, Anne, haviam se mudado para um dos apartamentos de um andar. Agora ela morava ali sozinha.

Ao chegar junto à porta, Sean percebeu um Mercedes familiar estacionado logo atrás de seu Isuzu 4X4, indicando que Brian estava fazendo uma de suas visitas de surpresa. Soube intuitivamente que ele estava ali para lamentar sua planejada viagem a Miami.

Subindo a escada de dois em dois degraus, Sean abriu a porta do apartamento da mãe e entrou. A pasta de couro preto de Brian estava sobre uma cadeira. Um cheiro bom, de carne assada, enchia o ar.

— É você, Sean? — gritou Anne da cozinha. Ela apareceu na porta no momento em que Sean pendurava o casaco. Vestida com roupas simples cobertas por um avental antigo, Anne parecia consideravelmente mais velha do que os seus cinquenta e quatro anos. Depois do casamento longo e repressivo com o beerrão Brian Murphy, seu rosto se tornara permanentemente marcado, os olhos quase sempre exaustos e infelizes. O cabelo, que ela usava num coque fora de moda, era naturalmente ondulado, e, apesar de já ter

sido de um castanho atraente, agora estava raiado de grisalho. — Brian está aqui — disse Anne.

— Eu achei que sim.

Sean foi até a cozinha cumprimentar o irmão. Brian estava sentado à mesa, segurando uma bebida. Tinha tirado o paletó e colocado sobre uma cadeira; usava suspensórios xadrez. Como Sean, tinha feições morenas e bem-feitas, cabelos pretos e olhos azuis brilhantes. Mas as semelhanças terminavam aí. Sean era impetuoso e espontâneo, enquanto Brian era circunspecto e exato. Ao contrário dos cachos desarrumados de Sean, o cabelo de Brian era bem penteado e dividido com precisão.

Mantinha um bigode cuidadosamente aparado. Suas roupas eram decididamente de advogado e tendiam para os tecidos de listras em azul-escuro.

— Sou eu o responsável por esta honra? — perguntou Sean. Brian não fazia visitas frequentes, apesar de morar ali perto, em Back Bay.

— Mamãe me ligou — admitiu Brian.

Sean não demorou muito para tomar banho, barbear-se e vestir jeans e uma camisa de rúgbi. Estava de volta à cozinha antes que Brian terminasse de cortar a carne. Sean ajudou a aprontar a mesa. Ao mesmo tempo, observava o irmão mais velho. Houvera um tempo em que Sean se ressentia dele. Durante anos a mãe apresentara os filhos como "meu maravilhoso Brian, meu bom Charles, e Sean" Charles atualmente estava fora, num seminário em Nova Jersey, estudando para ser padre.

Como Sean, Brian sempre fora um atleta, ainda que não tão bem-sucedido. Fora uma criança estudiosa, e geralmente ficava em casa.

Frequentara a Universidade de Massachusetts, e depois entrara na Faculdade de Direito da Universidade de Boston. Todo mundo sempre gostara de Brian. Todo mundo sempre soubera que ele teria sucesso e certamente escaparia da maldição irlandesa do álcool, da

culpa, da depressão e da tragédia. Sean, por outro lado, fora sempre o selvagem, preferindo a companhia dos fracassados da vizinhança, e frequentemente enfrentando problemas com as autoridades por causa de brigas, pequenos furtos e pegadas com carros roubados. Não fossem sua extraordinária inteligência e a facilidade com um taco de hóquei, ele poderia ter acabado na prisão Bridgewater, em vez de em Harvard. Nos guetos da cidade, a linha divisória entre sucesso e fracasso era uma estreita faixa de sorte, sobre a qual os garotos oscilavam ao longo dos turbulentos anos de adolescência.

Houve pouca conversa durante os preparativos finais para o jantar. Mas, assim que se sentaram, Brian limpou a garganta, depois de tomar um gole de leite. Durante toda a infância, eles sempre tomavam leite às refeições.

— Mamãe está preocupada com essa ideia de você ir para Miami — disse Brian.

Anne baixou os olhos para o prato. Sempre fora recatada, especialmente quando Brian pai era vivo. Ele tinha um temperamento terrível, que ficava pior com o álcool. E o álcool era um hábito diário.

Toda tarde, depois de desentupir ralos, consertar aquecedores velhíssimos e instalar vasos sanitários, Brian pai parava no bar Blue Tower, embaixo da Ponte Tobin. Quase toda noite voltava para casa bêbado, irritado e violento. Anne era o alvo de sempre, apesar de Sean ter recebido sua cota de socos quando tentava protegê-la. De manhã Brian pai estava sóbrio, e consumido pela culpa; jurava que iria mudar. Mas nunca mudava. Mesmo depois de perder trinta quilos e estar morrendo de câncer no fígado, seu comportamento era o mesmo. — Eu vou lá para fazer pesquisa — disse Sean. — Só isso.

— Miami está cheia de drogas — disse Anne. Não olhou para cima.

Sean girou os olhos. Agarrou o braço da mãe.

— Mãe, meu problema com drogas foi no ginásio. Agora estou na faculdade de medicina.

— É aquele incidente no seu primeiro ano na universidade? — acrescentou Brian.

— Aquilo foi só um pouquinho de coca numa festa — disse Sean.
— Foi falta de sorte a polícia ter decidido dar uma batida no lugar.

— A sorte foi eu conseguir que isso não entrasse no seu histórico. Senão você estaria numa tremenda encrenca.

— Miami é uma cidade violenta — disse Anne. — Leio sobre isso o tempo todo nos jornais.

— Jesus Cristo! — exclamou Sean.

— Não use o nome do Senhor em vão — disse Anne.

— Mamãe, você anda vendo muita televisão. Miami é uma cidade como qualquer outra, com gente boa e gente ruim. Mas isso não importa. Vou me dedicar às pesquisas. Não vou ter tempo de me meter em encrenca, mesmo se quisesse.

— Você vai encontrar o tipo errado de pessoas.

— Mãe, eu sou adulto — disse Sean, frustrado.

— Você ainda vive saindo com as pessoas erradas aqui em Charlestown — disse Brian. — Os temores de mamãe não são absurdos. Toda a vizinhança sabe que Jimmy O'Connor e Brady Flanagan continuam arrombando casas.

— É mandando o dinheiro para o IRA — disse Sean.

— Eles não são ativistas políticos — retrucou Brian. — São arruaceiros. E você escolheu continuar amigo deles.

— Só tomo umas cervejas com eles às sextas à noite.

— Exatamente — disse Brian. — Como nosso pai, o bar é seu lar fora de casa. E, afora as preocupações de mamãe, essa não é uma época boa para você se afastar. O Franklin Bank vai dar o resto do financiamento para a Oncogen. Já estou com a papelada quase pronta. As coisas podem andar depressa.

— No caso de você ter se esquecido, existem máquinas de fax e Serviços de entrega rápida de documentos — disse Sean arrastando a cadeira para longe da mesa. Levantou-se e levou seu prato para a pia. — Estou indo para Miami, não importa o que todo mundo diga. Acredito que o Forbes Cancer Center descobriu alguma coisa extraordinariamente importante. E agora, se vocês me permitirem seus conspiradores, vou beber com meus amigos delinquentes.

Irritado, Sean lutou para conseguir vestir o velho casaco que seu pai ganhara quando o Estaleiro Charlestown ainda funcionava. Puxando o gorro de lã sobre as orelhas, correu escada abaixo para a rua e saiu na chuva enregelante. O vento mudara para o leste, e ele podia sentir o cheiro salgado do mar. Enquanto se aproximava do bar Old Scully, na Bunker Hill Street, do brilho quente das janelas embaçadas emanava uma sensação familiar de conforto e segurança.

Abrindo a porta, deixou-se envolver pelo ambiente mal iluminado e ruidoso. Não era um lugar elegante. Os lambris de pinho estavam quase negros de fumaça de cigarro. Os móveis eram arranhados e cheios de marcas. A única parte que brilhava era o descansa-pé, de latão polido por inumeráveis sapatos que esfregavam sua superfície. No canto mais distante havia uma TV aparafusada no teto e sintonizada num jogo de hóquei dos Bruins.

A única mulher na sala apinhada era Molly, que dividia o serviço do bar com Pete. Antes mesmo que Sean pudesse dizer alguma coisa, uma caneca de cerveja deslizou pelo balcão até ele. Alguém pôs a mão em seu ombro, enquanto gritos de vivas irrompiam da multidão. Os Bruins tinham marcado um gol.

Sean suspirou, contente. Era como se estivesse em casa. A mesma sensação confortável de quando se sentia particularmente exausto e se acomodava numa cama macia.

Como sempre, Jimmy e Brady surgiram e começaram a alardear o servicinho que tinham feito na semana anterior em Marblehead.

Isso levou a lembranças bem-humoradas de quando Sean fazia parte da "turma".

— A gente sempre soube que você era inteligente pelo jeito que desligava os alarmes — disse Brady. — Mas nunca imaginamos que iria para Harvard. Como é que conseguiu aguentar aqueles babacas! Era uma afirmação, não uma pergunta, e Sean deixou-a passar; mas o comentário fez com que pensasse em quanto havia mudado. Ainda gostava do bar Old Scully, mais como um observador. Era uma percepção desconfortável, porque também não se sentia parte do mundo médico de Harvard. Era como um órfão social.

Algumas horas mais tarde, depois de alguns tragos e de se sentir mais alegre e menos proscrito, participou de uma discussão feroz sobre uma ida a Revere, uma das boates de strip-tease na zona portuária. Exatamente no momento em que o debate chegava a um clímax frenético, todo o bar ficou silencioso. Uma a uma, as cabeças se viraram para a porta da frente. Acontecera algo extraordinário. Uma mulher penetrara naquela fortaleza masculina. E não era uma mulher comum, como uma garota gorda mascando chiclete na lavanderia automática. Era uma mulher magra, lindíssima, que obviamente não era de Charlestown.

Seu cabelo louro e comprido brilhava com diamantes de umidade, e contrastava drasticamente com o tom de mogno do casaco de visom. Os olhos eram amendoados e atrevidos, examinando audaciosamente o bar, saltando de um rosto espantado para outro. A boca mostrava determinação.

Os malditos altos fulgiam de cor. Parecia alucinação coletiva na forja de uma fêmea fantástica.

Alguns rapazes mexeram-se nervosamente, tentando imaginar se ela era namorada de alguém. Era linda demais para ser esposa.

O rosto de Sean foi um dos últimos a se virar. E, quando o fez, seu queixo caiu. Era Janet! Janet localizou-o praticamente no mesmo momento em que ele a viu. Veio direto e enfiou-se ao seu lado, junto

ao balcão. Brady afastou-se, fazendo um gesto exagerado de terror, como se Janet fosse alguma criatura apavorante.

— Uma cerveja, por favor — pediu ela.

Sem responder, Molly encheu uma caneca gelada e colocou-a diante de Janet.

O bar permaneceu em silêncio, a não ser pela televisão. Janet tomou um gole e virou-se para olhar Sean. Como estava de sapatos de salto alto, seus olhos estavam praticamente no mesmo nível. — Quero falar com você. Sean não se sentia tão embaraçado desde que fora apanhado sem calças com Kelly Parnell, aos dezesseis anos, no banco de trás do carro da família da garota. Pousando sua caneca de cerveja, agarrou Janet pelo braço, logo acima do cotovelo, e marchou com ela para fora do bar. Quando chegaram à calçada, Sean já se recuperara o suficiente para sentir raiva. Além disso, estava meio bêbado.

— O que está fazendo aqui? — Deixou o olhar correr pelas redondezas. — Não acredito no que está acontecendo. Você não deveria vir aqui.

Não sei nada disso — disse Janet. — Sei que não fui convidada, se é o que quer dizer. Mas não pensei que minha vinda seria um pecado mortal. É importante que conversemos, e, como você vai embora no domingo, acho que isso é mais importante do que beber com esses supostos amigos.

— É quem está fazendo esse julgamento de valores? — exigiu Sean.

— Sou eu quem decide o que é importante para mim, não você. E não gosto dessa intromissão.

— Preciso conversar sobre Miami. A culpa é sua, por esperar até o último minuto para me contar.

— Não há nada para conversar — disse Sean. — Eu estou indo, e isso é definitivo. Nem você, nem minha mãe, nem meu irmão vão

me impedir. Agora, se me dá licença, preciso voltar e ver se posso resgatar meu respeito próprio.

— Mas isso pode interferir no resto de nossas vidas! — Lágrimas começaram a se misturar à chuva que escorria pelo seu rosto. Ela assumira um risco emocional indo a Charlestown, e a ideia da rejeição era devastadora.

— Falo com você amanhã. Boa noite, Janet.



TED SHARENBURG estava nervoso, esperando que os médicos dissessem o que havia de errado com sua filha. Sua esposa entrara em contato com ele em Nova Orleans, para onde viajara a negócios, e ele pegara o jato Gulfstream da empresa para voar direto a Bouston. Como executivo-chefe de uma companhia de petróleo que fizera grandes contribuições aos hospitais de Bouston, Teci Sharenburg podia dar-se o luxo de um tratamento especial. Naquele momento, sua filha estava dentro do gigantesco aparelho de RM, que valia milhões de dólares, fazendo um exame cerebral de emergência.

— Ainda não sabemos grande coisa — disse a dra. Judy Buckley.

— Essas primeiras imagens são cortes muito superficiais.

Judy Buckley era neurorradiologista-chefe, e se dispusera a vir ao hospital a pedido do diretor. Também estavam presentes o dr. Vance Martinez, médico dos Sharenburg, e o dr. Stanton Rainey, chefe do departamento de neurologia. Era um significativo grupo de especialistas, difícil de ser reunido a qualquer hora, quanto mais à uma da madrugada.

Teci andava de um lado para outro na minúscula sala. Não conseguia ficar quieto. A história que lhe tinham contado sobre a filha fora uma coisa devastadora. — Ela sofreu uma psicose

paranoica aguda — explicara o dr. Martinez — Sintomas como esse podem ocorrer, especialmente com algum tipo de comprometimento do lobo temporal.

Pela quinquagésima vez, Teci chegou ao final da sala e virou-se.

Olhou através do vidro para o enorme aparelho de RM. Mal podia ver a filha. Era como se ela estivesse sendo engolida por uma baleia tecnológica. Odiou sentir-se tão impotente. Só podia olhar, e ter esperanças. Há alguns meses, quando Kathleen retirara as amídalas, ele se sentira quase tão vulnerável quanto agora.

— Encontramos alguma coisa — disse a dra. Buckley.

Teci correu até a tela do tomógrafo computadorizado.

— Há uma área circunscrita hipertensa no lobo temporal direito — disse ela.

— O que significa isso? — perguntou Teci.

Os médicos trocaram olhares. Não era comum alguém da família do paciente ficar na sala durante um exame daqueles.

— Provavelmente uma massa — disse a dra. Buckley.

— Pode colocar isso em termos leigos? — perguntou Teci, tentando manter a voz calma.

— Ela quer dizer um tumor cerebral — disse o dr. Martinez. — Por enquanto, sabemos muito pouco, e não devemos tirar conclusões apressadas. A lesão pode estar aí há anos.

Teci balançou por dentro. Seus piores medos se materializavam.

Por que não era ele na máquina, no lugar da filha?

— Epa! — disse a dra. Buckley esquecendo o efeito que uma exclamação dessas provocaria em Teci. — Outra lesão.

Os médicos juntaram-se ao redor da tela, hipnotizados pelas imagens que se desdobravam verticalmente. Durante alguns momentos, esqueceram-se de Teci.

— Sabe, isso me lembra o caso do qual lhe falei em Boston — disse o dr. Rainey. — Uma jovem de vinte e poucos anos, com

múltiplos tumores intracranianos e nenhuma metástase. Provou-se que tinha meduloblastoma.

— Eu achava que o meduloblastoma ocorria na fossa posterior — disse o dr. Martinez.

— Geralmente sim — disse o dr. Rainey. — Além disso, geralmente ocorre em crianças menores. Mas vinte por cento dos incidentes acontecem em pacientes com mais de vinte, e ocasionalmente encontrado em outras regiões do cérebro além do cerebelo. Na verdade, será maravilhoso se neste caso ficar comprovado um meduloblastoma.

— Por quê? — perguntou a dra. Buckley. Ela conhecia o alto grau de mortalidade do câncer.

— Porque um grupo em Miami está tendo um sucesso notável em conseguir remissões com esse tipo especial de tumor.

— Qual é o nome dele? — perguntou Teci agarrando-se às primeiras notícias esperançosas que recebia.

— É o Forbes Cancer Center — disse o dr. Rainey. — Eles ainda não publicaram, mas as notícias sobre esse tipo de resultado se espalham.

3

2 de março
Terça-feira, 6h15 da manhã

Quando Tom Widdicomb acordou às seis e quinze para iniciar seu dia de trabalho, Sean Murphy já estava na estrada há várias horas, planejando chegar ao Forbes Cancer Center no meio da manhã. Tom não conhecia Sean, e não tinha ideia de que ele era esperado. Se soubesse que suas vidas iriam se cruzar em breve, a ansiedade seria ainda maior.

Tom ficava sempre ansioso quando decidia ajudar uma paciente, e na noite anterior decidira ajudar não apenas uma, mas duas mulheres. Sandra Blankenship, do segundo andar, seria a primeira. Estava sentindo muitas dores, e já recebia a quimioterapia por via intravenosa. A outra paciente, Gloria D'Amataglio, ficava no quarto andar. Isso era um pouco mais preocupante, já que a última paciente que ele ajudara, Norma Taylor, também ficara no quarto andar. Tom não queria que surgisse nenhum padrão.

Seu maior problema era a preocupação constante com a possibilidade de alguém suspeitar do que ele vinha fazendo; e, nos dias em que ia agir, sua ansiedade era esmagadora. Mas ele prestava atenção às fofocas nas alas, e não ouvira nada sugerindo que houvesse alguém com suspeitas. Afinal de contas, ele estava lidando

com mulheres em fase terminal. Esperava-se que elas morressem. Tom estava meramente evitando sofrimentos maiores para todos, em especial para as pacientes.

Tomou um banho de chuveiro, barbeou-se, vestiu o uniforme verde e foi até a cozinha. A mãe sempre acordava antes e insistia todas as manhãs, desde quando ele podia se recordar, que Tom deveria Comer um bom desjejum porque não era tão forte quanto os outros garotos. Tom e sua mãe, Alice, moravam naquele mundo fechado e secreto desde que seu pai morrera, quando Tom tinha quatro anos. Foi então que ele e a mãe começaram a dormir juntos, e que ela começara a chamá-lo de "seu homenzinho".

— Hoje vou ajudar outra mulher, mamãe — disse Tom enquanto se sentava para comer seus ovos com bacon. Sabia do orgulho que a mãe sentia por ele. Ela sempre o elogiara, mesmo quando ele era um menino solitário com problemas de vista. Seus colegas de escola perturbavam-no impiedosamente por causa dos olhos estrábicos, perseguindo-o diariamente até em casa.

— Não se preocupe, meu homenzinho — dizia Alice quando ele chegava chorando. — Nós sempre teremos um ao outro. Não precisamos de mais ninguém.

E foi assim que as coisas funcionaram. Tom nunca sentira vontade de sair de casa. Por algum tempo trabalhara com um veterinário local.

Depois, por sugestão da mãe, já que ela sempre se interessara por medicina, fizera um curso de técnico em emergências médicas. Depois dos estudos, conseguira emprego numa empresa de ambulâncias, mas tivera problemas em se relacionar com os outros funcionários. Decidiu que ficaria melhor como faxineiro. Desse jeito não precisaria se relacionar com muitas pessoas. Primeiro trabalhara no Hospital Geral de Miami, mas brigou com o supervisor do turno. Em seguida trabalhou numa funerária, antes de entrar para o serviço de manutenção do Forbes.

— O nome da mulher é Sandra — contou à mãe enquanto passava o prato sob a torneira da pia. — Ela é mais velha do que você. O "problema" se espalhou pela coluna.

Quando falava com a mãe, Tom nunca usava a palavra "câncer".

Quando ela começara a ficar doente, eles decidiram não dizer a palavra.

Preferiam termos menos carregados de emoção, como "problema" ou "dificuldade".

Tom lera a respeito da succinilcolina num artigo de jornal sobre um médico de Nova Jersey. Sua formação rudimentar em medicina permitia uma compreensão dos princípios fisiológicos. E a liberdade como zelador lhe permitia acesso aos equipamentos de anestesia. Nunca tivera problema em obter o medicamento. O problema era escondê-lo até ser necessário.

Até que um dia encontrou um espaço conveniente em cima dos armários na despensa dos zeladores do quarto andar. Quando subiu, olhou para a área e viu a quantidade de poeira acumulada, soube que sua droga jamais seria encontrada.

— Não se preocupe com nada, mamãe — disse enquanto se preparava para sair. — Volto para casa assim que puder. Sinto saudades e amo você.

— Tom dizia isso desde a primeira vez em que fora para a escola, e não sentia qualquer necessidade de mudar só porque tivera de colocar a mãe para dormir há três anos.



ERAM QUASE DEZ e meia da manhã quando Sean colocou seu 4x4 no estacionamento do Forbes Cancer Center. Era um dia claro e luminoso, parecendo verão. A temperatura estava por volta de vinte

graus, e, depois da chuva gelada de Boston, Sean parecia estar no céu. Além disso gostara dos dois dias de viagem. Poderia ter feito em menos tempo, mas a clínica não o esperava até o final daquele dia, de modo que não havia necessidade de correr. Passou a primeira noite num motel da I-95 em Rocky Mount, Carolina do Norte.

O dia seguinte o levara bem para dentro da Flórida, onde a primavera parecia se intensificar a cada quilômetro. A segunda noite fora passada num deleite de perfumes perto de Vero Beach, Flórida.

Perguntando ao recepcionista sobre o maravilhoso aroma, ficou sabendo que vinha dos pomares de frutas cítricas das imediações.

A última parte da viagem acabou sendo a mais difícil. Ao sul de West Palm Beach, particularmente perto de Fort Lauderdale e indo em direção a Miami, enfrentou engarrafamentos. Para sua surpresa, até a I-95, uma estrada de oito pistas, se coagulava numa confusão de paradas e arrancadas.

Sean trancou o carro, espreguiçou-se e olhou para as imponentes torres gêmeas, de vidro espelhado cor de bronze, do Forbes Cancer Center. Uma passarela coberta para pedestres, construída do mesmo material, ligava os prédios. Percebeu pelos letreiros que o centro de pesquisa e administração ficava à esquerda, e o hospital à direita.

Enquanto se dirigia para a entrada, Sean pensou nas primeiras impressões que tivera de Miami. Eram confusas. Como viera para O sul até o final da I-95, pudera ver os novos arranha-céus do centro da cidade.

Mas as regiões adjacentes à rodovia eram uma mistura de shoppings de beira de estrada e conjuntos residenciais de baixa fenda. A área ao redor do Forbes Cancer Center, situado junto ao fio Miami, também era bastante velha, apesar de alguns edifícios modernos espalhados entre as estruturas de blocos de concreto e Bem telhados.

Enquanto atravessava a porta espelhada, Sean pensou nas dificuldades que todos haviam colocado para esses dois meses de

estágio opcional. Tentou imaginar se a mãe superaria os traumas que ele lhe causara na adolescência. "Você se parece demais com o seu pai", dizia ela em tom de censura. A não ser por gostar do bar, Sean achava-se pouco parecido com o pai. Mas, afinal de contas, tivera escolhas e oportunidades muito diferentes das do pai.

Um quadro de feltro preto se encontrava sobre um cavalete depois da porta. Escritos em letras de plástico branco, seu nome e uma mensagem: Bem-vindo. Sean considerou aquilo um toque simpático.

Havia um pequeno saguão logo atrás da porta. A entrada para o edifício propriamente dito era bloqueada por uma roleta. Junto à roleta havia uma mesa. Atrás dela sentava-se um homem de origem hispânica, moreno e bem-apessoado, vestido num uniforme marrom com dragonas e quepe de estilo militar. O visual fez com que Sean pensasse num cruzamento entre os uniformes dos pôsteres de recrutamento de fuzileiros navais com os que se vê nos filmes de Hollywood sobre a Gestapo. No braço esquerdo do guarda, um emblema elaborado dizia "Segurança", e a etiqueta sobre o bolso esquerdo proclamava que seu nome era Martinez.

— Posso ajudá-lo? — perguntou Martinez, num inglês com forte sotaque.

— Sou Sean Murphy — disse Sean apontando para o cartaz de boas-vindas.

A expressão do guarda não se alterou. Estudou Sean por um instante e em seguida pegou um dentre vários telefones. Falou num espanhol rápido e *staccato*. Depois de desligar, apontou para uma poltrona de couro ali perto.

— Espere um instante, por favor.

Sean se sentou. Pegou um exemplar da *Science* numa mesinha baixa e folheou distraidamente. Mas sua atenção estava presa ao elaborado sistema de segurança do Forbes. Grossas divisórias de

vidro separavam a área de espera do resto do prédio.

Aparentemente a roleta com o guarda era a única entrada.

Como em geral nas instituições de saúde, a segurança era negligenciada, Sean ficou favoravelmente impressionado. e disse isso ao guarda.

— Aqui perto existem algumas áreas barra-pesada — respondeu o guarda, mas não prosseguiu com o assunto.

Logo em seguida apareceu outro segurança, vestido de forma idêntica ao primeiro. A roleta foi aberta para permitir que ele entrasse no saguão.

— Meu nome é Ramirez — disse o segundo guarda. — Queira me seguir por favor.

Sean se levantou. Enquanto atravessava a roleta, não viu Martinez apertar qualquer botão. Imaginou que fosse controlada por um pedal.

Seguiu Ramirez por uma curta distância, virando no primeiro escritório à esquerda. Na porta aberta estava escrito "segurança", em letras de fôrma. Dentro havia uma sala de controle com filas de monitores de TV cobrindo uma das paredes. Diante dos monitores estava um terceiro guarda segurando uma prancheta. Mesmo um olhar rápido revelou a Sean que ele estava olhando para uma enorme quantidade de locações de todo o complexo.

Continuou seguindo Ramirez, e entraram num pequeno escritório sem janelas. Atrás da mesa havia um quarto guarda, com duas estrelas douradas presas ao uniforme e uma tira dourada na aba do quepe. Sua etiqueta dizia: Harris.

— É só isso, Ramirez — disse Harris, dando a Sean a impressão de que estava sendo apresentado ao exército.

Harris estudou Sean, que o encarou de volta. Houve um sentimento quase imediato de antipatia entre os dois.

Com o rosto bronzeado e carnudo, Harris se parecia com muita gente que Sean conhecera em Charlestown quando era garoto.

Geralmente tinham empregos de autoridade menor, que exerciam com grande oficiosidade. Também eram bebedores abomináveis. Bastavam duas cervejas e já queriam brigar sobre a decisão tomada pelo juiz num jogo televisado, caso você discordasse da opinião deles. Loucura. Há muito Sean aprendera a evitar esse tipo de gente. Agora estava diante da mesa de um.

— Não queremos nenhum tipo de problema aqui — Harris estava dizendo. Tinha um leve sotaque sulista.

Para Sean, aquele era um jeito estranho de começar uma conversa.

Tentou imaginar o que o sujeito achava que ele trazia de Harvard, Uma carta de livramento sob condicional? Harris aparentava excelente forma física, os bíceps enormes forçando as mangas curtas da camisa. Mas mesmo assim não parecia muito saudável. Sean brincou com a ideia de dar ao homem uma pequena palestra sobre os benefícios de uma nutrição adequada, mas achou melhor descartar a ideia. Ainda podia ouvir as recomendações do dr. Walsh. — Supõe-se que você seja um médico — disse Harris. — Por que diabo usa o cabelo tão comprido? E posso arriscar a dizer que não se barbeou esta manhã.

— Mas coloquei gravata e uma camisa social para a ocasião. Achei que estava bem elegante.

— Não brinque comigo, garoto. — Não havia qualquer sinal de humor na voz de Harris.

Sean deslocou o peso do corpo, entediado. Já se cansara da conversa e de Harris.

— Você me quer aqui por algum motivo específico? — Você vai precisar de um crachá com fotografia — Harris levantou-se e saiu de trás da mesa, abrindo a porta para uma sala ao lado. Era muitos centímetros mais alto do que Sean, e pelo menos dez quilos mais pesado. No hóquei, Sean costumava bloquear esses caras por baixo, levantando-se rápido debaixo do queixo deles.

— Sugiro que você corte o cabelo — disse Harris enquanto fazia um gesto para que Sean entrasse na outra sala. — É que passe as roupas.

Talvez então se adapte melhor. Isso aqui não é a faculdade.

Ao atravessar a porta, Sean viu Ramirez levantar os olhos depois de ajustar uma câmara Polaroid sobre um tripé. Ramirez apontou para um banco diante de uma cortina azul, e Sean sentou-se.



HARRIS FECHOU a porta da sala de fotografia, voltou para a sua mesa e sentou-se. Sean era pior do que ele esperava. A ideia de um garoto metido a esperto vindo de Harvard não o atraía nem um pouco, mas ele não esperava um sujeito parecido com um hippie dos anos 60.

Acendendo um cigarro, Harris xingou a espécie de Sean. Odiava os liberais tipo Ivy League que pensavam saber tudo. Harris servira o exército, onde fora treinado nos comandos. Tinha se saído bem, recebendo o posto de capitão depois da Tempestade no Deserto. Mas, com o desmoronamento da União Soviética, a tropa de paz começara a ser reduzida. Harris fora uma de suas vítimas.

Jogou fora a guimba do cigarro. A intuição lhe disse que Sean representaria um problema. Decidiu que precisaria ficar de olho nele.



COM UM CRACHÁ novo preso ao bolso da camisa, Sean deixou a segurança. A experiência não combinara com o cartaz de boas-vindas, mas um fato realmente deixou-o impressionado. Ao perguntar por que a segurança era tão forte, o reticente Ramirez disse que vários pesquisadores haviam desaparecido no ano anterior.

— Desapareceram? — perguntou Sean, espantado. Ouvira falar de equipamentos desaparecendo, mas pessoas! — É eles foram encontrados? — Não sei — dissera Ramirez. — Só vim para cá este ano.

— Você é de onde?

— Medellín, Colômbia.

Sean não perguntara mais nada, mas a resposta de Ramirez só fizera aumentar sua inquietação. Parecia incrível ter como chefe de segurança um sujeito que agia como um Boina-Verde frustrado comandando um grupo de caras que poderiam vir do exército particular de algum rei das drogas colombiano. Enquanto seguia Ramirez até o elevador para o sétimo andar, sua impressão positiva inicial sobre a segurança do Forbes foi dissipada.

— Entre, entre! — o dr. Randolph Mason repetiu, mantendo aberta a porta de seu escritório. Quase imediatamente, a inquietação de Sean foi substituída por uma genuína sensação de ser bem-vindo. — Estamos felizes de tê-lo conosco. Fiquei tão satisfeito quando Clifford ligou para sugerir sua vinda! Quer um pouco de café? Sean concordou, e logo estava segurando uma xícara, enquanto sentava num sofá diante do diretor do Forbes. O dr. Mason parecia a imagem romântica que se tem de um médico. Alto, o rosto aristocrático, cabelo classicamente grisalho e uma boca expressiva. Os olhos eram simpáticos, e o nariz, ligeiramente aquilino. Parecia o tipo de homem a quem se pode contar um problema, sabendo que ele não apenas se preocupa mas irá resolvê-lo.

— A primeira coisa a fazer — disse o dr. Mason — é apresentá-lo à nossa chefe de pesquisas, a dra. Levy. — Pegou o telefone e pediu à secretária para chamar Deborah. — Tenho certeza de que você ficará impressionado com ela. Eu não me surpreenderia se dentro de pouco tempo ela fosse indicada para o grande prêmio sueco.

— Eu já me impressionei com os primeiros trabalhos que ela fez sobre retrovírus — disse Sean.

Como todo mundo — disse o dr. Mason. — Mais café? Sean balançou a cabeça.

— Preciso ter cuidado com isso. Me deixa hiperagitado. Se beber demais, levo dias sem dormir.

— O mesmo acontece comigo. E agora, com relação às suas acomodações. Alguém já disse disso? — O dr. Walsh disse que vocês poderiam conseguir.

— De fato — disse o dr. Mason. Sinto-me satisfeito em dizer que fomos precavidos ao comprar um razoável complexo de apartamentos há alguns anos. Não fica em Coconut Grove, mas também não é longe. Usamos para o pessoal em visita e as famílias dos pacientes. Teremos o máximo prazer em oferecer um dos apartamentos para a sua estada. Estou certo de que achará adequado, e você vai gostar do lugar, já que fica perto do Grove. — Fico satisfeito por não ter de me virar sozinho — disse Sean.

E, quanto à diversão, estou mais interessado em trabalhar do que em bancar o turista.

— Todo mundo deve buscar um equilíbrio na vida disse o dr. Mason. Mas fique tranquilo, temos bastante trabalho para você. Que sua experiência aqui seja boa. Quando estiver na vida profissional, esperamos que nos mande pacientes.

— Meu plano é continuar pesquisando disse Sean.

— Sei, disse o dr. Mason, com o entusiasmo ligeiramente diminuído.

Na verdade, o motivo de eu ter desejado vir aqui... — Antes de Sean poder terminar o que dizia, a dra. Deborah Levy entrou na sala.

Deborah Levy era uma mulher tremendamente atraente, de pele morena, grandes olhos amendoados e cabelo ainda mais preto que o de Sean. Era de uma magreza elegante, e usava um vestido de seda azul-escura sob o guarda-pó do laboratório. Andava com a confiança e a graça dos verdadeiramente bem-sucedidos.

Sean lutou para ficar de pé.

Não se preocupe em levantar disse a dra. Levy numa voz rouca porém feminina. Estendeu a mão para Sean.

Sean balançou a mão da dra. Levy enquanto segurava o café na outra. Ela agarrou os seus dedos com uma força inesperada e deu uma sacudida no braço de Sean que fez a xícara tremer sobre O pires. Seu olhar penetrou-o com intensidade.

— Fui encarregada de lhe dar as boas-vindas disse ela sentando-se diante dele. Mas acho que devemos ser honestos. Não estou totalmente convencida de que sua visita seja uma boa ideia. Eu exijo disciplina total aqui. Ou você se adapta e trabalha ou vai ter de embarcar no primeiro avião para Boston. Não quero que pense...

— Eu vim dirigindo — interrompeu Sean. Sabia que já estava sendo provocador mas não pôde se controlar. Não esperava uma recepção tão brusca por parte da chefe de pesquisas. A dra. Levy encarou-o por um instante antes de continuar: — O Forbes Cancer Center não é lugar para férias ao sol. Estou sendo clara? Sean deu um rápido olhar para o dr. Mason, que ainda sorria calorosamente.

— Não vim aqui passar férias. Se o Forbes fosse em Bismarck, Dakota do Norte, eu iria querer vir. Ouvi falar sobre os resultados que Vocês vêm obtendo com meduloblastomas.

O dr. Mason tossiu e inclinou-se para a frente, colocando seu café sobre a mesa.

— Espero que não esteja pensando em trabalhar no protocolo de meduloblastoma — disse.

O olhar de Sean passou pelos dois.

— Na verdade, pensei disse, um tanto alarmado.

— Quando conversei com o dr. Walsh disse Mason —, ele enfatizou que você teve uma experiência extensa e bem-sucedida com o desenvolvimento de anticorpos monoclonais em camundongos.

— Isso foi durante o ano que passei no MIT explicou Sean. — Mas não é o meu interesse atual. Na verdade, acho que já é uma tecnologia ultrapassada.

— Não é o que pensamos disse o dr. Mason. Achamos que ainda é comercialmente viável, e que continuará sendo por algum tempo. De fato, tivemos alguma sorte isolando e produzindo uma glicoproteína de pacientes com câncer de cólon. O que precisamos agora é de um anticorpo monoclonal, e esperamos que ele possa ajudar num diagnóstico precoce. Mas, como você sabe, as glicoproteínas podem ser complicadas. Não fomos capazes de fazer com que os ratos respondessem antigenicamente, e não conseguimos cristalizar a substância. O dr. Walsh me assegurou que você era um artista com esse tipo de química proteica.

— Era — disse Sean. — Não faço isso há algum tempo. Meu interesse mudou para a biologia molecular, especificamente para os oncógenes e as oncoproteínas.

— Exatamente o que eu temia — disse a dra. Levy virando-se para o dr. Mason. — Eu disse que não era uma boa ideia. Não temos condições de receber estudantes. Sou muito ocupada para bancar a babá de um estudante de medicina de fora. Agora, se me dá licença, preciso voltar ao trabalho. A dra. Levy ficou de pé e olhou para Sean.

— Minha aspereza não é pessoal. Sou muito ocupada, e estou passando por muita tensão.

— Sinto muito — disse Sean. — Mas é difícil não levar isso ao nível pessoal, já que os seus resultados com meduloblastomas São o

motivo de eu me ter proposto para este estágio e vir dirigindo do inferno até aqui.

— Francamente, eu não tenho nada com isso — disse ela, indo em direção à porta.

— Dra. Levy — disse Sean em voz alta. — Por que não publicou nenhum artigo sobre os resultados com os meduloblastomas? Sem nenhuma publicação, se tivesse continuado na área acadêmica, provavelmente estaria procurando emprego. A dra. Levy parou e olhou desaprovadamente para Sean.

— A impertinência não é uma política inteligente para um estudante — disse, saindo e fechando a porta. Sean olhou para o dr. Mason e deu de ombros.

— Foi ela que disse que deveríamos ser honestos. Ela não publica nada há anos.

— Clifford me disse que você poderia não ser o estagiário mais diplomático — disse o dr. Mason.

— Mesmo? — perguntou Sean, arrogante. Já começava a questionar sua decisão de vir à Flórida. Talvez, afinal de contas, todo mundo estivesse certo.

— Mas também disse que você é extremamente brilhante. E acho que a dra. Levy entrou com mais força do que pretendia. De qualquer modo, ela está sob grande tensão. Na verdade todos nós estamos.

— Mas os resultados que vocês vêm tendo com os pacientes de meduloblastoma são fantásticos — disse Sean, esperando defender seu caso. — Sem dúvida há algo a aprender aqui com relação ao câncer em geral. Eu quero desesperadamente me envolver com O seu protocolo.

Talvez, olhando com olhos novos e objetivos, eu veja alguma coisa que o seu pessoal deixou passar.

— Sem dúvida você tem autoconfiança — disse o dr. Mason. — Talvez algum dia possamos usar um olho novo. Mas não agora.

Deixe-me ser honesto e aberto com você, e dar algumas informações confidenciais. Existem vários motivos pelos quais você não pode participar do nosso estudo sobre meduloblastoma. Em primeiro lugar ele já é um protocolo clínico, e você está aqui para pesquisa de ciência básica. Isso foi deixado claro para o seu orientador. E, em segundo não podemos permitir que pessoas de fora tenham acesso ao trabalho atual porque ainda temos que nos candidatar às patentes de alguns de nossos processos biológicos especiais. Essa política é ditada por nossa fonte de verbas. Como várias outras instituições de pesquisa, precisamos buscar fontes alternativas de capital, já que o governo vem cortando os gastos com tudo que não seja a AIDS. Tivemos que procurar os japoneses.

— Como o Mass General, de Boston?

— Mais ou menos. Fizemos um acordo de quarenta milhões de dólares com a Sushita Industries, que vem se expandindo na área de biotecnologia. O acordo foi a Sushita adiantar o dinheiro por alguns anos, e em troca disso eles ganham o controle sobre as patentes que resultarem dos estudos. Esse é um dos motivos pelos quais precisamos do anticorpo monoclonal para o antígeno do cólon. Temos de produzir alguns produtos comercialmente viáveis se quisermos continuar a receber os pagamentos anuais da Sushita. Até agora não estamos nos saindo muito bem nesse campo. E, se não mantivermos nossas verbas, teremos que fechar as portas, o que, claro, prejudicaria as pessoas que procuram nossos serviços médicos.

— Uma situação desagradável — disse Sean.

— É mesmo. Mas é a realidade do novo ambiente das pesquisas.

— Mas o seu acordo de curto prazo levará ao domínio futuro por parte dos japoneses.

— O mesmo pode ser dito com relação à maior parte dos ramos de atividade — disse o dr. Mason. — Não se limita à biotecnologia para a saúde.

— Por que não usar o ganho com as patentes para financiar pesquisas adicionais?

— Não existe onde conseguir o capital inicial. Bom, isso não é exatamente verdadeiro no nosso caso. Nos últimos dois anos, tivemos considerável sucesso numa coisa fora de moda, a filantropia. Vários empresários vêm fazendo doações significativas. Na verdade, estamos realizando esta noite um jantar *black tie* de caridade. Eu gostaria muito de estender o convite a você. Será na minha casa, em Star Island.

— Não tenho roupas adequadas — disse Sean, surpreso por ter sido convidado depois da cena com a dra. Levy.

— Já tínhamos pensado nisso. Arranjamos tudo com um serviço de aluguel de roupas. Você só precisa telefonar para dizer o tamanho, e eles lhe entregam no apartamento.

— É muita gentileza de sua parte. — Sean estava achando difícil lidar com aquela hospitalidade ora sim, ora não.

Subitamente a porta do escritório se abriu e uma mulher formidável, vestida de enfermeira, entrou rapidamente e plantou-se diante do médico. Estava visivelmente perturbada.

— Aconteceu de novo, Randolph — disse ela abruptamente. — É a quinta paciente de câncer no seio que morre de insuficiência respiratória. Eu já falei que...

O dr. Mason deu um salto e ficou em pé.

— Margaret, temos companhia.

Recuando como se tivesse recebido um tapa, a enfermeira virou-se para Sean, vendo-o pela primeira vez. Era uma mulher de quarenta anos, rosto redondo, cabelos grisalhos presos num coque apertado, e pernas sólidas.

— Desculpe! — disse enquanto a cor era drenada de suas bochechas. — Sinto muitíssimo. — Virando-se outra vez para o dr. Mason, acrescentou: — Eu sabia que a dra. Levy tinha vindo aqui,

mas, quando vi que ela voltou para a sua sala, pensei que o senhor estivesse sozinho.

— Não faz mal — disse o dr. Mason. Ele apresentou Sean a Margaret Richmond, chefe da enfermagem, acrescentando: — O sr. Murphy ficará conosco durante dois meses.

A sra. Richmond apertou frouxamente a mão de Sean, murmurando que era um prazer conhecê-lo. Em seguida pegou o dr. Mason pelo cotovelo e empurrou-o para fora. A porta foi fechada, mas a fechadura não travou, e ela se abriu de novo.

Sean não teve como não escutar, especialmente a voz aguda e penetrante da sra. Richmond. Pelo visto outra paciente de quimioterapia padrão para câncer no seio morrera de súbito. Fora encontrada totalmente cianótica na cama, tão azul quanto as outras.

— Isso não pode continuar — disse Margaret em tom ríspido.

— Alguém deve estar fazendo isso de propósito. Não há outra explicação. É sempre no mesmo turno, e está arruinando nossas estatísticas. Temos de fazer alguma coisa antes que o auditor médico levante suspeitas. E, se a imprensa tomar conhecimento, será um desastre.

— Vamos fazer uma reunião com Harris — disse o dr. Mason em tom tranquilizador. — Diremos que ele deve deixar tudo o mais de lado. Que ele precisa fazer isso parar.

— Isso não pode continuar — repetiu a sra. Richmond. — Harris tem que fazer mais alguma coisa, além de ficar vigiando o trabalho da equipe médica.

— Concordo — disse o dr. Mason. — Falaremos com Harris imediatamente. Espere só um pouco enquanto eu arranjo para o sr. Murphy um passeio pelas instalações.

As vozes se afastaram. Sean inclinou-se para a frente no sofá, tentando ouvir mais, porém a sala de espera continuou silenciosa até que a porta se abriu outra vez. Sentindo-se culpado, ele voltou a sentar-se direito, enquanto outra pessoa entrava na sala. Dessa vez

era uma mulher atraente, de vinte e poucos anos, vestida com saia xadrez e blusa branca. Era bronzeada, expansiva, e mostrava um enorme sorriso. A hospitalidade voltara de um modo refrescante.

— Oi, meu nome é Claire Barington.

Sean logo ficou sabendo que Claire ajudava a dirigir o departamento de relações públicas do centro. Ela balançou algumas chaves diante de seu rosto, dizendo: — Estas são de seu apartamento principesco no Palácio das Vacas.

Explicou que a residência do centro recebera esse apelido em homenagem ao tamanho de alguns de seus primeiros moradores.

— Vou levá-lo até lá — disse Claire. — Só para garantir que tudo esteja em ordem e que você esteja confortável. Mas primeiro o dr. Mason pediu que déssemos uma volta pelas instalações. O que acha? — Para mim parece uma boa ideia — disse Sean, levantando-se do sofá. Só estava no Forbes Center há cerca de uma hora, e, se aquela hora fosse uma indicação do que seriam os dois meses, aquela estada prometia ser interessante. Desde que ele ficasse, claro. Enquanto acompanhava a bela Claire Barington para fora do escritório do dr. Mason, começou a considerar seriamente a ideia de ligar para o dr. Walsh e voltar para Boston. Sem dúvida poderia realizar mais coisas lá do que aqui, se ficasse relegado ao trabalho com anticorpos monoclonais. — Esta, claro, é a nossa área administrativa — disse Claire enquanto começava um roteiro ao qual parecia acostumada. — O escritório de Henry Falworth fica ao lado da sala do dr. Mason. O senhor Falworth é o gerente de pessoal que não pertence à área médica. Depois do escritório dele fica o da dra. Levy. Claro, ela tem outra sala de pesquisas no laboratório de isolamento máximo. Os ouvidos de Sean ficaram em alerta.

— Vocês têm um laboratório de isolamento máximo? — perguntou, surpreso.

— Claro. A dra. Levy exigiu, quando veio para o centro. Além disso, o Forbes Cancer Center tem a maioria dos equipamentos de

última geração.

Sean deu de ombros. Um laboratório de isolamento máximo destinado a lidar, dentro de normas de segurança, com micro-organismos infecciosos parecia um certo exagero.

Apontando na direção oposta, Claire indicou o consultório compartilhado pelo dr. Stan Wilson, chefe da equipe médica do hospital, por Margaret Richmond, chefe da enfermagem, e Dan Selenburg, administrador do hospital.

— Claro que essas pessoas têm escritórios separados no último andar do prédio do hospital.

— Isso não me interessa — disse Sean. — Vamos ver as áreas de pesquisa.

— Ei, ou você vai ter a turnê de vinte e cinco dólares ou não vai ter nenhuma — disse ela em tom sério. Em seguida riu. — Animo! Eu preciso desse treinamento.

Sean sorriu. Claire era a pessoa mais autêntica que ele encontrara até agora no Centro.

— É justo. Você guia! Claire levou-o a uma sala adjacente, com oito mesas ocupadas por pessoas trabalhando. Uma enorme copiadora ficava ao lado, funcionando a todo vapor. Havia um grande computador com múltiplos modems por trás de uma divisória de vidro, como uma espécie de troféu. Um pequeno elevador com a frente de vidro, e mais parecendo um monta-carga, ocupava outra parede. Estava cheio do que pareciam ser registros hospitalares.

— Esta é a sala importante! — disse Claire num sorriso. — Daqui são mandadas as contas para os serviços hospitalares e ambulatoriais. Aquelas são as pessoas que lidam com as companhias de seguros. E é daqui também que saem meus contracheques.

Depois de Sean ter visto mais da administração do que teria gostado, Claire finalmente desceu as escadas com ele, para ver as

instalações laboratoriais que ocupavam os cinco andares intermediários da estrutura.

— No primeiro andar do prédio ficam os auditórios, a biblioteca e a segurança — disse Claire com voz monótona enquanto chegavam ao sexto andar. Sean acompanhou-a por um longo corredor central com laboratórios dos dois lados. — Este é o maior andar de pesquisas. A maioria dos principais equipamentos fica aqui.

Sean enfiou a cabeça em vários laboratórios. Logo ficou desapontado. Estivera esperando um laboratório futurista, soberbamente projetado e cheio de tecnologia de ponta. Em vez disso, viu salas básicas com o equipamento de sempre. Claire apresentou-o às quatro pessoas que encontraram em um dos laboratórios: David Lowenstein, Arnold Harper, Nancy Sprague e Hiroshi Gyuham. Apenas Hiroshi demonstrou mais do que um interesse passageiro por Sean. Fez uma profunda mesura ao ser apresentado. Pareceu genuinamente impressionado quando Claire mencionou que Sean vinha de Harvard.

— Harvard é uma escola muito boa — disse Hiroshi, num inglês com forte sotaque.

Enquanto continuavam pelo corredor, Sean começou a perceber que a maioria das salas estava vazia.

— Onde está todo mundo?

— Você conheceu praticamente todos os pesquisadores — disse Claire. — Há um técnico chamado Mark Halpern, mas não sei onde está no momento. Não temos muito pessoal atualmente, mas fala-se que vamos expandir. Como todos os negócios, estamos passando por tempos de contenção.

Sean assentiu, mas a explicação não ajudou a diminuir seu desapontamento. Com os resultados impressionantes do trabalho com meduloblastomas, ele imaginara um grande grupo de pesquisadores trabalhando em ritmo dinâmico. Em vez disso, o

lugar parecia relativamente deserto, o que lhe fez recordar a observação inquietante de Ramirez.

— Na segurança me disseram que alguns pesquisadores desapareceram. Sabe de alguma coisa a respeito?

— Não muito — admitiu Claire. — Foi no ano passado, causou uma certa agitação.

— O que aconteceu?

— Eles desapareceram mesmo. Deixaram tudo, os apartamentos, os carros, até mesmo as namoradas.

— É nunca foram encontrados?

— Eles foram embora. A administração não gosta de falar no assunto, mas parece que estão trabalhando para uma empresa no Japão.

— Sushita Industries? — perguntou Sean.

— Isso eu não sei.

Sean ouvira falar de empresas atraindo pessoas, mas nunca de modo tão secreto. E nunca para o Japão. Achou que provavelmente era mais uma indicação de que os tempos mudavam na arena da biotecnologia.

Claire levou-o até uma grossa porta de vidro opaco que barrava o caminho para o resto do corredor. Em letras de fôrma estava escrito: Entrada Proibida. Sean olhou para Claire, pedindo uma explicação.

— As instalações de isolamento máximo ficam aí — disse ela.

— Podemos olhar? — Sean pôs as mãos em concha e tentou ver através da porta. Só enxergou portas no corredor principal.

Claire balançou a cabeça.

— Está fora dos limites. A dra. Levy faz a maior parte do trabalho dela aí. Pelo menos quando está em Miami. Ela divide o tempo entre este e nosso laboratório de diagnóstico básico em Key West.

— O que é isso? — perguntou Sean.

Claire piscou os olhos e cobriu a boca, como se estivesse contando um segredo.

— É um pequeno empreendimento ramificado do Forbes. Faz diagnóstico básico para o nosso hospital e para vários hospitais nas Keys. É um modo de gerar uma receita adicional. O caso é que o governo da Flórida está criando problemas com relação à empresa estar indicando um laboratório próprio.

— Por que não podemos entrar lá? — perguntou Sean apontando para a porta.

— A dra. Levy diz que existe algum tipo de risco, mas não Sei qual. Francamente, me sinto satisfeita em ficar de fora. Mas pergunte a ela. Ela provavelmente vai levá-lo lá.

Sean não tinha certeza se a dra. Levy iria lhe fazer algum favor depois do primeiro contato que tiveram. Estendeu a mão e abriu uma fresta na porta. Houve um pequeno som sibilante quando o lacre se rompeu.

Claire agarrou seu braço.

— O que está fazendo? — Ela estava espantada.

— Só fiquei curioso para saber se estava trancada. — Sean deixou a porta fechar-se.

— Você é incrível!

Os dois refizeram o caminho e desceram outro piso. O quinto andar era dominado por um grande laboratório num dos lados do corredor e pequenos escritórios do outro. Claire levou Sean para o laboratório grande.

— Disseram que você ficaria com este laboratório. — Claire acendeu as luzes do teto. Era uma sala enorme, pelos padrões dos laboratórios em que Sean estava acostumado a trabalhar, tanto em Harvard quanto no MIT, onde a luta por espaço entre os pesquisadores era de uma rispidez legendária. No centro ficava um escritório cercado de vidro, com mesa, telefone e um terminal de computador.

Sean andou pela sala, tocando o equipamento. Era básico, porém utilizável. Os itens mais impressionantes eram um espectrofotômetro de luminescência e um microscópio binocular para detectar fluorescência.

Sean pensou que, nas circunstâncias adequadas, poderia se divertir muito com aqueles instrumentos, mas não sabia se o Forbes proporcionaria ambiente para isso. Percebeu que provavelmente trabalharia sozinho naquela sala enorme.

— Onde estão todos os reagentes e o resto das coisas? perguntou.

Claire fez um gesto para ele acompanhá-la, e desceram outro andar, onde ela lhe mostrou a sala de suprimentos. Para Sean, aquela era a área mais impressionante que vira até então. A sala de suprimentos estava atulhada com tudo que um laboratório molecular poderia precisar.

Havia até mesmo uma generosa seleção de varias linhagens de células do NIH. Depois de olhar superficialmente o resto do espaço destinado aos laboratórios, Claire levou Sean até o subsolo.

Apertando o nariz, guiou-o até a sala dos animais. Cães latiam, macacos gritavam, camundongos e ratos guinchavam em suas gaiolas. O ar era úmido e pungente. Claire apresentou Sean a Roger Calvet, tratador dos animais. Era um homem pequeno, com uma enorme corcunda. Ficaram apenas um minuto, e, assim que a porta se fechou atrás deles, Claire fez um gesto de alívio.

— A parte que eu menos gosto em todo o passeio. Não sei de que lado eu fico na questão dos direitos dos animais.

— É duro — admitiu Sean. — Mas nós precisamos deles. Por algum motivo, os ratos e camundongos não me incomodam tanto quanto os cachorros e os macacos.

— Pediram que eu lhe mostrasse o hospital também — disse Claire.

— Está disposto? — Por que não? — Sean estava apreciando Claire.

Pegaram o elevador de volta até o segundo andar e atravessaram para a clínica através da passarela de pedestres. As torres ficavam separadas por cerca de quinze metros.

No segundo andar do hospital ficavam as áreas de diagnóstico e tratamento, a UTI e as salas de cirurgia. O laboratório de análises clínicas e o de radiologia também ficavam lá, além do setor de registros médicos. Claire levou Sean para conhecer sua mãe, que era uma das bibliotecárias do serviço médico.

— Se eu puder ajudar em alguma coisa — disse a sra. Barington —, é só ligar.

Sean agradeceu e fez menção de sair, mas a sra. Barington insistiu em mostrar-lhe o departamento. Sean tentou parecer interessado enquanto via as capacidades de computação do centro, as impressoras Laser, o monta-carga usado para trazer os registros do depósito que ficava no porão e a vista que tinham do sonolento rio Miami.

Quando voltaram ao corredor, Claire se desculpou: — Ela nunca fez isso. Deve ter gostado de você.

— É a minha sorte. As mulheres com mais idade e as pré-adolescentes me adoram. É com as mulheres intermediárias que tenho problemas.

— Tenho certeza de que espera que eu acredite nisso — disse Claire em tom sarcástico.

Em seguida Sean foi levado a um rápido passeio pelo moderno hospital de oitenta leitos. Era limpo, bem projetado e aparentemente com bons recursos humanos. Com suas cores tropicais e flores frescas, parecia até agradável, a despeito da gravidade da doença de muitos pacientes. Nessa parte do passeio, Sean ficou sabendo que o Forbes Cancer Center montara uma equipe conjunta com o NIH para tratar de melanomas avançados. Com o sol forte, havia muitos casos de melanoma na Flórida.

Terminado O passeio Claire disse que estava na hora de levá-lo ao Palácio das Vacas e cuidar de suas acomodações. Sean tentou sugerir que não era necessário, mas ela não quis saber. Com ordens estritas para ficar perto, ele seguiu o carro de Claire para fora do Forbes Cancer Center, e dirigiram-se para o sul pela 12a Avenue. Ele guiava com cuidado, tendo ouvido que em Miami a maior parte das pessoas carrega pistolas no porta-luvas. Miami tem uma das maiores taxas de mortalidade devida a acidentes de trânsito.

Na Calle Ocho viraram para a esquerda, e Sean teve um vislumbre da rica cultura cubana que deixou uma marca tão indelével na Miami moderna. Na Brickell viraram para a esquerda, e a cidade mudou outra vez. Agora ele passava por reluzentes prédios de bancos, cada um deles um testamento aberto mostrando o poder financeiro do comércio ilegal de drogas.

O Palácio das Vacas não era uma construção notável, para dizer o mínimo. Como tantas outras da área, consistia em dois andares de blocos de concreto e portas e janelas de correr de alumínio. Estendia-se por quase um quarteirão, com um estacionamento asfaltado na frente e nos fundos. A única coisa atraente eram as plantas tropicais, e muitas delas estavam florindo.

Sean estacionou perto do Honda de Claire.

Depois de verificar nas chaves o número do apartamento, Claire subiu a escada na frente. O apartamento de Sean ficava no meio do corredor, indo na direção dos fundos. Enquanto Claire lutava para enfiar a chave na fechadura, abriu-se uma porta logo na frente.

— Está se mudando? — perguntou um homem louro, de cerca de trinta anos, nu da cintura para cima.

— Parece que sim — disse Sean.

— Meu nome é Gary — disse o sujeito. — Gary Engels, de Filadélfia. Sou técnico de raios X. Trabalho à noite e procuro um apartamento de dia. E você? — Estudante de medicina — disse Sean enquanto Claire finalmente abria a porta.

Era um quarto-e-sala mobiliado, e com cozinha completa. Portas de correr, de vidro, ligavam a sala e o quarto a uma varanda que se estendia por todo o prédio. — O que acha? — perguntou Claire, enquanto abria a porta da sala para a varanda.

— Muito mais do que eu esperava.

— É difícil para o hospital recrutar certas pessoas — disse Claire. — Especialmente enfermeiras de alto nível. Eles precisam ter uma boa residência temporária para competir com outros hospitais locais.

— Obrigado por tudo — disse Sean.

— Só mais uma coisa. — Claire estendeu-lhe um pedaço de papel. — Este é o número da loja de aluguel de roupas que o dr. Mason mencionou. Presumo que você vai aparecer esta noite.

— Tinha esquecido — disse Sean.

— Você realmente deve ir. Essas festas são a parte boa de se trabalhar no Center.

— É são frequentes?

— Relativamente. São mesmo divertidas.

— Então você vai estar lá?

— Sem a menor dúvida.

— Bom, então talvez eu vá. Não usei smoking muitas vezes na vida. Deve ser interessante.

— Maravilhoso — disse Claire. — Como talvez seja difícil para você encontrar a casa do dr. Mason, não me importo de levá-lo. Moro em Coconut Grove, aqui perto. Que tal às sete e meia?

— Estarei pronto.



HIROSHI GYUHAMA tinha nascido em Yokosuka, sul de Tóquio. Sua mãe trabalhara na base naval dos Estados Unidos, e

desde pequeno Hiroshi se interessara pela América e pelo modo de vida ocidental. Sua mãe tinha outra opinião, recusando-se a deixá-lo estudar inglês na escola. Criança obediente, Hiroshi cedeu aos desejos da mãe sem questionar. Somente depois da morte dela, quando estava na universidade estudando biologia, ele pôde estudar inglês mas desde o primeiro momento mostrou uma competência incomum. Depois de se formar, Hiroshi foi contratado pela Sushita Industries, uma gigantesca corporação de produtos eletrônicos que acabara de se expandir para a área de biotecnologia. Quando os chefes de Hiroshi descobriram como ele era fluente em inglês, mandaram-no para a Flórida supervisionar seu investimento no Forbes.

A não ser por uma dificuldade inicial envolvendo dois pesquisadores do Forbes que se recusaram a colaborar, um dilema que fora resolvido a altos custos, levando-os para Tóquio e em seguida oferecendo excelentes salários, Hiroshi não encontrara problemas sérios durante seu trabalho no Forbes.

O surgimento inesperado de Sean Murphy era outra história. Para Hiroshi, e para Os japoneses em geral, qualquer surpresa era uma coisa perturbadora. Além disso, Harvard era para eles mais uma metáfora do que uma instituição específica. Representava a excelência e a engenhosidade americanas. Por isso, Hiroshi temia que Sean pudesse levar alguns dos produtos criados no Forbes de volta para Harvard, onde a universidade americana poderia superá-los em possíveis patentes. Como o avanço futuro de Hiroshi na Sushita dependia de sua capacidade de proteger o investimento no Forbes, ele via Sean como uma possível ameaça.

Sua primeira resposta fora mandar um fax, por sua linha telefônica particular para o chefe no Japão. Desde o início os japoneses haviam insistido na possibilidade de se comunicar com Hiroshi sem passar pela mesa telefônica do Forbes. Esta fora apenas uma de suas condições.

Em seguida Hiroshi ligara para a secretária do dr. Mason para perguntar se seria possível ter um encontro com o diretor. Foi marcada uma reunião para as duas horas. Agora, enquanto ele subia a escada para o sétimo andar, faltavam três minutos para a hora marcada. Hiroshi era um homem pontual, que deixava pouco espaço para o acaso.

Quando entrou no escritório de Mason, o médico saltou de pé.

Hiroshi curvou-se profundamente, aparentando respeito, mas na verdade não tinha o médico americano em alta conta, achando que o dr. Mason carecia da vontade férrea necessária a um bom administrador. Na avaliação de Hiroshi, o dr. Mason reagiria de modo imprevisível sob pressão.

— Dr. Gyuhama, que gentileza sua vir aqui em cima! — disse o dr. Mason, fazendo um gesto em direção à poltrona. — Posso oferecer alguma coisa? Café, chá ou suco?

— Suco, por favor — respondeu Hiroshi com um sorriso educado. Não queria nenhum refresco, mas não desejava recusar e parecer ingrato.

O dr. Mason sentou-se diante de Hiroshi. Percebeu que ele se sentara na beirada da cadeira e esfregava as mãos. Podia dizer que estava nervoso, o que apenas serviu para reduzir ainda mais a avaliação que o japonês fazia dele como administrador. Não se deve comunicar sentimentos tão abertamente.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou o dr. Mason.

Hiroshi sorriu outra vez, observando que nenhum japonês seria tão direto.

— Hoje fui apresentado a um jovem estudante universitário.

— Sean Murphy — disse o dr. Mason. — É estudante de medicina em Harvard.

— Harvard é uma faculdade muito boa.

— Uma das melhores. Particularmente em pesquisa médica. — O dr. Mason observou Hiroshi cuidadosamente. Sabia que ele evitava

perguntas diretas. Mason precisava sempre imaginar o que o japonês pretendia. Era frustrante, mas Mason sabia que Hiroshi era o homem de frente da Sushita, de modo que parecia importante tratá-lo com respeito. Agora mesmo estava claro que ele achara perturbadora a presença de Sean.

Nesse momento chegou o suco; Hiroshi curvou-se e agradeceu várias vezes. Tomou um gole e em seguida colocou o copo na mesa de café.

— Talvez seja útil eu explicar por que o sr. Murphy está aqui — disse o dr. Mason.

— Seria muito interessante.

— O sr. Murphy é terceiranista de medicina. Durante o terceiro ano, os estudantes têm períodos que podem usar para escolher um estágio e estudar alguma coisa que lhes interesse particularmente. O sr. Murphy se interessa por pesquisa. Ele vai ficar aqui durante dois meses.

— Isso é muito bom para o sr. Murphy — disse Hiroshi. — Ele vem para a Flórida durante o inverno.

— É um bom sistema — concordou o dr. Mason. — Ele ganha a experiência de ver um laboratório em funcionamento, e nós ganhamos um funcionário.

— Talvez ele se interesse por nosso projeto de meduloblastoma — disse Hiroshi.

— Ele está interessado. Mas não terá permissão de participar. Em vez disso, vai trabalhar com nossa glicoproteína do câncer de cólon, tentando cristalizá-la. Não preciso dizer como seria bom, tanto para o Forbes quanto para a Sushita, se pudéssemos realizar o que até agora não conseguimos.

— Não fui informado por meus superiores da chegada do sr. Murphy. É estranho eles terem esquecido.

De repente o dr. Mason percebeu o objetivo daquela conversa sinuosa. Uma das condições impostas pela Sushita era de que eles

examinassem todos os candidatos a emprego antes de serem contratados.

Geralmente isso era uma formalidade, e, como o caso se referia a um estudante, o dr. Mason nem pensara a respeito disso, sobretudo porque a estada de Murphy seria muito curta.

— A decisão de convidar o sr. Murphy para esse estágio foi tomada muito depressa. Talvez eu devesse ter informado à Sushita, mas ele não é um empregado. Não vai receber pagamento. Além disso, é um estudante com experiência limitada.

— Mesmo assim terá acesso a amostras da glicoproteína — disse Hiroshi. — Terá acesso à levedura recombinante que produz a proteína.

— Obviamente ele receberá a proteína. Mas não há motivo para mostrarmos a ele nossa tecnologia recombinante para produzi-la.

— O que o senhor sabe sobre esse homem? — perguntou Hiroshi.

— Ele vem com a recomendação de um colega de confiança.

— Talvez minha empresa esteja interessada no currículo dele.

— Nós não temos o currículo — disse o dr. Mason. — É apenas um estudante. Se houvesse alguma coisa importante a saber sobre ele, tenho certeza de que o meu amigo, o dr. Walsh, teria me informado. O que ele disse foi que o sr. Murphy era um artista no que se tratava de cristalização de proteínas e em fazer anticorpos murídeos monoclonais.

Nós precisamos de um artista, caso queiramos um produto patenteável.

Além disso, o selo de Harvard é valioso para a clínica. A ideia de que estamos treinando um formando de Harvard não nos fará nenhum mal.

Hiroshi ficou de pé e, com seu sorriso contínuo, curvou-se, mas não tão profundamente nem por tempo tão longo como quando entrara no escritório.

— Obrigado por seu tempo — disse. Em seguida saiu da sala.



DEPOIS DE A PORTA se trancar atrás de Hiroshi, o dr. Mason fechou os olhos e esfregou-os com as pontas dos dedos. Suas mãos estavam tremendo.

Sentia-se muito ansioso, e, se não tivesse cuidado, iria agravar sua úlcera péptica. Com a possibilidade de algum psicopata matando pacientes com metástase de câncer do seio, a última coisa de que ele precisava era um problema com a Sushita. Agora se arrependia de ter feito o favor a Clifford Walsh, convidando seu aluno. Era uma complicação da qual não precisava.

Por outro lado, o dr. Mason sabia que precisava de alguma coisa para oferecer aos japoneses, ou eles poderiam não renovar o contrato, independentemente de outros interesses. Se Sean pudesse ajudar a resolver o problema associado ao desenvolvimento de um anticorpo para a glicoproteína, sua vinda poderia transformar-se numa dádiva divina.

O dr. Mason passou a mão nervosa pelos cabelos. O problema era, como Hiroshi o fez perceber, que ele conhecia muito pouco sobre Sean Murphy. E mesmo assim Sean teria acesso aos laboratórios. Poderia conversar com os outros empregados; poderia acessar os computadores. E Sean impressionou o dr. Mason como sendo do tipo definitivamente curioso.

Agarrando o telefone, o dr. Mason pediu à secretária que ligasse para o dr. Clifford Walsh, em Boston. Enquanto esperava, apoiou-se na mesa. Ficou se perguntando por que não pensara antes em telefonar para Clifford.

Dentro de alguns minutos o dr. Walsh estava ao telefone. O dr. Mason sentou-se, enquanto falava. Como os dois haviam conversado

na semana anterior, as amenidades foram mínimas.

— Sean chegou bem aí? — perguntou o dr. Walsh.

— Chegou esta manhã.

— Espero que já não tenha causado problemas.

O dr. Mason sentiu a úlcera começar a queimar.

— Essa é uma declaração estranha — disse. — Principalmente depois de suas excelentes recomendações.

— Tudo que eu falei sobre ele é verdade — disse o dr. Walsh. — O garoto só tem pavio curto quando se trata de biologia molecular. Mas é um garoto de cidade, e suas qualificações sociais não chegam nem perto de suas capacidades intelectuais. Ele pode ser cabeça-dura. E fisicamente é mais forte do que um touro. Poderia ter sido jogador profissional de hóquei. É o tipo de sujeito que você desejaria ter do seu lado numa briga.

— Aqui nós não brigamos muito — disse o dr. Mason com uma risada curta. — De modo que não estaremos aproveitando esse tipo de habilidade. Mas diga-me outra coisa. Sean já esteve de algum modo ligado à indústria de biotecnologia, por exemplo, trabalhando nas férias de verão para alguma empresa? Alguma coisa desse tipo?

— Certamente que sim — disse o dr. Walsh. — Não só trabalhou como foi dono de uma. Ele e um grupo de amigos criaram uma empresa chamada Immunotherapy, para desenvolver anticorpos murídeos monoclonais. Pelo que sei, a empresa se saiu bem. Mas não estou em dia com o lado industrial de nosso ramo de atividade.

A dor nas entranhas do dr. Walsh ficou mais intensa. Não era isso o que ele desejava ouvir.

Mason agradeceu ao dr. Walsh, desligou o telefone e imediatamente engoliu dois comprimidos de antiácido. Agora precisava se preocupar com a possibilidade de a Sushita ficar sabendo da associação de Sean com essa empresa Immunotherapy. Se eles soubessem, poderia ser o suficiente para que rompessem o acordo.

O dr. Mason andou pelo escritório. A intuição lhe disse que precisava agir. Talvez devesse mandar Sean de volta a Boston, como sugerira a dra. Levy. Mas isso significaria perder a contribuição que ele poderia dar ao projeto da glicoproteína.

De repente o dr. Mason teve uma ideia. Pelo menos poderia descobrir tudo que fosse possível sobre a empresa de Sean. Pegou outra vez o telefone. Desta vez não pediu que a secretária fizesse a ligação.

Discou ele mesmo. Para Sterling Rombauer.



FIEL À PALAVRA, Claire apareceu no apartamento de Sean às sete e meia em ponto. Usava um vestido preto de alças finas e longos brincos nas orelhas. O cabelo castanho estava puxado para trás dos dois lados, com prendedores cravejados de cristal. Para Sean, ela parecia espetacular.

Quanto à sua roupa, ele não estava tão certo. O smoking alugado precisava realmente dos suspensórios; as calças eram dois números acima do dele, e não houvera tempo de trocar. Mas a camisa e o paletó cabiam razoavelmente bem, e ele domara o cabelo dos lados com um pouco de gel, que pegara emprestado com o vizinho, Gary Hengels. Até se barbeara.

Pegaram o 4X4 de Sean, já que era mais espaçoso do que o minúsculo Honda de Claire. Com Claire indicando o caminho, passaram ao largo das partes altas do centro da cidade e seguiram pelo Biscayne Boulevard. Pessoas de todas as raças e nacionalidades apinhavam a rua. Passaram por uma loja que vendia Rolls Royces, e Claire contou que, segundo ouvira dizer, a maioria das vendas era

feita em dinheiro; pessoas entravam na loja com malas cheias de notas de vinte dólares.

— Se o tráfico de drogas parasse amanhã, esta cidade provavelmente seria afetada — sugeriu Sean.

— A cidade desmoronaria.

Viraram à direita na MacArthur Causeway e dirigiram-se para a ponta sul de Miami Beach. À direita passaram por vários navios de cruzeiro ancorados no cais de Dodge Island. Logo antes de chegar a Miami Beach, viraram para a esquerda e pararam diante de um guarda armado numa guarita.

— Deve ser um lugar fino — comentou Sean enquanto atravessavam o portão.

— Muito.

— É, Mason está com tudo.

Os palacetes pelos quais estavam passando pareciam inadequados para o diretor de um centro de pesquisas.

— Acho que o dinheiro era dela. Seu nome de solteira era Forbes. Sarah Forbes.

— Não brinca! — Sean olhou rapidamente para Claire, querendo certificar-se de que ela não estava zombando dele.

— Foi o pai dela que fundou o Forbes Cancer Center.

— Que conveniente! Coisa simpática, o velho dar emprego ao genro.

— Não é o que você está pensando — disse Claire. — É bem um novelão de IV. O velho criou a clínica, mas, ao morrer, nomeou O irmão mais velho de Sarah, Harold, executor do testamento. E Harold perdeu a maior parte do dinheiro da fundação num esquema imobiliário no interior da Flórida. O dr. Mason só chegou quando O Center estava à beira da falência. Ele e a dra. Levy deram um jeito no lugar.

Entraram no caminho em curva diante de uma gigantesca casa branca com um pórtico sustentado por colunas coríntias. Um

empregado rapidamente se encarregou do veículo.

O interior da casa também era impressionante. Tudo era branco: chão de mármore branco, móveis brancos, tapete branco e paredes brancas. — Espero que o decorador não tenha cobrado muito caro para escolher as cores — disse Sean.

Foram levados através da casa até um terraço que dava para a baía Biscayne. A baía estava pintalgada de luzes de outras ilhas e centenas de barcos. Para além da baía ficava a cidade de Miami, reluzindo ao luar.

Aninhada no centro do terraço havia uma grande piscina em forma de rim, iluminada por baixo da água. À esquerda estava uma tenda listrada de rosa e branco, com mesas compridas cheias de comida e bebida. Uma banda de tambores de aço tocava calipso junto da casa, enchendo o ar aveludado da noite com uma percussão melodiosa. Na beira da praia, logo após o terraço, via-se um gigantesco iate branco, de cruzeiro, atracado num píer. Preso por cabos à popa do iate havia outro barco.

— Estão chegando o anfitrião e a anfitriã — Claire alertou Sean, que ficara momentaneamente hipnotizado pela cena.

Sean virou-se e viu o dr. Mason conduzindo uma loura rechonchuda e descorada na direção deles. Ele estava elegante num smoking que obviamente não fora alugado, sapatos de couro de qualidade palpável e gravata-borboleta preta. Ela vinha espremida num tomara-que-caia cor de pêssego, tão apertado que fez Sean temer que qualquer movimento desnudasse os seios impressionantes. O cabelo estava ligeiramente desarranjado, e a maquiagem seria mais adequada a uma garota com metade de sua idade. Além disso, estava visivelmente bêbada.

— Bem-vindo, Sean — disse o dr. Mason. — Espero que Claire esteja cuidando bem de você.

— Não podia ser melhor — disse Sean. O dr. Mason apresentou Sean à esposa, que piscou os cílios pesados de rímel. Sean apertou-

lhe respeitosamente a mão, evitando beijo no rosto, que ela esperava. O dr. Mason virou-se e sinalizou para outro casal juntar-se a eles. Apresentou Sean como um estudante de medicina de Harvard que estaria estagiando no Center. Sean teve a sensação desconfortável de ficar na berlinda.

O nome do sujeito era Howard Pace, e, com a apresentação feita pelo dr. Mason, Sean ficou sabendo que era o executivo-chefe de Uma fábrica de aviões em St. Louis, e era quem estava para fazer a doação ao Center.

— Sabe, filho — disse o sr. Face colocando o braço ao redor do ombro de Sean. — Minha doação é para ajudar a treinar jovens como você.

Eles estão fazendo coisas maravilhosas no Forbes. Você vai aprender muito. Estude bastante! — Finalmente deu um tapa de homem para homem no ombro de Sean.

Mason começou a apresentar Pace para outros casais, e de repente Sean descobriu-se sozinho. Estava em vias de pegar uma bebida quando uma voz vacilante o interrompeu: — Alô, bonito.

Sean virou-se para encarar os olhos turvos de Sarah Mason.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse ela, agarrando sua manga.

Sean lançou um olhar desesperado ao redor, procurando Claire, mas ela não estava à vista. Com uma resignação rara para ele, permitiu-se ser guiado, descendo os degraus que ligavam o pátio ao cais.

O tempo todo precisava parar e apoiar Sarah, quando seus saltos entravam nas fendas entre as tábuas. Na base da prancha que levava ao iate, Sean viu-se diante de um dobermann de tamanho considerável, com coleira de tachas e dentes brancos.

— Este é o meu barco — disse Sarah. — Chama-se Lady Luck.

Gostaria de conhecer? — Não creio que aquela fera no convés deseje companhia.

— Batman? Não se preocupe com ele. Enquanto você estiver comigo, ele será um cordeirinho.

— Talvez possamos voltar mais tarde — disse Sean. — Para falar a verdade, estou morrendo de fome.

— Tem comida na geladeira — insistiu Sarah.

— É, mas eu estou doido pelas ostras que vi na tenda.

— Ostras, é? Para mim parece bom. Podemos ver o barco mais tarde.

Assim que chegou com Sarah de volta a terra firme, Sean afastou-se, deixando-a com um casal insuspeito que viera em direção ao iate. Enquanto procurava Claire no meio da multidão, sentiu uma mão forte agarrar seu braço. Sean virou-se e viu-se encarando o rosto balofo de Robert Harris, o chefe de segurança. Nem um smoking conseguia alterar drasticamente sua aparência, com o corte de cabelo à escovinha. O colarinho devia estar muito apertado, já que seus olhos pareciam esbugalhados.

— Gostaria de dar-lhe um conselho, Murphy — disse Harris com óbvio desdém. — Mesmo? Deve ser interessante, já que temos tanta coisa em comum.

— Você é um bundão metido a esperto — sibilou Harris.

— É esse o conselho? — Fique longe de Sarah Forbes. Só estou falando uma vez.

— Droga! — disse Sean. — Vou ter de cancelar nosso piquenique amanhã.

— Não me tire do sério! — Com um último olhar feroz, Harris afastou-se.

Finalmente Sean encontrou Claire na mesa onde havia ostras, camarões e caranguejos. Enchendo um prato, acusou-a de ter deixado que ele caísse nas garras de Sarah Mason.

— Acho que eu deveria ter avisado — disse Claire. — É notório o fato de que, — quando bebe, ela caça qualquer coisa que use calças.

— É eu achava que era irresistível! Ainda estavam ocupados com os frutos do mar quando o dr. Mason subiu no pódio e deu um tapinha no microfone. Assim que a multidão ficou em silêncio, ele apresentou Howard Pace, agradecendo profusamente sua generosa doação. Depois de aplausos ressoantes, o dr. Mason virou o microfone para o convidado de honra.

— A coisa é meio melosa para o meu gosto — sussurrou Sean.

— Seja gentil — censurou-o Claire.

Howard Pace começou seu discurso com os chavões de sempre, mas logo depois sua voz ficou embargada de emoção.

— Nem mesmo este cheque de dez milhões de dólares pode expressar adequadamente meus sentimentos. O Forbes Cancer Center me deu uma segunda chance na vida. Antes de vir para cá, todos os médicos acreditavam que meu tumor cerebral era terminal. Quase desisti. Graças a Deus isso não aconteceu. E graças a Deus pelos dedicados médicos do Forbes Cancer Center.

Incapaz de continuar falando, Face acenou com o cheque no ar, enquanto lágrimas rolavam-lhe pelo rosto. Imediatamente o dr. Mason apareceu ao lado e resgatou o cheque antes que ele voasse para escuridão cor de vinho da baía Biscayne. Depois de outra salva de palmas, terminaram os eventos formais da noite. Os convidados agitaram-se, espantados com a emoção que Howard Pace expressara. Não esperavam tamanha demonstração de sentimentos íntimos por parte de alguém tão poderoso. Sean virou-se para Claire e disse: — Odeio ser um desmancha-prazeres. Mas acordei às cinco da manhã. Estou apagando. Claire pousou seu copo na mesa.

— Para mim também já chega. Além disso, preciso trabalhar cedo.

Encontraram o dr. Mason e agradeceram-lhe, mas ele estava distraído e mal percebeu que eles iam embora. Sean estava aliviado por a sra. Mason ter convenientemente desaparecido. Enquanto voltavam pela estrada, Sean foi o primeiro a falar.

— Aquele discurso acabou sendo tocante.

— É o que faz tudo valer a pena — concordou Claire.

Sean estacionou ao lado do Honda de Claire. Houve um momento desajeitado.

— Comprei algumas cervejas esta tarde — disse, depois de uma pausa. — Gostaria de subir por alguns minutos?

— Ótimo — disse Claire, entusiasmada.

Enquanto subia a escada atrás dela, Sean imaginou se não teria superestimado sua resistência. Estava quase dormindo de pé.

À porta do apartamento, revirou desajeitadamente as chaves, tentando colocar a certa na fechadura. Finalmente torceu a maçaneta, abriu a porta e procurou o interruptor. Assim que seus dedos o tocaram, houve um grito violento. Quando viu quem estava esperando por ele, seu sangue ficou gelado.



— DEVAGAR, AGORA — disse o dr. Mason para os dois auxiliares de enfermagem. Eles estavam usando uma maca especial para retirar Helen Cabot do Lear Jet que a trouxera para Miami. — Cuidado com os degraus! O dr. Mason ainda estava de smoking. Margaret Richmond ligara no final da festa para dizer que o avião de Helen Cabot estava pousando.

Sem hesitar um segundo, o dr. Mason saltara em seu Jaguar.

Com toda a gentileza possível, os paramédicos acomodaram Helen na ambulância. O dr. Mason subiu para junto da mulher gravemente enferma.

— Está confortável? — perguntou.

Helen assentiu. A viagem fora desgastante. A medicação pesada não havia controlado totalmente suas convulsões. E, além disso,

tinham atravessado turbulências sobre Washington, D.C.

— Estou feliz por ter chegado aqui — disse ela sorrindo fracamente. O dr. Mason apertou seu braço num gesto confortador; em seguida saiu da ambulância e encarou os pais da jovem, que haviam descido do avião depois da maca. Juntos decidiram que a sra. Cabot iria na ambulância enquanto John Cabot seguiria com o dr. Mason.

O dr. Mason seguiu a ambulância desde o aeroporto.

— Estou sensibilizado por o senhor ter vindo ao nosso encontro — disse Cabot. — Pelas suas roupas, acho que interrompi uma noite.

— Na verdade o momento foi bem adequado. O senhor conhece Howard Face?

— O magnata dos aviões?

— Exatamente — disse o dr. Mason. — O senhor Face fez uma generosa doação ao Forbes Center, e estávamos numa pequena comemoração. Mas a coisa já ia acabando quando vocês ligaram.

— Ainda assim, sua preocupação é reconfortante — disse John Cabot. — Muitos médicos se confundem com as próprias agendas. Estão mais interessados em si próprios do que nos pacientes. A doença de minha filha foi uma experiência que me abriu os olhos.

— Infelizmente suas reclamações são comuns demais. Mas no Forbes é o paciente que conta. Faríamos ainda mais se não estivéssemos com tantas dificuldades de verbas. Desde que o governo começou a limitar as subvenções, tivemos de lutar muito.

— Se vocês puderem ajudar minha filha, ficarei feliz em contribuir para as suas necessidades de capital.

— Faremos tudo que estiver ao nosso alcance.

— Diga-me. Quais as chances que o senhor acha que ela tem? Eu gostaria de saber a verdade.

— A possibilidade de uma recuperação total é excelente disse o dr. Mason. — Nós temos tido uma sorte notável com o tipo de tumor

de Helen, mas devemos iniciar o tratamento imediatamente. Tentei apressar a transferência, mas os seus médicos em Boston pareciam relutantes em liberá-la.

— O senhor conhece os médicos de Boston. Se houver outro teste disponível, eles vão querer fazê-lo. Depois, claro, vão querer repeti-lo.

— Tentamos convencê-los a não fazer biópsia do tumor — disse o dr. Mason. — Agora podemos fazer o diagnóstico de meduloblastoma com um aparelho de ressonância magnética aprimorado. Mas eles não queriam ouvir. O senhor vê, nós teremos de fazer a biópsia, quer eles já tenham feito ou não. Precisamos cultivar algumas células do tumor em meio de cultura. Isso faz parte do tratamento.

— Quando isso poderá ser feito? — perguntou John Cabot.

— Quanto antes melhor.



— MAS VOCÊ NÃO PRECISAVA berrar — disse Sean. Ele ainda tremia com o medo que sentira ao acender a luz.

— Eu não berrei — disse Janet. — Eu gritei: "Surpresa!" Não preciso dizer que não sei quem ficou mais surpreso, eu, você ou aquela mulher.

— Aquela mulher trabalha no Forbes Cancer Center. Já falei mais de dez vezes. Ela é do departamento de relações públicas. Foi encarregada de cuidar de mim.

— É cuidar de você significa voltar ao seu apartamento depois das dez da noite? — perguntou Janet com escárnio. — Não venha me tratar com condescendência. Não posso acreditar nisso. Você está

aqui há menos de vinte e quatro horas e já traz uma mulher para o apartamento.

— Eu não quis convidá-la. Mas não tive jeito. Ela me trouxe aqui esta tarde, depois me levou à noite para uma festa do Forbes.

Quando paramos aqui para ela pegar o carro, achei que devia ser hospitaleiro. Ofereci uma cerveja. Eu já tinha dito a ela que estava exausto. Droga, você vive reclamando de minha falta de trato social.

— Parece conveniente você arranjar boas maneiras justamente na hora de mostrá-las a uma mulher jovem e atraente — fuzilou Janet.

— Não acho que meu ceticismo seja absurdo.

— Bom, você está levando a coisa mais longe do que ela merece. E, de qualquer modo, como você apareceu aqui?

— Eles me deram o apartamento duas portas depois deste — disse Janet. — E você deixou a porta da varanda aberta.

— Por que deixaram você ficar aqui?

— Porque fui contratada pelo Forbes Cancer Center. Isso faz parte da surpresa. Vou trabalhar aqui.

Pela segunda vez naquela noite, Janet deixou Sean apalermado.

— Trabalhar aqui? — ele repetiu como se não tivesse ouvido direito. — Do quê você está falando?

— Eu liguei para o Forbes Hospital. Eles têm um programa de contratação de enfermeiras. Eles me contrataram no ato. Em seguida ligaram para o Conselho de Enfermagem da Flórida e conseguiram uma aprovação temporária de cento e vinte dias, de modo que eu possa trabalhar enquanto arranjam a papelada para a minha licença na Flórida.

— E seu trabalho no Boston Memorial?

— Sem problemas. Eles me deram uma licença sem vencimentos. Um dos benefícios de ser enfermeira hoje em dia é que os profissionais estão em falta. A gente tem mais condições de barganha do que a maioria dos patrões.

— Bom, isso tudo é muito interessante. — Por enquanto era tudo que Sean conseguia pensar para dizer.

— De modo que vamos continuar trabalhando na mesma instituição.

— Em algum momento você pensou que talvez devesse ter discutido essa ideia comigo?

— Não pude — disse Janet. — Você estava na estrada.

— É antes de eu sair? Ou então você podia ter esperado até eu chegar. Acho que devíamos ter conversado sobre isso.

— Bom, é exatamente esse o ponto — disse Janet.

— O que você quer dizer?

— Vim aqui para falarmos. Acho que é uma oportunidade perfeita para conversarmos sobre nós. Em Boston você estava muito envolvido com a faculdade e a pesquisa. Aqui, sem dúvida, sua programação vai ser mais leve. Vamos ter o tempo que nunca tivemos em Boston.

Sean levantou-se do sofá e foi até a porta corrediça que dava para a varanda. Estava sem palavras. Todo esse episódio de vir à Flórida estava tendo um desenvolvimento terrível.

— Como você chegou aqui? — perguntou.

— Vim de avião, e depois aluguei um carro.

— Então nada é irreversível?

— Se você acha que pode simplesmente me mandar para casa, pense de novo — disse Janet, a irritação de novo na voz. — Essa é provavelmente a primeira vez na minha vida que me arrisco por coisa que acho importante. — Ainda parecia com raiva, mas percebeu que ela podia, além disso, estar à beira das lágrimas.

— Talvez nós dois não sejamos importantes no seu esquema de vida...

— Não é nada disso — interrompeu-a Sean. — O problema é que eu não sei se vou ficar.

O queixo de Janet caiu.

— Do que está falando?

Sean voltou ao sofá e se sentou. Ficou encarando os olhos castanhos de Janet enquanto contava sua perturbadora recepção no Center, com metade das pessoas sendo hospitaleira e a outra metade agressiva. Mais importante: disse que o dr. Mason e a dra. Levy não queriam permitir que ele trabalhasse no protocolo de meduloblastoma.

— O que eles querem que você faça?

— Trabalho chato para o meu gosto. Querem que eu tente produzir um anticorpo monoclonal para uma proteína específica. Não conseguindo isso, eu devo cristalizá-la para que sua forma molecular tridimensional seja determinada. Vai ser um desperdício do meu tempo. Não vou aprender nada. Prefiro voltar a Boston e trabalhar no meu projeto de oncogene, para a tese.

— Talvez você possa fazer as duas coisas — sugeriu Janet. — Ajude-os com a proteína e em troca trabalhe no projeto de meduloblastoma.

Sean balançou a cabeça.

— Eles foram muito enfáticos. Não pretendem mudar de ideia. Dizem que o estudo do meduloblastoma já está em experiências clínicas, e que eu vim aqui para pesquisa básica. Cá entre nós, acho que a relutância deles tem alguma coisa a ver com os japoneses.

— Os japoneses?

Sean contou sobre as verbas enormes que o Forbes aceitara em troca de qualquer produto de biotecnologia patenteável.

— Acho que, de algum modo, o protocolo de meduloblastoma está preso ao contrato deles. É o único motivo que posso encontrar para os japoneses oferecerem tanto dinheiro ao Forbes. Obviamente eles pretendem conseguir algum dia um retorno para o investimento... e provavelmente querem isso o quanto antes.

— É uma coisa nojenta! — disse Janet, mas sua resposta foi pessoal. Não tinha nada a ver com a carreira de Sean como

pesquisador. Ela estivera tão envolvida pelo esforço de vir à Flórida que não se preparara para esse tipo de revés.

— É há outro problema — disse Sean. — A pessoa que me recebeu de modo mais gelado é exatamente a diretora de pesquisas. A pessoa a quem vou estar diretamente subordinado.

Janet suspirou. Já estava tentando imaginar como desfazer tudo que fizera para chegar ao Forbes Center. Provavelmente teria que voltar ao turno da noite no Boston Memorial, pelo menos durante algum tempo.

Levantou-se da poltrona funda onde estivera sentada e foi andando até a porta deslizante. Vir à Flórida parecera uma excelente ideia enquanto estava em Boston. Agora parecia a coisa mais idiota em que já pensara.

Subitamente ela girou o corpo.

— Espere um minuto! Acho que tive uma ideia.

— Então? — perguntou Sean, quando Janet permaneceu quieta.

— Estou pensando — disse ela, fazendo um sinal para que ele permanecesse em silêncio.

Sean estudou o rosto dela. Momentos antes, parecera deprimida. Agora, os olhos brilhavam.

— Bom, pensei no seguinte. Vamos ficar aqui e olhar juntos essa coisa do meduloblastoma. Vamos trabalhar em equipe.

— O que você quer dizer?

Sean estava cético.

— Simples. Você disse que o projeto está em testes clínicos. Bom, não tem problema. Vou estar nas enfermarias. Vou poder determinar os métodos de tratamento: os tempos, as dosagens, os resultados. Você fica no laboratório e pode fazer suas coisas lá. Esse negócio monoclonal não deve ocupar todo o seu tempo.

Sean mordeu o lábio inferior enquanto considerava um pouco a ideia de Janet. Ele já pensara em pesquisar o meduloblastoma

disfarçadamente. Seu maior obstáculo fora exatamente aquilo que Janet estaria em posição de obter, ou seja, a informação clínica.

— Você teria que arranjar os prontuários — disse Sean. Ele não conseguia evitar as dúvidas. Janet sempre fora apegada aos procedimentos e às regras hospitalares. Na verdade, a quaisquer regras.

— Se eu conseguir uma máquina copiadora, não vai ser problema — disse ela.

— Vou precisar de amostras dos medicamentos.

— Provavelmente eu mesma estarei dando os remédios.

Ele suspirou.

— Não sei. Parece tudo muito vago.

— Ah, qual é! O que é isso, troca de papéis? Era você que vivia me dizendo que eu levava uma vida muito protegida, que nunca me arriscava. De repente sou eu que me arrisco e você que fica Cauteloso. Onde está aquele espírito rebelde do qual sempre teve tanto orgulho?

Sean pegou-se sorrindo. — Quem é essa mulher com quem estou conversando? — disse retoricamente. Riu. — Tudo bem. Você está certa. Estou dando uma de derrotado antes da tentativa. Vamos experimentar.

Janet lançou os braços ao redor de Sean. Ele a abraçou. Depois de um longo momento, olharam-se nos olhos. E se beijaram.

— Agora que nossa conspiração foi forjada, vamos para a cama — disse Sean.

— Calma aí. Não vamos dormir juntos, se é isso que você está querendo dizer. Isso não vai acontecer até que a gente tenha uma conversa séria sobre nosso relacionamento.

— Ah, qual é, Janet! — gemeu Sean.

— Você tem o seu apartamento e eu tenho o meu — disse Janet torcendo o nariz. — Estou falando sério.

— É eu estou muito cansado para discutir.

— Certo. Discutir não vai ajudar nada.



ÀS ONZE E MEIA daquela noite, Hiroshi Gyuhamma era a única pessoa no prédio de pesquisas do Forbes, a não ser o guarda de segurança, que, pelo que Hiroshi suspeitava, dormia em seu posto na entrada principal.

Hiroshi estava sozinho no prédio desde as nove, quando David Lowenstein fora embora. Não estava ali até tarde por causa de sua pesquisa; esperava uma mensagem. Naquele momento, sabia que em Tóquio era uma e meia da tarde do dia seguinte. Geralmente era depois do almoço que seu chefe recebia as instruções dos diretores com relação a qualquer informação mandada por Hiroshi.

Como se tivesse combinado, a luz de recepção do aparelho de fax piscou, e a tela de cristal líquido mostrou a mensagem: recebendo. Os dedos de Hiroshi agarraram ansiosamente o papel assim que ele deslizou para fora. Um tanto agitado, sentou-se e leu as recomendações.

A primeira parte era o que ele esperava. A administração da Sushita estava confusa com o surgimento inesperado do estudante de Harvard. Eles sentiam que isso violava o espírito do contrato com o Forbes. A orientação prosseguia enfatizando a crença da empresa em que o diagnóstico e o tratamento do câncer seriam a maior descoberta biotecnológico-farmacêutica do século XXI. Sentiam que ultrapassaria em importância econômica, o filão dos antibióticos no século XX.

Foi a segunda parte da mensagem que deixou Hiroshi perplexo.

Dizia que a administração não queria correr nenhum risco, e que ele deveria ligar para Tanaka Yamaguchi. Deveria pedir que Tanaka

investigasse Sean Murphy e agisse de acordo com a necessidade. Se fosse considerado uma ameaça, deveria ser levado imediatamente para Tóquio.

Dobrando o papel do fax várias vezes no sentido do comprimento, Hiroshi segurou-o sobre a pia e queimou-o. Lavou as cinzas, fazendo-as escorrer pelo ralo. Enquanto isso, percebeu que suas mãos tremiam.

Hiroshi achava que as orientações de Tóquio o deixariam com a cabeça em paz. Mas só o fizeram sentir-se mais agitado. O fato de os superiores acharem que ele não conseguiria lidar com a situação não era bom sinal. Não o tinham dito diretamente, mas a instrução de ligar para Tanaka fazia o mesmo efeito. Isso sugeria a Hiroshi que não confiavam nele para as questões de importância crucial, e, se ele não fosse considerado de confiança, sua ascensão na hierarquia da Sushita seria imediatamente questionada. Segundo o ponto de vista de Hiroshi, ele estava desacreditado.

Com uma obediência inabalável, a despeito da ansiedade crescente, Hiroshi levantou-se e pegou a lista de números de emergência que recebera antes de ir para o Forbes apenas um ano antes. Encontrou o número de Tanaka e discou. Enquanto o telefone tocava, Hiroshi sentia crescer a raiva e o ressentimento pelo estudante de Harvard. Se o jovem futuro médico nunca tivesse aparecido no Forbes, a posição de Hiroshi com relação aos superiores nunca teria sido testada desse modo.

Um bipe mecânico veio seguido de uma mensagem em japonês rápido, pedindo que quem estivesse ligando deixasse nome e número. Hiroshi fez isso, mas acrescentou que esperaria uma ligação de volta. Desligando o telefone, pensou em Tanaka. Não conhecia muito sobre o sujeito, mas o que sabia já era inquietante. Tanaka era um homem usado com frequência por várias companhias japonesas para espionagem industrial de todos os tipos. O que perturbava

Hiroshi era o boato de que Tanaka tinha ligações com a Yakuza, a impiedosa máfia japonesa.

Quando o telefone tocou, alguns minutos mais tarde, seu tilintar áspero soou estranhamente alto no silêncio do laboratório deserto. Com o susto, Hiroshi tirou o fone do gancho antes de terminar o primeiro toque.

— Moshimoshi — disse Hiroshi rápido demais, traindo seu nervosismo.

A voz que respondeu parecia cortante como um estilete. Era Tanaka.

4

3 de março
Quarta-feira, 8h30 da manhã

Às oito e meia, quando seus olhos abriram, Sean acordou instantaneamente. Pegou o relógio para verificar a hora, e de imediato ficou irritado consigo mesmo. Pensara em chegar cedo ao laboratório naquele dia. Se estava disposto a tentar o plano de Janet, teria de se esforçar mais.

Depois de se fazer razoavelmente decente, colocando calções de boxeador, foi até a varanda e gentilmente bateu na porta de correr de Janet. As cortinas ainda estavam fechadas. Depois de bater outra vez com mais força, o sonolento rosto de Janet surgiu atrás do vidro.

— Sentiu falta de mim? — brincou Sean quando ela abriu a porta.

— Que horas são? — Janet piscou com a luz brilhante.

— Quase nove. Vou sair daqui a uns quinze ou vinte minutos.

Quer ir junto?

— É melhor eu ir sozinha. Preciso arranjar um apartamento. Só posso ficar aqui algumas noites.

— Vejo você à tarde. — Sean virou-se para sair.

— Sean! — gritou Janet.

Ele se virou.

— Boa sorte! — Para você também.

Assim que se vestiu, Sean foi até o Forbes Center e estacionou diante do prédio de pesquisas. Eram pouco mais de nove e meia quando ele atravessou a porta. Nesse momento, Robert Harris empertigou-se junto à mesa. Estava explicando alguma coisa ao guarda de plantão. Sua expressão era alguma coisa entre irada e soturna. Aparentemente, o sujeito nunca estava de bom humor. — Horário de banco? perguntou Harris, provocativo.

— Meu fuzileiro favorito — disse Sean. Conseguiu manter a sra. Mason fora de problemas, ou será que ela estava tão desesperada a ponto de levar você para um passeio no Lady Luck? Robert Harris lançou um olhar feroz enquanto Sean se curvava sobre a roleta para mostrar o crachá ao guarda. Mas Harris não conseguiu pensar a tempo numa resposta adequada. O guarda liberou a roleta e Sean atravessou.

Inseguro sobre como começar o dia, Sean pegou o elevador até o sétimo andar e foi à sala de Claire. Não estava muito ansioso por vê-la depois de terem se separado de maneira tão desagradável. Mas queria limpar a barra.

Claire e seu chefe dividiam um escritório com duas mesas viradas uma para a outra. Mas, quando Sean a encontrou, Claire estava sozinha.

— Bom dia! disse ele, caloroso.

Claire levantou os olhos do trabalho que estava fazendo.

— Aposto que você dormiu bem disse, sarcástica.

— Desculpe pela noite passada. Sei que foi uma coisa desagradável e incômoda para todo mundo. Quero me desculpar por a noite terminar daquele jeito, mas posso garantir que a chegada de Janet foi totalmente inesperada.

— Aceito sua palavra disse Claire friamente.

— Por favor — pediu Sean. Não fique zangada. Você é uma das poucas pessoas que foram legais comigo aqui. Estou me desculpando. O que mais posso fazer? — Você está certo disse

Claire, finalmente mais suave. Considere passado. O que posso fazer por você hoje? — Acho que tenho de falar com a dra. Levy. Como posso encontrá-la? — Faça uma chamada. Todo o pessoal especializado usa bipes. Você mesmo deve receber um. — Ela pegou o telefone, verificou com a telefonista se a dra. Levy estava, em seguida pediu que se comunicasse com ela.

Claire só teve tempo de dizer a Sean onde pegar um bipe quando O telefone tocou. Era uma das secretárias administrativas dizendo que a dra. Levy estava em sua sala, perto do escritório de Claire.

Dois minutos depois, Sean estava batendo à porta da dra. Levy, tentando imaginar que tipo de recepção encontraria. Quando ouviu a dra. Levy mandando-o entrar, tentou dizer a si próprio para Ser educado, mesmo que ela não fosse.

A sala da dra. Levy era o primeiro lugar que se parecia com o ambiente científico acadêmico ao qual Sean estava acostumado. Havia o amontoado de jornais e livros de sempre, um microscópio binocular e estranhos sortimentos de lâminas para microscópios, microfilmes, slides coloridos espalhados, frascos de erlenmeyer, recipientes de cultura, tubos com culturas de tecidos e cadernetas de anotações de laboratório.

— Está uma linda manhã! — disse Sean, esperando começar com um tom melhor do que na véspera.

— Pedi que Mark Halpern subisse quando soube que você estava neste andar — disse a dra. Levy ignorando a gentileza de Sean. — Ele é o seu chefe e, no momento, o único técnico de laboratório. Vai resolver as coisas para você começar. Ele também pode pedir qualquer material ou reagente de que você possa precisar e que não tenhamos, apesar de possuímos um bom estoque. Mas eu preciso aprovar qualquer pedido. — Ela empurrou um pequeno frasco por sobre a mesa, na direção de Sean. — Aqui está a glicoproteína. Estou certa de que você compreende quando digo que ela não sai desse prédio. Confirmando o que falei ontem: restrinja-se às suas funções.

Você deve ter mais do que o suficiente para se ocupar. Boa sorte, e espero que seja tão bom quanto o dr. Mason parece crer.

— Não seria mais confortável se fôssemos mais amigáveis com relação a isso tudo? — perguntou Sean. Ao mesmo tempo, estendeu a mão e pegou o frasco.

A dra. Levy afastou da testa alguns fios de seu cabelo negro e brilhante. — Aprecio sua franqueza — disse, depois de uma pequena pausa. — Nosso relacionamento dependerá do seu desempenho. Se trabalhar duro, nós nos daremos muito bem.

Exatamente nesse instante Mark Halpern entrou na sala da dra. Levy. Enquanto eram apresentados, Sean observou o sujeito e avaliou que ele teria uns trinta anos. Era vários centímetros mais alto do que Sean, e estava vestido meticulosamente. Usando um avental branquíssimo sobre o terno, mais parecia os homens que Sean já vira ao redor dos balcões de cosméticos nas lojas de departamentos do que um técnico de um laboratório científico.

Na meia hora seguinte, Mark deixou Sean em condições de trabalhar no grande laboratório vazio do quinto andar, que Claire trara no dia anterior. Quando Mark saiu, Sean já estava satisfeito com os aspectos físicos de sua situação de trabalho; só desejava estar trabalhando em alguma coisa que realmente o interessasse.

Pegando o frasco que a dra. Levy entregara, Sean desatarraxou a tampa e olhou o fino pó branco. Cheirou. Não tinha cheiro. Puxando o banco para perto da bancada, pôs-se a trabalhar. Primeiro dissolveu o pó numa variedade de solventes para ter ideia de sua solubilidade. Além disso, fez uma eletroforese com gel, para obter o peso molecular aproximado.

Depois de cerca de uma hora de concentração, Sean foi subitamente distraído por um movimento que pensou ter visto com o canto do olho. Quando olhou naquela direção, tudo que viu foi o espaço vazio do laboratório, até o poço da escada. Parou o que estava fazendo. O único som perceptível era o zumbido do

compressor da geladeira e o tremido da plataforma de agitação que ele estava usando para ajudar a supersaturar uma solução. Imaginou se a solidão não-habitual o estaria fazendo alucinar.

Sean estava sentado perto do meio da sala. Pousando os utensílios que tinha nas mãos, andou toda a extensão do laboratório, observando cada espaço entre as fileiras de mesas. Quanto mais olhava, menos tinha certeza sobre se vira alguma coisa. Chegando à porta que dava para o poço da escada, escancarou-a e deu um passo à frente, pretendendo olhar as escadas para cima e para baixo. De fato não esperava encontrar nada, e involuntariamente prendeu o fôlego quando seu movimento súbito colocou-o cara a cara com alguém escondido atrás da porta.

O reconhecimento veio rápido, quando Sean percebeu que era Hiroshi Gyuhama que estava à sua frente, igualmente assustado. Sean lembrou-se de ter conhecido o sujeito no dia anterior, quando Claire os apresentara.

— Desculpe-me — disse Hiroshi com um sorriso nervoso. Curvou-se profundamente.

— Tudo bem. — Sean sentiu uma ânsia irresistível de se curvar também. — Foi culpa minha. Eu devia ter olhado pelo visor antes de abrir a porta.

— Não, não, culpa minha — insistiu Hiroshi.

— Na verdade foi minha culpa — disse Sean. — Mas acho que essa é uma discussão boba.

— Minha culpa — insistiu Hiroshi.

— Você estava vindo para cá? — perguntou Sean apontando para o laboratório.

— Não, não — disse Hiroshi. Seu sorriso se alargou. — Estou voltando para o trabalho.

Mas não se moveu.

— Em que você está trabalhando? — perguntou Sean, só para prosseguir a conversa.

— Câncer de pulmão. Muito obrigado.

— E muito obrigado a você — disse Sean num reflexo. Em seguida perguntou-se o que estaria agradecendo. Hiroshi curvou-se várias vezes antes de se virar e subir as escadas. Sean deu de ombros e voltou à sua bancada. Tentou imaginar se o movimento que vira antes fora feito por Hiroshi, talvez através da pequena janela na porta que dava para a escada. Mas isso significaria que Hiroshi estivera ali o tempo todo, o que não fazia sentido.

Já que sua concentração fora interrompida, aproveitou para descer ao porão e procurar Roger Calvet. Assim que o encontrou, sentiu-se desconfortável conversando com o homem cuja deformidade nas costas o impedia de olhar para Sean enquanto falava. Mesmo assim, o sr. Calvet conseguiu isolar um grupo de camundongos adequados, de modo que Sean poderia começar injetando neles a glicoproteína, na esperança de provocar uma resposta de anticorpos. Sean não esperava sucesso com esse procedimento. Sem dúvida outras pessoas no Forbes Center já o haviam experimentado, mas ele sabia que deveria começar do início, antes de partir para um de seus "truques".

De volta ao elevador, Sean estava para apertar o botão do quinto andar quando mudou de ideia e apertou o seis. Ele mesmo não teria adivinhado, mas sentia-se isolado e até um pouco solitário. Trabalhar no Forbes era uma experiência claramente desconfortável, e não só por causa das pessoas inamistosas. Não havia bastante gente. O lugar era vazio demais, limpo demais, organizado demais. Sean tomara como uma coisa óbvia o ambiente acadêmico de seus trabalhos anteriores. Agora via-se precisando de um pouco de interação humana. Foi para o sexto andar.

A primeira pessoa que encontrou foi David Lowenstein. Era um sujeito magro e veemente, que estava curvado sobre sua bancada examinando tubos de cultura de tecidos. Sean foi até a sua esquerda e disse alô.

- Perdão? — disse David, levantando os olhos do trabalho.
- Como vão as coisas? — Sean reapresentou-se, para o caso de David ter-se esquecido dele desde a véspera.
- De acordo com o esperado.
- Em que está trabalhando? — perguntou Sean.
- Melanoma.
- Ah.

A conversa descambou a partir desse ponto, de modo que Sean foi saindo. Percebeu Hiroshi olhando-o, mas, depois do incidente na escada, decidiu evitá-lo. Em vez disso, foi até Arnold Harper, que estava trabalhando sob uma coifa. Sean imaginou que ele estivesse fazendo algum tipo de trabalho recombinante, com levedura. As tentativas de conversa com Arnold foram quase tão bem-sucedidas quanto tinham sido com David Lowenstein. A única coisa que Sean descobriu foi que Arnold trabalhava com câncer de cólon. Apesar de ser a fonte da glicoproteína com a qual Sean estava trabalhando, ele não pareceu nem um pouco interessado em discuti-la.

Sean andou um pouco e chegou à porta de vidro do laboratório de isolamento máximo, com seu letreiro dizendo "Entrada Proibida". Pondo as mãos em concha, como fizera no dia anterior, tentou de novo enxergar através. Como no outro dia, tudo que pôde ver foi um corredor com várias portas. Depois de olhar por sobre o ombro para certificar-se de que ninguém vigiava, empurrou a porta e entrou. A porta fechou-se atrás dele e lacrou-se. Essa parte do laboratório tinha uma pressão negativa, para que o ar não saísse quando a porta fosse aberta.

Por um momento Sean ficou perto da porta, sentindo o pulso se acelerar com a excitação. Era a mesma sensação que costumava ter na adolescência, quando ia com Jimmy e Brady para o norte, até comunidades ricas como Swampscott ou Marblehead, e assaltavam algumas casas. Eles nunca roubaram nada de valor real, somente televisores e coisas do tipo.

Nunca tiveram problema em vender as mercadorias em Boston. O dinheiro ia para um sujeito que supostamente o mandava para o IRA, mas Sean nunca soube quanto chegava à Irlanda.

Como ninguém apareceu para protestar contra sua presença na área proibida, ele prosseguiu. O lugar não tinha a aparência ou o ar de um laboratório de isolamento máximo. De fato, a primeira sala onde olhou estava vazia, a não ser pelas bancadas de laboratório. Não havia nenhum equipamento. Entrando na sala, Sean examinou a superfície das mesas. Já tinham sido usadas, mas não muito. Pôde ver algumas marcas onde haviam estado os pés de borracha de alguma máquina, mas esse era o único sinal de utilização.

Curvando-se, Sean abriu um armário e examinou. Havia algumas garrafas de reagentes pela metade e vidros sortidos, algum deles quebrados.

— Fique parado aí! — gritou uma voz, fazendo Sean girar e ficar em pé.

Era Robert Harris, junto à porta, mãos nos quadris, pés separados. Seu rosto carnudo estava vermelho. Gotas de suor brotavam na testa.

— Não sabe ler, Senhor Garotão de Harvard?

— Não acho que valha a pena se perturbar por causa de um laboratório vazio — disse Sean.

— Essa área é restrita — disse Harris.

— Não estamos no exército.

Harris avançou ameaçador. Com sua altura e seu peso, ele esperava intimidar Sean. Mas este não se moveu. Apenas tensionou os músculos. Com toda a sua experiência de rua, na adolescência, sabia instintivamente que iria bater, e bater forte, caso Harris ameaçasse tocá-lo. Mas tinha razoável certeza de que Harris não tentaria.

— Sem a menor dúvida, você é um espertalhão — disse Harris.

— Eu sabia que você seria um problema no momento em que lhe

pus os olhos em cima.

— Gozado! Eu senti a mesma coisa a seu respeito.

— Eu avisei para não aprontar comigo, garoto. — Harris moveu-se até ficar a centímetros do rosto de Sean.

— Você tem um bocado de cravos no nariz — disse Sean. — Caso não saiba.

Harris olhou furioso, de cima para baixo, para Sean. Por um momento não disse. Seu rosto ficou mais vermelho.

— Acho que está ficando exaltado demais — disse Sean.

— Que diabo você está fazendo aqui?

— Pura curiosidade. Disseram que era um laboratório de isolamento máximo. Eu queria ver.

— Quero você fora daqui em dois segundos. — Harris deu um passo atrás e apontou para a porta.

Sean andou até o corredor.

— Existem mais algumas salas que eu gostaria de olhar — disse.

— Que tal darmos uma volta juntos?

— Fora! — gritou Harris, apontando para a porta de vidro.



JANET TEVE UMA reunião no final da manhã com a diretora de enfermagem, Margaret Richmond. Tinha aproveitado o tempo, desde que Sean a acordara até o momento de sair, para tomar um longo banho de chuveiro, raspar as pernas, secar o cabelo e passar o vestido. Apesar de saber que seu trabalho no Forbes Hospital estava garantido, reuniões como aquela ainda a deixavam nervosa. E, além disso, continuava ansiosa com a possibilidade de Sean voltar a Boston. Sentia-se cheia de motivos para estar preocupada; não tinha ideia do que aconteceria nos próximos dias.

Margaret Richmond não era o que Janet previra. Sua voz ao telefone criara a imagem de uma mulher delicada, esguia. Em vez disso, era forte e severa. Mas foi gentil e profissional, e demonstrou a Janet um gosto sincero por ela ter vindo trabalhar no Forbes Hospital. Até deixou que escolhesse o turno. Janet ficou satisfeita em optar pelo dia.

Presumira que teria de começar trabalhando à noite, um turno do qual não gostava.

— Você indicou preferência pelo trabalho num andar — disse a sra. Richmond, enquanto consultava as anotações.

— Correto. Esse trabalho me dá o tipo de contato com pacientes que acho mais recompensador.

— Temos uma vaga para o turno do dia no quarto andar.

— Parece bom — disse Janet, animada.

— Quando você gostaria de começar?

— Amanhã. — Janet gostaria de mais alguns dias para ter chance de encontrar um apartamento e se acomodar, mas sentia urgência na investigação do protocolo de meduloblastoma. — Eu gostaria de usar o dia de hoje para encontrar um apartamento nas proximidades — acrescentou.

— Não acho que deva ficar por aqui — disse a sra. Richmond. Se eu fosse você, arranjava um lugar na praia. Fizeram um bom trabalho restaurando a área. Lá ou em Coconut Grove.

— Vou seguir seu conselho. — Presumindo que a reunião terminara, Janet levantou-se.

— Que tal um rápido passeio pelo hospital? — perguntou a sra. Richmond.

— Seria ótimo.

Primeiro a sra. Richmond levou Janet para conhecer Dan Selenburg, administrador do hospital. Mas ele não estava. Foram então até o primeiro andar, ver as instalações ambulatoriais, o auditório do hospital e a lanchonete.

No segundo andar Janet olhou a UTI, a área cirúrgica, o laboratório de análises clínicas, o departamento de radiologia e os prontuários médicos. Em seguida subiram ao quarto andar.

Janet estava impressionada com o hospital. Era alegre, moderno, e parecia ter pessoal adequado, o que era particularmente importante do ponto de vista de uma enfermeira. Ela já tivera suas apreensões com a oncologia e com o fato de que todos os pacientes seriam doentes de câncer, mas, com o ambiente até agradável e a variedade dos pacientes que viu, alguns velhos, alguns gravemente enfermos, outros aparentemente normais, decidiu que o Forbes era definitivamente um local onde poderia trabalhar. Em vários sentidos ele não era muito diferente do Boston Memorial, apenas mais novo e decorado de maneira mais agradável.

O quarto andar era arrumado com a mesma configuração dos outros onde ficavam os pacientes. Era um simples retângulo com quartos particulares ladeando um corredor central. O posto de enfermagem ficava no meio do andar, perto dos elevadores, e tinha a forma de um grande balcão em U. Atrás dele ficavam uma sala e uma pequena farmácia com uma porta dividida ao meio horizontalmente. Ao lado do posto de enfermagem havia uma sala de estar para os pacientes. Uma despensa para material de limpeza, com um tanque, ficava depois dos elevadores. Em cada extremo do longo corredor central havia escadas.

Assim que terminaram o passeio, a sra. Richmond levou Janet até Marjorie Singleton, a enfermeira-chefe do turno do dia. Janet gostou imediatamente de Marjorie. Era uma ruiva pequena com sardas no nariz.

Parecia estar num fluxo de atividade constante, e jamais sem um sorriso.

Janet também conheceu outros profissionais mas a quantidade de nomes a deixou atordoada. Afora a sra. Richmond e Marjorie, ela não achava que poderia lembrar-se de uma única pessoa que havia

conhecido, a não ser Tim Katzenburg, secretário da ala. Era um Adônis louro, mais parecendo um surfista do que ajudante de enfermaria num hospital. Falou a Janet que estava fazendo cursos preparatórios de medicina à noite, desde que descobrira a utilidade limitada de um diploma de filosofia.

— Estamos realmente felizes por tê-la aqui — disse Marjorie quando reencontrou Janet, depois de cuidar de uma pequena emergência. — A perda de Boston é o nosso lucro.

— Sinto-me feliz por estar aqui — disse Janet.

— Estamos com falta de pessoal desde a tragédia com Sheila Arnold — disse Marjorie.

— O que aconteceu?

— A coitadinha foi estuprada e morta no apartamento. E não ficava muito longe do hospital. Bem-vinda à cidade grande.

— Que coisa terrível! — disse Janet. Perguntou-se se não seria esse o motivo de a sra. Richmond a ter alertado contra a vizinhança.

— No momento estamos com alguns pacientes de Boston — disse Marjorie. — Gostaria de conhecê-los?

— Certamente.

Marjorie saiu andando. Janet teve praticamente de correr para manter o passo dela. Juntas entraram num quarto na ala oeste do hospital.

— Helen — chamou Marjorie baixinho assim que chegou junto à cama. — Você tem uma visita de Boston.

Olhos de um verde brilhante se abriram. A cor intensa contrastava dramaticamente com o rosto pálido da paciente.

— Temos uma nova enfermeira — disse Marjorie. Em seguida apresentou as duas mulheres.

O nome Helen Cabot registrou-se de imediato na mente de Janet. A despeito de um certo ciúme que sentira em Boston, ficou satisfeita por encontrar Helen no Forbes. Sua presença sem dúvida manteria Sean na Flórida.

Depois de Janet falar brevemente com Helen, as duas enfermeiras saíram da sala.

— Caso triste — disse Marjorie. — Uma menina tão doce! Está marcada uma biópsia para hoje. Espero que ela responda ao tratamento.

— Mas eu ouvi dizer que vocês obtém cem por cento de remissão com esse tipo de tumor — disse Janet. — Por que ela não responderia?

Marjorie parou e encarou Janet.

— Estou impressionada. Você não só sabe de nossos resultados com o meduloblastoma como fez um diagnóstico instantâneo e correto. Por acaso tem algum poder sobre o qual devemos ter conhecimento?

— De jeito nenhum — riu Janet. — Helen Cabot foi paciente do hospital onde eu trabalhava em Boston. Ouvi falar do seu caso dela.

— Isso me deixa mais à vontade — disse Marjorie. — Por um segundo pensei que estava testemunhando uma coisa sobrenatural — Começou a andar de novo. — Estou preocupada com Helen Cabot porque seus tumores estão muito avançados. Por que vocês a seguraram por tanto tempo? Ela deveria ter iniciado o tratamento há semanas.

— Isso é uma coisa que eu não sei — admitiu Janet.

O paciente seguinte era Louis Martin. Em contraste com Helen, Louis não parecia doente. Na verdade, ele estava sentado numa cadeira e totalmente vestido. Só chegara naquela manhã, e ainda estava no processo de internação. Apesar de não aparentar doença, ele mostrava muita ansiedade.

Marjorie novamente fez as apresentações, acrescentando que Louis tinha o mesmo problema que Helen, mas que graças a Deus fora mandado para eles muito mais depressa.

Janet cumprimentou o homem, observando que sua mão estava úmida.

Olhou nos seus olhos aterrorizados, desejando haver algo que pudesse dizer para confortá-lo. Também se sentiu um pouco culpada ao saber do problema de Louis. Ter em seu andar dois pacientes no protocolo de meduloblastoma iria lhe dar muito mais oportunidade de investigar o tratamento. Sem dúvida Sean ficaria satisfeito.

Enquanto Marjorie e Janet voltavam ao posto de enfermagem, Janet perguntou se os casos de meduloblastoma estavam todos no quarto andar.

— De jeito nenhum! Não agrupamos pacientes de acordo com O tipo de tumor. A localização deles é aleatória. Por acaso, no momento, estamos com três. Enquanto estávamos conversando, foi admitido um outro caso: uma jovem de Houston chamada Kathleen Sharenburg.

Janet escondeu sua empolgação.

— Há mais um paciente de Boston — disse Marjorie ao parar diante do quarto 409. — E ela é um doce, com um alto astral incrível. Tem sido fonte de força e apoio para todos os outros pacientes. Ela disse que vem de uma parte da cidade chamada North End.

Marjorie bateu na porta fechada. Um "Entre" pôde ser ouvido. Marjorie empurrou a porta e entrou. Janet seguiu-a.

— Gloria! — exclamou Marjorie. — Como está indo a químio?

— Adorável — zombou Gloria. — Acabo de começar com a parte intravenosa hoje.

— Trouxe uma pessoa para você conhecer. Uma nova enfermeira. Ela é de Boston.

Janet olhou para a mulher na cama. Parecia ter mais ou menos sua idade. Alguns anos antes, Janet ficaria chocada. Antes de trabalhar num hospital, ela tinha a ilusão de que o câncer era um mal de velhos.

Dolorosamente, descobrira que quase qualquer pessoa poderia ser alvo da doença.

Gloria era morena, com olhos castanho-escuros. No momento seu couro cabeludo estava coberto por uma penugem castanha. Apesar de ser uma mulher corpulenta, um dos lados de seu peito estava liso debaixo da camisola.

— Senhor Widdicomb! — disse Marjorie com irritada surpresa.
— O que está fazendo aqui? Com a atenção concentrada na paciente, Janet não percebera que havia outra pessoa no quarto. Virou-se para ver um homem de uniforme verde e o nariz meio torto.

— Não brigue com Tom — disse Gloria. — Ele só está tentando ajudar.

— Eu disse que queria o quarto 417 limpo — disse Marjorie ignorando Gloria. — Por que está aqui?

— Eu ia limpar o banheiro — disse Tom humildemente. Ele evitava o contato com o olhar, enquanto remexia o cabo do esfregão que se projetava do seu balde.

Janet ficou observando. Estava fascinada. A minúscula Marjorie se transformara de uma fada amável numa usina de força.

— O que fazemos com o novo paciente se o quarto não estiver pronto? Vá até lá imediatamente e arrume o quarto!

Marjorie apontou para a porta.

Depois de o homem sair, Marjorie balançou a cabeça.

— Tom Widdicomb é a ruína da minha existência aqui no Forbes.

— Ele é bem-intencionado — disse Gloria. — Tem sido um anjo para mim. Todos os dias vem ver como estou.

— Ele não faz parte da equipe médica. Deve primeiro fazer o seu trabalho.

Janet sorriu. Gostava de trabalhar em alas que eram bem dirigidas por alguém capaz de controlar as rédeas. Pelo que acabara de ver, achou que iria se dar bem com Marjorie Singleton.



PARTE DA ÁGUA com sabão espirrou do balde enquanto Tom corria pelo corredor e entrava no quarto 417. Solto o batente e deixou que a porta se fechasse. Encostou-se nela. Sua respiração transformou-se em arquejos sibilantes, um legado do terror que o atravessara ao ouvir a primeira batida na porta de Gloria. Estivera em vias de dar-lhe a succinilcolina. Se Marjorie e aquela enfermeira nova tivessem aparecido alguns minutos mais tarde, ele teria sido apanhado.

— Está tudo bem, Alice — Tom tranquilizou a mãe. — Não há nenhum problema. Não precisa se preocupar.

Tendo controlado o medo, agora Tom estava com raiva. Nunca gostara de Marjorie, desde o primeiro dia em que a vira. Aquela bondade borbulhante era somente hipocrisia. Era uma grande de uma intrometida.

Alice o alertara a respeito da mulher, mas ele não ouvira. Deveria ter feito alguma coisa, como fizera com aquela outra enfermeira abelhuda, Sheila Arnold, que começara a perguntar o que ele estava fazendo rondando um carro de anestesia. Só precisava conseguir o endereço de Marjorie, quando fosse limpar a sala da administração. Então iria mostrar quem mandava, de uma vez por todas.

Tendo-se acalmado com os pensamentos sobre como cuidaria de Marjorie, Tom afastou-se da porta e examinou o quarto. Ele não se importava com a parte do serviço relativa a limpezas, só com a liberdade que ele proporcionava. Preferiria um trabalho na ambulância, a não ser pelo fato de ter de lidar com os outros EMTs. Como faxineiro, não precisava lidar com ninguém, a não ser pelas raras brigas com gente do tipo de Marjorie. Além disso, como

faxineiro, podia ir a qualquer parte do hospital praticamente à hora que desejasse. O único problema é que de vez em quando precisava cuidar da limpeza. Mas na maioria do tempo ele podia se virar apenas fazendo suas coisas, já que ninguém o vigiava.

Se Tom fosse honesto consigo mesmo, teria de admitir que o trabalho do qual mais gostara foi o que fizera ao sair do ginásio. Consequira serviço com um veterinário. Tom gostava de animais. Depois de trabalhar lá algum tempo, o veterinário o designara encarregado de colocar os animais para dormir. Em geral eram animais velhos, doentes, que estavam sofrendo, e o trabalho dava muita satisfação a Tom. Podia recordar seu desapontamento quando Alice não compartilhou do entusiasmo.

Abrindo a porta, Tom olhou o corredor. Tinha de voltar à despensa para pegar seu carro de faxina, mas não queria encontrar Marjorie, temendo que ela brigasse com ele outra vez. Tom sentia medo de não conseguir se controlar. Em muitas ocasiões sentira vontade de bater nela, porque era disso que ela precisava. Mas tinha consciência de que não podia se dar a esse luxo, de jeito nenhum.

Tom sabia que teria problemas para ajudar Gloria, agora que fora visto em seu quarto. Precisaria ser mais cuidadoso do que o normal.

Também teria de esperar um dia, ou mais. Só teria de esperar que ela continuasse no soro. Não queria injetar a succilnicolina via intramuscular porque poderia torná-la detectável, caso ocorresse ao médico procurá-la através de um exame.

Esgueirando-se para fora do quarto, Tom seguiu pelo corredor. Ao passar pelo 409 olhou para dentro. Não viu Marjorie, o que era bom, mas viu a outra enfermeira, a nova.

Afrouxou os passos enquanto um novo medo o assaltava. E se a nova enfermeira que fora contratada para substituir Sheila tivesse sido, na verdade, contratada para descobri-lo? Talvez fosse uma espiã. Isso explicaria por que ela subitamente aparecera com Marjorie no quarto de Gloria.

Quanto mais Tom pensava a respeito disso, mais certeza tinha, especialmente porque a nova enfermeira continuava no quarto de Gloria.

Ela estava ali para apanhá-lo numa armadilha e acabar com sua cruzada contra o câncer de seio.

— Não se preocupe, Alice tranquilizou a mãe. Dessa vez vou escutar seus avisos.



HÁ SEMANAS ANNE Murphy não se sentia tão bem. Ficara deprimida durante vários dias depois de saber que Sean planejava Ir para Miami.

Para ela, a cidade era sinônimo de drogas e pecado. De algum modo, essa notícia não a surpreendeu. Sean fora um menino mau desde pequeno, e, como os homens em geral, certamente não mudaria, a despeito de seu surpreendente desempenho na escola e na faculdade. A princípio, quando ele disse em estudar medicina, ela sentiu um raio de esperança. Mas a esperança se desmoronara quando ele disse que não pretendia exercer a profissão. Como tantas outras conjunturas de sua vida, Anne reconheceu que teria de suportar e parar de pedir milagres.

Mesmo assim, continuava se perguntando por que Sean não se parecia com Brian ou com Charles. O que ela fizera de errado? Tinha de ser culpa sua. Talvez fosse porque não pudera amamentá-lo. Ou talvez porque não pudera impedir o marido de bater no menino durante algumas de suas fúrias alcoólicas.

Pelo menos seu filho mais novo, Charles, proporcionaria um ponto de luz nos dias subsequentes à partida de Sean. Charles telefonara do seminário em Nova Jersey com a gloriosa notícia de

que viria visitá-la na noite seguinte. Maravilhoso Charles! Suas orações salvariam a todos eles.

Ansiosa com a chegada do filho, Anne fora às compras naquela manhã. Planejou passar o dia preparando o jantar. Brian disse que tentaria aparecer, apesar de ter naquela noite uma reunião importante que poderia acabar tarde.

Abrindo a geladeira, Anne começou a guardar as compras, enquanto sua mente deleitava-se antecipadamente com os prazeres que teria à noite. Mas se conteve. Sabia que esses pensamentos eram perigosos. A vida era um fio muito fraco. A felicidade e o prazer eram convites para a tragédia. Por um instante torturou-se pensando em como se sentiria se Charles fosse morto no caminho para Boston.

A campainha da porta interrompeu suas preocupações. Anne apertou o interfone e perguntou quem era.

— Tanaka Yamaguchi — disse uma voz.

— O que o senhor quer? — perguntou ela. A campainha não tocava com frequência.

— Conversar sobre seu filho Sean.

A cor desapareceu do rosto de Anne. Instantaneamente, ralhou consigo mesma por ter tido pensamentos prazerosos. Sean estava outra vez metido em encrenca. E ela esperaria algo menos do que isso? Apertou o botão que abria o portão da rua e foi até a porta do apartamento, abrindo-a antecipadamente para o visitante inesperado. Já estava surpresa por alguém vir pessoalmente; ao ver que ele era oriental, ficou chocada. O fato de o nome ser oriental não se registrara em sua mente.

O estranho era mais ou menos da altura de Anne, mas atarracado e musculoso, com cabelos negros e curtos e pele bronzeada. Estava vestido num terno escuro e ligeiramente brilhante, com camisa branca e gravata escura. No braço, carregava um sobretudo Burberry com cinto.

— Desculpe incomodá-la — disse Tanaka. Tinha apenas um leve sotaque. Curvou-se e estendeu um cartão de visitas. O cartão tinha escrito simplesmente: Tanaka Yamaguchi, Consultor Industrial.

Com uma das mãos apertando a garganta e a outra agarrando o cartão, Anne não conseguia encontrar palavras.

— Preciso conversar com a senhora sobre seu filho Sean disse Tanaka.

Como se estivesse se recuperando de um soco, Anne encontrou sua voz.

— O que aconteceu? Ele está de novo com problemas?

— Não disse Tanaka. — Ele já teve problemas antes?

— Na adolescência. Era um menino muito cabeça-dura. Muito ativo.

— As crianças americanas podem ser problemáticas. No Japão as crianças aprendem a respeitar os mais velhos.

— Mas o pai de Sean podia ser difícil — disse Anne, surpresa com a admissão. Sentia-se aturdida e não tinha certeza se devia convidar o homem a entrar.

— Estou interessado nos negócios do seu filho. Sei que é um excelente estudante de Harvard, mas ele está envolvido com empresas de produtos biológicos?

— Ele e um grupo de amigos fundaram uma empresa chamada Immunotherapy — disse Anne, aliviada por a conversa estar se dirigindo para os momentos mais positivos do passado do filho.

— Ele ainda está envolvido com essa tal Immunotherapy?

— Ele não fala muito sobre isso comigo.

— Muito obrigado — Tanaka disse curvando-se outra vez. — Tenha um bom dia.

Anne ficou olhando enquanto o homem se virava e desaparecia descendo a escada. Estava quase tão surpresa pelo fim súbito da conversa quanto estivera com a visita. Deu um passo no corredor, a tempo de ouvir o portão da frente fechar-se dois andares abaixo.

Voltando ao apartamento, trancou a porta.

Demorou um instante para se recuperar. Fora um episódio estranho. Depois de olhar o cartão de Tanaka, colocou-o no bolso do avental. Em seguida voltou para continuar colocando a comida na geladeira. Pensou em Ligar para Brian, mas resolveu que poderia contar à noite sobre a visita do japonês. Desde que Brian viesse, claro. Decidiu que, se ele não viesse, ela ligaria.

Uma hora mais tarde, Anne estava absorvida fazendo um bolo quando a campainha da porta assustou-a de novo. A princípio preocupou-se, achando que o japonês teria voltado com mais perguntas.

Talvez devesse ter ligado para Brian. Com alguma agitação, apertou o botão do interfone e perguntou quem era.

— Sterling Rombauer — respondeu uma profunda voz masculina. — É Anne Murphy?

— Sim...

— Eu gostaria muito de conversar com a senhora sobre seu filho Sean Murphy.

Anne prendeu a respiração. Não podia acreditar que outro estranho estivesse ali para fazer perguntas sobre seu filho.

— O que tem ele? — perguntou.

— Eu preferia falar pessoalmente — disse Sterling.

— Vou descer.

Depois de lavar as mãos sujas de farinha, Anne começou a descer a escada. O homem estava de pé no hall, com um casaco de lã de camelo dobrado no braço. Como o japonês, usava terno e camisa branca. Sua gravata era de seda vermelha.

— Desculpe incomodá-la — disse Sterling através do vidro.

— Por que está perguntando pelo meu filho? — Fui mandado pelo Forbes Cancer Center, de Miami — explicou Sterling.

Reconhecendo o nome da instituição onde Sean estava trabalhando, Anne abriu a porta e olhou o estranho. Era um homem

atraente, de rosto largo e nariz reto. Seu cabelo era castanho-claro e ondulado. Anne pensou que poderia ser irlandês, não fosse o nome. Tinha mais de um metro e noventa de altura, com olhos tão azuis quanto os de seus filhos.

— Sean fez alguma coisa que eu deva saber? — perguntou.

— Não que eu saiba — disse Sterling. — A administração da clínica rotineiramente procura informações sobre as pessoas que trabalham lá. Segurança é uma questão importante para eles. Eu só gostaria de fazer algumas perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— Pelo que a senhora sabe, seu filho esteve envolvido com alguma empresa de biotecnologia?

— O senhor é a segunda pessoa a fazer essa pergunta em uma hora — disse Anne.

— É? Quem fez perguntas desse tipo, se é que posso perguntar?

Anne enfiou a mão no bolso do avental e pegou o cartão de Tanaka. Entregou-o a Sterling. Anne pôde ver que os olhos do homem se estreitavam. Ele devolveu-lhe o cartão.

— E o que a senhora disse ao senhor Yamaguchi?

— Disse que meu filho e alguns amigos fundaram uma empresa de biotecnologia. Deram a ela o nome de Immunotherapy.

— Obrigado, senhora Murphy. Agradeço por ter conversado comigo.

Anne observou o elegante estranho descer a escada diante da casa e subir no banco de trás de um carro preto. O chofer do veículo usava uniforme.

Mais perplexa do que nunca, Anne voltou a subir para o apartamento. Depois de alguma indecisão, pegou o telefone e Ligou para Brian. Depois de se desculpar por estar interrompendo seu trabalho, Contou sobre as duas curiosas visitas.

— Isso é estranho — disse Brian quando ela terminou.

— Será que devemos nos preocupar com Sean? Você conhece seu irmão.

— Vou ligar para ele. Enquanto isso, se mais alguém chegar fazendo perguntas, não fale nada. Mande que me procurem.

— Espero que eu não tenha dito nada de errado.

— Tenho certeza de que não — tranquilizou-a Brian.

— Vou ver você mais tarde?

— Ainda estou tentando resolver isso. Mas se eu não chegar até às oito, comam sem mim.



COM O MAPA DAS ruas de Miami aberto ao seu lado no banco, Janet conseguiu encontrar o caminho de volta até a residência Forbes. Ficou satisfeita ao ver o Isuzu de Sean no estacionamento. Esperava encontrá-lo em casa, já que trazia o que achava serem boas notícias.

Encontrara um apartamento mobiliado, arejado e agradável na Ponta sul de Miami Beach. Tinha até uma pequena vista do mar, pela janela do banheiro. Quando começara a procurar apartamento, ficou desencorajada, já que era a "alta temporada". O lugar que ela encontrara fora reservado com um ano de antecedência, mas as pessoas tinham cancelado inesperadamente. O cancelamento chegara Cinco minutos antes de Janet entrar no escritório da administradora de imóveis.

Pegando a bolsa e a cópia do contrato de aluguel, Janet Subiu para o seu apartamento. Levou alguns minutos lavando o rosto e colocando shorts e uma miniblusa. Depois, com o contrato na mão, foi pela varanda até a porta de Sean. Encontrou-o largado no sofá, com expressão carrancuda.

— Boas notícias! — disse Janet alegre, e deixou-se cair na poltrona diante dele. — Isso bem que me serviria.

— Arranjei um apartamento — anunciou e brandiu o contrato. — Não é fabuloso, mas fica a um quarteirão da praia, e o melhor é que fica a um pulo da via expressa que vai para o Forbes.

— Janet, eu não sei se posso ficar aqui. — A voz de Sean soou deprimida.

— O que aconteceu? — perguntou Janet, sentindo um arrepio de ansiedade.

— O Forbes é uma idiotice. A atmosfera é uma droga. Só para começar, há um japonês esquisito que eu poderia jurar que está me vigiando. Cada vez que eu me viro, lá está ele.

— E o que mais? Janet queria ouvir todas as objeções de Sean, de modo a poder imaginar um meio de enfrentá-las. Ter acabado de assinar um contrato de aluguel por dois meses tornava muito mais forte seu compromisso de permanecer em Miami.

— Há alguma coisa basicamente errada com aquele lugar. As pessoas são amigáveis ou inamistosas. É tudo branco ou preto. Não é natural. Além disso, estou trabalhando sozinho naquela enorme sala vazia. É loucura.

— Você sempre reclamou da falta de espaço.

— Lembre-me de nunca mais reclamar de novo. Eu nunca imaginei, mas preciso de pessoas ao redor. E outra coisa: eles têm um laboratório secreto de isolamento máximo, que supostamente tem acesso proibido. Eu ignorei o letreiro e entrei. Sabe o que encontrei? Nada. O lugar estava vazio. Bem, eu não entrei em todas as salas. Na verdade, não tinha ido muito longe quando aquele fuzileiro frustrado que comanda o departamento de segurança entrou feito um furacão e me ameaçou.

— Ameaçou fazer o quê? — Quebrar minha cara. Ele chegou bem perto e me deu um olhar feroz. Por um tantinho assim não lhe dei

um chute no saco. Sean mostrou o polegar e o indicador separados por um centímetro.

— E o que aconteceu? — Nada. Ele se afastou e disse para eu sair. Mas estava abalado, mandando eu sair de uma sala vazia como se eu tivesse feito alguma coisa realmente errada. Parecia coisa de louco.

— Mas você não viu as outras salas — disse Janet. — Talvez eles estivessem rearrumando a sala onde você entrou.

— Pode ser — admitiu Sean. — Existe um monte de explicações possíveis. Mas mesmo assim é esquisito, e, quando você soma a isso todas as outras esquisitices, tudo fica parecendo uma loucura só.

— E o trabalho que eles querem que você faça? — Isso está bem. Na verdade, não sei por que eles tiveram tanto problema. O dr. Mason, o diretor, apareceu durante a tarde, e eu mostrei o que estava fazendo. Eu já tinha conseguido alguns cristais minúsculos.

Contei a ele que provavelmente poderia conseguir alguns cristais decentes em cerca de uma semana. Ele pareceu satisfeito, mas depois que ele saiu fiquei pensando, e não estou doido para ajudar a fazer dinheiro para uma companhia japonesa. E é exatamente isso que estarei fazendo se conseguir cristais que eles possam defratar.

— Mas não é só isso que você vai estar fazendo. — O que você quer dizer? — Também vai estar investigando o protocolo de meduloblastoma.

Amanhã começo a trabalhar no quarto andar. E adivinhe quem está lá? — Helen Cabot? — Sean colocou os pés no chão e saltou de pé.

— Adivinhou. E mais outro paciente de Boston. Um tal de Louis Martin.

— Ele tem o mesmo diagnóstico? — Tem. Meduloblastoma.

— Isso é espantoso! — observou Sean. — E eles certamente o trouxeram para cá bem depressa! Janet assentiu.

— O pessoal do Forbes ficou um pouco perturbado por HeLen ter sido mantida em Boston por tanto tempo. A enfermeira-chefe

está preocupada com ela.

— Houve muita discussão sobre fazer ou não uma biópsia, e sobre qual tumor deveria ser biopsiado — explicou Sean.

— E há outra jovem que foi admitida enquanto eu estava lá.

— Meduloblastoma também? — É. De modo que no meu andar há três pacientes que estão começando o tratamento. Eu diria que é bem conveniente.

— Vou precisar de cópias do prontuário deles — disse Sean. — Vou precisar de amostras dos remédios assim que começarem o tratamento, a não ser, claro, que os remédios estejam com nomes. Mas não vai ser o caso. Eles não vão usar químico nessas pessoas; pelo menos não exclusivamente químico. Os remédios provavelmente estarão codificados. E vou precisar da dieta de cada paciente.

— Vou fazer todo o possível. Não deve ser difícil com os pacientes do meu andar. Talvez eu possa até arranjar para cuidar pessoalmente de pelo menos um deles. Também localizei uma máquina copiadora. Fica na seção de registros médicos.

— Tenha cuidado lá — alertou Sean. — A mãe da mulher das relações públicas é uma das bibliotecárias.

— Vou ter cuidado. — Janet olhou Sean cautelosamente antes de prosseguir. Estava aprendendo que era um equívoco levá-lo a conclusões antes de ele estar pronto para elas. Mas precisava saber.

— Então isso significa que você ainda está no jogo? Vai ficar? Mesmo que signifique fazer algum trabalho com a proteína, mesmo sendo para os japoneses? Sean inclinou-se para a frente com a cabeça baixa, cotovelos apoiados nos joelhos, e esfregou a nuca.

— Não sei. Toda essa situação é absurda. Que modo de fazer ciência! — Olhou para Janet. — Fico imaginando se alguém em Washington tinha alguma ideia do que a limitação de verbas causaria a nossos estabelecimentos de pesquisa. Isso está acontecendo exatamente quando o país precisa mais do que nunca das pesquisas.

- Mais razão para tentarmos fazer alguma coisa.
- Você está falando sério? — Completamente.
- Você sabe que teremos de ser habilidosos.
- Sei.
- E, depois de começarmos, não haverá recuo.

Janet começou a responder, mas a campainha do telefone sobre a mesa os sobressaltou.

- Quem pode ser? — Sean deixou o telefone tocar.
- Não vai atender?
- Estou pensando.

O que Sean não disse é que temia que fosse Sarah Mason. Ela tinha ligado naquela tarde, e, apesar de ter experimentado a tentação de provocar Harris, Sean não queria qualquer associação com aquela mulher.

— Acho que você deveria atender — insistiu Janet. — Atenda você.

Janet saltou de pé e agarrou o fone. Sean observou sua expressão enquanto ela perguntava quem era. Ela não mostrou uma reação forte enquanto estendia o fone.

— É seu irmão.

— Que diabo...? — murmurou Sean enquanto se erguia do sofá. Não era feitiço de seu irmão telefonar. Eles não tinham esse tipo de relacionamento, e haviam se encontrado na sexta à noite.

Sean pegou o fone.

- O que há de errado? — perguntou.
- Eu ia fazer a mesma pergunta — disse Brian.
- Quer uma resposta honesta ou o lugar-comum?
- Acho melhor você me dizer a verdade.

— O lugar é esquisito — disse Sean. — Não tenho certeza se quero ficar. Pode ser uma completa perda de tempo. — Sean olhou para Janet, que revirou os olhos exasperada.

— Aqui também está acontecendo uma coisa esquisita — disse Brian.

Contou então a Sean sobre os dois homens que visitaram sua mãe, perguntando sobre a Immunotherapy.

— A Immunotherapy é passado — disse Sean. O que a mãe disse?

— Não muito. Pelo menos segundo ela. Mas ficou um pouco atrapalhada. Só disse que você e alguns amigos fundaram a empresa.

— Ela não disse que a gente vendeu?

— Evidentemente não.

— E com relação à Oncogen?

— Disse que não mencionou porque nós falamos para ela não comentar com ninguém.

— Bom para ela.

— Por que essas pessoas viriam conversar com a mãe? — perguntou Brian. — O tal Rombauer disse a ela que representava o Forbes Cancer Center. Falou que investigam rotineiramente os empregados por questão de segurança. Você fez alguma coisa sugerindo que é um risco à segurança?

— Droga, eu só estou aqui há pouco mais de vinte e quatro horas!

— Você e eu conhecemos sua tendência a provocar discórdia. Sua provocação é capaz de acabar com a paciência de Jó.

— Minha provocação não é nada comparada ao seu papo furado, irmão — zombou Sean. — Puxa, você transformou esse papo numa instituição, ao virar advogado.

— Como estou de bom humor, vou deixar isso passar. Mas, sério, o que você acha que está acontecendo?

— Não tenho a menor ideia. Talvez seja como o sujeito disse: rotina.

— Mas os caras pareciam não se conhecer. Isso não me parece rotina. E o primeiro deixou o cartão. Está aqui. Tanaka Yamaguchi, Consultor Industrial.

— Consultor industrial pode significar qualquer coisa — disse Sean. — Fico pensando se o envolvimento dele tem alguma coisa a ver com o fato de um gigante japonês da eletrônica, chamado Sushita Industries, ter investido pesado no Forbes. Eles estão obviamente procurando patentes lucrativas.

— Por que eles não podem ficar com as máquinas fotográficas os aparelhos eletrônicos e carros? — disse Brian. — Já estão ferrando a economia mundial.

— São muito espertos para isso. Estão pensando a longo prazo. Mas não consigo imaginar por que eles se interessariam por minha associação com a bosta de mosquito da Immunotherapy.

— Bom, pensei que você devia saber — disse Brian. — Conhecendo-o como conheço, ainda é meio difícil para mim achar que você não está agitando as coisas aí.

— Você fere meus sentimentos falando assim.

— Faço contato assim que o Franklin Bank resolver as coisas para a Oncogen. Tente ficar fora de confusões.

— Quem, eu? — perguntou Sean inocentemente.

Sean pousou o fone no gancho assim que Brian se despediu.

— Mudou de ideia outra vez? — perguntou Janet com frustração óbvia.

— Do que está falando?

— Você disse ao seu irmão que não tem certeza se quer ficar. Eu achava que tínhamos decidido ir em frente.

— Tínhamos — disse Sean. — Mas eu não queria contar o plano a Brian. Ele morreria de preocupação. Além disso, ele contaria a minha mãe, e quem sabe o que aconteceria depois!



— FOI MUITO BOM mesmo — disse Sterling à massagista. Era uma finlandesa bonita e saudável, vestida no que poderia passar por um uniforme de jogar tênis. Ele deu-lhe mais cinco dólares de gorjeta; ao combinar a massagem através do recepcionista do Ritz, já incluía uma gorjeta boa no preço cobrado em sua conta, mas percebera que ela ultrapassara o tempo estipulado.

Enquanto a massagista dobrava sua mesa e juntava seus óleos, Sterling vestiu um grosso robe branco e tirou a toalha que estava amarrada na cintura. Sentando-se na cadeira junto à janela, apoiou os pés no divã e encheu uma taça com o champanhe obrigatório. Sterling era um hóspede regular do Ritz Carlton de Boston.

A massagista deu um adeus da porta, e Sterling agradeceu de novo. Decidiu que da próxima vez iria chamá-la pelo nome. Uma boa massagem era um dos gastos que os clientes de Sterling tinham aprendido a esperar. De vez em quando reclamavam, mas Sterling apenas dizia que eles poderiam aceitar os seus termos ou contratar outra pessoa.

Invariavelmente concordavam, porque ele era extremamente eficaz no serviço que realizava: espionagem industrial.

Havia outras descrições mais inócuas para o trabalho de Sterling, como conselheiro comercial ou consultor de negócios, mas Sterling preferia a honestidade da espionagem industrial, ainda que, em nome do decoro, não a colocasse no cartão de visitas. O cartão dizia apenas: Consultor. Não "consultor industrial", como o que vira naquele mesmo dia. Ele achava que a palavra "industrial" sugeria uma limitação relativa às indústrias. Sterling se interessava por todo tipo de negócios.

Tomou um gole da bebida e olhou pela janela, para a vista soberba. Como sempre, seu quarto ficava num andar alto dando para o belíssimo Boston Garden. Enquanto a luz do sol desaparecia, as lâmpadas do parque haviam se acendido junto aos caminhos serpeantes, iluminando o laguinho com sua miniatura de ponte Suspensa. Apesar de ser início de março, a frente fria recente congelara o lago. Patinadores pontilhavam a superfície espelhada, entretecendo arcos sem qualquer esforço.

Erguendo os olhos, Sterling podia ver o brilho esmaecido na cúpula dourada da Assembleia Legislativa de Massachusetts. Lamentou o fato de a assembleia ter sistematicamente destruído sua própria base de impostos aprovando leis de visão curta, anticomerciais. Infelizmente Sterling perdera uma quantidade de bons clientes que se viram forçados a correr com as empresas para um estado mais generoso ou a abandonar totalmente os negócios. Mesmo assim, Sterling gostava de suas viagens a Boston. Era uma cidade muito civilizada.

Sterling pegou o telefone na beirada da mesa. Queria terminar o trabalho do dia antes de fruir o jantar. Não que achasse o trabalho um fardo. Ao contrário, Sterling adorava sua profissão atual, sobretudo considerando que praticamente não precisava trabalhar. Era formado em engenharia de computadores pela Universidade de Stamford, trabalhara para a Big Blue durante vários anos e depois fundara sua própria e bem-sucedida empresa de chips de computador, tudo isso antes dos trinta anos. Por volta dos trinta e cinco, já estava cansado de uma vida insatisfatória, de um mau casamento e da rotina imbecilizante de diretor de empresa. Primeiro se divorciou, depois transformou sua companhia numa empresa de capital aberto e fez uma fortuna. Aos quarenta anos, poderia ter comprado uma parte considerável do estado da Califórnia, caso desejasse.

Durante quase um ano ele aproveitou a adolescência que, de algum modo, sentia haver perdido. Terminou por ficar extremamente entediado com lugares como Aspen. Foi quando um amigo empresário perguntou-lhe se poderia cuidar de um assunto particular para ele. Daquele momento em diante, Sterling lançou-se numa nova carreira estimulante, que jamais caía na rotina, raramente era monótona, e que utilizava sua formação de engenheiro, sua experiência empresarial, sua imaginação e sua percepção intuitiva do comportamento humano.

Sterling ligou para a casa de Randolph Mason. O dr. Mason atendeu na linha particular, em seu gabinete.

— Não tenho certeza se você ficará feliz com o que descobri — disse Sterling.

— Quanto antes eu ficar sabendo, melhor.

— Esse jovem Sean Murphy é um camarada impressionante.

Fundou sua própria empresa de biotecnologia, chamada Immunotherapy enquanto ainda estudava no MIT. A empresa produziu lucros praticamente desde o primeiro dia, comercializando kits de diagnóstico.

— E como ela está, agora?

— Maravilhosamente — disse Sterling. — É uma empresa vencedora. Saiu-se tão bem que a Genentech a comprou há um ano.

— Mesmo?! — Um raio de sol penetrou na imagem que se formara na mente do dr. Mason. — E onde isso deixa Sean Murphy?

— Ele e seus jovens amigos tiveram um lucro notável.

Considerando seu investimento inicial, foi um negócio extremamente lucrativo.

— Então Sean não está mais envolvido com ela?

— Está completamente de fora — disse Sterling. — Isso ajuda?

— Eu diria que sim. Eu poderia usar a experiência do garoto com os monoclonais, mas não se ele estivesse ligado a alguma empresa. Seria muito arriscado.

— Mesmo assim ele pode vender a informação para outra pessoa. Ou poderia estar aí a mando de alguém.

— Você poderia descobrir isso?

— É bem provável. Quer que eu continue?

— Claro! Eu quero aproveitar o garoto, mas não se ele for algum tipo de espião industrial.

— Fiquei sabendo de outra coisa — disse Sterling enquanto colocava mais champanhe em sua taça. — Outra pessoa, além de mim, esteve investigando Sean Murphy. Seu nome é Tanaka Yamaguchi.

O dr. Mason sentiu o tortellini em seu estômago virar de cabeça para baixo.

— Já ouviu falar desse sujeito? — perguntou Sterling.

— Não — disse o dr. Mason. Não tinha ouvido falar, mas, com um nome daquele, as implicações eram óbvias.

— Minha suposição é que ele está trabalhando para a Sushita — disse Sterling. — E sei que ele tem conhecimento do envolvimento de Sean Murphy com a Immunotherapy. Sei porque a mãe de Sean contou a ele.

— Ele foi procurar a mãe de Sean? — perguntou o dr. Mason, alarmado.

— Assim como eu.

— Mas então Sean vai saber que está sendo investigado — disse o dr. Mason com veemência.

— Não há nada de errado nisso — disse Sterling. — Se Sean for um espião industrial, isso vai fazê-lo dar uma pausa. Se não for, será apenas uma questão de curiosidade ou, na pior das hipóteses, vai gerar uma pequena irritação. Você não deve se preocupar com a reação de Sean. Deve se preocupar com Tanaka Yamaguchi.

— O que você quer dizer?

— Eu nunca me encontrei com Tanaka — disse Sterling. — Mas ouvi falar muito dele, já que somos uma espécie de concorrentes. Ele

veio há muitos anos para os Estados Unidos, cursar a universidade. É o filho mais velho de uma rica família de industriais, do ramo de maquinaria pesada, acho. O problema é que, para o padrão de honra da família, ele se adaptou fácil demais ao "degenerado" modo de vida americano. Ele se americanizou rapidamente e tornou-se muito individualista para o gosto japonês. A família decidiu que não o queria em casa e patrocinou-lhe uma vida de luxo. Uma espécie de exílio, mas ele foi esperto, aumentando seus rendimentos fazendo o que eu faço, somente para firmas japonesas que operam nos Estados Unidos. Mas é uma espécie de agente duplo, frequentemente representando a Yakuza e ao mesmo tempo uma empresa legítima. É inteligente, implacável e eficaz. O fato de estar envolvido significa que seus amigos da Sushita estão levando a coisa a sério.

— Você acha que ele esteve envolvido com nossos dois pesquisadores que desapareceram, e que você descobriu trabalhando felizes para a Sushita no Japão?

— Não me surpreenderia nada — disse Sterling.

— Não posso permitir que esse estudante de Harvard desapareça. Seria o tipo de evento que, aparecendo na mídia, poderia destruir o Forbes.

— Não creio que isso seja uma preocupação por enquanto. Minhas fontes dizem que Tanaka ainda está em Boston. Como ele tem acesso às mesmas informações que eu, deve estar pensando que Sean está envolvido em outra coisa.

— Como o quê? — perguntou o dr. Mason.

— Não tenho certeza. Não pude localizar todo o dinheiro que esses garotos conseguiram quando venderam a Immunotherapy. Nem se pode dizer que Sean ou seus amigos tenham dinheiro, e nenhum deles se permitiu comprar carros ou outras coisas caras. Acho que estão para fazer alguma coisa, e creio que Tanaka também pensa assim.

— Meu Deus! Não sei o que fazer. Talvez deva mandar o garoto para casa.

— Se você acha que Sean pode ajudá-lo com o trabalho do qual me falou, segure-o. Acho que tenho tudo sob controle. Fiz investigações com numerosos contatos, e, devido à indústria local de computadores sou bem relacionado. Você só precisa me dizer para permanecer no caso e continuar pagando as contas.

— Vá em frente — disse o dr. Mason. — E mantenha-me informado.

5

4 de março
Quinta-feira, 6h30 da manhã

Ainda cedo Janet estava de pé, vestida em seu uniforme branco e fora do apartamento, já que seu turno ia das sete às três. Naquela hora da manhã havia pouco tráfego na I-95, especialmente em direção ao norte.

Ela e Sean haviam conversado sobre ir juntos, mas no final decidiram que seria melhor cada um ir no seu próprio carro.

Naquela manhã Janet sentiu-se um tanto constrangida ao entrar no Forbes Hospital. Sua ansiedade ia além do nervosismo usual associado ao início de um novo trabalho. Era a perspectiva de quebrar as regras que a deixava tensa. Já sentia uma certa culpa; era uma culpa intencional.

Chegou ao quarto andar antes da hora. Pegou um copo de café e começou a se familiarizar com a localização dos prontuários, a farmácia e a despensa: áreas com as quais teria de estar familiarizada para realizar seu trabalho como enfermeira do andar. Quando se sentou para a reunião do pessoal do turno da noite, que estava saindo, com o pessoal do turno do dia, sentia-se significativamente mais calma do que no momento em que chegara. A presença alegre de Marjorie sem dúvida ajudava a colocá-la à vontade.

A reunião foi rotineira, a não ser pelo estado geral de Helen Cabot, que se deteriorava. A pobre mulher tivera vários espasmos durante a noite, e os médicos disseram que sua pressão intracraniana estava subindo.

— Será que eles acham que o problema tem relação com a biópsia de ontem, feita com o tomógrafo computadorizado? — perguntou Marjorie.

— Não — disse Juanita Montgomery, supervisora do turno da noite — O dr. Mason estava presente às três da madrugada, quando ela teve outro espasmo, e disse que o problema provavelmente estava relacionado ao tratamento.

— Ela já começou o tratamento? — perguntou Janet.

— Sem dúvida — disse Juanita. — Começou terça, na noite em que ela chegou.

— Mas ela só fez a biópsia ontem — disse Janet.

— Isso foi para o aspecto celular do tratamento — interferiu Marjorie. — Hoje será feita uma férese, para colher linfócitos T, que serão cultivados e sensibilizados para o seu tumor. Mas o aspecto humoral do tratamento foi iniciado imediatamente.

— Usaram manitol para baixar a pressão intracraniana — acrescentou Juanita. Pareceu funcionar. Ela não teve mais espasmos. Eles querem evitar esteroides e derivação, se possível. De qualquer modo, ela precisa ser cuidadosamente monitorada, sobretudo com a férese.

Assim que terminou a reunião e que o esgotado pessoal do turno da noite saiu, o trabalho do dia começou de fato. Janet viu-se extremamente ocupada. Havia muitos pacientes no andar, representando uma ampla gama de cânceres, e cada um num protocolo de tratamento individual. O que mais partiu o coração de Janet foi um anjélico menino de nove anos, que esperava um transplante que repovoasse sua medula com células geradoras de sangue. Ele recebera uma forte dose de quimioterapia e radiação,

para varrer inteiramente a medula atacada de leucemia. No momento estava completamente vulnerável a qualquer micro-organismo, mesmo os que normalmente não eram patogênicos para os seres humanos.

No meio da manhã Janet teve afinal chance de respirar. A maioria das enfermeiras fazia a pausa para o café na sala junto ao posto de enfermagem, onde podiam levantar os pés cansados. Janet decidiu aproveitar o tempo e pedir a Tim Katzenburg que mostrasse como acessar o computador do Forbes. Cada paciente tinha um prontuário tradicional e um arquivo de computador. Janet não se intimidava com computadores, já que estudara informática na faculdade. Mas mesmo assim ajudava ter alguém familiarizado com o sistema do Forbes, para começar.

Quando Tim se distraiu um instante com um telefonema do laboratório, Janet chamou o arquivo de Helen Cabot. Como Helen estava ali há menos de quarenta e oito horas, o arquivo não era grande. Havia um gráfico de computador mostrando qual dos três tumores havia sido biopsiado, e o local da trepanação do crânio, logo acima do ouvido direito. O espécime biopsiado era superficialmente descrito como firme, branco, e de tamanho adequado. Dizia que fora imediatamente colocado em gelo e mandado para o departamento de diagnóstico básico. Na seção de tratamento dizia que ela começara com MB300C e MB303C a uma dosagem de 100mg/kg de peso corporal/dia, administrado a 0,05ml/kg/minuto.

Janet olhou para Tim, que continuava ocupado ao telefone. Num pedaço de papel, escreveu as informações sobre o tratamento. Também escreveu o designador alfanumérico, T-9872, que era listado como diagnóstico, junto do termo descritivo: meduloblastoma, múltiplo.

Usando o designador de diagnóstico, Janet chamou em seguida o nome dos pacientes com meduloblastoma que estavam atualmente no hospital. Havia um total de cinco, incluindo os três do quarto

andar. Os outros dois eram Margaret Demars, no terceiro andar, e Luke Kinsman, de oito anos, na ala pediátrica no quinto andar. Janet escreveu os nomes.

— Algum problema? — perguntou Tim por sobre o ombro de Janet.

— Nenhum. — Rapidamente Janet limpou a tela, de modo que Tim não visse o que ela estava fazendo. Não poderia levantar suspeitas logo no primeiro dia.

— Preciso dar entrada nesses valores que o laboratório mandou — disse Tim. — Só vai levar um segundo.

Enquanto Tim estava absorvido com o terminal do computador Janet examinou a estante de prontuários, procurando o de Cabot, Martin ou Sharenburg. Para sua contrariedade, nenhum deles estava lá.

Marjorie entrou rapidamente no posto, para pegar alguns narcóticos no compartimento de farmácia.

— Você deveria estar na folga para o café — disse a Janet.

— E estou — disse Janet, segurando o copo de plástico. Fez uma anotação mental para trazer uma xícara para o trabalho. Cada um tinha a sua.

— Já estou impressionada com você — caçoou Marjorie de dentro da farmácia. — Não precisa trabalhar durante a folga. Dê uma parada, garota, e descanse os pés.

Janet sorriu e disse que daria esse tipo de parada depois que estivesse aclimatada com a rotina. Quanto Tim acabou com o terminal, Janet perguntou sobre os prontuários que estavam faltando.

— Estão todos no segundo andar. Cabot está sendo submetida a uma férese, e Martin e Sharenburg estão sendo biopsiados. Naturalmente os prontuários estão com o pessoal encarregado.

— Naturalmente — repetiu Janet.

Parecia falta de sorte nenhum dos prontuários estar lá exatamente quando ela tinha chance de dar uma olhada neles. Começou a suspeitar que a espionagem clínica com a qual se comprometera poderia não ser tão fácil quanto pensara ao sugerir o plano a Sean.

Desistindo dos gráficos por um momento, Janet esperou que outra enfermeira do turno, Dolores Hodges, saísse do compartimento da farmácia. Assim que Dolores chegou ao corredor, Janet certificou-se de que ninguém estava vigiando, antes de entrar no cubículo. Cada paciente tinha um escaninho específico, que continha os medicamentos prescritos.

Os remédios vinham da farmácia central que ficava no primeiro andar.

Encontrando o escaninho de Helen, Janet examinou rapidamente a quantidade de vidrinhos, garrafas e tubos que continham a medicação antiespasmódica, os tranquilizantes, os antieméticos e analgésicos não-narcóticos. Não havia nenhum frasco rotulado MB300C ou MB303c.

Supondo que esses medicamentos poderiam estar guardados em segurança junto com os narcóticos, Janet checou o armário de narcóticos, mas também não estavam lá.

Em seguida localizou o escaninho de Louis Martin. Ficava na parte de baixo, perto do chão. Janet precisou se agachar para examiná-lo, mas primeiro teve de fechar a parte de baixo da porta, para dar espaço. Exatamente como no escaninho de Helen, Janet não encontrou frascos com códigos especiais MB no rótulo.

— Meu Deus, você me assustou! exclamou Dolores. Ela voltara apressada e praticamente tropeçou em Janet, que estava curvada diante do escaninho de Louis Martin. Desculpe disse Dolores. — Não pensei que houvesse alguém aqui.

— A culpa foi minha — disse Janet, sentindo-se corar. Ficou instantaneamente com medo de ter-se traído, e de que Dolores se

perguntasse o que ela estava querendo fazer. Mas Dolores não mostrou qualquer sinal de suspeita. Em vez disso, assim que Janet saiu do caminho, foi pegar o que precisava. Num instante tinha ido embora.

Janet saiu do cubículo da farmácia visivelmente trêmula. Esse era apenas o seu primeiro dia, e, apesar de nada terrível ter acontecido, ela não tinha certeza de ter nervos para o comportamento furtivo que a espionagem exigia.

Ao chegar ao quarto de Helen Cabot, Janet parou. A porta estava sendo mantida aberta por uma cunha de borracha. Janet entrou e olhou ao redor. Não esperava encontrar nenhum medicamento ali, mas quis verificar assim mesmo. Como esperava, não havia nada.

Tendo recuperado a compostura, dirigiu-se de novo ao posto de enfermagem, passando no caminho pelo quarto de Gloria D'Amataglio.

Parando um instante, Janet enfiou a cabeça através da porta aberta.

Gloria estava sentada em sua poltrona, segurando uma bandeja de aço inoxidável. O soro ainda estava sendo aplicado.

Quando tinham conversado no dia anterior, Janet ficara sabendo que, como ela, Gloria estudara no Wellesley College. Janet frequentara uma turma um ano na frente. Depois de pensar durante a noite, decidira perguntar a Gloria se ela conhecera uma amiga que estudara na sua turma.

Chamando a atenção de Gloria, Janet fez a pergunta.

— Você conheceu Laura Lowell! — disse Gloria com entusiasmo forçado. — Espantoso! Ela era uma grande amiga. Eu adorava os pais dela.

— Era dolorosamente óbvio para Janet que Gloria estava se esforçando para ser sociável. Sua quimioterapia sem dúvida a deixava nauseada.

— Pensei que talvez você a conhecesse — disse Janet. — Todo mundo conhecia Laura.

Janet estava em vias de se desculpar e permitir que Gloria descansasse quando ouviu um barulho. Virou-se e viu o faxineiro aparecer junto à porta, e em seguida desaparecer imediatamente. Sentindo que sua presença interromperia a programação dele, Janet disse a Gloria que voltaria mais tarde, e foi até o corredor dizer ao faxineiro que o quarto estava livre. Mas o homem desaparecera. Ela olhou OS dois lados do corredor. Até checou uns dois quartos adjacentes. Era como se ele simplesmente tivesse desaparecido no ar.

Janet voltou ao posto de enfermagem. Percebendo que ainda tinha um tempinho, pegou o elevador para o segundo andar, na esperança de ver algum dos prontuários que estavam faltando. Helen Cabot ainda estava na férese, e continuaria durante algum tempo. Seu prontuário não estava disponível. Kathleen Sharenburg se encontrava no momento passando pela biópsia, e seu prontuário estava na sala de radiologia. Com Louis Martin, Janet teve sorte. Sua biópsia estava programada para depois da de Kathleen Sharenburg. Janet descobriu-o numa maca no corredor. Estava sedado e dormia a sono solto. Seu prontuário estava enfiado sob a almofada da maca.

Depois de checar com um técnico e descobrir que Louis não seria biopsiado pelo menos dentro de uma hora, Janet arriscou-se a pegar o prontuário. Andando rapidamente como se estivesse saindo do local de um crime com a prova nas mãos, levou o prontuário para a seção de registros médicos. Era tudo que podia fazer para não sair correndo à toda. Janet admitiu a si mesma que era a pior pessoa do mundo para se envolver nesse tipo de coisa. A ansiedade que sentira no cubículo da farmácia voltou num relâmpago.

— Claro que você pode usar a máquina copiadora disse uma das bibliotecárias. — Ela está aqui para isso. Basta indicar enfermagem, na caderneta.

Janet imaginou se aquela bibliotecária seria a mãe da mulher do departamento de relações públicas, que estivera no apartamento de Sean na noite em que ela chegara. Precisava ter cuidado. Enquanto ia até a máquina, olhou por sobre o ombro. A mulher voltara à tarefa que realizava quando Janet entrou, não prestando nenhuma atenção a ela.

Rapidamente Janet copiou todo o prontuário de Louis. Havia mais páginas do que ela esperava, particularmente porque ele só estava hospitalizado há um dia. Olhando algumas delas, Janet viu que a maioria consistia em material de referência vindo do Boston Memorial.

Ao finalmente terminar, Janet correu com o prontuário de volta para a maca. Sentiu-se aliviada ao ver que Louis não fora removido.

Enfiou o prontuário debaixo da almofada, posicionando-o exatamente como o encontrara. Louis nem estremeceu.

Voltando ao quarto andar, Janet entrou em pânico. Não tinha pensado no que fazer com a cópia do prontuário. Era grande demais para caber em sua bolsa, e não poderia deixá-la em qualquer lugar. Tinha de encontrar um esconderijo temporário, um lugar aonde as Outras enfermeiras e auxiliares provavelmente não iriam.

Sem ter mais tempo de folga, Janet precisava pensar rápido. A Última coisa que desejava no primeiro dia de trabalho era gastar mais tempo na folga do que o devido. Freneticamente, tentou pensar.

Avaliou a sala de estar dos pacientes, mas no momento ela estava ocupada. Pensou em um dos escaninhos de baixo no cubículo da farmácia, mas descartou a ideia, achando-a muito arriscada. Finalmente pensou na despensa do material de faxina.

Janet olhou para os dois lados do corredor. Havia bastante gente por ali, mas todos pareciam absorvidos no que faziam. Viu o carrinho do faxineiro parado fora do quarto de um paciente, sugerindo que o homem estivesse limpando-o. Tomando fôlego,

Janet entrou na despensa. A porta, com sua fechadura automática, trancou-se instantaneamente atrás dela, lançando-a na escuridão. Procurou o interruptor e acendeu a luz.

O cubículo era dominado por um tanque grande. Na parede do lado oposto havia uma bancada com armários embaixo, armários de parede e um armário de vassouras. Havia algumas prateleiras acima do compartimento que guardava as vassouras e os esfregões, mas eram muito expostas. Então olhou para os armários de parede e seus olhos continuaram subindo.

Colocando um dos pés na beira do tanque, ela passou a mão na área acima dos armários de parede. Como esperava, havia uma depressão estreita entre o topo dos armários e o teto. Confiante de ter encontrado o que procurara, deslizou as cópias sobre a beirada do armário e deixou que elas caíssem. Uma pequena nuvem de poeira se ergueu.

Satisfeita, Janet desceu, lavou as mãos no tanque e em seguida saiu no corredor. Se alguém tinha imaginado o que ela estava fazendo, ninguém deu a entender. Uma das outras enfermeiras passou por ela e sorriu calorosa.

Voltando ao posto de enfermagem, Janet lançou-se ao trabalho.

Depois de cinco minutos, começou a se acalmar. Depois de dez minutos, até sua pulsação já voltava ao normal. Quando Marjorie apareceu alguns minutos mais tarde, Janet estava suficientemente calma para perguntar sobre a medicação codificada de Helen Cabot.

— Estive examinando os tratamentos de cada paciente — disse Janet. — Quero me familiarizar com a medicação, de modo a estar preparada para qualquer tarefa. Vi uma referência a MB300C e MB303C. O que é isso, e onde posso encontrá-los? Marjorie, que estivera curvada sobre a mesa, empertigou-se.

Pegou uma chave pendurada no pescoço, numa corrente prateada, e mostrou-a.

— Os medicamentos MB você pega comigo disse. Nós guardamos num armário refrigerado aqui mesmo, no posto de enfermagem. — Ela abriu um armário, expondo uma pequena geladeira.

— Fica por conta da enfermeira-chefe de cada turno. Nós controlamos os MB como os narcóticos, só que de modo um pouco mais estrito.

— Bem, isso explica por que não consegui encontrá-los na farmácia — disse Janet, forçando um sorriso.

Subitamente percebeu que conseguir amostras dos medicamentos seria cem vezes mais difícil do que imaginara. Na verdade, imaginou se seria mesmo possível.



TOM WIDDICOMB estava tentando se acalmar. Nunca na vida se sentira tão tenso. Geralmente sua mãe conseguia acalmá-lo, mas agora ela nem queria falar com ele.

Decidira chegar bem mais cedo naquela manhã. Havia mantido o olho naquela nova enfermeira, Janet Reardon, desde o momento em que ele chegara. Seguiria-a cuidadosamente, observando cada movimento. Depois de acompanhá-la durante uma hora, decidiu que suas preocupações eram injustificadas. Ela agia como qualquer outra enfermeira, de modo que Tom se sentiu aliviado.

Mas depois ela acabou entrando outra vez no quarto de Gloria! Tom não podia acreditar. Exatamente quando ele baixou a guarda, ela reaparecera. O fato de a mesma mulher atrapalhar duas vezes sua tentativa de aliviar o sofrimento de Gloria não podia ser coincidência.

— Dois dias seguidos — sibilou Tom na solidão de sua despensa.
— Tem de ser uma espiã.

Seu único consolo foi que, dessa vez, ele a surpreendera, e não o contrário. Na verdade, fora ainda melhor do que isso. Ele quase tropeçara nela. Não sabia se ela o vira ou não, mas provavelmente sim.

Daí em diante seguiu-a de novo. A cada passo, ficava mais convencido de que ela estava ali para pegá-lo. Não estava agindo como uma enfermeira normal, de jeito nenhum. Não daquele jeito, fuçando tudo.

O pior fora quando ela se enfiou na sua despensa e começou a abrir armários. Do corredor ele podia ouvi-la. Sabia o que ela estava procurando, e ficara doente de preocupação, achando que ela poderia encontrar suas coisas. Assim que ela saiu, ele entrou. Subindo na bancada, enfiou cegamente a mão sobre o armário de cima, bem no canto, para sentir sua succilnicolina e as seringas. Graças a Deus continuavam lá, e não tinham sido mexidas.

Depois de descer da bancada, Tom lutou para se acalmar. Ficou dizendo a si próprio que estava em segurança, já que a succilnicolina continuava ali. Pelo menos por enquanto estava seguro. Mas não tinha dúvida de que teria de lidar com Janet Reardon, como fizera com Sheila Arnold. Não poderia deixar que ela acabasse com sua cruzada. Se fizesse isso, corria o risco de perder Alice.

— Não se preocupe, mamãe — disse em voz alta. — Tudo vai ficar bem.

Mas Alice não queria ouvir. Estava apavorada.

Depois de quinze minutos, Tom sentiu-se suficientemente calmo para enfrentar o mundo. Respirando fundo para se fortalecer, abriu a porta e pisou no corredor. Seu carrinho estava à direita, encostado contra a parede. Agarrou-o e começou a empurrá-lo.

Manteve os olhos direto no chão enquanto ia até os elevadores.

Ao passar pelo posto de enfermagem, ouviu Marjorie gritar com ele a respeito da limpeza de um quarto.

— Fui chamado na administração disse Tom sem levantar os olhos.

De vez em quando havia um acidente, como café derramado, e ele era chamado para limpar. A limpeza regular do piso da administração era feita pelo pessoal do turno da noite.

— Bom, volte o mais rápido possível gritou Marjorie. Tom xingou baixinho.

Quando chegou ao andar da administração, Tom empurrou seu carrinho diretamente até a principal área das secretárias. Ali estava sempre agitado, e ninguém olhou para ele duas vezes. Estacionou o carrinho na frente do quadro que mostrava a planta baixa da residência Forbes, no sudeste de Miami.

Havia dez apartamentos em cada andar, e cada um tinha um pequeno recorte para colocar um nome. Rapidamente Tom encontrou o nome de Janet Reardon na ranhura do número 207. Ainda mais acessível estava uma caixa de chaves, presa na parede logo abaixo da planta. Dentro havia vários jogos de chaves, cada um cuidadosamente etiquetado. A caixa deveria estar trancada, mas a chave para abri-la estava sempre na fechadura.

Como a caixa ficara escondida atrás do carrinho, Tom calmamente procurou o jogo de chaves do apartamento 207.

Para justificar sua presença, esvaziou algumas cestas de lixo antes de empurrar o carrinho de volta aos elevadores.

Enquanto esperava que um elevador chegasse, Tom sentiu uma onda de alívio. Até Alice estava disposta a falar com ele agora. Ela disse como estava orgulhosa, agora que ele podia cuidar das coisas. Disse que ficara preocupada com essa nova enfermeira, Janet Reardon.

— Eu falei para você não se preocupar — disse Tom. — Ninguém nunca vai nos incomodar.



STERLING ROMBAUER sempre gostara do ditado que sua mãe, uma professora, vivia dizendo: "O acaso favorece as mentes preparadas".

Imaginando que em Boston haveria apenas um número limitado de hotéis que Tanaka Yamaguchi acharia aceitáveis, Sterling decidira ligar para alguns empregados de hotéis que ele cultivara como contatos no correr dos anos.

Seus esforços foram recompensados com sucesso imediato. Sterling sorriu ao descobrir que ele e Tanaka não apenas compartilhavam a mesma profissão, mas compartilhavam o mesmo gosto com relação a hotéis.

Foi uma feliz série de acontecimentos. Graças às suas frequentes estadas no Ritz Carlton de Boston, os contatos de Sterling no hotel eram simplesmente fantásticos. Algumas perguntas discretas revelaram informações úteis. Primeiro, Tanaka contratara a mesma empresa de aluguel de veículos que o próprio Sterling usava, o que não era de surpreender, já que era de longe a melhor. Segundo, ele fizera reserva para continuar no hotel pelo menos por mais uma noite. Finalmente, fizera também uma reserva para o almoço no Ritz Café, para duas pessoas.

Imediatamente Sterling pôs-se a trabalhar. Uma ligação para o maître, no café, um ambiente pequeno e bastante apinhado, gerou a promessa de que o sr. Yamaguchi ficaria no praticável mais distante. A mesa de canto mais perto, literalmente a centímetros dela, seria reservada para o sr. Sterling Rombauer. Uma ligação para o dono da empresa de aluguel de veículos resultou na promessa de obter O

nome do chofer do sr. Yamaguchi, bem como uma transcrição dos lugares onde ele havia parado.

— Esse japonês tem bons contatos — disse o dono da empresa quando Sterling telefonou. — Nós o pegamos no aeroporto. Ele veio num jato particular, e não era um daqueles pequeninhos.

Uma ligação para o aeroporto confirmou a presença do Gulfstream III da Sushita e rendeu a Sterling o seu número. Telefonando para um contato na FAA em Washington e dando o número, Sterling obteve a promessa de que iriam mantê-lo informado dos movimentos do avião.

Tendo conseguido tanta coisa sem sair do quarto do hotel, e com algum tempo de sobra antes do almoço, Sterling andou pela Newbury Street até a Burberry's para comprar várias camisas novas.



SEAN ESTAVA sentado numa das cadeiras de plástico da lanchonete do hospital, com as pernas cruzadas e esticadas diante do corpo. Seu cotovelo esquerdo se apoiava na mesa, a mão segurando o queixo; o braço direito pendia sobre as costas da cadeira. Melancólico, estava praticamente do mesmo jeito que estivera na noite anterior, quando Janet entrara pela porta de correr de sua varanda.

A manhã fora uma repetição piorada do dia anterior, confirmando sua crença de que o Forbes era um lugar esquisito e muito inamistoso para se trabalhar. Hiroshi continuava tratando-o como um mau detetive.

Quando Sean ia ao sexto andar para usar algum equipamento que não estivesse disponível no quinto, praticamente toda vez que se virava via o japonês. E no momento em que Sean o encarava, Hiroshi

rapidamente olhava para o lado, como se Sean fosse um idiota e não percebesse que estava sendo vigiado.

Sean verificou o relógio. O acordo fora encontrar Janet ao meio-dia e meia. Já era meio-dia e trinta e cinco, e, apesar de continuar chegando um fluxo contínuo de gente do hospital, Janet ainda não aparecera. Sean começou a fantasiar que iria até o estacionamento, entraria no seu Isuzu e cairia na estrada. Mas então Janet atravessou a porta, e o simples fato de vê-la aliviou seu humor.

Apesar de Janet ainda estar pálida pelos padrões da Flórida, seus poucos dias em Miami já lhe davam tum nítido tom rosado na pele.

Enquanto admirava seus movimentos sensuais, vindo por entre as mesas, Sean esperou poder convencê-la a desistir do que a mantinha longe do apartamento dele.

Janet sentou-se à sua frente, mal dizendo alô. Sob o braço segurava um jornal de Miami. Pelo modo como ela examinava continuamente a sala, como se fosse um pássaro desconfiado e vulnerável, Sean poderia dizer que ela estava nervosa.

— Não estamos num filme de espionagem, Janet. Fique calma!

— Mas eu me sinto como se estivesse. Andei me esgueirando por aí, por trás das costas das pessoas, tentando não levantar suspeitas. E me sinto como se todo mundo soubesse o que estou fazendo.

Sean revirou os olhos.

— Que amadora eu tenho como cúmplice! — zombou. Depois, mais sério, acrescentou: — Não sei se esse negócio vai funcionar, se você já está tão tensa, Janet. Isso é só o começo. Você ainda não fez nada, comparado ao que está para vir. Mas, para dizer a verdade, estou com inveja. Pelo menos você está fazendo alguma coisa. Eu tenho de passar boa parte do dia injetando nos camundongos a proteína do Forbes com o adjuvante de Freund. Não há nenhuma intriga, e certamente nenhuma emoção. Esse lugar continua me deixando doido.

— E os seus cristais?

— Estou deliberadamente andando devagar com isso — disse Sean. — Estava indo bem demais. Não vou deixar que eles saibam até onde cheguei. Assim, quando precisar de tempo para algum trabalho investigativo, vou estar livre, e ainda por cima ter resultados para mostrar, como cobertura. E você, como se saiu?

— Não foi grande coisa — admitiu Janet. — Mas dei o pontapé inicial. Copiei um prontuário.

— Só um? — perguntou Sean com desapontamento óbvio. — Você está tão nervosa assim por causa de um prontuário?

— Não me pressione. Não é fácil para mim.

— E eu nunca faria isso — gracejou Sean. — Nunca. Eu não. Não é o meu estilo.

— Ah, cale a boca! — Janet passou o jornal por baixo da mesa. — Estou fazendo o melhor que posso.

Sean pegou o jornal e colocou-o na mesa. Desdobrou-o e abriu-o, retirando as páginas copiadas. Empurrou o jornal para o lado.

— Sean! — Janet ofegou enquanto examinava furtivamente o salão. — Não dá para ser um pouco mais discreto?

— Estou cansado de ser discreto. — Sean começou a examinar o prontuário.

— Nem por mim? Pode haver alguém do meu andar aqui. Eles podem ter me visto entregar essas cópias a você.

— Você dá crédito demais às pessoas — disse Sean distraidamente — As pessoas não são tão observadoras quanto você acha. — Depois, referindo-se às cópias, disse: — O prontuário de Louis Martin não passa de material de referência do Memorial. Esse exame clínico e a anamnese são meus. O preguiçoso idiota da neurologia simplesmente copiou minhas anotações.

— Como você pode saber? — perguntou Janet.

— Pelas palavras. Ouça isso: o paciente "sofreu" uma prosectomia há três meses. Eu uso palavras como "sofreu" só para ver quem lê e quem não lê meus relatórios. É um joguinho que faço

comigo mesmo. Ninguém usa esse tipo de expressão num exame médico. Você deve simplesmente usar fatos, e não julgamentos.

— A imitação é a forma mais cabal de elogio, de modo que eu acho que você deve se sentir elogiado — disse Janet.

— A única coisa interessante aqui são as prescrições. Ele está recebendo dois medicamentos codificados: MB300M e MB305M.

— O código é parecido com o que vi no arquivo de computador de Helen Cabot — disse Janet, e entregou-lhe o papel onde escrevera as informações que obtivera no computador.

Sean olhou a dosagem e a taxa de administração.

— O que você acha que é isso? — perguntou Janet.

— Não faço a mínima ideia. Conseguiu algum deles?

— Ainda não. Mas finalmente consegui localizar o suprimento. É guardado num armário especial, e a supervisora do turno fica com a única chave.

— Isso é interessante — disse Sean, ainda estudando o prontuário. — Pela hora e data da prescrição, eles começaram o tratamento assim que ele chegou aqui.

— O mesmo aconteceu com Helen Cabot. — Janet contou o que Marjorie lhe explicara, que eles tinham começado a parte humoral do tratamento imediatamente, enquanto o aspecto celular só começava depois da biópsia e da coleta de células T.

— Parece esquisito começar o tratamento tão cedo — disse Sean.

— A não ser que essas drogas sejam meramente linfocinas ou algum outro estimulante imunológico geral. Não pode ser algum medicamento novo, como, por exemplo, um novo tipo de agente quimioterápico.

— Por que não?

— Porque a FDA teria de ter aprovado. Tem de ser uma droga aprovada. Por que você só conseguiu o prontuário de Louis Martin? E o de Helen Cabot?

— Tive sorte de conseguir o de Martin. Cabot está passando por férese, e a outra garota, Kathleen Sharenburg, está sendo biopsiada. Martin iria para a biópsia depois, por isso pude conseguir o prontuário.

— Então essas pessoas estão agora mesmo no segundo andar? acima de nós?

— Acho que sim — disse Janet.

— Talvez eu possa deixar o almoço de lado e dar uma volta por lá. Com a agitação comum que existe na maioria das áreas de diagnóstico e tratamento, em geral os prontuários ficam largados em qualquer lugar. Provavelmente eu poderia dar uma olhada neles.

— Melhor você do que eu. Tenho certeza de que você é melhor do que eu nisso.

— Não estou assumindo seu trabalho — disse Sean. — Ainda quero cópias dos outros dois prontuários, além de atualizações diárias. E quero uma lista de todos os pacientes com meduloblastoma de que eles trataram até hoje. Estou particularmente interessado nos resultados. Além disso, quero amostras dos remédios codificados. Esta deve ser a sua prioridade. Preciso desses medicamentos; quanto antes, melhor.

— Vou fazer o máximo possível — disse Janet. Sabendo o problema que tivera meramente para copiar o prontuário de Martin, ela tinha dúvidas sobre se conseguiria tudo que Sean desejava com a velocidade que ele sugeria. Não que fosse verbalizar essas preocupações para Sean. Tinha medo de que ele desistisse e voltasse para Boston.

Sean se levantou e segurou os ombros de Janet.

— Sei que não é fácil para você — disse. — Mas, lembre-se, foi ideia sua.

Janet pôs uma das mãos sobre a de Sean.

— Nós vamos conseguir.

— Vejo você no Palácio das Vacas — disse ele. — Imagino que você esteja lá por volta das quatro. Vou tentar chegar na mesma hora.

— Até lá, então.

Sean saiu da lanchonete e usou as escadas para o segundo andar.

Chegou à parte sul do prédio. O segundo andar era um centro de atividade tão agitado quanto ele esperara. Toda a terapia de radiação e os diagnósticos radiológicos eram feitos ali, bem como as cirurgias e os tratamentos que não podiam ser realizados nos quartos.

Com toda a confusão, Sean teve de se espremer entre macas que levavam e retiravam pessoas dos respectivos tratamentos. Uma quantidade de macas, com seus passageiros, estava estacionada junto às paredes.

Outros pacientes sentavam-se em bancos, vestidos com as camisolas do hospital.

Sean desculpou-se e passou através daquele tumulto, esbarrando em funcionários do hospital e em pacientes de ambulatório. Com alguma dificuldade, seguiu pelo corredor central, checando cada porta. A radiologia e o laboratório de análises clínicas ficavam do lado esquerdo. As salas de tratamento, a UTI e as salas de cirurgia, do direito. Sabendo que a férese era um procedimento longo e não muito trabalhoso, Sean decidiu que tentaria encontrar Helen Cabot. Além de olhar seu prontuário, queria falar com ela.

Sean viu uma funcionária do setor de hematologia com torniquetes de borracha presos ao cinto, e perguntou onde era feita a férese. A mulher guiou-o através de um corredor lateral e apontou para duas salas.

Sean agradeceu e verificou a primeira. Havia um homem na maca. Sean fechou a porta e abriu a outra. Logo da entrada reconheceu a paciente: Helen Cabot.

Ela era a única pessoa ali. Tubos de entrada e saída estavam presos ao seu braço esquerdo, enquanto o sangue passava através de

uma máquina que separava os elementos, isolando os linfócitos e trazendo o resto do sangue de volta ao corpo.

Helen virou a cabeça coberta por bandagens na direção de Sean.

Reconheceu-o imediatamente e tentou sorrir. Em vez disso, lágrimas se formaram em seus grandes olhos verdes.

Pela sua cor e aparência geral, Sean pôde ver que ela piorara drasticamente. Os espasmos que vinha sofrendo haviam cobrado um preço alto.

— É bom ver você — disse Sean enquanto se curvava para colocar o rosto perto do dela. Resistiu à tentação de consolá-la. — Como está indo?

— Está sendo difícil — Helen conseguiu dizer. — Fiz outra biópsia ontem. Não foi divertido. Além disso, eles disseram que eu poderia ficar pior quando comesse o tratamento, e fiquei. Disseram para não perder a fé. Mas está difícil. As dores de cabeça têm sido insuportáveis. Dói só de falar.

— Você precisa se controlar. Lembre-se de que eles conseguiram remissão com todos os pacientes de meduloblastoma.

— É isso que fico me dizendo o tempo todo.

— Vou tentar visitá-la todos os dias — disse Sean. — Enquanto isso, onde está seu prontuário?

— Acho que está na sala de espera — disse Helen, apontando a mão livre para outra porta.

Sean deu um sorriso caloroso. Apertou o ombro da jovem e depois foi até a pequena sala de espera ligada ao corredor. Numa mesa estava o que ele viera procurar: o prontuário de Helen.

Pegou-o e começou a folhear. Estavam anotados medicamentos semelhantes aos que ele vira no prontuário de Martin: MB300C e MB303C.

Em seguida voltou ao início do prontuário e viu uma cópia do exame que ele mesmo fizera, e que fora mandado como parte das informações de referência.

Virando rapidamente as páginas, chegou à seção de anotações sobre o desenrolar do tratamento, e leu o que fora escrito sobre a biópsia realizada no dia anterior, indicando que ela tinha sido feita acima do ouvido direito. A anotação prosseguia dizendo que a paciente tolerara bem o procedimento.

Sean tinha começado a examinar a seção laboratorial, para ver se fora feito um seccionamento congelado, quando foi interrompido. A porta do corredor abriu-se e bateu contra a parede com tamanha força que a maçaneta fez uma marca no reboco.

O barulho súbito espantou-o. Sean largou o prontuário sobre a mesa de tampo laminado. A sua frente, preenchendo toda a área da porta, estava a figura formidável de Margaret Richmond. Reconheceu-a de imediato como a chefe de enfermagem que irrompera no escritório do dr. Mason. Aparentemente a mulher gostava dessas entradas dramáticas.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela. — E o que está fazendo com esse prontuário? — Seu rosto largo e redondo estava distorcido, ultrajado.

Sean brincou com a ideia de dar uma resposta irreverente, mas pensou melhor.

— Vim ver uma amiga. A senhorita Cabot foi minha paciente em Boston.

— Você não tem o direito de olhar o prontuário — vociferou a Sra. Richmond. — Os prontuários dos pacientes são documentos confidenciais, disponíveis apenas para o paciente e seus médicos. Levamos muito a sério nossa responsabilidade com relação a isso.

— Tenho certeza de que a paciente estaria disposta a me dar acesso a ele — disse Sean. — Talvez devêssemos ir ao quarto ao lado e perguntar a ela.

— Você não está aqui para realizar trabalho clínico — gritou a sra. Richmond, ignorando a sugestão de Sean. — Só veio para fazer

pesquisa. Sua arrogância, achando que tem direito de invadir o hospital, é indesculpável.

Sean viu um rosto familiar aparecer acima do ombro intimidador da sra. Richmond. Era a fisionomia carnuda e presunçosa do fuzileiro frustrado, Robert Harris. Subitamente Sean adivinhou o que acontecera.

Sem dúvida fora apanhado por uma das câmeras de vigilância, provavelmente no corredor do segundo andar. Harris chamara Richmond e em seguida viera observar a chacina.

Sabendo que Robert Harris estava envolvido, Sean não pôde mais resistir à vontade de contra-atacar, particularmente porque a sra. Richmond não estava respondendo às suas tentativas de ser razoável.

— Como vocês não estão dispostos a discutir como adultos — disse —, acho que vou voltar para o prédio de pesquisas.

— Sua impertinência só torna as coisas piores — disse a sra. Richmond, veemente. — Você está ultrapassando a área permitida, invadindo a privacidade, e não mostra qualquer remorso. Estou surpresa como as autoridades da Universidade de Harvard deixam uma pessoa como você entrar naquela instituição.

— Vou contar um segredo — disse Sean. — Eles não ficaram tão impressionados assim com os meus modos. Gostaram foi da minha facilidade com um taco de hóquei. Agora, eu realmente gostaria de ficar e conversar com vocês, mas preciso voltar aos meus amigos murídeos, que, a propósito, têm personalidades mais agradáveis do que a maioria do pessoal aqui do Forbes.

Sean observou enquanto o rosto da sra. Richmond ficava púrpura.

Esse fora apenas mais um de uma série de episódios ridículos que o estavam deixando farto. Por isso, sentia um prazer perverso em irritar aquela mulher, que facilmente poderia ter jogado na defesa dos Miami Dolphins.

— Saia daqui antes que eu chame a polícia — gritou a sra. Richmond.

Sean pensou que isso seria interessante. Ele podia imaginar algum meganha uniformizado tentando classificar o seu crime. Podia ver escrito: estudante de Harvard olha o prontuário de sua paciente! Deu um passo à frente, literalmente de olho no olho da sra. Richmond. Sorriu, exalando seu antigo charme.

— Sei que a senhora vai sentir minha falta, mas realmente preciso ir.

A sra. Richmond e Harris seguiram-no até a passarela de pedestres que ultrapassava o vazio entre o hospital e o prédio de pesquisas. o tempo todo os dois mantiveram um diálogo sobre a degenerescência da juventude atual. Sean tinha a sensação de estar sendo posto para fora da cidade.

Enquanto atravessava a passarela, Sean reconheceu o quanto dependeria de Janet para conseguir material clínico relativo ao estudo do meduloblastoma. Desde que, claro, ele ficasse.

Voltando ao seu laboratório no quinto andar, tentou se envolver no trabalho, para suprimir a angústia e a frustração que sentia pela situação ridícula em que se encontrava. Como a sala vazia lá em cima, o prontuário de Helen não tinha nada de preocupante. Mas, enquanto esfriava a cabeça, Sean pôde reconhecer que a sra. Richmond tinha alguma razão. Por mais que odiasse admitir, o Forbes era um hospital particular. Não era um hospital universitário, como o Boston Memorial, onde as aulas e o cuidado com os pacientes seguiam lado a lado. Ali o prontuário de Helen era confidencial. Mas mesmo assim a fúria da sra. Richmond dificilmente seria adequada à sua infração.

Apesar do que sentia, uma hora depois Sean já estava envolvido com as tentativas de cristalização. Então, enquanto erguia um frasco contra a luz do teto, captou um pequeno movimento com o canto do olho.

Era uma repetição do incidente do primeiro dia. Mais uma vez o movimento viera do poço da escada. Sem olhar naquela direção, levantou-se calmamente do banco e foi até o depósito, como se precisasse de alguns suprimentos. Como o depósito ficava ligado ao corredor central, Sean pôde ir até a escada que ficava no extremo oposto ao lugar onde vira o movimento. — Desceu rapidamente e correu pelo corredor do quarto andar até à escada oposta. Movendo-se o mais silenciosamente possível, subiu até poder ver o quinto andar. Como suspeitara, Hiroshi estava ali, olhando furtivamente através do vidro da porta, obviamente perplexo porque Sean ainda não voltara do depósito.

Sean subiu pé ante pé os últimos degraus, até ficar diretamente atrás de Hiroshi. Em seguida gritou o mais alto que pôde. Dentro do poço da escada, ficou impressionado com o ruído que foi capaz de gerar.

Tendo visto alguns filmes de artes marciais com Chuck Norris, Sean ficara um pouco preocupado com a possibilidade de Hiroshi transformar-se, por reflexo, num monstro do caratê. Mas em vez disso ele desmoronou. Convenientemente, o japonês tinha uma das mãos na maçaneta.

Foi esse apoio que o manteve em pé.

Quando se recuperou o suficiente para compreender o que acontecera, Hiroshi afastou-se da porta e começou a murmurar uma explicação. Mas ao mesmo tempo ia recuando, e, quando seu pé tocou no primeiro degrau, ele virou-se e subiu correndo, desaparecendo de vista.

Enojado, Sean foi atrás. Não para perseguir Hiroshi, mas para procurar Deborah Levy. Já estava cheio da espionagem de Hiroshi. Achou que a dra. Levy seria a melhor pessoa para discutir a questão, já que ela é que dirigia o laboratório.

Subindo direto ao sétimo andar, Sean foi até o gabinete da dra. Levy. A porta estava escancarada. O escritório estava vazio.

As secretárias da recepção do andar não tinham ideia de onde ela se encontrava, mas sugeriram que Sean chamasse através do bipe. Em vez disso, ele desceu ao sexto andar e procurou Mark Halpern, impecável como sempre, em seu guarda-pó imaculadamente branco. Sean imaginou que ele lavasse e passasse o guarda-pó todos os dias.

— Estou procurando a dra. Levy — disse, irritado.

— Hoje ela não está aqui. Há alguma coisa em que eu possa ajudar?

— Ela vai vir mais tarde?

— Hoje não — disse Mark. — Teve de ir a Atlanta. Ela viaja muito a trabalho.

— É quando volta?

— Não tenho certeza. Provavelmente amanhã à tarde. Ela disse alguma coisa sobre passar nas instalações de Key West, quando voltasse.

— Ela passa muito tempo lá?

— Bastante. Vários Ph.D.s que estavam aqui no Forbes deveriam ir para Key West, mas em vez disso foram embora. Sua ausência deixou a dra. Levy com uma carga grande. Ela teve que trabalhar dobrado. Acho que o Forbes está tendo dificuldade para substituí-los.

— Diga-lhe que quero conversar com ela quando voltar — disse Sean. Ele não estava interessado nos problemas de recrutamento enfrentados pelo Forbes.

— Tem certeza de que não há nada que eu possa fazer? — perguntou Mark.

Por um segundo Sean avaliou a ideia de conversar com Mark sobre o comportamento de Hiroshi, mas decidiu não o fazer. Tinha de falar com alguém que tivesse autoridade. Não havia nada que Mark pudesse fazer.

Frustrado por não conseguir aplacar a raiva, começou a voltar para seu laboratório. Estava quase na porta do poço da escada

quando pensou em outra pergunta para Mark.

Voltando ao minúsculo escritório, Sean perguntou ao técnico se os patologistas do hospital cooperavam com o pessoal encarregado das pesquisas.

— Às vezes — disse Mark. — O dr. Barton Friedburg foi coautor de vários artigos de pesquisa que exigiram interpretação patológica.

— Que tipo de sujeito ele é? Amistoso ou inamistoso? Parece que por aqui as pessoas pertencem a um time ou ao outro.

— Definitivamente amistoso — disse Mark. — Mas acho que você pode estar confundindo inamistoso com sério e preocupado.

— Você acha que eu posso entrar em contato com ele e fazer algumas perguntas? Ele é amistoso a esse ponto?

— Totalmente — disse Mark.

Sean desceu para o laboratório e, usando o telefone que ficava no escritório envidraçado, de modo a poder ficar sentado a uma mesa, telefonou para o dr. Friedburg. Achou um sinal auspicioso o patologista atender diretamente.

Sean explicou quem era e disse que estava interessado nas descobertas de uma biópsia feita no dia anterior em Helen Cabot.

— Espere na linha — disse o dr. Friedburg. Sean pôde ouvi-lo falar com outra pessoa no laboratório. — Não recebemos nenhuma biópsia de Helen Cabot — disse, ao voltar.

— Mas eu sei que ela fez a biópsia ontem.

— Ela foi encaminhada para o Diagnóstico Básico — disse o dr. Friedburg. — Você vai ter que ligar para lá, se quiser alguma informação. Esse tipo de coisa não vem para este Laboratório.

— E quem devo procurar?

— A dra. Levy — disse o dr. Friedburg. — Desde que Paul e Roger foram embora, ela é que comanda tudo por lá. Não sei quem está examinando os espécimes agora, mas não somos nós.

Sean desligou. Nada no Forbes parecia fácil. Ele certamente não ia perguntar à dra. Levy sobre Helen Cabot. Ela deduziria

imediatamente o que ele estava fazendo, sobretudo depois de saber pela sra. Richmond que ele andara olhando o prontuário de Helen.

Sean suspirou enquanto voltava a atenção para o trabalho de tentar cultivar cristais com a proteína do Forbes. Sentiu vontade de jogar tudo na pia.



PARA JANET, A TARDE pareceu passar rápido. Com pacientes chegando e indo para a terapia e testes de diagnósticos, havia o constante problema tático de organizar tudo. Além disso, existiam os complicados protocolos de tratamento, que exigiam cronometragem e dosagem precisas. Mas durante essa atividade febril Janet pôde observar como os pacientes eram divididos entre os profissionais. Sem muita trapaça, conseguiu ser a enfermeira encarregada de Helen Cabot, Louis Martin e Kathleen Sharenburg no dia seguinte.

Apesar de ela própria não as manusear, viu as embalagens dos medicamentos codificados quando as enfermeiras encarregadas naquele dia dos pacientes com meduloblastoma pegaram os frascos com Marjorie. Assim que os recebiam, as enfermeiras levavam-nos ao cubículo da farmácia para encher as respectivas seringas. O MB300 ficava num frasco de 10ml injetáveis, e o MB303 ficava num frasco menor, de 5ml. Não havia nada de especial nas embalagens. Eram do mesmo tipo das que guardavam muitas outras drogas injetáveis.

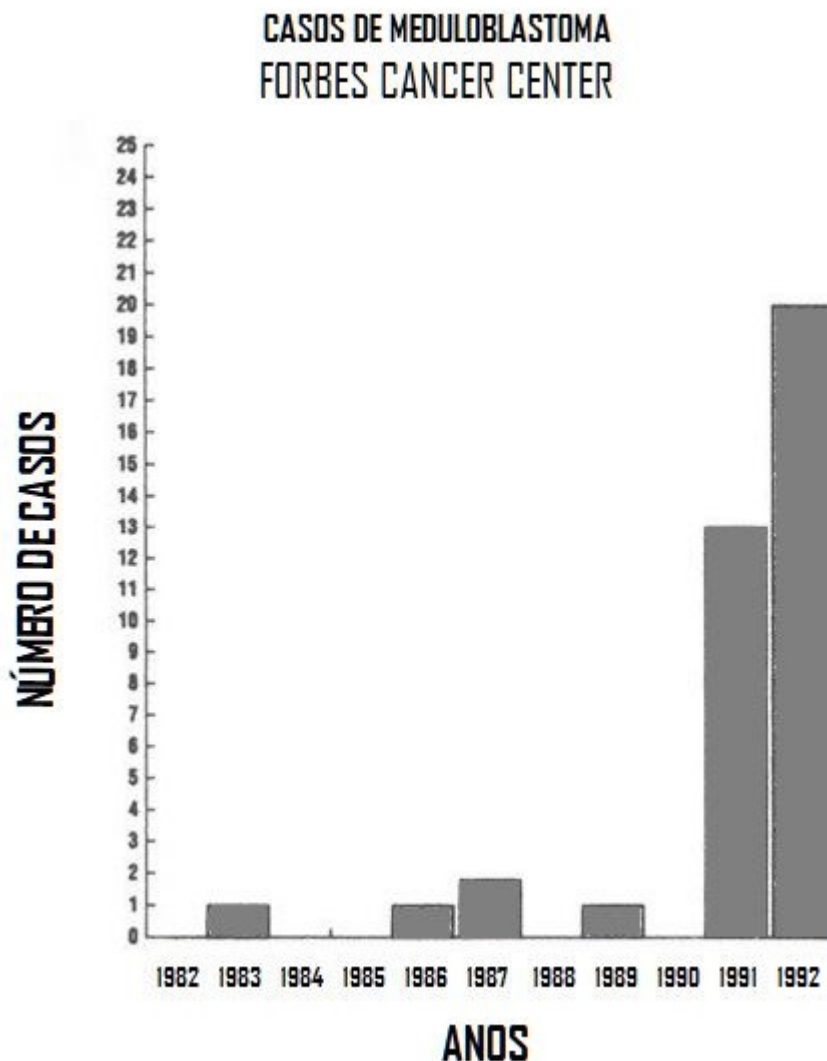
Era costume todo mundo ter um intervalo no meio da tarde, bem como no meio da manhã. Janet usou seu tempo para voltar ao departamento de registros médicos. Uma vez lá, usou a mesma manobra que utilizara com Tim. Falou a uma das bibliotecárias, uma jovem chamada Melanie Brock, que era nova no trabalho e que

estava interessada em conhecer o sistema do Forbes. Disse que tinha familiaridade com computadores, mas que gostaria de ajuda. A bibliotecária ficou impressionada com o interesse de Janet, e feliz em mostrar a formatação dos arquivos, usando o código de acesso dos registros médicos.

Deixada a sós depois da introdução feita por Melanie, Janet pediu o nome de todos os pacientes com o designador T-9872, que ela usara antes para acessar todos os casos atuais de meduloblastoma no hospital. Dessa vez Janet obteve uma lista diferente. Aqui havia trinta e oito casos registrados nos últimos dez anos. Essa Lista não incluía os cinco casos atualmente no hospital.

Percebendo um aumento recente, Janet pediu ao computador para mostrar um gráfico do número de casos de acordo com os anos. Em forma de gráfico, os resultados foram chocantes.





OLHANDO O GRÁFICO, Janet observou que nos oito primeiros anos tinha havido cinco casos de meduloblastoma, enquanto nos últimos dois anos o número fora de trinta e três. Achou o aumento curioso, até que se lembrou de que apenas nos últimos dois anos o Forbes obtivera sucesso com seu tratamento. O sucesso fazia aumentar as recomendações. Certamente isso respondia pelo afluxo.

Curiosa com a questão demográfica, Janet pediu uma divisão Por idade e sexo. O sexo mostrou preponderância de homens nos

últimos trinta e três casos: vinte e cinco homens e sete mulheres. Nos cinco primeiros casos tinha havido três mulheres e dois homens.

Quando olhou as idades, Janet observou que nos cinco primeiros casos havia uma pessoa de vinte anos. Os outros quatro estavam abaixo dos dez. Dentre os recentes trinta e três casos, Janet viu que sete estavam abaixo da idade de dez anos, dois tinham entre dez e vinte, e os outros vinte e quatro estavam acima dos vinte anos de idade.

Com relação aos resultados, observou que todos os cinco primeiros tinham morrido num período de dois anos após o diagnóstico.

Três morreram dentro de meses. Nos trinta e três mais recentes, o impacto da nova terapia era drasticamente visível. Todos os trinta e três pacientes estavam vivos, apesar de apenas três estarem se aproximando dos dois anos após o diagnóstico.

Apressadamente, Janet anotou essas informações para passar a Sean.

Em seguida, pegou aleatoriamente um nome na lista. Donald Maxwell. Pediu seu arquivo. Enquanto examinava as informações, viu que elas eram bastante abreviadas. Chegou a encontrar uma anotação que dizia: Consulte o prontuário físico para niais informações, caso necessário.

Janet ficara tão absorvida em seu trabalho investigativo que ficou chocada ao olhar o relógio. Usara todo o tempo do intervalo para o café e mais algum, como já fizera de manhã.

Rapidamente mandou o computador imprimir uma listagem dos trinta e oito casos com as idades, sexos e números do hospital. Nervosamente, curvou-se sobre a impressora laser enquanto o papel saía. Virando-se, meio esperou encontrar alguém atrás, exigindo uma explicação. Mas ninguém parecia ter percebido suas atividades.

Antes de voltar, Janet procurou Melanie para mais uma pergunta.

Encontrou-a na copiadora.

— Como eu consigo o prontuário de um paciente que já teve alta?

— Peça a uma de nós — disse Melanie. — Só precisa trazer uma cópia da autorização, que no seu caso vem do departamento de enfermagem. E aí é questão de dez minutos. Nós guardamos os prontuários no porão, num depósito que passa debaixo dos dois prédios. É um sistema eficiente. Precisamos ter acesso a eles para cuidar dos pacientes, quando eles vêm para tratamento ambulatorial, por exemplo. Na administração, precisam deles para as contas e objetivos atuariais. Os prontuários sobem através de monta-cargas.

— Melanie apontou para um pequeno elevador com a frente de vidro, numa das paredes.

Janet agradeceu e em seguida foi correndo até o elevador. Estava desapontada com a necessidade de autorização. Não conseguia imaginar como conseguiria isso sem se trair. Esperava que Sean tivesse alguma ideia.

Enquanto apertava o botão, impaciente, Janet imaginou se precisaria se desculpar por mais uma vez estender sua folga. Sabia que não poderia continuar fazendo isso. Não era justo, e Marjorie certamente iria reclamar.



STERLING ESTAVA extremamente satisfeito com os acontecimentos do dia. Teve de sorrir para si mesmo enquanto subia pelo elevador de lambris na agência central do Franklin Bank, na Federal Street, em Boston. Fora um dia sublime, com esforço mínimo e ganho máximo. E o fato de estar sendo agradavelmente remunerado para se divertir tornava a coisa ainda mais recompensadora.

O almoço no Ritz fora divino, sobretudo porque o maître se mostrara suficientemente gentil para trazer o Mersault branco da adega da sala de jantar principal. Sentado o mais perto possível de Tanaka e seu convidado, Sterling pôde ouvir boa parte da conversa, por trás de um exemplar do *Wall Street Journal*.

O convidado de Tanaka era um executivo da Immunotherapy. Desde o momento da compra, a Genentech deixara a empresa praticamente intacta.

Sterling não sabia quanto dinheiro havia no envelope branco que Tanaka pusera sobre a mesa, mas percebeu que o executivo o enfiava dentro do paletó num piscar de olhos.

A informação que Sterling ouviu era interessante. Sean e os outros sócios fundadores tinham vendido a Immunotherapy para levantar capital destinado a um novo empreendimento. O informante de Tanaka não tinha certeza absoluta, mas achava que a nova empresa também seria uma firma de biotecnologia. Não pôde dizer a Tanaka o nome ou a linha de produtos que eles pretendiam fazer.

O cavalheiro sabia que tinha havido uma parada na formação da nova empresa quando Sean e seus parceiros perceberam que ficariam descapitalizados. O motivo de ele saber isso era que tinha sido contactado para entrar na firma, e concordara, mas foi informado de que haveria um atraso até que fossem levantados fundos suficientes. Pela voz do homem nesse momento, Sterling compreendeu que o atraso criara um problema significativo entre ele e a nova administração.

A última informação que o homem passara foi o nome do gerente do Franklin Bank encarregado da negociação do empréstimo para o capital inicial. Sterling conhecia várias pessoas do Franklin, mas Herbert Devonshire não era uma delas. Isso no entanto logo mudaria, já que era Herbert quem Sterling estava indo encontrar nesse momento.

O almoço também dera uma oportunidade de observar Tanaka de perto. Conhecendo razoavelmente o caráter e a cultura do Japão, particularmente com relação aos negócios, Sterling estava fascinado com o desempenho de Tanaka. Impecavelmente respeitoso, teria sido impossível a um americano não-iniciado captar as pistas sugerindo que Tanaka desprezava claramente seu companheiro de almoço. Mas Sterling imediatamente discerniu os sinais sutis.

Não haveria como Sterling espreitar o encontro de Tanaka com Herbert Devonshire. Ele nem mesmo considerava a hipótese. Mas queria saber onde ele aconteceria, de modo a poder sugerir que conhecia o conteúdo da conversa, quando falasse com o sr. Devonshire. Com esse objetivo, pediu que o presidente da empresa de limusines mandasse o chofer de Tanaka ligar para ele. Em seguida o presidente passara a informação para o chofer de Sterling.

Depois de receber as dicas, Sterling tinha entrado no City Side, um bar popular no prédio sul do Mercado Municipal Faneuil. Havia uma chance de Tanaka reconhecê-lo do almoço, mas Sterling resolveu arriscar.

Não chegaria perto demais. Observou Tanaka e Devonshire de longe, observando sua localização no bar e o que eles haviam pedido. Também observou o momento em que Tanaka se desculpou e fez uma ligação telefônica.

Armado com essas informações, Sterling sentira-se confiante para enfrentar Devonshire. Conseguira marcar uma reunião para aquela tarde.

Depois de uma breve espera que ele julgou ter sido programada para impressioná-lo com a agenda cheia do sr. Devonshire, Sterling foi introduzido no impressionante escritório do banqueiro. A vista dava para o norte e o leste, mostrando uma paisagem espetacular do Porto de Boston e do Aeroporto Internacional Logan, em East Boston, e da Ponte Mystic River, seguindo num arco até Chelsea.

O sr. Devonshire era um homem pequeno, com uma careca brilhante, óculos de aro fino e terno conservador. Levantou-se por trás da escrivaninha antiga para apertar a mão de Sterling. Pela avaliação de Sterling, ele não deveria ter mais de um metro e sessenta e cinco.

Sterling entregou ao homem um de seus cartões de visita. Ambos sentaram-se. O sr. Devonshire posicionou o cartão no centro de seu borrador e alinhou-o perfeitamente paralelo com as bordas. Em seguida cruzou as mãos.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Rombauer — disse Herbert, encarando Sterling. — O que o Franklin pode fazer pelo senhor hoje?

— Não é no Franklin que estou interessado — disse Sterling. — É no senhor, senhor Devonshire. Gostaria de estabelecer uma relação de negócios com o senhor.

— Nosso lema sempre foi o serviço personalizado.

— Devo ir direto ao ponto — disse Sterling. — Estou propondo uma parceria confidencial com o senhor, para benefício mútuo. Existem informações de que eu preciso e informações que os seus superiores não devem conhecer.

Herbert Devonshire engoliu em seco. Mas não se mexeu. Sterling inclinou-se para a frente, para que seus olhos ficassem na mesma altura dos de Herbert.

— Os fatos são simples. O senhor encontrou um tal senhor Tanaka Yamaguchi esta tarde no City Side Bar, que, eu diria, não é um local comum para se fazer negócios. O senhor pediu uma vodca com gim e em seguida deu uma informação ao senhor Yamaguchi, um serviço que, apesar de não ser ilegal, é de uma ética questionável. Pouco tempo depois, uma quantidade razoável do dinheiro que a Sushita mantém no Banco de Boston foi transferida para o Franklin, com o senhor sendo designado gerente responsável pela obtenção da conta.

O rosto de Herbert ficou pálido ao ouvir as palavras de Sterling.

— Tenho ampla rede de contatos em todo o mundo dos negócios — disse Sterling, e recostou-se na poltrona. — Gostaria muito de acrescentar o senhor a essa rede anônima, muito íntima, porém cheia de estrelas. Estou certo de que poderemos trocar informações úteis com o correr do tempo. De modo que a pergunta é: o senhor gostaria de participar dela? A única obrigação é jamais, em hipótese alguma, revelar a fonte de qualquer informação que eu lhe passar.

— E se eu escolher não participar? — perguntou Herbert, a voz rouca.

— Eu passarei a informação sobre o senhor e o senhor Yamaguchi a pessoas aqui do Franklin que têm alguma influência sobre seu futuro.

— Isso é chantagem!

— Eu chamaria de livre-comércio — disse Sterling. — E, quanto ao seu pagamento inicial, eu gostaria de saber exatamente o que contou ao senhor Yamaguchi sobre um conhecido de ambos, Sean Murphy.

— Isso é ultrajante — disse Herbert.

— Por favor, não vamos permitir que essa conversa fique travada por conta de simples posturas. O fato é que o seu comportamento é ultrajante, senhor Devonshire. O que estou pedindo é um preço pequeno a pagar pelos benefícios que o senhor obterá com um cliente como a Sushita Industries. E posso lhe garantir que eu serei útil em seu futuro.

— Passei muito poucas informações — disse Herbert. — Inteiramente inconsequentes.

— Se acreditar nisso o deixa mais à vontade, tudo bem.

Houve uma pausa. Os dois homens entreolharam-se por sobre o mogno antigo. Sterling sentiu-se feliz em esperar.

— Tudo que eu disse é que o sr. Murphy e alguns sócios pediram dinheiro emprestado para abrir uma empresa — disse Herbert. —

Não forneci números.

— O nome da nova empresa? — perguntou Sterling.

— Oncogen.

— E a linha de produtos que eles pretendem fazer?

— Produtos relacionados ao tratamento do câncer — disse

Herbert. — Para diagnóstico e terapia.

— Escala de tempo?

— Iminente. Nos próximos meses.

— Mais alguma coisa? — perguntou Sterling. — Devo acrescentar que há meios de checar essa informação.

— Não — disse Herbert. Sua voz mostrava tensão.

— Se eu ficar sabendo que mentiu intencionalmente, o resultado será O mesmo que ocorreria caso tivesse se recusado a cooperar.

— Tenho outros compromissos agora — Herbert disse, sério.

Sterling levantou-se.

— Sei que é irritante ser forçado. Mas lembre-se, eu me sinto em dívida, e sempre pago. Telefone-me.

Sterling pegou o elevador para o térreo e foi rapidamente até o carro. O motorista tinha fechado as portas e caído no sono. Sterling precisou bater na janela para que ele destravasse a porta de trás.

Uma vez dentro, ligou para seu contato no FAA.

— Estou num telefone celular — alertou ao amigo.

— O pássaro está programado para partir de manhã — disse o homem.

— Qual é o destino?

— Miami. — Em seguida acrescentou: — Eu também gostaria de estar indo para lá.



— BOM, O QUE VOCÊ ACHA? — perguntou Janet enquanto Sean enfiava a cabeça no banheiro. Ela o trouxera a Miami Beach, para ver o apartamento que alugara.

— Acho perfeito — disse ele voltando a olhar para a sala. — Não tenho certeza se aguentaria essas cores durante muito tempo, mas é coisa mesmo da Flórida.

As paredes eram de um amarelo brilhante, o tapete era verde. A mobília era de vime branco com almofadas estampadas com motivos de flores tropicais.

— É só por dois meses — disse Janet. — Entre no banheiro e veja o mar.

— Lá está ele! — Sean espreitou por entre as ripas da veneziana. — Pelo menos posso dizer que o vi.

Uma faixa estreita do oceano era visível entre dois edifícios. Como eram mais de sete horas e o sol já tinha se posto, a água parecia mais cinza do que azul, na escuridão que se avizinhava.

— A cozinha também não é ruim — disse Janet.

Sean acompanhou-a e ficou observando enquanto ela abria os armários e mostrava os pratos e os copos. Janet havia tirado o uniforme de enfermeira e posto a miniblusa e o short. Sean achava-a incrivelmente atraente, sobretudo com roupas tão exíguas. Sentiu-se nitidamente em desvantagem pelo modo como estava vestido, especialmente quando ela se curvou para mostrar-lhe os potes e as panelas. Ficava difícil pensar.

— Vou poder cozinhar — disse ela, voltando a ficar em pé.

— Maravilhoso — disse Sean, mas sua mente estava preocupada com outros apetites básicos.

Voltaram à sala.

— Bom, estou pronto para me mudar esta noite — disse Sean. — Adorei o lugar.

— Calma aí. Espero não ter dado a impressão de que nós dois vamos ficar juntos assim, de uma hora para outra. Precisamos ter

uma conversa séria. Foi por isso que vim para cá.

— Bom, primeiro temos de resolver esse negócio do meduloblastoma.

— Não creio que as duas coisas se excluam mutuamente — disse Janet.

— Eu não quis dar a entender isso. Só que para mim é difícil pensar além do meu papel aqui no Forbes, e se devo ficar. Essa situação está dominando minha mente. Acho que dá para entender.

Janet revirou os olhos.

— Além disso, estou morrendo de fome — sorriu Sean. — Você sabe que nunca consigo conversar quando estou faminto.

— Vou ser paciente até certo ponto — cedeu Janet. — Mas não quero que você esqueça que eu preciso de uma comunicação séria. Agora, quanto ao jantar, o sujeito da imobiliária disse que existe um restaurante cubano ali na Collins Avenue.

— Cubano?

— Sei que raramente você se aventura além da carne com batatas — disse Janet. — Mas enquanto estamos em Miami podíamos ser um pouquinho mais ousados.

Sean emitiu um gemido.

Dava para ir a pé ao restaurante, de modo que deixaram o 4X4 de Sean na vaga que tinham encontrado perto do apartamento.

Andando de mãos dadas, foram para o norte até a Collins Avenue, as enormes nuvens de ouro e prata que refletiam o céu avermelhado sobre os distantes Everglades. Não podiam ver o oceano, mas ouviam as ondas batendo na praia do outro lado de um quarteirão de prédios antigos recém-reformados.

Toda a área perto da praia estava cheia de gente caminhando pelas ruas, sentada em degraus ou pórticos, andando de patins ou passeando de carro. Alguns dos aparelhos de som dos carros tocavam tão alto que Sean e Janet podiam sentir a vibração no peito quando passavam.

— Esses caras vão estar com o ouvido médio fora de combate aos trinta anos — comentou Sean.

O restaurante dava a impressão de desorganização frenética, com mesas e pessoas apinhadas em todo canto. Os garçons e as garçonetes estavam vestidos com calças ou saias pretas e camisas ou blusas brancas.

Cada um tinha um avental enodado. Variavam entre os vinte e os sessenta anos. Gritando de um lado para outro, comunicavam-se entre si e com a cozinha em jorros expressivos de espanhol, enquanto corriam e se contorciam por entre as mesas. Acima do tumulto pairava um aroma succulento de porco assado, alho e café torrado.

Levados por uma corrente de pessoas, Sean e Janet viram-se espremidos entre outros comensais numa mesa grande. Garrafas geladas de Corona, com fatias de lima presas na boca do gargalo, apareceram como num passe de mágica.

— Aqui não há nada para eu comer — reclamou Sean depois de estudar o menu durante alguns minutos. Janet estava certa; ele raramente variava a dieta.

— Absurdo — disse Janet. Ela fez os pedidos.

Sean ficou agradavelmente surpreso quando a comida chegou. O porco assado marinado e com forte perfume de alho estava delicioso, assim como o arroz amarelo e os feijões-pretos cobertos por rodela de cebola. A única coisa que ele não quis foi a iúca.

— Essa coisa parece batata coberta por secreção mucoide — protestou Sean.

— Grosso! — exclamou Janet. — Pare de parecer tanto um estudante de medicina.

A conversa era quase impossível no restaurante barulhento, e depois de jantar eles andaram até a Ocean Drive e se aventuraram no Lummus Park, onde podiam falar. Sentaram-se sob uma figueira

indiana e ficaram olhando o oceano escuro pontilhado com luzes dos navios mercantes e barcos de recreio.

— Difícil acreditar que ainda é inverno em Boston — disse Sean.

— Me faz pensar como a gente se acostuma com a neve suja e a chuva gelada. Mas chega de papo furado. Se, como disse, você não pode falar a nosso respeito por enquanto, então vamos conversar sobre a situação no Forbes. Sua tarde foi melhor do que a manhã?

Sean deu um risinho deprimido.

— Foi pior. Eu estava há menos de cinco minutos no segundo andar quando apareceu a chefe da enfermagem, entrando na sala feito um touro enfurecido, gritando loucamente porque eu estava olhando o prontuário de Helen.

— Margaret Richmond estava furiosa? — perguntou Janet.

Sean assentiu. — Todos os cento e dez quilos. Estava fora de controle.

— Ela sempre foi civilizada comigo — disse Janet.

— Eu só a vi duas vezes. Em nenhuma das duas eu poderia descrevê-la como civilizada.

— Como ela soube que você estava lá?

— O fuzileiro naval veio com ela. Devem ter me captado numa das câmeras de vigilância.

— Ah, grande! Mais uma coisa com que me preocupar. Eu nunca tinha pensado em câmeras de vigilância.

— Não precisa se preocupar — disse Sean. — É a mim que o chefe de segurança não suporta. Além disso, é mais provável que só existam câmeras nas áreas comuns, e não nos andares dos pacientes.

— Conseguiu falar com Helen Cabot?

— Por um instante. Ela não parece nem um pouco bem.

— O estado dela está se deteriorando — disse Janet. — Falaram em fazer um stunt. Você descobriu alguma coisa no prontuário?

— Não. Não tive tempo. Eles literalmente me expulsaram para o prédio de pesquisas. Depois, para coroar a tarde, aquele japonês

apareceu de novo, metendo o nariz, me vigiando no laboratório. Não sei qual é a dele, mas dessa vez eu o peguei. Dei-lhe o maior susto. Fui por trás dele e soltei um grito de gelar o sangue. Ele quase borrou as calças.

— Coitado.

— Coitado coisa nenhuma! Esse cara está me vigiando desde que cheguei.

— Bom, eu tive alguma sorte — disse Janet.

O rosto de Sean se iluminou.

— Mesmo? Grande! Conseguiu um pouco do medicamento milagroso?

— Não, o medicamento não. — Janet enfiou a mão no bolso e pegou a listagem impressa no computador e o papel com as anotações que ela fizera. — Mas aqui está uma lista de todos os pacientes de meduloblastoma dos últimos dez anos: trinta e oito no total; trinta e três nos últimos dois anos. Resumi os dados neste papel.

Sean pegou as folhas, ansioso. Mas para ler precisava segurá-las acima da cabeça, para captar a luz que vinha das lâmpadas da Ocean Drive. Enquanto ele examinava os papéis, Janet explicava o que descobrira sobre a distribuição por sexo e idade. Também disse que os arquivos de computador eram abreviados, e que havia uma anotação dizendo para consultar os prontuários caso houvesse necessidade de mais informações. Finalmente contou o que Melanie dissera sobre a obtenção desses prontuários em dez minutos, desde que, claro, houvesse autorização.

— Vou precisar dos prontuários — disse Sean. — Eles estão no departamento de registros médicos?

— Não.

Janet explicou o que Melanie dissera sobre o depósito que se estendia embaixo entre os dois prédios.

— Não brinca! Isso pode ser bem adequado.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que posso consegui-los no prédio de pesquisas — disse Sean. — Depois do episódio de hoje, está claro que sou *persona non grata* no hospital. Assim, posso tentar conseguir esses prontuários sem entrar em rota de colisão com a sra. Richmond e companhia.

— Está falando em invadir o depósito? — perguntou Janet alarmada.

— Duvido que eles deixem a porta aberta para mim.

— Mas isso é ir longe demais — disse Janet. Se você fizer isso, vai estar violando a lei, e não somente uma regra do hospital.

— Eu avisei a você sobre isso.

— Falou que íamos violar as regras, não a lei — lembrou Janet.

— Não vamos entrar na semântica — disse Sean, exasperado.

— Mas há uma grande diferença!

— As leis são regras codificadas. Eu sabia que chegaríamos perto de violar a lei de um modo ou de outro, e pensei que você também sabia. Mas, de qualquer modo, você não acha que temos justificativa? Esse pessoal do Forbes obviamente desenvolveu um tratamento muito eficaz para o meduloblastoma. Infelizmente, optaram por guardar segredo, na certa para patentear o tratamento antes de qualquer outra pessoa. Você sabe, é isso que me deixa doido com as verbas privadas para a pesquisa médica. O objetivo se transforma no lucro sobre o investimento, em vez do interesse público. O bem-estar do público está em segundo plano, se é que chega a ser levado em conta. Esse tratamento para o meduloblastoma sem dúvida tem implicações para todos os tipos de câncer, mas a informação está sendo negada ao público. Não importa que a maior parte da ciência básica na qual esses laboratórios fundamentam seus trabalhos tenha sido obtida através de verbas públicas nas instituições acadêmicas. As instituições

particulares simplesmente tomam. Não dão. E o público é que é enganado.

— O fim nunca justifica os meios — disse Janet.

— Siga em frente, seja virtuosa. Enquanto isso você esquece que tudo foi ideia sua. Bom, talvez devêssemos desistir, e talvez eu deva voltar a Boston e trabalhar um pouco na minha tese.

— Certo! — disse Janet, frustrada. — Certo, vamos fazer o que temos de fazer.

— Precisamos dos prontuários e do remédio milagroso. — Sean levantou-se e se espreguiçou. — Então vamos.

— Agora? — perguntou Janet, alarmada. — São quase nove da noite.

— A primeira regra da invasão de propriedade é: fazer isso quando não há ninguém em casa. Essa hora é perfeita. Além disso, tenho um disfarce legítimo: preciso injetar a dose primária da glicoproteína em mais alguns dos meus camundongos.

— Que Deus me ajude — disse Janet enquanto permitia que Sean a levantasse do banco.



TOM WIDDICOMB guiou seu carro até a última vaga, no final do estacionamento da residência Forbes. Seguiu devagar até as rodas tocarem o meio-fio. Ficou sob os galhos protetores de uma árvore grande. Alice dissera para ele estacionar ali, a fim de que ninguém percebesse o carro. Era o carro de Alice, um Cadillac conversível verde-lima 1969.

Tom abriu a porta do carro e saiu depois de certificar-se de que não havia ninguém à vista. Vestiu um par de luvas cirúrgicas de látex. Em seguida, enfiou a mão debaixo do banco da frente e pegou

a faca de cozinha, que trouxera de casa. A luz brilhou em sua superfície polida. A princípio ele planejava trazer o revólver. Mas depois, pensando no barulho e em como as paredes da residência eram finas, escolhera a faca.

O único inconveniente era a sujeira que ela poderia fazer.

Tendo cuidado com o gume da faca, Tom enfiou a lâmina dentro da manga direita de sua camisa, acomodando o cabo na palma da mão. Na outra mão levava as chaves do 207.

Seguiu pelos fundos do prédio, contando as portas das varandas, até chegar debaixo do 207. Não havia luzes no apartamento. Ou a enfermeira já estava na cama ou tinha saído. Tom não se importava. As duas opções tinham vantagens e desvantagens.

Dando a volta até a frente do prédio, precisou parar quando um dos moradores saiu e foi em direção a um dos carros. Depois que o homem foi embora, Tom usou uma das chaves para entrar no prédio. Uma vez ali, moveu-se rápido. Preferia não ser visto. Ao chegar diante do 207, inseriu a chave, abriu a porta, entrou e fechou-a com um único movimento rápido.

Durante vários minutos ficou junto à porta sem se mexer, procurando ouvir qualquer ruído. Podia escutar vários aparelhos de TV distantes, mas eram em outros apartamentos. Enfiando as chaves no bolso, deixou a comprida faca de cozinha deslizar para fora da manga. Agarrou o cabo como se ela fosse uma adaga.

Avançou lentamente. Com a luz que entrava do estacionamento, ele podia ver a silhueta dos móveis e a porta do quarto, que estava aberta.

Olhando para dentro do quarto, que estava mais escuro do que a sala, Tom não poderia dizer se a cama se encontrava ocupada ou vazia.

Outra vez tentou escutar. Afora o som abafado dos aparelhos de TV distantes e do zumbido da geladeira que acabava de ligar o

motor, não ouviu nada. Não havia a respiração regular de alguém adormecido.

Avançando para dentro do quarto meio passo de cada vez, Tom bateu de leve contra a beira da cama. Estendeu a mão livre, procurando um corpo. Só então teve certeza: a cama estava vazia.

Sem perceber que estivera prendendo a respiração, Tom esticou O corpo e soltou o ar. Sentiu alívio da tensão numa das mãos, e um profundo desapontamento na outra. A expectativa da violência o excitara, e a satisfação seria adiada.

Movendo-se mais pelo tato do que pela visão, conseguiu achar o caminho até o banheiro. Enfiou a mão e correu-a para cima e para baixo, procurando o interruptor de luz. Acendeu-o, e teve de apertar os olhos contra a claridade, mas gostou do que viu. Pendurados sobre a banheira havia uma calcinha e um sutiã rendados, de cor pastel.

Tom pousou a faca na beirada da pia e pegou a calcinha. Não se parecia nem um pouco com as que Alice usava. Ele não tinha ideia do porquê de esses objetos o fascinarem, mas fascinavam. Sentado na horda da banheira, segurou o material sedoso. Por enquanto sentia-se contente, sabendo que estaria entretido enquanto esperava, mantendo o interruptor e a faca ao alcance da mão.



— E SE FORMOS apanhados? — perguntou Janet nervosa enquanto se dirigiam ao Forbes Center. Tinham acabado de sair da loja de ferragens Home Depot, onde Sean comprara ferramentas que, segundo ele, funcionariam quase tão bem quanto os instrumentos de um serralheiro.

— Não vamos ser apanhados — disse ele. — É por isso que estamos indo agora, quando não há ninguém lá. Bem, não temos certeza, mas vamos verificar.

— Tem muita gente no lado do hospital.

— E é por isso que ficaremos longe de lá.

— E o pessoal da segurança? Já pensou nisso?

— Moleza — disse Sean. — A não ser pelo fuzileiro frustrado, não me impressionaram. Certamente estão relaxados na porta da frente.

— Não sou boa nessas coisas — admitiu Janet.

— Diga alguma coisa que eu não saiba.

— E como foi que você ficou tão familiarizado com fechaduras e alarmes?

— Quando eu cresci, Charlestown era um bairro puramente de classe operária — disse Sean. — O aburguesamento ainda não havia começado. Cada um dos nossos pais trabalhava numa coisa diferente. Meu pai era bombeiro hidráulico. O pai de Timothy O'Brien era serralheiro. O velho O'Brien ensinou ao filho alguns truques da profissão, e Timmy mostrou à gente. A princípio era um jogo, uma espécie de competição. Gostávamos de acreditar que não havia nenhuma fechadura na vizinhança que não podíamos abrir. E o pai de Charlie Sullivan era um tremendo eletricista. Instalava sistemas de alarme para os ricos de Boston, principalmente em Beacon Hill. Frequentemente levava Charlie junto. De modo que Charlie começou a contar à gente sobre os alarmes.

— É um tipo de informação perigosa para garotos — disse Janet. Sua infância não poderia ter sido mais distante da de Sean, em meio às escolas particulares, aulas de música e verões no Cabo.

— Pode apostar que sim — concordou Sean. — Mas nunca roubamos nada dos vizinhos. Só abríamos as fechaduras e em seguida deixávamos abertas, pregando uma peça. Mas depois a coisa mudou. Começamos a ir para subúrbios ricos como Swampscott ou

Marblehead, com um dos garotos que sabia dirigir. Vigíamos uma casa durante algum tempo, depois invadíamos e pegávamos bebida e algum aparelho eletrônico. Você sabe, som, TV.

— Você roubava? — perguntou Janet, chocada.

Sean encarou-a durante um segundo, antes de olhar de novo para a estrada.

— Claro que roubávamos. Na época era uma coisa emocionante, e costumávamos pensar que todas as pessoas que moravam na Margem Norte eram milionárias.

Sean prosseguiu, contando como ele e os colegas vendiam as mercadorias em Boston, pagavam o chofer, compravam cerveja e davam o resto a um sujeito que levantava dinheiro para o Exército Republicano Irlandês.

— Chegávamos a nos iludir, pensando que éramos jovens ativistas políticos, mesmo não tendo a menor ideia do que acontecia na Irlanda do Norte.

— Meu Deus! Eu não fazia ideia — disse Janet. Ela sabia das brigas adolescentes de Sean, e até mesmo dos pegas de carros, mas esses roubos eram uma coisa totalmente diferente.

— Não vamos nos deixar levar por julgamentos de valor — disse Sean. — Minha juventude e a sua foram totalmente diferentes.

— Só fico um pouco preocupada que você tenha aprendido a justificar qualquer comportamento — disse Janet. — Imagino que isso pode se tornar um hábito.

— A última vez em que fiz uma coisa dessas foi quando tinha quinze anos. Desde então, já passou muita água debaixo da ponte.

Chegaram ao estacionamento do Forbes e levaram o carro até o prédio de pesquisas. Sean desligou o motor e apagou as luzes. Por um instante nada se moveu.

— Você quer ou não prosseguir com isso? — perguntou Sean, finalmente rompendo o silêncio. — Não quero pressionar, mas não posso desperdiçar dois meses aqui, fazendo trabalho que não tem

nada a ver. Ou consigo olhar o protocolo de meduloblastoma ou volto para Boston. Infelizmente não posso fazer isso sozinho, o que ficou claro pelo contato com a baleia Margaret Richmond. Ou você ajuda ou cancelamos. Mas deixe que eu diga: estamos entrando aqui para obter informações, não para roubar aparelhos de TV. É por uma boa causa.

Janet olhou para a frente durante um momento. Não se dava ao luxo da indecisão, mas sua mente era um amontoado de pensamentos confusos. Olhou para Sean. Pensou que o amava.

— Tudo bem! — disse enfim. — Vamos lá.

Saíram do carro e foram até a entrada. Sean levava num saco de papel as ferramentas que comprara no Home Depot.

— Boa noite — disse ao guarda de segurança, que piscou repetidamente enquanto olhava seu crachá. Era um hispânico moreno, com um bigode fininho. Pareceu apreciar o short de Janet.

— Preciso injetar meus ratos — disse Sean.

O guarda de segurança fez um gesto para os dois entrarem. Não falou nem tirou os olhos da metade inferior de Janet. Enquanto passavam pela roleta, Sean e Janet puderam ver que ele tinha uma TV portátil miniatura apoiada no banco de monitores de segurança. Estava sintonizada num jogo de futebol.

— Vê o que eu disse sobre os guardas? — disse Sean enquanto eles usavam a escada para descer ao porão. — Ele estava mais interessado nas suas pernas do que no meu crachá. Eu podia ter a foto do Charles Manson nele que o sujeito não perceberia.

— Por que você disse ratos em vez de camundongos? — perguntou Janet.

— As pessoas odeiam ratos. Não queria que ele resolvesse descer e olhar.

— Você realmente pensa em tudo.

O subsolo era um labirinto de corredores e portas trancadas, mas pelo menos era adequadamente iluminado. Sean fora várias vezes à

sala dos animais, e estava relativamente familiarizado com a área, mas não tinha ido mais além. Enquanto andavam, o som de seus pés ecoava no concreto nu.

— Tem alguma ideia de para onde estamos indo? — perguntou Janet.

— Vagamente.

Caminharam pelo corredor central, que fazia várias voltas antes de chegar a uma interseção em T.

— Este deve ser o caminho para o hospital.

— Como você pode saber?

Sean apontou para um emaranhado de tubos junto ao teto.

— A casa de força fica no hospital. Essas linhas vêm alimentar o prédio de pesquisas. Agora temos que deduzir em que lado fica o depósito de prontuários.

Seguiram pelo corredor na direção do hospital. Quinze metros adiante havia duas portas, uma de cada lado do corredor estreito. Sean testou. As duas estavam trancadas.

— Vamos experimentar essas — disse.

Pousou a sacola no chão e pegou algumas ferramentas, entre elas uma fina chave allen, parecendo de joalheiro, e vários pedaços pequenos de arame duro. Segurando a chave allen em uma das mãos e um dos pedaços de arame na outra, enfiou ambos na fechadura.

— Agora é que vem o truque — disse. — Chama-se esquadrinhar os pinos.

Sean fechou os olhos e seguiu pelo tato.

— O que você acha? — perguntou Janet enquanto olhava para um lado e outro do corredor, esperando que aparecesse alguém a qualquer momento.

— Moleza.

Houve um estalido e a porta se abriu. Encontrando um interruptor, Sean acendeu a luz. Tinham entrado numa sala de

controle de eletricidade, com enormes painéis elétricos cobrindo toda a parede, um diante do outro.

Sean desligou a luz e fechou a porta. Em seguida foi trabalhar na outra. Abriu-a em menos tempo do que a primeira.

— Essas ferramentas quebram um tremendo galho — disse. — Nada como o material de verdade, mas não são ruins.

Acendendo uma luz, ele e Janet viram-se numa sala comprida e estreita, cheia de estantes metálicas. Arrumados nas estantes estavam prontuários de hospital. Havia um enorme espaço vazio.

— Não se mexa durante alguns minutos. Deixe eu me certificar de que não há alarmes.

— Meu Deus! Por que você não diz essas coisas antes?

Sean deu uma volta rápida pela sala, procurando sensores infravermelhos ou detectores de movimento. Não encontrou nada. Voltando para perto de Janet e pegando a lista impressa do computador, disse:

— Vamos dividir esses prontuários. Só quero os dos últimos dois anos. Eles vão refletir o tratamento bem-sucedido.

Janet pegou a primeira metade da lista e Sean pegou a outra. Em dez minutos, tinham uma pilha de trinta e três prontuários.

— É fácil dizer que aqui não é um hospital de ensino — disse Sean. — Num hospital de ensino você teria sorte de encontrar um prontuário, imagine os trinta e três.

— O que você quer com eles? — perguntou Janet.

— Copiar. Há uma máquina copiadora na biblioteca. A questão é: será que a biblioteca está aberta? Não quero que o guarda me veja arrombando aquela fechadura. Provavelmente há uma câmera lá.

— Vamos verificar — disse Janet. Queria acabar logo com aquilo.

— Espere — disse Sean. — Acho que tenho uma ideia melhor. Foi até a extremidade do depósito que dava no prédio de pesquisa. Janet correu para ficar junto. Rodeando as últimas estantes de metal, chegaram à parede do fundo. No centro da parede havia uma porta

de vidro. A direita da porta, um painel com dois botões. Quando Sean apertou o de baixo, um zumbido profundo rompeu o silêncio.

— Talvez estejamos com sorte — disse.

Dentro de alguns minutos surgiu o monta-carga. Sean abriu a porta e começou a remover as prateleiras. O que está fazendo? — perguntou ela.

— Uma pequena experiência.

Depois de remover uma quantidade suficiente de prateleiras, ele entrou no monta-carga. Teve de dobrar os joelhos junto ao queixo.

— Feche a porta e aperte o botão — disse.

— Tem certeza?

— Anda logo! Quando o motor parar, espere um pouquinho, depois aperte o botão de baixo para me trazer de volta.

Janet fez o que ele mandou. Sean foi subindo e desapareceu de vista.

Depois que ele se foi, a ansiedade de Janet cresceu. A gravidade do que estavam fazendo não tinha ficado clara enquanto Sean estava junto dela. Mas, no silêncio fantasmagórico, a realidade de onde se encontrava e do que estava fazendo golpeou-a: estava assaltando o Forbes Cancer Center.

Quando o zumbido parou, Janet contou até dez, e depois apertou o botão de baixo. Graças a Deus, Sean reapareceu logo. Ela abriu a porta.

— Funciona maravilhosamente — disse Sean. — Vai direto até o departamento de finanças e administração. Melhor ainda, eles têm uma das melhores copiadoras do mundo.

Só demoraram alguns minutos para levar os prontuários até o monta-carga.

— Você primeiro — disse Sean.

— Não sei se quero isso.

— Ótimo. Então você espera aqui enquanto eu copio os prontuários. Provavelmente vai demorar meia hora. — Começou a

subir no monta-carga.

Janet agarrou seu braço. — Mudei de ideia. Não quero ficar aqui esperando sozinha.

Sean revirou os olhos e saiu do monta-carga. Janet ocupou seu lugar. Sean entregou-lhe a maioria dos prontuários, fechou a porta e apertou o botão. Quando o motor parou, ele apertou outra vez e o monta-carga reapareceu. Com o resto dos prontuários na mão, entrou outra vez no monta-carga e esperou alguns minutos desconfortáveis até que Janet apertou o botão lá em cima, na administração.

Quando Janet abriu a porta, estava visivelmente frenética.

— Qual é o problema agora? — perguntou ele enquanto lutava para sair do monta-carga.

— Todas as luzes aqui em cima estão acesas — disse ela nervosa.

— Foi você que acendeu?

— Não — disse Sean, pegando uma braçada dos prontuários. — Estavam acesas quando cheguei. Provavelmente foi o pessoal da limpeza.

— Eu nem cheguei a pensar nisso. Como você pode ficar tão calmo? — Sua voz parecia quase raivosa.

Sean deu de ombros. — Deve ser por causa da prática que tive em criança.

Rapidamente estabeleceram um sistema para tirar as cópias. Desmontando cada prontuário, podiam colocá-lo no aumentador automático.

Usando um grampeador que encontraram numa mesa ali perto, mantinham as cópias organizadas e remontavam os originais assim que eram copiados.

— Você percebeu o computador dentro da área envidraçada? — perguntou Janet.

— Eu o vi no passeio que dei no primeiro dia.

— Está rodando algum tipo de programa. Quando eu estava esperando que você subisse, dei uma olhada. Está conectado a vários modems e sistemas de discagem automática. Deve estar fazendo algum tipo de pesquisa.

Sean olhou Janet, surpreso.

— Não imaginava que você soubesse tanto sobre computadores. Isso é estranho para alguém formado em literatura inglesa.

— No Wellesley me formei em literatura inglesa, mas os computadores me fascinavam — explicou. — Fiz um monte de cursos de informática. Num certo momento, quase mudei de curso.

Depois de colocar mais prontuários na máquina copiadora, Sean e Janet foram até a área envidraçada e olharam para dentro. A tela do monitor piscava com dígitos. Sean experimentou a porta. Estava aberta.

Entraram.

— Por que será que ele fica numa sala de vidro? — perguntou ele.

— Para proteger. Máquinas grandes como esta podem ser afetadas por fumaça de cigarro. Provavelmente há vários fumantes no escritório.

Olharam as imagens que piscavam na tela. Eram números de nove dígitos.

— O que você acha que ele está fazendo? — perguntou Sean.

— Não tenho a mínima ideia. Não são números de telefone. Se fossem, teriam sete ou dez dígitos, e não nove. Além disso, não há como ligar para números de telefone a essa velocidade.

Subitamente a tela ficou vazia, e em seguida surgiu um número de dez dígitos. Instantaneamente um sistema de discagem automática entrou em ação, com o barulho audível acima dos ventiladores do ar-condicionado.

— Agora é um número de telefone — disse Janet. — Dá até para reconhecer o código de área. Connecticut.

Novamente a tela ficou vazia, e depois voltou a piscar mais números de nove dígitos. Depois de um minuto a lista de números congelou num ponto específico, e a impressora foi ativada. Sean e Janet olharam a tempo de ver impresso o número de nove dígitos seguido por: Peter Ziegler, cinquenta e cinco anos, Valley Hospital, Charlotte, Carolina do Norte, Reparação no tendão de Aquiles, 11 de março.

Subitamente soou um alarme. Enquanto o computador voltava a piscar seus números de nove dígitos, Sean e Janet se entreolharam. Sean confuso, Janet em pânico.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

O alarme continuou a tocar.

— Não sei — admitiu Sean. — Mas não é um alarme contra ladrões.

Ele se virou para o escritório a tempo de ver a porta que dava para o corredor se abrir.

— Abaixese! — disse para Janet, forçando-a a ficar de quatro.

Sean imaginou que a pessoa que estivesse entrando na sala viria checar o computador. Freneticamente, gesticulou para que Janet se arrastasse para trás do console. Num terror absoluto, Janet fez o que ele mandou, espremendo-se em meio aos cabos do computador. Sean estava a seu lado.

Mal eles se esconderam, a porta da sala envidraçada se abriu.

De onde estavam, podiam ver um par de pernas entrando.

Era uma mulher. O alarme que iniciara o episódio foi desligado. A mulher pegou o telefone e discou.

— Temos outro doador potencial — disse. — Carolina do Norte.

Naquele momento a impressora laser começou a imprimir outra vez.

E novamente o alarme soou por um breve momento.

— Ouviu isso? — perguntou a mulher. — Que coincidência! Estamos conseguindo outro, neste exato momento. — Ela parou,

esperando a impressora. — Patricia Southerland, quarenta e sete anos, Hospital Geral de San José, em San José, Califórnia, biópsia no seio, 14 de março. Também parece boa. O que você acha? Houve uma pausa antes de ela falar outra vez: — Sei que a equipe está fora. Mas temos tempo. Confie em mim. Esse é o meu departamento.

A mulher desligou. Sean e Janet ouviram-na retirar o papel que acabara de ser impresso. Em seguida ela se virou e saiu.

Durante alguns minutos, nem Sean nem Janet falaram.

— Que diabo ela quis dizer com doador potencial? — Sean finalmente sussurrou.

— Não sei e não me importo — sussurrou Janet de volta. — Quero sair daqui.

— Doador? — murmurou Sean. — Isso me parece arrepiante. Um banco de órgãos? Faz lembrar um filme que vi. É o que eu digo, este lugar é esquisito.

— Ela foi embora? — perguntou Janet.

— Vou verificar. — Lentamente, Sean recuou para fora do esconderijo e levantou a cabeça acima do tampo da mesa. A sala estava vazia. — Parece que foi embora. Fico imaginando por que ela ignorou a máquina copiadora.

Janet recuou e cautelosamente levantou a cabeça. Também examinou a sala.

— Na hora de entrar, o alarme do computador deve ter encoberto o som — disse Sean. — Mas na hora de sair ela certamente ouviria.

— Talvez estivesse preocupada demais.

Sean assentiu.

— Acho que provavelmente você está certa.

Subitamente a tela do computador, que estivera piscando os infundáveis números de nove dígitos, ficou limpa.

— Parece que o programa acabou — disse Sean.

— Vamos sair daqui — disse Janet, com a voz trêmula.

Saíram para a sala. A máquina copiadora havia terminado a última pilha de prontuários e estava silenciosa.

— Agora sabemos por que ela não escutou. — Sean disse, indo até a máquina e verificando-a. Colocou os últimos prontuários.

— Quero sair daqui! — disse Janet.

— Não até eu pegar meus prontuários. — Ele apertou o botão de copiar e a máquina entrou em funcionamento. Em seguida, começou a tirar os originais e as cópias prontas, grampeando as cópias e remontando os prontuários.

A princípio Janet ficou olhando, aterrorizada com a possibilidade de que a mulher reaparecesse a qualquer momento. Mas depois de reconhecer que quanto mais rápido terminassem mais rápido sairiam, começou a ajudar. Sem mais interrupções, eles reuniram todos os prontuários copiados e grampeados.

Voltando ao pequeno elevador, Sean descobriu que era possível apertar o botão com a porta aberta. Depois, quando a porta era fechada, o monta-carga entrava em operação.

— Agora não preciso me preocupar que você se esqueça de me trazer para baixo — disse, zombeteiro.

— Não estou com espírito para piadas — observou Janet enquanto subia no monta-carga. Ela estendeu os braços para pegar a maior quantidade de cópias possível.

Repetindo o procedimento que os trouxera ao sétimo andar, voltaram com os prontuários até o depósito. Para desespero de Janet, Sean insistiu em que gastassem tempo recolocando os prontuários em seus locais de origem. Tendo feito isso, levaram as cópias para a sala dos animais, onde Sean as escondeu sob as gaiolas de seus camundongos.

— Eu devia aplicar injeções nesses sujeitinhos — disse. — Mas, para dizer a verdade, não estou muito a fim.

Janet ficou satisfeita em ir embora, mas só começou a relaxar quando estavam no carro, saindo do estacionamento.

— Essa foi uma das piores experiências da minha vida — disse enquanto atravessavam Little Havana. — Não posso acreditar que você tenha ficado tão calmo.

— Meus batimentos cardíacos estavam acelerados — admitiu Sean. — Mas tudo correu bem, a não ser aquele pequeno episódio na sala do computador. E agora que passou, não foi excitante? Só um pouquinho?

— Não! — disse Janet, enfática.

Seguiram em silêncio até que Sean disse outra vez: — Ainda não consigo imaginar o que aquele computador estava fazendo. E não consigo imaginar o que tem a ver com doação de órgãos. Eles certamente não usam órgãos de pacientes de câncer falecidos. Há muito risco de transplantar o câncer junto com os órgãos. Alguma ideia?

— Neste momento não consigo pensar em nada — disse Janet.

Entraram no estacionamento das residências Forbes.

— Nossa, olha só aquele velho Cadillac conversível — disse Sean.

— Que navio! Barry Dunhegan teve um assim quando eu era moleque, só que cor-de-rosa. Barry era bookmaker, e nós, garotos, achávamos que ele era o máximo.

Janet deu um olhar indiferente para o monstro de barbatanas estacionado à sombra de uma árvore exótica. Achava incrível como Sean conseguia passar por uma experiência tão angustiante e depois pensar em carros.

Sean parou e puxou o freio de mão. Saíram do carro e entraram no prédio em silêncio. Sean estava pensando em como seria ótimo passar a noite com Janet. Não poderia condenar o guarda de segurança por ficar de olho nela. Enquanto subia a escada atrás de Janet, era obrigado a lembrar de como ela tinha pernas fabulosas.

Quando chegaram junto à sua porta, Sean estendeu a mão e agarrou-a, envolvendo-a com os braços. Por um momento ficaram apenas abraçados.

— Que tal ficarmos juntos esta noite? — Sean forçou-se a perguntar. Sua voz estava hesitante; temia uma rejeição. Janet não respondeu de imediato, e, quanto mais ela adiava a resposta, mais otimista ele ficava. Finalmente ele usou a mão esquerda para pegar as chaves.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ela.

— Vem cá — insistiu Sean. Ele podia sentir seu perfume, tendo-a tão perto.

— Não! — disse Janet decidida, depois de outra pausa. Apesar de ter hesitado, tomara uma decisão. — Sei que seria bom, e seria ótima a sensação de segurança depois desta noite, mas precisamos primeiro conversar.

Sean revirou os olhos, frustrado. Ela conseguia ser impossivelmente teimosa.

— Certo — disse ele petulante, tentando outra tática. — Como você quiser. — Soltou-a, abriu a porta e entrou. Antes de fechar a porta, olhou para o rosto dela. Queria ver uma súbita preocupação por ele ter-se zangado. Em vez disso, viu irritação. Janet virou-se e saiu andando.

Depois de fechar a porta, Sean sentiu-se culpado. Foi até a porta corredeira, abriu-a e saiu para a varanda. Algumas portas adiante viu a luz na sala de Janet. Hesitou, inseguro quanto ao que fazer.



— HOMENS! — JANET disse em voz alta, cheia de ira e exasperação.

Hesitou depois de entrar no apartamento, repassando a conversa que ocorrera junto à porta de Sean. Não havia motivo para ele ficar com raiva dela. Ela não tinha ido em frente com aquele plano

arriscado? Em geral não atendia aos desejos dele? Por que ele não podia sequer tentar entender os dela? Sabendo que nada estaria resolvido naquela noite, Janet foi até o quarto e acendeu a luz. Mais tarde ela recordaria, mas no momento não registrou completamente o fato de a porta do banheiro estar fechada.

Quando estava sozinha, Janet nunca fechava as portas. Era um hábito desenvolvido na infância.

Janet tirou a miniblusa e o sutiã, e em seguida jogou-os na poltrona junto à cama. Soltou o pregador no alto da cabeça e sacudi os cabelos. Sentia-se exausta, irritada e, como dizia uma das colegas de quarto na faculdade, fervendo. Pegando o secador de cabelo que havia jogado apressadamente sobre a cama de manhã, Janet abriu a porta do banheiro e entrou. No momento em que acendeu a luz, percebeu uma presença volumosa à esquerda. Reagindo instintivamente, a mão de Janet estendeu-se, como se para se defender do intruso. Um grito formou-se na garganta de Janet, mas ficou preso antes de sair, diante do horror da imagem à sua frente. Em seu banheiro havia um homem vestido com roupas escuras e largas. Um pedaço de meia de náilon, amarrado com um nó, fora enfiado em sua cabeça, de modo que as feições estavam grotescamente comprimidas. Na altura do ombro, ele segurava uma faca de açougueiro, ameaçador.

Por um instante nenhum dos dois se mexeu. Trêmula, Janet apontou o inútil secador de cabelo na direção do rosto monstruoso, como se fosse uma pistola magnum. O intruso olhou para o cano com uma surpresa chocada, até perceber que estava olhando bobinas de resistência, e não as entranhas de um revólver.

Ele foi o primeiro a reagir, arrancando o secador de cabelo da mão de Janet. Numa explosão de raiva, jogou o aparelho longe; ele bateu no espelho do armário de remédios. O barulho do vidro se espatifando arrancou Janet de sua paralisia, e ela saiu correndo do banheiro.

Tom reagiu depressa e conseguiu agarrar o braço de Janet, mas o ímpeto dela fez com que os dois caíssem na cama. Sua intenção original era esfaqueá-la no banheiro. O secador de cabelo tirara-o da guarda. Ele não planejava que ela saísse do banheiro. E não queria que ela gritasse, mas ela gritou.

O primeiro grito de Janet foi abafado pelo choque, mas ela compensou amplamente com um segundo grito que reverberou nos confins de seu pequeno apartamento e penetrou nas paredes feitas com economia de custos. Provavelmente foi ouvido em cada apartamento do prédio, e lançou um tremor de medo que desceu pela espinha de Tom.

Por mais raiva que tivesse, ele sabia que estava com problemas.

Ainda agarrando o braço de Janet, Tom fez com que ela girasse como um chicote, batendo na parede antes de cair atravessada na cama.

Tom poderia tê-la matado ali, naquela hora, mas não ousou perder tempo.

Em vez disso, correu para a porta da varanda. Atrapalhando-se com as cortinas e depois com a fechadura, ele escancarou a porta corrediça e desapareceu na noite.



SEAN ESTIVERA esperando na varanda, perto da porta corrediça da sala de Janet, tentando juntar coragem para entrar e pedir desculpas pela tentativa de fazer com que ela se sentisse culpada. Estava envergonhado de seu comportamento, mas, como seu forte não eram as desculpas, estava com dificuldade para se motivar.

A hesitação de Sean dissolveu-se num instante ao som do espelho se despedaçando. Por um momento ele lutou com a tela da porta, tentando abri-la. Quando ouviu o grito de gelar o sangue, seguido por um barulho seco e alto, desistiu de abrir a tela e lançou-se através dela. Terminou sobre o tapete felpudo, com as pernas ainda presas no emaranhado da tela. Lutando para ficar de pé, atirou-se pelo corredor em direção ao quarto. Encontrou Janet na cama, os olhos arregalados de terror.

— O que houve? — perguntou Sean.

Janet sentou-se. Engasgando com as lágrimas, disse:

— Havia um homem com uma faca no meu banheiro. — Em seguida, apontou para a porta aberta, ligando o quarto à varanda. Ele foi por ali.

Sean correu até a porta corrediça e puxou a cortina. Em vez de um homem, havia dois. Entraram um atrás do outro, empurrando Sean para dentro do quarto antes que se reconhecessem mutuamente. Os recém-chegados eram Gary Engels e outro morador que respondera ao grito de Janet da mesma maneira que Sean.

Explicando freneticamente que o invasor acabara de sair, Sean voltou com os dois homens para a varanda. Assim que chegaram ao corrimão ouviram o guincho de pneus no estacionamento atrás do prédio.

Enquanto Gary e seu companheiro corriam em direção à escada, Sean voltou até Janet.

Janet havia se recuperado um pouco. Vestira um suéter. Quando Sean entrou, ela estava sentada na beira da cama, terminando de fazer uma ligação de emergência para a polícia. Recolocando o fone no gancho, levantou os olhos para Sean, em pé na sua frente.

— Você está bem? — perguntou ele, gentil.

— Acho que sim. — Ela estava visivelmente trêmula. — Meu Deus, que dia!

— Eu disse que você devia ter ficado comigo. — Sean se sentou a seu lado e pôs um braço nos ombros dela.

Apesar de seu estado, Janet deu um riso curto. Era bem coisa de Sean, tentar aliviar qualquer situação com humor. Era maravilhoso estar nos braços dele.

— Eu tinha ouvido contar que Miami era uma cidade animada — disse ela —, mas isso é demais.

— Alguma ideia de como o sujeito entrou aqui? — perguntou Sean.

— Eu deixei aberta a porta da sala para a varanda — admitiu Janet.

— Isso é aprender da maneira mais difícil.

— Em Boston, a pior coisa que já me aconteceu foi um telefonema obsceno.

— Foi, e eu me desculpei — disse Sean.

Janet sorriu e jogou o travesseiro nele.

A polícia demorou vinte minutos para chegar. Apareceram num carro-patrulha, com as luzes piscando, mas sem sirene. Dois policiais uniformizados, do departamento de polícia de Miami, subiram ao apartamento. Um era um enorme negro barbudo, o outro um hispânico magro, com bigode. Seus nomes eram Peter Jefferson e Juan Torres. Foram solícitos, respeitosos e profissionais, enquanto passavam meia hora ouvindo a história de Janet. Quando ela mencionou que o homem estava usando luvas de látex, eles cancelaram a vinda de um perito que estava programado para chegar depois de terminar um caso de homicídio.

— O fato de ninguém ter se ferido põe o incidente numa outra categoria — disse Juan. — Obviamente os homicídios recebem mais atenção.

— Mas podia ter sido um homicídio — protestou Sean.

— Ei, nós fazemos o melhor possível com o pessoal de que dispomos — disse Peter.

Enquanto os policiais ainda reuniam fatos, apareceu outra pessoa: Robert Harris.



ROBERT HARRIS tinha cultivado e alimentado cuidadosamente um bom relacionamento com o departamento de polícia de Miami. Apesar de desprezar a falta de disciplina e a má forma física, características que se estabeleciam aproximadamente um ano depois de os homens se formarem na academia de polícia, Harris era suficientemente pragmático para compreender que precisava tê-los do seu lado. E esse ataque a uma enfermeira na residência Forbes era um caso importante. Se não tivesse desenvolvido boas ligações, provavelmente não ouviria falar do incidente até a manhã seguinte. Segundo o ponto de vista de Robert, essa situação seria inaceitável para o chefe da segurança.

O chamado viera do comandante de serviço, enquanto Harris usava sua máquina Solonex na frente da TV, em casa. Infelizmente houve um atraso de quase meia hora depois da saída da patrulha, mas Harris não estava em posição de reclamar. Chegar tarde era melhor do que não chegar. Harris simplesmente não queria que o caso esfriasse antes de ele estar envolvido.

Enquanto dirigia até a residência, Harris pensou no estupro e assassinato de Sheila Arnold. Não conseguia afastar a suspeita, por mais improvável que parecesse, de que a morte de Sheila estivesse de algum modo relacionada às mortes das pacientes de câncer no seio. Harris não era médico, de modo que não tinha como comprovar o que o dr. Mason lhe contara meses antes: ele achava que as pacientes de câncer no seio vinham sendo assassinadas. A

indicação era o fato de que os rostos das pacientes ficavam azuis, um sinal de que estavam sendo de algum modo asfixiadas.

O dr. Mason deixara claro que a tarefa principal de Harris era chegar ao fundo dessa situação. Se a notícia vazasse para a imprensa, o dano causado ao Forbes seria irreparável. De fato, o dr. Mason fizera a coisa soar como se o emprego de Harris dependesse de uma solução rápida e discreta desse problema potencialmente embaraçoso.

Quanto mais rápida a solução, melhor para todo mundo.

Mas Harris não fizera qualquer progresso nos últimos meses. A sugestão do dr. Mason de que o assassino era provavelmente um médico ou uma enfermeira não resultara em nada. Análises detalhadas do passado do pessoal médico não revelaram qualquer discrepância ou irregularidade suspeita. As tentativas que Harris fizera de manter uma vigilância discreta sobre as pacientes de câncer no seio não tinham esclarecido nada. Não que ele pudesse ficar de olho em todas elas.

A suspeita de que a morte da srta. Arnold estava relacionada às mortes das pacientes de câncer no seio atacara-o um dia depois do assassinato, enquanto estava indo para o trabalho. Foi então que se recordou de que, um dia antes de Sheila ser morta, uma paciente de câncer no seio internada no andar em que ela trabalhava morreu e ficou azul.

E se Sheila Arnold tivesse visto alguma coisa?, imaginou Harris.

E se ela tivesse testemunhado ou ouvido alguma coisa cujo significado não tinha sido capaz de avaliar, alguma coisa que fizesse o assassino se sentir ameaçado? A ideia parecera razoável a Harris, mesmo ele achando que era produto de uma mente desesperada.

De qualquer modo, a suspeita de Harris não lhe deu muita coisa para ir adiante. Soubera pela polícia que uma testemunha vira um homem saindo do apartamento da srta. Arnold na noite do assassinato, mas a descrição fora muito vaga: um homem de estatura

média, compleição mediana e cabelos castanhos. A testemunha não vira o rosto. Numa instituição do tamanho do Forbes Cancer Center, essa descrição era de pouca utilidade.

Então, quando soube de outro ataque contra uma enfermeira do Forbes, Harris considerou uma possível conexão com as mortes das pacientes de câncer no seio. Ocorrera outra morte suspeita, com a vítima azulada, na terça-feira.

Harris entrou no apartamento de Janet ansioso para falar com ela. Ficou extremamente contrariado ao encontrá-la em companhia do estudante de medicina metido a espertinho, Sean Murphy.

Como a polícia ainda estava interrogando a enfermeira, Harris fez um exame rápido ao redor. Viu no banheiro o espelho espatifado e o secador de cabelos quebrado. Também percebeu as calcinhas em meio aos cacos no chão. Entrando na sala, percebeu um grande buraco na tela da porta. Era óbvio que a tela fora um ponto de entrada, e não de fuga.

— A testemunha é sua — brincou Peter Jefferson, entrando na sala. Seu companheiro veio logo atrás. Harris encontrara Peter várias vezes anteriormente.

— Alguma coisa que vocês possam me contar? — perguntou Harris.

— Não muito — disse Peter. — O sujeito estava usando uma meia de náilon na cara. Compleição mediana, altura média. Aparentemente, não disse uma palavra. A garota teve sorte. O cara tinha uma faca.

— O que vocês vão fazer?

Peter deu de ombros.

— O de sempre. Um relatório. Veremos o que o sargento diz. De qualquer modo, o caso vai ser entregue a uma unidade de investigação. Quem sabe o que eles vão fazer? — Peter baixou a voz.

— Nenhum ferimento, nenhum roubo. Não parece que vai virar

prioridade máxima. Se ela tivesse sido machucada, seria outra história.

Harris assentiu. Agradeceu aos policiais, e eles saíram. Em seguida entrou no quarto. Janet estava arrumando uma mala; Sean estava no banheiro, recolhendo os artigos de toalete.

— Em nome do Forbes, quero dizer que sinto muitíssimo — disse.

— Compreendo — disse Janet. — Podia ter acontecido em qualquer lugar. Eu deixei a porta aberta.

— A polícia disse que você teve dificuldade em reconhecer o sujeito.

— Ele estava com uma meia na cabeça. E tudo aconteceu muito rápido.

— É possível que você o tenha visto antes?

— Acho que não. Mas na verdade não dá para ter certeza.

— Gostaria de fazer uma pergunta — disse Harris. — Mas quero que pense durante um minuto antes de responder. Alguma coisa incomum aconteceu recentemente com você no Forbes?

A boca de Janet ficou instantaneamente seca.

Entreouvindo essa conversa, Sean imaginou imediatamente o que se passava na mente de Janet: ela estava pensando na invasão do depósito de prontuários.

— Janet teve uma experiência muito difícil — disse, entrando no quarto.

Harris se virou.

— Não estou falando com você, garoto — disse, ameaçador.

— Escute, seu cabeça de moringa. Nós não chamamos os fuzileiros. Janet já falou com a polícia. Você pode obter suas informações com eles. Ela não precisa falar com você, e acho que ela já passou por muita coisa esta noite. Não precisa de você enchendo o saco.

Os dois homens se enfrentaram com olhares furiosos.

— Por favor! — gritou Janet. Lágrimas rolavam de seus olhos. — Eu não aguento nenhuma tensão agora.

Sean sentou-se na cama, pôs o braço em torno dela e fez com que Janet apoiasse a cabeça em seu peito.

— Desculpe, senhorita Reardon — disse Harris. — Compreendo. Mas é importante para mim perguntar se viu alguma coisa incomum enquanto trabalhava hoje. Sei que foi o seu primeiro dia.

Janet balançou a cabeça. Sean olhou para Harris e fez com os olhos um sinal para que ele se retirasse.

Harris lutou para impedir-se de dar um tapa no garoto. Até fantasiou sentar-se em cima dele e raspar sua cabeça. Em vez disso virou-se e saiu.



ENQUANTO A NOITE avançava para a madrugada, a ansiedade de Tom Widdicomb crescia gradualmente. Estava no depósito junto à garagem, encolhido no canto ao lado do freezer. Abraçava os joelhos como se estivesse com frio. Até tremia intermitentemente enquanto o pensamento o torturava, repetindo e repetindo os acontecimentos desastrosos da residência Forbes.

Agora ele era um fracasso total. Não só fracassara em colocar Gloria D'Amataglio para dormir, mas fracassara em se livrar da enfermeira que o impedira de fazê-lo. E, a despeito da meia de náilon que usara, ela o vira de perto. Talvez pudesse reconhecê-lo. Mais do que tudo, Tom estava mortificado por ter confundido aquele estúpido secador de cabelo com um revólver.

Por causa de sua idiotice, Alice não estava falando com ele.

Tentara conversar com ela, mas ela nem queria ouvir. Ele a desapontara.

Não era mais "o seu homenzinho". Merecia que as outras crianças rissem dele. Tom tentara argumentar, prometendo que ajudaria Gloria na manhã seguinte, e que iria livrá-los o mais rápido possível daquela enfermeira intrometida. Prometeu e chorou, mas não houve jeito. Alice podia ser teimosa.

Levantando-se rigidamente, Tom esticou os músculos com câibra.

Ficara horas no canto, sem se mexer, pensando que a mãe terminaria tendo pena dele. Mas não funcionara. Ela o tinha ignorado. Então pensou em falar diretamente com ela.

Ficando de frente para o freezer, soltou a trava e levantou a tampa. A névoa congelada que saiu de dentro redemoinhou enquanto se misturava com um sopro do ar quente e úmido de Miami. Gradualmente a névoa desapareceu, e dela emergiu o rosto dessecado de Alice Widdicomb.

Seu cabelo tingido de ruivo era um emaranhado de gelo. A pele de seu rosto estava funda, manchada e azul. Cristais tinham se formado nas bordas das pálpebras abertas. Os olhos haviam-se contraído ligeiramente, encrespando a superfície das córneas, opacas com o gelo invernal. Seus dentes amarelos estavam expostos pela retração dos lábios, formando uma careta horrível.

Como Tom e sua mãe tinham vivido tão isolados, ele teve pouca dificuldade depois de colocá-la para dormir. Seu único erro fora não ter pensado logo no freezer, e depois de dois dias ela começara a cheirar mal. Um dos poucos vizinhos com os quais eles às vezes falavam comentou o fato, lançando Tom em pânico. Foi então que ele pensou no freezer.

Desde então nada mudara. Até os cheques do seguro social de Alice chegavam na data certa. A única vez em que quase houvera um problema foi quando o compressor do freezer pifou, numa noite quente de sábado. Tom só pudera conseguir uma pessoa para consertar na segunda.

Ficara aterrorizado imaginando se o sujeito precisaria abrir o freezer, mas não precisou. O homem disse que achava que Tom poderia estar com carne estragada lá dentro.

Segurando a tampa, Tom olhou para a mãe. Mas ela continuava se recusando a falar qualquer palavra. Estava compreensivelmente apavorada.

— Vou resolver isso hoje — disse Tom, implorando. — Gloria ainda vai estar no soro. Se não estiver, eu penso em alguma coisa. E a enfermeira. Vou me livrar dela. Não vai haver nenhum problema. Ninguém vai aparecer e levar você embora. Você está segura comigo. Por favor!

Alice Widdicomb não disse nada.

Lentamente, Tom baixou a tampa. Esperou um instante, para o caso de ela mudar de ideia, mas ela não mudou. Deixou-a, relutante, e atravessou a cozinha, entrando no quarto que haviam compartilhado durante tantos anos. Abrindo a mesinha de cabeceira, pegou o revólver de Alice. Originalmente fora de seu pai, mas depois que ele morreu Alice se apossara da arma, frequentemente mostrando-a a Tom, dizendo que, se alguém tentasse intrometer-se entre eles, ela iria usá-la. Tom aprendera a amar a visão do cabo de madre pérola. — Ninguém vai ficar entre nós, Alice.

Até agora ele só usara o revólver uma vez, quando a garota Arnold tentara interferir, puxando-o de lado para dizer que o vira retirar algum remédio do carrinho de anestesia. Agora teria de usá-lo outra vez com essa Janet Reardon, antes que ela causasse mais problemas ainda.

— Vou provar que sou o seu homenzinho — disse Tom. Enfiou o revólver frio no bolso e entrou no banheiro para se barbear.

6

5 de março
Sexta-feira, 6h30 da manhã

Enquanto dirigia pela General Douglas MacArthur Causeway em direção ao trabalho, Janet tentava se distrair admirando a visão impressionante da baía Biscayne. Tentou até mesmo fantasiar um cruzeiro com Sean, em um dos barcos branquíssimos ancorados no cais de Dodge Island. Mas nada funcionava. Sua mente ficava voltando aos acontecimentos da noite anterior.

Depois de enfrentar aquele homem no banheiro, Janet não quis passar a noite no 207. Nem o apartamento de Sean pareceu-lhe um porto seguro. Em vez disso, insistiu em mudar-se para o de Miami Beach, que havia alugado. Não querendo ficar só, convidou Sean para vir com ela, e ficou aliviada quando ele aceitou e até se ofereceu para dormir no sofá.

Mas, assim que chegaram, até mesmo as decisões mais firmes de Janet foram postas de lado. Dormiram juntos no que Sean descreveu como "o modo platônico".

Não fizeram amor, mas, Janet teve de admitir, foi bom ficar perto dele.

Janet sentia-se perturbada por sua aventura com Sean quase tanto quanto pela invasão do estranho. O episódio no prédio da

administração na noite anterior a abalara profundamente. Não conseguia parar de pensar no que teria acontecido se tivessem sido apanhados. E, além disso, começara a pensar em que tipo de homem era Sean. Era inteligente e espirituoso disso não havia dúvida. Mas, a partir das novas revelações sobre suas experiências de roubos no passado ela questionava qual seria sua verdadeira moral.

Acima de tudo, Janet sentia-se profundamente confusa, e, para piorar as coisas, naquele dia deveria obter por meios escusos uma amostra de medicamento altamente controlado. Se fracassasse, enfrentaria a possibilidade de Sean fazer as malas e ir embora de Miami. Enquanto se aproximava do hospital, Janet viu-se pensando ansiosamente no domingo, seu primeiro dia de folga. O fato de já estar pensando em folga no início de seu segundo dia de trabalho indicava o seu nível de tensão.

A atmosfera buliçosa acabou sendo uma dádiva para a mente perturbada de Janet. Minutos depois de chegar, foi envolvida pelo tumulto do hospital. A reunião de relatório deu ao pessoal do turno do dia uma sugestão do trabalho que os aguardava. Em meio aos testes de diagnóstico, tratamentos e complicados protocolos de medicação, as enfermeiras sabiam que teriam pouco tempo livre. As notícias mais perturbadoras eram de que Helen Cabot não melhorara durante a noite, como os médicos esperavam. Na verdade, a enfermeira que cuidara dela no turno da noite perdeu terreno, tendo de enfrentar um pequeno espasmo por volta das quatro da madrugada. Janet ouviu atentamente essa parte do relatório, já que conseguira ser encarregada de Helen naquele dia.

Com relação aos medicamentos controlados, Janet imaginara um plano. Tendo visto o tipo de frascos em que eles vinham, conseguira vidros semelhantes vazios. Agora só precisava de algum tempo sozinha com o remédio.

Depois do final do relatório, Janet lançou-se ao trabalho. A primeira tarefa era colocar um equipo de soro em Gloria

D'Amataglio.

Era o último dia de medicamento intravenoso em seu atual ciclo de quimioterapia. Tendo mostrado logo de início grande facilidade em aplicações na veia, Janet foi encarregada do procedimento. Durante a reunião de relatório, ela se oferecera para colocar o soro de Gloria, já que no passado tinham surgido alguns problemas com isso. A enfermeira encarregada de cuidar de Gloria naquele dia concordou prontamente.

Armada com a parafernália necessária, Janet entrou no quarto de Gloria. Gloria estava sentada na cama, apoiada em vários travesseiros, obviamente sentindo-se melhor do que na véspera. Enquanto conversavam nostalgicamente sobre a beleza do lago no campus do Wellesley, e sobre como ele era romântico nos finais de semana em que havia festa, Janet instalou o soro.

— Dessa vez quase não senti — disse Gloria admirada.

— Fico feliz em ajudar.

Saindo do quarto de Gloria, Janet sentiu o estômago se apertar enquanto se preparava para a tarefa seguinte: conseguir o medicamento controlado. Precisou se desviar de várias macas, e em seguida fazer uma espécie de dança para rodear o faxineiro e seu balde.

Chegando ao posto de enfermagem, pegou o prontuário de Helen Cabot e procurou a folha de prescrição médica. Helen receberia o MB300C e o MB303C a partir das oito da manhã. Primeiro Janet pegou o frasco e o equipo de soro; em seguida, apanhou os vidros vazios que havia separado.

Finalmente foi até Marjorie e pediu o medicamento de Helen.

— Só um segundo — disse Marjorie, e correu pelo corredor até os elevadores, para entregar um pedido de radiografia a um funcionário que estava levando um paciente até a sala de raios X.

— Esse sujeito nunca se lembra da requisição — comentou ela, balançando a cabeça.

Marjorie voltou ao posto de enfermagem num instante. Enquanto rodeava o balcão, já ia retirando do pescoço a chave do armário que guardava o medicamento especial.

— Que dia! — disse para Janet. — E pensar que só está começando! Obviamente estava preocupada com o rebuliço do hospital no começo de cada dia. Abrindo a geladeira pequena porém robusta, retirou dois frascos do medicamento de Helen Cabot. Consultando uma caderneta que também estava na geladeira, disse a Janet que devia tirar 2ml do frasco maior e 0,5ml do frasco menor. Mostrou a Janet onde rubricar depois de administrar o medicamento e onde Marjorie iria rubricar quando Janet terminasse.

— Marjorie, estou com o dr. Larsen na linha — disse Tim, interrompendo-as.

Segurando os frascos que continham líquidos transparentes, Janet recuou para o cubículo da farmácia. Primeiro abriu a água quente na pequena pia. Depois de se certificar de que ninguém olhava, segurou os dois frascos MB sob a água quente. Quando as etiquetas se soltaram, Janet retirou-as e colocou-as nos frascos vazios. Colocou numa gaveta os frascos, agora sem etiquetas, atrás de um suprimento de copos plásticos dosadores, lápis, pranchetas e garrotes de borracha.

Depois de outro olhar cauteloso para o movimentado posto de enfermagem, Janet segurou os dois frascos acima da cabeça e deixou que caíssem no chão de ladrilhos. Os dois se partiram em cacos minúsculos.

Depois de jogar um pouco de água nos pedaços de vidro, Janet virou-se e saiu do cubículo da farmácia.

Marjorie continuava ao telefone, e Janet teve que esperar que ela desligasse. Assim que ela fez isso, Janet colocou uma das mãos em seu braço.

— Aconteceu um acidente — disse Janet. Tentou parecer chateada, o que não era difícil, considerando seu nervosismo.

— O que aconteceu? — Os olhos de Marjorie se arregalaram.

— Deixei os dois frascos caírem. Escorregaram da minha mão e se espatifaram no chão.

— Tudo bem, tudo bem — disse Marjorie, tranquilizando-se ao mesmo tempo em que tranquilizava Janet. — Não vamos ficar tão exaltadas. Acidentes acontecem, especialmente quando estamos muito ocupadas e com pressa. Mostre onde foi.

Janet guiou-a até a farmácia e apontou para os restos dos dois frascos. Marjorie abaixou-se e, usando o polegar e o indicador, pegou cautelosamente os cacos grudados às etiquetas.

— Sinto muitíssimo — disse Janet.

— Tudo bem. — Marjorie levantou-se e deu de ombros. — Como eu disse, acidentes acontecem. Vamos falar com a sra. Richmond.

Janet acompanhou Marjorie de volta ao posto de enfermagem, onde Marjorie fez uma chamada para o bipe da chefe de enfermagem. Depois de explicar o que acontecera, teve de pegar a caderneta na geladeira dos medicamentos. Nesse momento Janet pôde ver os frascos dos outros pacientes.

— Havia 6ml no maior e 4ml no menor — disse Marjorie ao telefone. Ouviu, concordou várias vezes, e em seguida desligou.

— Sem problema — disse. Fez uma anotação na caderneta e em seguida entregou a caneta a Janet. — Basta rubricar onde escrevi o que se perdeu.

Janet rubricou suas iniciais.

— Agora vá até a sala da sra. Richmond no prédio de pesquisas, sétimo andar. Leve essas etiquetas. — Marjorie pôs num envelope os fragmentos de vidro com as etiquetas presas e entregou-os a Janet.

— Ela vai lhe entregar vários frascos novos, certo?

Janet assentiu e desculpou-se outra vez.

— Tudo bem — tranquilizou-a Marjorie. — Podia ter acontecido com qualquer um. — Em seguida pediu a Tim que chamasse Tom Widdicomb, para limpar o cubículo da farmácia.

Com a cabeça martelando, e sabendo que tinha o rosto vermelho, Janet foi até os elevadores o mais calmamente que pôde. Seu ardil funcionara, mas ela não se sentia bem com isso. Sentia que estava se aproveitando da confiança e da bondade de Marjorie. Também se preocupava com a possibilidade de alguém encontrar os frascos sem rótulo dentro da gaveta na farmácia. Janet gostaria de tê-los retirado de lá, mas achava que não poderia se arriscar até mais tarde, quando poderia entregá-los diretamente a Sean.

Apesar de sua preocupação com os remédios de Helen, ao passar pela porta de Gloria percebeu que ela estava fechada. Tendo acabado de dar início ao tratamento intravenoso, isso a perturbou. A não ser pelo incidente quando Marjorie apresentara Janet a Gloria, a porta sempre estivera escancarada. Gloria até comentara que gostava de tê-la aberta, para manter contato com a vida no corredor.

Perplexa, Janet parou e olhou para a porta, indecisa com relação ao que fazer. Já estava atrasada em seu trabalho, de modo que deveria ir direto à sala da sra. Richmond. Mesmo assim a porta de Gloria a incomodava. Temendo que Gloria pudesse estar se sentindo mal, Janet foi até a porta e bateu. Quando não houve resposta, bateu de novo, mais alto. Continuando sem resposta, Janet empurrou a porta e olhou para dentro. Gloria estava largada na cama. Uma de suas pernas pendia para fora do colchão. Parecia uma posição pouco natural para um cochilo.

— Gloria? — chamou Janet.

Gloria não respondeu.

Mantendo a porta aberta com o prendedor de borracha, Janet aproximou-se da cama. Ao lado estava um balde com um esfregão, mas Janet não o viu porque, quando chegou mais perto, percebeu alarmada que o rosto de Gloria estava com um profundo azul cianótico! — Emergência, quarto 409! — gritou para a telefonista depois de retirar o fone do gancho. Largou o envelope com os cacos de vidro sobre a mesinha de cabeceira.

Puxando a cabeça de Gloria para trás, e depois de se certificar de que a boca estava desimpedida, Janet começou um ressuscitamento boca a boca. Com a mão direita apertando as narinas de Gloria, Janet inflou várias vezes os pulmões da paciente. Notando a facilidade com que conseguia isso, teve confiança de que não havia qualquer bloqueio. Com a mão esquerda, procurou a pulsação. Encontrou, mas fraca.

Janet soprou várias vezes, enquanto pessoas começavam a chegar.

Marjorie foi a primeira, mas logo vieram outros. No momento em que Janet foi substituída em seus esforços por outra enfermeira, havia pelo menos dez pessoas no quarto, tentando ajudar. Janet ficou impressionada com a resposta rápida: até o faxineiro estava lá.

A cor de Gloria voltou rapidamente, para alívio de todos. Dentro de três minutos, vários médicos, inclusive um anestesista, chegaram do segundo andar. A essa altura já fora colocado um monitor que mostrava batimentos cardíacos lentos, porém normais. O anestesista colocou destramente um tubo endotraqueal e usou um Ambu para inflar os pulmões de Gloria. Isso era mais eficiente do que a boca a boca, e a cor da paciente melhorou mais ainda.

Mas também havia maus sinais. Quando o anestesista apontou uma pequena lanterna nos olhos de Gloria, suas pupilas dilatadas não reagiram. Quando outro médico tentou provocar reflexos, ela não foi capaz de reagir.

Depois de vinte minutos, Gloria começou a fazer esforços para respirar. Minutos mais tarde, estava respirando sozinha. Os reflexos também voltaram, mas de um modo que não parecia muito bom. Seus braços e suas pernas se estendiam enquanto as mãos e os pés se flexionavam.

— É... — disse o anestesista. — Parecem sinais de rigidez devido à lesão cerebral. Isso é ruim.

Janet não queria ouvir aquilo.

O anestesista balançou a cabeça.

— Ela passou muito tempo sem oxigênio no cérebro.

— Estou surpresa — disse uma das outras médicas. A mulher balançou o frasco de soro para ver o que havia nele. — Não pensei que esse tratamento pudesse causar insuficiência respiratória.

— A químio pode fazer coisas inesperadas — disse o anestesista. Pode ter começado como um acidente vascular cerebral. Acho que é melhor informar Randolph sobre isso.

Depois de pegar o envelope, Janet saiu do quarto. Sabia que cenas daquele tipo ocorriam num hospital, mas saber não tornava o fato mais fácil de suportar.

Marjorie saiu do quarto de Gloria, viu Janet e se aproximou dela. Balançou a cabeça.

— Não temos tido muita sorte com essas pacientes de câncer no seio em estado avançado — disse. — Acho que a chefia deveria começar a questionar o protocolo do tratamento.

Janet assentiu, mas não disse nada.

— É sempre duro ser a primeira pessoa a aparecer no local — disse Marjorie. — Você fez tudo o que pôde.

Janet assentiu outra vez.

— Obrigada.

— Agora pegue o remédio para Helen Cabot antes que tenhamos mais problemas — Marjorie deu um tapinha no ombro de Janet.

Janet assentiu. Desceu a escada até o segundo andar e em seguida atravessou para o prédio de pesquisas. Pegou um elevador até o sétimo andar e, depois de perguntar pela sra. Richmond, foi direto a sua sala.

A chefe de enfermagem estava esperando e estendeu a mão para o envelope. Abrindo-o, jogou o conteúdo na mesa. Com o indicador, remexeu os cacos até poder ler as etiquetas.

Janet continuou em pé. O silêncio da sra. Richmond fez com que ela sentisse medo de que, de algum modo, a mulher soubesse

exatamente o que Janet fizera. Começou a transpirar.

— Isso causou algum problema? — perguntou finalmente a sra. Richmond, em sua voz surpreendentemente suave.

— O que a senhora quer dizer?

— Quando você quebrou estes frascos — disse a sra. Richmond.

— Você se cortou com algum vidro?

— Não — disse Janet, aliviada. — Deixei cair no chão. Não me cortei.

— Bem, não é a primeira vez nem será a última — disse a sra. Richmond. — Estou satisfeita por você não ter se machucado.

Com uma agilidade surpreendente para o seu tamanho, a sra. Richmond saltou de trás da mesa e foi até um armário que ia do chão ao teto e cujas portas escondiam uma grande geladeira trancada.

Destrancando a porta da geladeira retirou dois frascos semelhantes aos que Janet quebrara. A geladeira estava praticamente cheia daqueles frascos.

A sra. Richmond voltou à mesa. Procurando numa caixa dentro de uma gaveta lateral, pegou etiquetas impressas, idênticas às que estavam junto aos cacos na mesa. Lambeu o verso dos rótulos e começou a colá-los nos respectivos frascos. Antes que terminasse, o telefone tocou.

A sra. Richmond atendeu e continuou a trabalhar, segurando o fone contra o ouvido com um dos ombros levantado. Mas quase imediatamente a chamada atraiu toda a sua atenção.

— O quê? — gritou. Sua voz suave tornou-se lamurienta. Seu rosto ficou vermelho.

— Onde? — perguntou a sra. Richmond. — Quarto andar! — disse, depois de uma pausa. — Isso é quase pior! Droga!

A sra. Richmond bateu o telefone e por um instante olhou para a frente sem piscar. Depois, notando com um estremecimento a presença de Janet, levantou-se e entregou-lhe os frascos.

— Preciso ir — disse, ansiosa. — Tenha cuidado com esse medicamento.

Janet assentiu e começou a responder, mas a sra. Richmond já estava saindo pela porta.

Janet parou na saída do escritório da sra. Richmond e observou-a andando depressa. Olhando por sobre o ombro, examinou o armário que escondia a geladeira trancada. Alguma coisa não estava certa naquilo tudo, mas ela não tinha certeza do que era. Havia muita coisa acontecendo.



RANDOLPH MASON maravilhava-se com Sterling Rombauer. Tinha alguma ideia da fortuna pessoal de Sterling, bem como de sua legendária argúcia nos negócios, mas não conseguia imaginar o que motivava o sujeito. Revirar o país a serviço de outras pessoas não seria a vida que Mason levaria, caso tivesse os bens de Sterling. Mesmo assim, Mason agradecia por Sterling ter escolhido aquela profissão. A cada vez que o contratava, obtinha resultados.

— Não creio que você tenha nada com que se preocupar até que o avião da Sushita pouse aqui em Miami — estava dizendo Sterling. — O jato estava esperando por Tanaka em Boston, e tinha sido programado para ir a Miami, mas foi para Nova York e depois para Washington sem ele. Tanaka teve que vir para cá num voo comercial.

— E você vai saber se o avião vai chegar, e quando? — perguntou o dr. Mason.

Sterling assentiu. O interfone do dr. Mason estalou. — Desculpe perturbá-lo, dr. Mason — disse Patty, a secretária. — Mas o senhor me mandou alertá-lo sobre a sra. Richmond. Ela está vindo para cá, e parece chateada.

O dr. Mason engoliu em seco. Só havia uma coisa capaz de tirar Margaret do sério. Desculpou-se com Sterling e saiu do escritório para interceptar a chefe de enfermagem. Encontrou-a perto da mesa de Patty, e puxou-a de lado.

— Está acontecendo de novo — disse a sra. Richmond rispidamente. — Outra paciente de câncer no seio com parada respiratória cianótica. Randolph, você precisa fazer alguma coisa!

— Outra morte? — perguntou o dr. Mason.

— Ainda não — disse a sra. Richmond. — Mas é quase pior, especialmente se a mídia se envolver. A paciente está em estado vegetativo com óbvia lesão cerebral.

— Meu Deus! Você está certa: pode ser pior, se a família começar a fazer perguntas.

— É claro que eles vão fazer perguntas. Mais uma vez devo lembrá-lo de que isso pode arruinar tudo pelo qual tanto trabalhamos.

— Não precisa me dizer isso.

— Bom, o que você vai fazer?

— Não sei mais o que fazer — admitiu o dr. Mason. — Vamos mandar Harris subir aqui.

O dr. Mason mandou Patty chamar Robert Harris e informá-lo assim que Harris chegasse.

— Estou com Sterling Rombauer no meu escritório — disse à sra. Richmond. — Talvez você devesse ouvir o que ele tem a dizer sobre nosso estagiário de medicina.

— Aquele moleque! — disse a sra. Richmond. — Quando o encontrei no hospital olhando o prontuário de Helen Cabot, senti vontade de esganá-lo.

— Acalme-se e venha ouvir.

Relutantemente, a sra. Richmond deixou que o dr. Mason a guiasse até o escritório. Sterling levantou-se. A sra. Richmond disse que ele não precisava ficar de pé por sua causa.

O dr. Mason mandou que todos se sentassem, e em seguida pediu que Sterling pusesse a sra. Richmond a par das novidades.

— Sean Murphy é um indivíduo interessante e complicado — disse Sterling enquanto cruzava casualmente as pernas. — Ele levou uma vida dupla, mudando drasticamente quando entrou para a universidade de Harvard, mas mesmo assim mantendo-se fiel às suas raízes operárias irlandesas. E teve sucesso. Atualmente ele e um grupo de amigos estão em vias de fundar uma empresa que pretendem chamar de Oncogen. Seu objetivo é comercializar diagnósticos e agentes terapêuticos baseados na tecnologia do oncogene.

— Então está claro o que devemos fazer — disse a sra. Richmond. — Principalmente considerando-se que ele é incorrigivelmente atrevido.

— Deixe Sterling terminar — disse o dr. Mason.

— Ele é extremamente brilhante no que toca à biotecnologia. Na verdade, devo dizer que ele tem um dom. Sua única inconveniência, como vocês já adivinharam, está no âmbito social. Mostra pouco respeito pela autoridade e consegue irritar muitas pessoas. Dito isto, ele já esteve envolvido na fundação de uma empresa bem-sucedida, que foi comprada pela Genentech. E não teve grandes dificuldades para levantar fundos para seu novo empreendimento.

— Isso está cada vez mais parecendo um problema — disse a sra. Richmond.

— Não do modo que a senhora acha — disse Sterling. — O problema é que a Sushita sabe aproximadamente as mesmas coisas que eu sei. Minha opinião é que eles vão considerar Sean Murphy uma ameaça aos investimentos que fizeram aqui no Forbes. E, assim que pensarem isso, vão agir. Não estou convencido de que uma mudança para Tóquio e, essencialmente, uma compra do controle de sua empresa funcionem com o sr. Murphy. No entanto, se ele ficar

aqui, acho que os japoneses vão considerar a hipótese de não renovar seu contrato.

— Ainda não entendo por que não o mandamos de volta para Boston — disse a sra. Richmond. — É a solução. Por que correr o risco de prejudicar nosso relacionamento com a Sushita?

Sterling olhou para o dr. Mason. O dr. Mason limpou a garganta.

— Do meu ponto de vista, não quero ser imprudente. O garoto é bom no que faz. Esta manhã fui até onde ele está trabalhando. Ele conseguiu que toda uma geração de camundongos aceitasse a glicoproteína. Além disso, me mostrou alguns cristais promissores, que ele conseguiu cultivar. E insiste em que terá outros melhores dentro de uma semana. Ninguém tinha conseguido chegar tão longe. Meu problema é que estou entre a cruz e a espada. Uma ameaça pior do que as verbas da Sushita é que ainda não pudemos dar a eles nenhum produto patenteável. Eles estão esperando alguma coisa agora.

— Em outras palavras, você acha que nós precisamos desse moleque mesmo com os riscos — disse a sra. Richmond.

— Eu não colocaria a coisa dessa maneira.

— Então por que não liga para a Sushita e explica a eles?

— Não seria aconselhável — disse Sterling. — Os japoneses preferem a comunicação indireta, de modo a evitar um confronto. Eles não entenderiam uma abordagem tão direta. Essa tática causaria mais ansiedade do que alívio.

— Além do mais, já me referi a tudo isso com Hiroshi — disse o dr. Mason. — E mesmo assim eles foram investigar o sr. Murphy por conta própria.

— Os homens de negócios japoneses têm um grande problema com a incerteza — acrescentou Sterling.

— Então qual vai ser sua conclusão com relação a esse garoto? — perguntou a sra. Richmond. — Ele é um espião? É por isso que ele está aqui?

— Não — disse Sterling. — Não no sentido tradicional. Obviamente Sean está interessado no sucesso de vocês com o meduloblastoma, mas de um ponto de vista acadêmico, não comercial.

— Ele foi muito claro quanto ao interesse pelo trabalho com o meduloblastoma — disse o dr. Mason. — Na primeira vez em que o vi, ele ficou claramente desapontado quando o informei de que não teria permissão para trabalhar no projeto. Se for algum tipo de espião, acho que não é muito eficiente. Sacudir o barco só faz chamar mais atenção.

— Concordo — disse Sterling. — Sendo jovem, ele ainda está motivado por idealismo e altruísmo. Ainda não foi envenenado pelo novo comercialismo da ciência em geral e da pesquisa médica em particular.

— Mas mesmo assim já fundou uma empresa — observou a sra. Richmond. — Isso me soa bem comercial.

— Ele e os sócios estavam vendendo os produtos essencialmente a preço de custo — disse Sterling. — A motivação do lucro não teve um papel significativo até que a empresa fosse vendida.

— Então, qual é a saída? — perguntou a sra. Richmond.

— Sterling vai monitorar a situação — disse o dr. Mason. — Vai nos manter diariamente informados. E protegerá o sr. Murphy dos japoneses enquanto ele nos for útil. Se Sterling concluir que ele está agindo como espião, vai nos informar. Nesse caso, nós o mandamos de volta para Boston.

— É uma babá cara — disse a sra. Richmond.

Sterling sorriu e assentiu, concordando.

— Miami em março é muito agradável. Particularmente no Grand Bay Hotel.

Uma rápida sequência de estática no interfone precedeu a voz de Patty: — O sr. Harris está aqui.

O dr. Mason agradeceu a Sterling, indicando que a reunião estava terminada. Enquanto acompanhava Sterling para fora do escritório, o dr. Mason não pôde deixar de concordar com a afirmação da sra. Richmond: Sterling era uma babá cara. Mas o dr. Mason estava convencido de que o dinheiro estava sendo bem empregado, e, graças a Howard Pace, prontamente disponível.

Harris estava junto à mesa de Patty, e em nome da educação o dr. Mason apresentou-o a Sterling. Nesse momento, não conseguiu evitar a sensação de que um era a antítese do outro.

Depois de mandar Harris entrar no escritório, o dr. Mason agradeceu a Sterling por tudo e implorou que o mantivesse informado. Sterling assegurou que faria isso, e saiu. Então o dr. Mason voltou ao escritório para enfrentar a crise atual.

O dr. Mason fechou a porta depois de entrar. Percebeu que Harris estava rígido no meio da sala. Seu quepe com pala de couro e enfeite dourado estava enfiado sob o braço esquerdo.

— Relaxe — disse o dr. Mason enquanto rodeava a mesa e se sentava.

— Sim, senhor — disse Harris diligentemente. Não se moveu.

— Pelo amor de Deus, sente-se! — disse o dr. Mason, ao perceber que Harris continuava em pé.

Harris se sentou. O quepe continuava sob o braço.

— Suponho que você tenha ouvido dizer que outra paciente de câncer no seio morreu — disse o dr. Mason. — Pelo menos em termos práticos.

— Sim, senhor — disse Harris rigidamente.

O dr. Mason encarou o chefe de segurança com certa irritação. Por um lado apreciava o profissionalismo de Robert Harris. Por outro, aquela representação militarista o irritava. Não era uma coisa adequada a uma instituição médica. Mas nunca reclamara porque, até as mortes das pacientes de câncer no seio, a segurança nunca fora problema.

— Como já lhe dissemos — disse o dr. Mason —, acreditamos que algum demente esteja fazendo isso. Está se tornando uma coisa intolerável. Precisa acabar. Pedi que você fizesse disso sua prioridade. Conseguiu descobrir alguma coisa?

— Posso assegurar que esse problema ocupa minha atenção total — disse Harris. — Seguindo o seu conselho, fiz verificações amplas sobre o passado da maioria do pessoal médico. Chequei as referências ligando para centenas de instituições. Até agora não surgiu nenhuma discrepância. Agora vou começar a expandir as verificações às outras pessoas que têm acesso aos pacientes. Tentamos monitorar algumas pacientes de câncer no seio, mas são muitas para serem vigiadas o tempo todo. Talvez devêssemos considerar a ideia de colocar câmeras de segurança em todos os quartos. — Harris não mencionou sua suspeita da possível conexão entre esses casos e a morte de uma enfermeira e a tentativa de ataque a outra. Afinal de contas, era somente uma suposição.

— Talvez o que tenhamos a fazer seja colocar câmeras em todos os quartos das pacientes de câncer no seio — disse a sra. Richmond.

— Seria caro — alertou Harris. — Não somente o custo das câmeras e da instalação, mas também do pessoal extra para observar os monitores.

— Os gastos podem ser uma preocupação acadêmica — disse a sra. Richmond. — Se esse problema continuar e a imprensa tomar conhecimento, podemos não ter mais uma instituição.

— Vou me informar sobre isso — prometeu Harris.

— Se precisar de mais gente para ajudar, informe-nos — disse o dr. Mason. — Isso precisa acabar.

— Compreendo, senhor — disse Harris. Mas ele não queria ajuda. Queria fazer tudo sozinho. Nesse ponto a coisa se tornara uma questão de honra. Nenhum psicótico desmiolado acabaria com ele.

— E quanto ao ataque de ontem à noite na residência? — perguntou a sra. Richmond. — Já tenho uma enorme dificuldade para recrutar pessoal de enfermagem. Não podemos deixar que sejam atacados no alojamento temporário que oferecemos a eles.

— Foi a primeira vez que a segurança teve problema na residência — disse Harris.

— Talvez precisemos de segurança lá durante a noite — sugeriu a sra. Richmond.

— Posso fazer uma análise dos custos — disse Harris.

— Acho que a questão das pacientes é mais importante — disse o dr. Mason. — Não dilua seus esforços no momento.

— Sim, senhor.

O dr. Mason olhou para a sra. Richmond.

— Mais alguma coisa?

A sra. Richmond balançou a cabeça.

O dr. Mason voltou a olhar para Harris.

— Estamos contando com você.

— Sim, senhor — disse Harris enquanto ficava em pé. Por reflexo começou a prestar continência, mas controlou-se a tempo.



— MUITO IMPRESSIONANTE — disse Sean em voz alta, sozinho no escritório envidraçado no meio de seu imenso laboratório. Estava sentado junto a uma mesa de metal, com as cópias dos trinta e três prontuários espalhadas à sua frente. Escolhera o escritório para o caso de alguém aparecer de repente. Se isso acontecesse, ele teria tempo para colocar os prontuários numa das gavetas vazias. Em seguida pegaria a prancheta com o protocolo

que ele desenvolvera para imunizar os ratos com a glicoproteína do Forbes.

O que Sean achou tão impressionante foram as estatísticas relativas aos casos de meduloblastoma. O Forbes Cancer Center realmente conseguira uma remissão de cem por cento nos últimos dois anos, o que contrastava agudamente com a taxa de cem por cento de fracassos nos oito anos anteriores. Pelos exames de RM posteriores, até os tumores grandes haviam desaparecido depois do tratamento bem-sucedido. Pelo que Sean tinha conhecimento, resultados tão Consistentes jamais tinham sido observados antes no tratamento do câncer, a não ser nos casos de câncer in situ, ou seja, neoplasias bastante pequenas e localizadas, que podiam ser totalmente extirpadas ou eliminadas de algum outro modo.

Pela primeira vez desde que chegara Sean tivera uma manhã razoável. Ninguém o incomodara; ele não vira Hiroshi ou qualquer dos outros pesquisadores. Tinha começado o dia aplicando injeções em mais camundongos, o que lhe dera a chance de trazer as cópias para o escritório. Em seguida, trabalhara com o problema da Cristalização, cultivando alguns cristais que, ele achava, manteriam o dr. Mason contente por aproximadamente mais uma semana. Até pedir que o diretor descesse para ver alguns dos cristais. Sean tinha certeza de que ele ficaria impressionado. Nesse ponto, sentindo-se razoavelmente confiante de que não o perturbariam, Sean entrara no escritório envidraçado para olhar os prontuários.

Primeiro leu todos os prontuários para obter uma visão geral.

Depois voltou, checando os aspectos epidemiológicos. Observou que os pacientes representavam uma ampla gama de idades e raças. Também variavam em sexo. Mas o grupo predominante consistia em homens brancos de meia-idade, não o grupo típico onde se costuma encontrar meduloblastoma. Sean imaginou que as estatísticas estavam deturpadas devido a considerações econômicas. O Forbes não era um hospital barato.

As pessoas precisavam ter um seguro de saúde adequado ou uma poupança razoável para ser pacientes ali. Também observou que os casos vinham de várias grandes cidades de todo o país, numa distribuição verdadeiramente nacional.

Mas então, como se para mostrar que as generalizações eram perigosas, ele descobriu um caso vindo de uma pequena cidade no sudoeste da Flórida: Naples. Sean já vira a cidade num mapa. Era a cidade mais ao sul na costa oeste da Flórida, logo ao norte dos Everglades. O nome do paciente era Malcolm Betencourt, e já fazia quase dois anos que iniciara o tratamento. Sean anotou o endereço e o número do telefone do homem.

Quanto aos tumores em si, Sean observou que a maioria era multifocal, em vez de uma lesão única, o que seria mais comum. Como eram multifocais, os médicos, na maioria dos casos, acreditaram inicialmente que estavam diante de um tumor em metástase, que se espalhara para o cérebro a partir de outro órgão, como os pulmões, o fígado ou o cólon.

Em todos os casos, os médicos tinham mostrado surpresa ao saber que as lesões eram tumores cerebrais primários, surgindo de elementos neurais primitivos. Sean também observou que os tumores eram particularmente agressivos e de crescimento acelerado. Sem dúvida levariam à morte rápida caso a terapia não fosse instituída.

Com relação à terapia, Sean percebeu que ela não variava. A dosagem e a taxa de administração da medicação codificada eram as mesmas para todos os pacientes, apesar de serem ajustadas ao peso. Todos os pacientes tinham passado por cerca de uma semana de hospitalização, e depois da alta tiveram tratamento ambulatorial a intervalos de duas semanas, quatro semanas, dois meses, seis meses, e depois anualmente.

Treze desses trinta e três pacientes tinham chegado ao estágio da visita anual. As sequelas da doença eram mínimas, e estavam

associadas a pequenas deficiências neurológicas, mais em consequência das massas de tumor expandidas antes do tratamento do que do tratamento em si.

Sean também ficou impressionado com os prontuários. Ele sabia estar olhando para Uma riqueza de material que provavelmente levaria uma Semana para ser digerido.

Concentrado como estava, Sean espantou-se quando o telefone sobre a mesa começou a tocar. Era a primeira vez que tocava. Pegou-o, esperando que fosse engano. Para sua surpresa, era Janet.

— Estou com o remédio — disse ela, tensa.

— Grande!

— Pode me encontrar na lanchonete?

— Sem dúvida — disse. Ele podia ver que havia alguma coisa errada. A voz de Janet parecia nervosa. — Qual é o problema?

— Tudo — disse Janet. — Eu conto quando nos encontrarmos. Você pode sair agora?

— Estou aí em cinco minutos.

Depois de esconder todos os prontuários, Sean desceu pelo elevador e atravessou a passarela até o hospital. Imaginou que estava sendo observado por uma câmera, e sentiu vontade de acenar para dizer que sabia, mas resistiu à tentação.

Quando chegou à lanchonete, Janet já estava lá, sentada a uma mesa e com uma xícara de café à frente.

Sean ocupou uma cadeira diante dela.

— O que há de errado? — perguntou.

— Uma de minhas pacientes está em coma. Eu tinha acabado de colocá-la num tratamento intravenoso. Num minuto estava bem, no minuto seguinte parou de respirar.

— Sinto muito saber disso — disse Sean. Ele já estivera exposto aos traumas emocionais da vida hospitalar, de modo que até certo ponto podia compreender o que ela sentia.

— Pelo menos consegui o remédio.

— Foi difícil?

— Emocionalmente mais do que todo o resto — disse Janet.

— E onde ele está?

— Na minha bolsa. — Ela olhou ao redor, para se certificar de que ninguém os observava. — Vou entregar os frascos por baixo da mesa.

— Não precisa tornar as coisas tão melodramáticas — disse Sean.
— Ficar dissimulando chama mais atenção do que simplesmente agir de modo normal e entregar por cima da mesa.

— Brinca comigo, vai! — disse Janet, e remexeu na bolsa.

Sean sentiu a mão de Janet em seu joelho. Enfiou a mão sob a mesa e dois frascos caíram nela. Respeitando a sensibilidade de Janet, colocou-os no bolso, um de cada lado. Em seguida arrastou a cadeira para trás e levantou-se.

— Sean! — reclamou Janet.

— O quê?

— Precisa ser tão óbvio? Não pode esperar cinco minutos, como se estivéssemos conversando?

Ele se sentou.

— As pessoas não estão vigiando — disse. — Quando você vai aprender?

— Como pode ter tanta certeza?

Sean começou a dizer alguma coisa, mas pensou melhor.

— Não podemos falar alguma coisa divertida, só para variar? — perguntou Janet. — Estou completamente arrasada.

— Quer falar sobre o quê?

— Sobre o que podemos fazer quando chegar o domingo. Preciso me afastar do hospital e de toda essa tensão. Quero fazer alguma coisa relaxante e divertida.

— Certo, é um compromisso — prometeu Sean. — Enquanto isso, estou ansioso para voltar ao laboratório com esse remédio. Será que vai ser óbvio demais se eu sair agora?

— Vai! — ordenou Janet. — Você é impossível.

— Vejo você no apartamento da praia.

Sean se afastou depressa, antes que Janet dissesse alguma coisa sobre ele não ter sido convidado. Olhou para trás e acenou enquanto saía da lanchonete.

Andando depressa pela passarela entre os dois prédios, enfiou as mãos nos bolsos e apalpou os dois frascos. Não podia esperar para começar. Graças a Janet, sentia um pouco da excitação investigativa que esperara ao tomar a decisão de ir para o Forbes Cancer Center.



ROBERT HARRIS levou a caixa de papelão com as fichas dos empregados para seu pequeno escritório sem janelas e colocou-a no chão junto à mesa. Sentando-se, abriu a tampa da caixa e retirou a primeira ficha.

Depois da conversa com o dr. Mason e a sra. Richmond, Harris fora direto ao departamento de pessoal. Com a ajuda de Henry Falworth, gerente de pessoal, fizera uma lista do pessoal que não era da área médica e que tinha acesso aos pacientes. A lista incluía o pessoal encarregado da alimentação, que distribuía os menus e fazia os pedidos, além dos que entregavam as refeições e pegavam as bandejas. A lista também incluía os zeladores e o pessoal de manutenção, que às vezes eram chamados aos quartos dos pacientes para trabalhos esporádicos.

Finalmente estavam listados os encarregados da faxina: o pessoal que limpava os quartos, os corredores e as salas do hospital.

No total, a lista de pessoas era enorme. Infelizmente, ele não tinha qualquer outra ideia, a não ser a vigilância através das câmeras, e sabia que uma operação dessas sairia cara demais.

Investigaria os preços e faria uma proposta, mas sabia que o dr. Mason acharia o custo inaceitável.

O plano de Harris era examinar rapidamente as cinquenta e tantas fichas para ver se alguma coisa atraía sua atenção, qualquer coisa que parecesse improvável ou estranha. Se achasse alguma coisa questionável, colocaria a ficha num grupo para ser investigado primeiro. Harris não era mais psicólogo do que médico, mas achava que qualquer pessoa suficientemente doida para matar pacientes teria de ter algo estranho em seu registro.

A primeira ficha pertencia a Ramon Concepción, empregado do setor de alimentação. Concepción era um cubano de trinta e cinco anos que trabalhara em vários serviços de alimentação em hotéis e restaurantes desde os dezesseis anos. Harris leu sua proposta para o emprego e olhou as referências. Olhou até sua ficha médica. Nada de especial. Jogou a ficha no chão.

Uma a uma, Harris repassou toda a caixa de fichas. Nada atraiu sua atenção até chegar a Gary Wanamaker, outro empregado do serviço de alimentação. Como experiência anterior, Gary pusera cinco anos de trabalho na cozinha da prisão de Rikers Island, em Nova York. Na foto estava um homem de cabelos castanhos. Harris colocou a ficha no canto da mesa.

Somente cinco fichas mais tarde Harris chegou a outra que atraiu sua atenção. Tom Widdicomb trabalhava na faxina. O que chamou a atenção de Harris foi que o homem fora técnico de emergências médicas. Mesmo tendo passado por vários trabalhos de faxina depois do treinamento em TEM, inclusive uma passagem rápida pelo Hospital Geral de Miami, o pensamento de um cara com treinamento em emergências médicas trabalhando como faxineiro parecia esquisito. O sujeito tinha cabelos castanhos. Harris pôs a ficha de Widdicomb sobre a de Wanamaker.

Pouco depois Harris chegou a outra ficha que atraiu sua curiosidade. Ralph Seaver trabalhava no departamento de

manutenção. E cumprira pena por estupro em Indiana. Estava ali, na ficha! Havia até um número de telefone do agente da condicional em Indiana. Harris balançou a cabeça. Não esperava encontrar material tão fértil. Em comparação, as fichas do pessoal médico haviam sido tediosas. A não ser por problemas de maus-tratos pouco substanciais e uma alegação de abuso contra criança, ele não encontrara nada. Mas, com esse grupo, só tinha visto um quarto das fichas e já encontrara três que mereciam ser olhados mais de perto.



EM VEZ DE SENTAR e tomar café na sua folga da tarde, Janet pegou o elevador até o segundo andar e visitou a unidade de tratamento intensivo. Sentia enorme respeito pelas enfermeiras que trabalhavam ali.

Nunca compreendeu como conseguiam suportar a tensão constante. Janet experimentara uma UTI depois da formatura. Achou o trabalho intelectualmente estimulante, mas depois de algumas semanas decidiu que não era para ela. Havia tensão demais, e muito pouca interação com os pacientes. A maioria deles não tinha condições de se relacionar em qualquer nível; muitos estavam inconscientes.

Janet foi até a cama de Gloria. Ela ainda estava em coma, e não melhorara, apesar de continuar respirando sem auxílio mecânico. Suas pupilas muito dilatadas não se haviam reduzido, nem reagiam à luz. E, o mais perturbador de tudo, o EEG mostrava muito pouca atividade cerebral.

Uma visitante acariciava a testa de Gloria. Tinha cerca de trinta anos, a pele e as feições parecidas com as da paciente. Quando Janet ergueu a cabeça, seus olhos se encontraram.

— Você é uma das enfermeiras encarregadas de Gloria? — perguntou a visitante.

Janet assentiu. Dava para ver que a mulher estava chorando.

— Eu sou Marie. Irmã mais velha de Gloria.

— Sinto muito isso ter acontecido — disse Janet.

— Bom — suspirou Marie. — Talvez tenha sido melhor. Assim ela não vai precisar sofrer.

Janet concordou só para agradar a Marie, ainda que, por dentro, achasse outra coisa. Gloria ainda tinha uma chance de vencer o câncer do seio, especialmente com sua atitude positiva, animada. Janet vira pessoas com a doença em estágio mais avançado conseguir remissão.

Lutando contra suas próprias lágrimas, Janet voltou ao quarto andar. Outra vez lançou-se ao trabalho. Era o meio mais fácil de evitar pensamentos que só iriam deixá-la xingando contra a injustiça daquilo tudo. Infelizmente o estratagema só funcionou em parte, e Janet continuou vendo o rosto de Gloria agradecendo por ela ter lhe aplicado o soro. Mas, de repente, o estratagema não foi mais necessário. Surgiu uma nova tragédia que se igualava à de Gloria e que dominou Janet.

Pouco depois das duas horas da tarde, Janet deu uma injeção intramuscular num paciente cujo quarto ficava no extremo do corredor. No caminho de volta ao posto de enfermagem, decidiu verificar o estado de Helen Cabot.

Naquela manhã, cerca de uma hora depois de Janet ter acrescentado a medicação codificada ao soro de Helen e ajustado o fluxo, Helen reclamou de dor de cabeça. Preocupada com seu estado, Janet ligou para o dr. Mason e informou-o do fato. Ele recomendou tratar minimamente da dor de cabeça e pediu para ser chamado outra vez caso ela piorasse.

Apesar de a dor de cabeça não ter ido embora depois da administração de um analgésico oral, não piorou. Mesmo assim

Janet tinha verificado Helen, a princípio com frequência, depois mais ou menos a cada hora. Com a dor de cabeça não se alterando, e os sinais vitais e o nível de consciência permanecendo normais, a preocupação de Janet diminuía.

Agora, quase duas e quinze, quando atravessou a porta Janet alarmou-se ao descobrir que a cabeça de Helen tinha tombado de lado e caído fora do travesseiro. Aproximando-se da cama, percebeu uma coisa ainda mais perturbadora: sua respiração estava irregular.

Aumentava e diminuía num padrão que sugeria séria disfunção neurológica.

Janet ligou para o posto de enfermagem e disse que precisava falar imediatamente com Marjorie.

— Helen Cabot está com respiração tipo Cheyne-Stockes — disse Janet, quando Marjorie atendeu.

— Ah, não! — exclamou Marjorie. — Vou chamar o neurologista e o dr. Mason.

Janet retirou o travesseiro e ajeitou a cabeça de Helen. Em seguida, pegou uma pequena lanterna que sempre levava e acendeu-a, dirigindo o foco para as pupilas da doente. Não estavam iguais. Uma estava dilatada e não reagia à luz. Janet estremeceu. Já lera sobre isso. Imaginou que a pressão na cabeça de Helen crescera a ponto de parte de seu cérebro estar herniando do compartimento superior para o inferior, uma condição que punha a vida em risco.

Estendendo a mão, Janet reduziu o fluxo do soro de Helen para uma taxa mínima. Por enquanto, era tudo que poderia fazer.

Logo começaram a chegar outras pessoas. Primeiro foi Marjorie e outras enfermeiras. Depois o neurologista, o dr. Burt Atherton, e um anestesiológico, o dr. Carl Seibert. Os médicos começaram a gritar ordens, numa tentativa de reduzir a pressão na cabeça de Helen. Em seguida surgiu o dr. Mason, afogueado pela corrida desde o prédio de pesquisas.

Janet nunca vira o dr. Mason, apesar de ter falado com ele ao telefone. Era o titular encarregado do caso de Helen, mas, nessa crise neurológica, deixou-a por conta do dr. Atherton.

Infelizmente nenhuma das medidas de emergência funcionou, e o estado de Helen se deteriorou ainda mais. Decidiu-se pela necessidade de uma cirurgia cerebral de emergência. Para desalento de Janet, foram feitos os arranjos para transferir Helen para o Hospital Geral de Miami.

— Por que ela está sendo transferida? — perguntou Janet a Marjorie quando teve oportunidade.

— Este é um hospital especializado — explicou Marjorie. — Não temos serviço de neurocirurgia.

Janet ficou chocada. O tipo de cirurgia de emergência do qual Helen precisava exigia rapidez. Não requeria um serviço de neurocirurgia completo, apenas uma sala de operações e alguém que soubesse como fazer um furo no crânio. Obviamente, com as biópsias que vinham fazendo, esse conhecimento estava disponível no Forbes.

Com preparativos frenéticos, Helen foi aprontada para sair. Foi transportada da cama para uma maca. Janet ajudou na transferência, segurando os pés de Helen, em seguida correndo para o lado e segurando o frasco de soro enquanto a maca era levada até o elevador.

No elevador, Helen piorou mais ainda. Sua respiração, que estivera irregular quando Janet tinha entrado no quarto, agora parou completamente. O rosto pálido de Helen começou a ficar azul.

Pela segunda vez naquele dia, Janet começou um ressuscitamento boca a boca, enquanto o anestesista gritava para alguém arranjar um tubo endotraqueal e um Ambu para o momento em que chegassem ao térreo.

Quando o elevador parou e as portas se abriram, uma das enfermeiras do quarto andar saiu correndo. Outra manteve as portas

abertas. Janet continuou seus esforços até que o dr. Seibert puxou-a de lado e habilmente introduziu um tubo endotraqueal. Depois de conectar o Ambu, começou a inflar os pulmões de Helen até quase a capacidade máxima.

O tom azul do rosto de Helen transformou-se num alabastro translúcido.

— O.K., vamos ! — gritou o dr. Seibert.

O grupo compacto empurrou Helen até a área de embarque de ambulâncias, baixou a maca e empurrou-a para dentro do veículo que esperava. O dr. Seibert entrou junto com Helen, mantendo sua respiração.

As portas foram fechadas e trancadas.

Com as luzes piscando e a sirene uivando, a ambulância disparou para fora da área de embarque e desapareceu atrás do edifício.

Janet virou-se e viu Marjorie junto ao dr. Mason. Estava consolando-o, com a mão em seu ombro.

— Não posso acreditar dizia o dr. Mason, com a voz embargada.

— Acho que eu deveria ter me preparado. Isso estava para acontecer. Mas tivemos tanta sorte com nossos tratamentos de meduloblastoma! A cada sucesso eu fui achando que talvez pudéssemos evitar esse tipo de tragédia.

— É culpa do pessoal de Boston — disse a sra. Richmond. Ela tinha entrado em cena logo antes de a ambulância sair. — Eles não quiseram nos escutar. Seguraram-na por muito tempo.

— Devíamos tê-la colocado na UTI — disse o dr. Mason. Mas ela parecia tão estável!

— Talvez eles a salvem no Geral de Miami — disse Marjorie, tentando parecer otimista.

— Seria um milagre — disse o dr. Atherton. — Estava bem claro que havia uma hiernação além da base do crânio que comprimia a medula oblongata.

Janet reprimiu a vontade de dizer ao homem para guardar seus pensamentos. Odiava o modo como alguns médicos se escondiam por trás do jargão.

De uma só vez, como se obedecessem a uma sugestão invisível, todo o grupo virou-se e desapareceu pela porta de vaivém da área de embarque. Janet ficou do lado de fora. Sentia-se feliz por estar só. De repente o gramado parecia tão pacífico! Uma imensa figueira indiana adornava o pátio. Atrás da figueira havia uma árvore florida que Janet nunca vira antes. Uma brisa tropical, quente e úmida, acariciava seu rosto. Mas a cena agradável continuava prejudicada pela sirene ondulante da ambulância que se afastava. Para Janet, ela soava como o dobre de finados por Helen Cabot.



TOM WIDDICOMB andava de um cômodo para outro na casa de sua mãe, chorando e xingando alternadamente, tão ansioso que não conseguia parar.

Num minuto estava quente. No outro, congelando. Sentia-se doente.

Na verdade, ficara tão enjoado que fora dizer isso ao chefe. O chefe o mandara para casa, comentando que ele estava pálido. Chegou a perceber que Tom tremia.

— Você vai ter todo o fim de semana — dissera o chefe. — Vá para a cama, durma. É provavelmente um resfriado.

E Tom fora para casa, mas não pôde descansar. O problema era Janet Reardon. Tom quase tivera um ataque cardíaco quando ela veio bater à porta de Gloria minutos depois de ele a colocar para dormir. Num pânico absoluto, correria para o banheiro, certo de que fora encurralado.

Ficara desesperado a ponto de pegar o revólver.

Mas o pandemônio no quarto proporcionou a distração de que ele precisava para se afastar. Ninguém percebeu quando ele saiu do banheiro.

Pudera esquivar-se para o corredor com o seu balde.

O problema é que Gloria continuava viva. Janet Reardon a tinha salvo, e Gloria continuava sofrendo, apesar de agora estar fora do seu alcance, na UTI, onde Tom não tinha permissão de entrar.

Consequentemente, Alice não queria falar com ele. Tom continuara a implorar, mas sem sucesso. Alice sabia que Tom não poderia chegar a Gloria até ela ser transferida da UTI e voltar a um quarto particular. A outra opção era Janet Reardon. Ela parecia um demônio mandado para destruir a vida que ele e a mãe tinham criado. Sabia que precisava livrar-se daquela mulher. Só que agora não sabia onde ela morava. Seu nome fora retirado da planta da residência, na administração. Tinha se mudado.

Tom olhou para o relógio. Sabia que o turno de Janet terminava no mesmo horário que o dele: três da tarde. Mas também sabia que as enfermeiras ficavam mais tempo por causa da reunião de relatório. Precisaria estar no estacionamento quando ela saísse. Então poderia segui-la até a casa e matá-la. Tinha razoável confiança de que, caso pudesse fazer isso, Alice romperia o silêncio petulante e conversaria com ele.



— HELEN CABOT MORREU — repetiu Janet através de lágrimas súbitas. Como profissional, não era de seu feitio chorar a morte de um paciente, mas estava extremamente sensível, já que tinham acontecido duas tragédias no mesmo dia. Além disso, a

reação de Sean frustrou-a. Ele estava mais interessado em onde estava o corpo de Helen do que no fato de a garota ter morrido.

— Compreendo que ela morreu — consolou-a Sean. — Não quero parecer insensível. Parte do modo como respondi é para esconder a dor que sinto. Ela era uma pessoa maravilhosa. É uma vergonha. E pensar que o pai dirige uma das maiores empresas de software para computador de todo o mundo.

— Que diferença isso faz? — disse Janet, ríspida, e enxugou embaixo dos olhos com o dedo indicador.

— Não muita — admitiu Sean. — Só que a morte nivela tudo, todo o dinheiro do mundo não faz nenhuma diferença.

— Então agora você é filósofo — disse Janet maldosamente.

— Todos os irlandeses são filósofos. É assim que lidamos com a tragédia de nossa vida.

Estavam sentados na lanchonete, para onde Sean fora quando Janet o chamou depois da reunião de relatório, antes de ir para casa. Dissera que precisava conversar.

— Não quero perturbar você — prosseguiu Sean. — Mas estou realmente interessado na localização do corpo de Helen. Ele está aqui?

Janet revirou os olhos.

— Não, não está aqui. Na verdade, não sei onde está. Mas suponho que esteja no Geral de Miami.

— Por que estaria lá? — perguntou Sean, curvando-se sobre a mesa.

Janet explicou todo o episódio, mostrando sua indignação pelo fato de não poderem fazer uma craniotomia de emergência no Forbes.

— Ela estava nas últimas — disse Janet. — Nunca deveriam tê-la transferido. Ela nem chegou à sala de cirurgia. Disseram que morreu na emergência do Geral de Miami.

— Que tal irmos até lá? — sugeriu Sean. — Eu gostaria de vê-la.

Por um momento Janet pensou que Sean estava brincando. Revirou os olhos outra vez, achando que ele iria fazer alguma piada de humor negro.

— Estou falando sério. Há uma chance de que façam uma autópsia. Adoraria ter uma amostra do tumor. Além disso, gostaria de conseguir um pouco do sangue e até um pouco de líquido cerebrospinal.

Janet estremeceu, enojada.

— Qual é! — disse Sean. — Lembre-se de que estamos juntos nessa. Eu realmente sinto por ela ter morrido; você sabe que sinto. Mas, agora que ela está morta, devemos nos concentrar na ciência. Com você vestida de enfermeira e eu de guarda-pó branco, vamos passar despercebidos. Na verdade, vamos levar algumas seringas, só para a eventualidade.

— De quê?

— De precisarmos delas. — Sean piscou com ar conspiratório. — É melhor estar preparada.

Sean era o melhor vendedor do mundo, ou então ela estava tão esgotada que não conseguia resistir. Quinze minutos depois viu-se entrando no banco do passageiro no 4X4 de Sean, indo para um hospital que ela nunca visitara, na esperança de conseguir tecido cerebral de uma de suas pacientes que acabara de expirar.



— É AQUELE. — Sterling apontou para Sean Murphy através do para-brisa do carro, mostrando-o a Wayne Edwards. Wayne era um formidável afro-americano cujos serviços Sterling contratava quando fazia negócios no sul da Flórida. Era ex-sargento do Exército, ex-policial e ex-pequeno empresário que entrara para O ramo de

segurança Era ex-muitas coisas, como Sterling, e, como Sterling, usava agora suas variadas experiências numa carreira semelhante à dele. Wayne era detetive particular, e, apesar de ter-se especializado em disputas domésticas, era talentoso e eficaz também em outras áreas. Sterling o conhecera alguns anos antes, quando ambos representavam um poderoso empresário de Miami.

— Parece um garoto durão — disse Wayne. Ele se orgulhava de suas avaliações instantâneas.

— Acho que sim. Foi astro do time de hóquei de Harvard. Poderia ter jogado profissionalmente, se quisesse.

— Quem é a garota?

— Obviamente uma das enfermeiras. Não sei nada sobre suas ligações femininas.

— Ela é uma gata — disse Wayne.

— E quanto a Tanaka Yamaguchi? Você o viu ultimamente?

— Não. Mas acho que verei. Meu contato na FAA disse que o jato da Sushita acabou de preencher um plano de voo para Miami.

— Parece que vai haver ação — disse Wayne.

— De certo modo, espero que sim. Isso vai nos dar chance de resolver esse problema.

Wayne deu a partida em seu Mercedes 420SEL verde-escuro. Os vidros eram fumê. De fora ficava difícil enxergar o interior, especialmente à luz do sol. Ele afastou o carro do meio-fio e dirigiu-se para a saída. Como o turno do hospital fora trocado uma hora antes, ainda havia tráfego considerável deixando o estacionamento. Wayne ficou propositadamente vários carros atrás de Sean. Assim que chegou à Avenue, viraram para o norte, atravessando o rio Miami.

— Tem sanduíches e bebidas na lancheira térmica, no banco de trás — disse Wayne, apontando por sobre o ombro.

— Pensou bem — disse Sterling.

Essa era uma das coisas de que gostava em Wayne: sempre previa tudo.

— Bem, bem... Viagem curta. Eles já estão virando.

— Esse não é outro hospital? — perguntou Sterling, e curvou-se para a frente, examinando o prédio do qual Sean se aproximava.

— Essa área é a cidade dos hospitais, cara. Você não anda um quilômetro sem passar por um. Mas eles estão indo para o maior de todos. O Geral de Miami.

— Curioso — disse Sterling.

— Talvez a enfermeira trabalhe aqui. Opa, opa... Acho que temos companhia.

— O quê?

— Está vendo aquele Cadillac verde-lima atrás de nós? — perguntou Wayne.

— Seria difícil não ver.

— Eu o estive vigiando desde que atravessamos o rio Miami. Tenho a clara impressão de que está seguindo nosso sr. Murphy. Normalmente eu não teria notado, só que tive um igual quando era garoto. O meu era cor de vinho. É um bom carro, mas uma desgraça para estacionar.

Sterling e Wayne observaram enquanto Sean e sua companheira entravam no hospital pela emergência. Não muito atrás estava o homem do Cadillac verde-lima.

— Acho que minha impressão inicial estava correta — disse Wayne.

— Parece que o cara está mais agarrado à cauda dele do que nós.

— Não gosto disso. — Sterling abriu a porta do passageiro, saiu e olhou para o melancólico Cadillac. Em seguida, curvou-se para falar com Wayne. — Esse não é o estilo de Tanaka, mas não posso me arriscar. Vou entrar. Se Murphy sair, siga-o. Se o homem do Cadillac sair antes, siga-o. Vou ficar em contato pelo celular.

Pegando o celular, Sterling apressou-se atrás de Tom Widdicomb, que subia os degraus ao lado da área de embarque de ambulâncias, junto à emergência do Hospital Geral de Miami.



COM A AJUDA DE um residente apressado que indicara o caminho para eles, Sean e Janet não demoraram a encontrar o departamento de patologia. Uma vez lá, Sean procurou outro residente. Disse a Janet que entre os residentes e as enfermeiras é possível descobrir tudo o que se quiser sobre um hospital.

— Esse mês eu não estou fazendo autópsias — disse o residente, tentando se afastar.

Sean bloqueou seu caminho.

— Como posso descobrir se uma paciente será autopsiada?

— Você tem o número do prontuário? — perguntou o residente.

— Só o nome. Ela morreu na emergência.

— Então provavelmente não vamos autopsiar. Geralmente as mortes na emergência ficam a cargo do médico que fez o exame.

— Como posso ter certeza? — insistiu Sean.

— Qual é o nome?

— Helen Cabot.

O residente foi até um telefone de parede e fez uma chamada.

Levou menos de dois minutos para certificar-se de que Helen Cabot não estava programada para autópsia.

— Para onde vão os corpos? — perguntou Sean.

— Para o necrotério. Fica no porão. Pegue os elevadores principais até o B1 e siga os letreiros vermelhos, com um N grande.

Depois de o residente sair apressado, Sean olhou para Janet.

— Você vem? Se nós a encontrarmos, saberemos com certeza seu estado. Podemos até conseguir um pouco de líquido corporal.

— Já que cheguei até aqui... — disse Janet resignada.



TOM WIDDICOMB SE SENTIA mais calmo do que durante todo o dia.

A princípio ficara desalentado quando Janet apareceu com um sujeito jovem vestido de guarda-pó branco, mas depois as coisas viraram para melhor, quando os dois foram direto ao Geral de Miami. Tendo trabalhado Lá, Tom conhecia o lugar de cima abaixo. Também sabia que o Geral de Miami estaria cheio de gente àquela hora do dia, já que o horário de visitas estava começando. E multidão significa caos. Talvez ele pudesse ter sua chance com Janet, e nem precisasse segui-la até a casa. Se tivesse de atirar no sujeito de guarda-pó branco, tanto pior! Não fora fácil seguir os dois dentro do hospital, especialmente depois que foram para a patologia. Tom teve a impressão de tê-los perdido, e estava em vias de voltar ao estacionamento e ficar de olho no 4X4 quando eles de repente apareceram. Janet chegou tão perto que ele teve certeza de que ela o reconheceria. Entrou em pânico, mas felizmente não fez nada. Temendo que Janet gritasse como fizera na residência Forbes, agarrou o revólver no bolso. Se ela tivesse gritado, ele teria de matá-la no ato.

Mas Janet olhou para longe, sem reagir. Obviamente não o tinha identificado. Sentindo-se mais seguro, Tom seguiu o casal mais de perto.

Chegou a descer no mesmo elevador que os dois, coisa que não estaria disposto a fazer quando eles subiram até a patologia.

O amigo de Janet apertou o botão para o B1, e Tom ficou em êxtase. De todos os locais do Geral de Miami, o de que Tom mais gostava era o porão. Quando trabalhava no hospital, costumava ir lá escondido, visitar o necrotério ou ler jornal. Conhecia OS túneis labirínticos como a palma da mão.

A ansiedade de que Janet o reconhecesse voltou quando todo mundo, menos um médico e um empregado da manutenção, saiu no primeiro andar. Mas mesmo com um número tão pequeno de pessoas entre as quais se misturar, Janet não se lembrou de quem ele era.

Assim que o elevador chegou ao porão, o médico e o sujeito da manutenção viraram para a direita e se afastaram rapidamente. Janet e Sean pararam brevemente, olhando nas duas direções. Em seguida viraram para a esquerda.

Tom esperou no elevador até as portas começarem a se fechar.

Segurando-as, saiu e foi atrás do casal, mantendo uns quinze metros de distância. Enfiou a mão no bolso e agarrou o revólver. Chegou até a colocar o dedo no gatilho.

Quanto mais o casal se afastava do elevador, mais Tom gostava.

Aquele era um local perfeito para o que tinha de fazer. Não podia acreditar na sua sorte. Eles estavam entrando numa área do porão que poucas pessoas visitavam. Os únicos sons eram suas passadas e o silvo fraco das tubulações de vapor.



— ESTE LUGAR PARECE o Hades — disse Sean. — Me pergunto se não estamos perdidos.

— Não teve nenhuma bifurcação desde o último N — disse Janet.
— Acho que estamos certos.

— Por que será que eles sempre colocam os necrotérios nesses lugares isolados? Até a iluminação está ficando mais vagabunda.

— Provavelmente fica perto de alguma área de embarque — Janet disse, e em seguida apontou para a frente: — Ali está outro letreiro. Estamos na pista certa.

— Acho que eles querem que os erros fiquem o mais distante possível. Não seria boa publicidade ter o necrotério perto da entrada principal.

— Esqueci de perguntar o que você fez com o remédio que lhe dei.

— Não fui muito longe — admitiu Sean. — O que fiz foi começar uma eletroforese com gel.

— Isso me diz muito — disse Janet, sarcástica.

— Na verdade é simples. Suspeito que o medicamento seja feito de proteínas porque eles têm de estar usando algum tipo de imunoterapia. Como todas as proteínas têm cargas elétricas, elas se movimentam num campo elétrico. Quando você as coloca num gel específico, que as cobre com uma carga uniforme, elas só se movimentam em relação ao seu tamanho. Quero descobrir com quantas proteínas estou lidando, e qual é seu peso molecular aproximado. É um primeiro passo.

— Trate de aprender bastante para justificar o trabalho que tive para conseguir.

— Espero que você não pense que se livrou com essa amostra — disse Sean. — Da próxima vez, quero que consiga um pouco da de Louis Martin.

— Não creio que eu possa fazer isso outra vez. Não posso quebrar mais vidros. Eles certamente vão suspeitar.

— Tente outro método. Além disso, não preciso de uma quantidade tão grande.

— Achei que, trazendo o vidro inteiro, você teria uma quantidade suficiente.

— Quero comparar os remédios de diversos pacientes. Quero ver em que eles diferem.

— Não tenho certeza de que eles sejam diferentes — disse Janet.

— Quando fui à sala da sra. Richmond pegar outro vidro, ela o tirou de um estoque grande. Tive a sensação de que todos os doentes estão sendo tratados com os mesmos dois remédios.

— Não engulo essa — disse Sean. — Cada tumor é antigenicamente distinto, mesmo quando são do mesmo tipo. A célula cancerosa de uma pessoa é antigenicamente diferente do mesmo tipo de câncer de outra pessoa. Na verdade, se surgir um novo tumor na mesma pessoa, ele será antigenicamente distinto. E tumores antigenicamente distintos exigem anticorpos diferentes.

— Talvez eles usem o mesmo medicamento até fazer a biópsia no tumor — sugeriu Janet.

Sean olhou-a com respeito renovado.

— É uma ideia.

Finalmente viraram uma esquina e viram-se diante de uma grande porta de material isolante. Uma placa de metal, na altura do peito, tinha escrito: Necrotério. Proibido Entrar sem Autorização. Junto à porta estavam vários interruptores de luzes.

— É, acho que estavam nos esperando — disse Sean. — Há uma tremenda fechadura de mola. E eu não trouxe minhas ferramentas.

Janet estendeu a mão e deu um puxão na porta. Ela se abriu.

— Essa eu assumo — disse Sean. — Acho que eles não estavam esperando a gente. Pelo menos hoje.

Uma brisa fria saiu da sala e fez um redemoinho em suas pernas.

Sean ligou os interruptores. Por um segundo não houve resposta. Em seguida, uma áspera luz fluorescente piscou.

— As damas na frente — disse Sean, galante.

— Foi ideia sua. Você primeiro.

Sean entrou, e Janet seguiu-o imediatamente. Várias paredes largas, de concreto, bloqueavam a visão do espaço todo, mas era

obviamente um grande salão. Velhas macas atulhavam o espaço aleatoriamente. Cada uma tinha em cima um corpo amortalhado. A temperatura, de acordo com um mostrador na porta, era de nove graus.

Janet estremeceu.

— Não gosto disso.

— Este lugar é enorme. Ou os arquitetos tinham uma má opinião sobre a competência dos médicos ou planejaram em função de um desastre nacional.

— Vamos acabar logo com isso — disse Janet, enlaçando os braços em torno de si.

O ar frio era úmido e penetrante. O cheiro parecia o de um porão cheio de mofo que tivesse ficado trancado durante anos.

Sean puxou um dos lençóis.

— Oi, alô — disse. O rosto sangrento de um operário de construção parcialmente esmagado encarou-o. Ainda estava com as roupas de trabalho. Sean cobriu o homem e foi até o próximo.

Apesar da revulsão, Janet fez o mesmo, indo para o lado oposto.

— Uma pena não estarem em ordem alfabética — disse Sean. — Deve haver uns cinquenta corpos aqui. Esta é uma cena que a Câmara de Comércio de Miami não gostaria de mandar para o resto do país.

— Sean! — gritou Janet, já que estavam longe. — Acho seu humor uma tremenda falta de gosto.

Ficaram em lados opostos de uma das paredes de concreto.

— Vem cá, Helen — gritou Sean, imitando uma cantiga infantil.
— Saia daí, onde quer que você esteja.

— Essa foi especialmente cruel — disse Janet.



TOM WIDDICOMB ESTAVA tomado por uma expectativa excitada. Até mesmo a mãe decidira romper o longo silêncio para dizer lhe como fora esperto em seguir Janet e o amigo até o Geral de Miami. Tom tinha bastante familiaridade com o necrotério. Para o que pretendia fazer, não poderia ter encontrado lugar melhor.

Aproximando-se Tom tirou o revólver do bolso. Segurou-o na mão direita, puxou a grossa porta e olhou para dentro. Não vendo Janet ou o amigo, entrou no necrotério e deixou que a porta se fechasse suavemente.

Não podia ver o casal, mas podia ouvi-los. Escutou claramente Janet dizer ao sujeito de guarda-pó branco para ficar quieto.

Tom agarrou a pesada maçaneta de latão e girou-a devagar.

Silenciosamente, a lingueta entrou na fenda. Quando Tom trabalhava no Geral de Miami, aquela fechadura nunca fora usada. Ele até duvidava da existência de uma chave. Fechá-la assegurava que não seria perturbado.

— Você é um homem esperto — sussurrou Alice.

— Obrigado, mamãe — sussurrou Tom de volta.

Segurando o revólver com as duas mãos, como vira na IV, Tom moveu-se para a frente, dirigindo-se para a parede de concreto mais próxima. Podia dizer, pelas vozes de Janet e do amigo, que eles estavam logo do outro lado.



— ALGUMAS DESSAS pessoas estão aqui há algum tempo — disse Sean. — É como se tivessem sido esquecidas.

— Eu estava pensando a mesma coisa — disse Janet. — Não creio que o corpo de Helen Cabot esteja aqui. Teria que estar perto da porta. Afinal de contas, ela só morreu há algumas horas.

Sean estava a ponto de concordar quando as luzes se apagaram.

Sem janelas, e com a porta circundada por pesado material isolante, não ficou simplesmente escuro. Ficou absolutamente preto, como o vórtice de um buraco negro.

No instante em que as luzes se apagaram, houve um grito de rasgar os ouvidos, seguido por um soluço histérico. A princípio Sean pensou que fosse Janet, mas, sabendo onde ela estava antes de a escuridão envolvê-lo, pôde ver que o grito viera de trás da parede, perto da porta que dava no corredor.

Então, se não era Janet, quem seria? A agonia era contagiosa. Normalmente nem mesmo a escuridão súbita teria perturbado Sean, mas, combinada com o uivo aterrorizado, levou-o à beira do pânico. O que o impediu de perder o controle foi a preocupação com Janet.

— Eu odeio escuro! — gritou subitamente a voz em meio ao choro.

— Alguém me ajude!

Sean não sabia o que fazer. Da direção do grito vieram sons de uma agitação frenética. Macas batiam umas contra as outras, lançando os corpos no chão de concreto.

— Me ajude! — gritava a voz.

Sean pensou em gritar, tentando acalmar aquela pessoa angustiada, mas não conseguia decidir se era ou não uma boa ideia.

Incapaz de decidir, ficou quieto.

Depois do ruído de outras macas se chocando, houve um som agudo, como se alguém tivesse batido na porta. A isso se seguiu um clique mecânico.

Por um instante uma pequena réstia de luz abriu caminho ao redor da parede de concreto. Sean vislumbrou Janet com as mãos apertadas contra a boca. Em seguida a escuridão baixou de novo, como um cobertor pesado. Dessa vez veio acompanhada pelo silêncio.

— Janet — chamou Sean em voz baixa. — Tudo bem?

— Sim — respondeu ela. — Pelo amor de Deus, o que foi aquilo?

— Venha na minha direção — disse ele. — Eu estou indo na sua.

— Tudo bem.

— Este lugar é doido — continuou Sean a falar enquanto cada um ia na direção do outro. — Pensei que o Forbes fosse esquisito, mas este leva o prêmio. Lembre-me de não me inscrever aqui como interno.

Finalmente suas mãos estendidas se encontraram. Segurando-se tatearam o caminho por entre as macas, na direção da porta. O pé de Sean bateu contra um corpo no chão. Avisou a Janet de que ela teria que passar por cima.

— Vou ter pesadelos sobre isso o resto da vida — disse ela. — É pior do que Stephen King.

Sean colidiu com a parede. Depois, movendo-se lateralmente, sentiu a porta. Empurrou-a, e os dois passaram para o corredor deserto, piscando com a luz. Sean segurou gentilmente o rosto de Janet.

— Desculpe.

— A vida nunca é tediosa com você — disse ela. — Mas não foi culpa sua. Já chega. Vamos sair daqui.

Sean beijou-a na ponta do nariz.

— Esses são exatamente os meus sentimentos.

A preocupação de que teriam dificuldade para achar o caminho até o elevador mostrou-se injustificada. Em minutos os dois estavam entrando no 4X4 de Sean e dirigindo-se para fora do estacionamento.

— Que alívio — disse Janet. — Você tem alguma ideia do que aconteceu lá?

— Não. Foi tão estranho! Como se tivesse sido armado para matar a gente de susto. Talvez lá embaixo more algum bicho-papão que faz isso com todo mundo.

Quando estavam em vias de sair do estacionamento, Sean apertou o freio de repente, o bastante para obrigar Janet a apoiar-se no painel.

— O que foi agora?

Sean apontou.

— Olha só o que temos aqui. Que conveniente! Aquele prédio de tijolos é o departamento de perícia médica. Eu não tinha ideia de que ficava tão perto. Deve ser o destino dizendo que o corpo de Helen está lá. O que você acha?

— Não fico louca pela ideia — admitiu Janet. — Mas, já que estamos aqui...

— É isso aí.

Sean parou no estacionamento de visitantes, e os dois entraram no moderno prédio. Dentro, encaminharam-se ao balcão de informações.

Uma simpática mulher negra perguntou se poderia ser útil.

Sean disse que era estudante de medicina, e que Janet era enfermeira. Pediu para falar com um dos peritos médicos.

— Qual deles? — perguntou a recepcionista.

— Que tal o diretor? — sugeriu Sean.

— O chefe está fora da cidade. Que tal o chefe interino?

— Perfeito — disse Sean. Depois de uma curta espera, foram levados através de uma porta de vidro até um escritório que ficava no canto. O chefe interino era o dr. John Stasin. Era mais ou menos da altura de Sean, porém mais magro. Parecia genuinamente satisfeito com a presença de Sean e Janet.

— O ensino é uma de nossas principais funções — disse, orgulhoso. — Nós estimulamos a comunidade profissional a demonstrar interesse ativo em nosso trabalho.

— Estamos interessados numa paciente específica — disse Sean — Seu nome é Helen Cabot. Morreu esta tarde na emergência do Geral de Miami.

— O nome não me diz nada — disse o dr. Stasin. — Só um minuto. Deixe eu fazer uma ligação. — Ele pegou o telefone, mencionou o nome de Helen, assentiu, disse sim algumas vezes e em seguida desligou, tudo aconteceu extremamente rápido. Estava claro que a grama não crescia sob os pés do dr. Stasin.

— Ela chegou há algumas horas. Mas não vamos autopsiá-la.

— Por que não? — perguntou Sean.

— Dois motivos. Primeiro, ela tinha um câncer cerebral documentado, e o médico que veio com ela está disposto a declará-lo como causa da morte. Segundo, a família tem um forte sentimento contrário à autópsia. Nesse tipo de circunstância, achamos melhor não fazer. Contrariamente à opinião popular, nós somos receptivos aos desejos da família, a não ser, claro, que haja evidência de crime ou forte sugestão de que o interesse público seria atendido por uma autópsia.

— Há alguma chance de conseguirmos uma amostra de tecidos? — perguntou Sean.

— Não, se não fazemos a autópsia. Quando fazemos, os tecidos removidos ficam disponíveis de acordo com nosso arbítrio. Mas, como não vamos autopsiar a paciente, os direitos de propriedade ficam com a família. Além disso, o corpo já foi retirado pela Funerária Emerson. Estará a caminho de Boston amanhã.

Sean agradeceu ao dr. Stasin pelo tempo.

— Por nada — disse ele. — Estamos aqui todo dia. Ligue, se pudermos ajudar.

Sean e Janet voltaram ao carro. O sol estava se pondo; era hora do rush.

— Sujeito surpreendentemente atencioso — disse Janet.

Sean apenas deu de ombros. Em seguida apoiou a cabeça no volante.

— Isso é deprimente — disse. — Nada parece nos ajudar.

— Se alguém devia estar melancólico era eu — lembrou Janet, observando como ele se tornara subitamente taciturno.

— A melancolia é uma característica irlandesa — disse Sean. — Não me negue a minha. Talvez essas dificuldades estejam tentando me dizer alguma coisa, por exemplo, que eu devia estar indo para Boston fazer algum trabalho de verdade. Eu nunca deveria ter vindo para cá.

— Vamos comer alguma coisa. — Janet queria mudar de assunto. — Podemos voltar àquele restaurante cubano perto da praia.

— Acho que não estou com fome.

— Um pouquinho de arroz *con pollo* vai fazer toda a diferença do mundo. Confie em mim.



TOM WIDDICOMB acendeu todas as luzes da casa, apesar de ainda não estar escuro do lado de fora. Mas ele sabia que logo escureceria, e a ideia o aterrorizava. Não gostava da escuridão. Mesmo já tendo se passado horas desde o episódio no necrotério do Hospital Geral de Miami, ele continuava tremendo. Sua mãe fizera uma coisa parecida quando ele tinha uns seis anos. Ele ficara irritado, quando ela disse que Tom não poderia tomar mais sorvete, e ameaçara contar à professora que os dois dormiam juntos, a não ser que ela desse mais. A resposta fora trancá-lo num armário a noite

toda. Fora a pior experiência de sua vida. Desde então, ele ficara com medo de escuro e de armários.

Tom não tinha ideia de como as luzes tinham se apagado no necrotério. Só sabia que, quando por fim encontrou a porta e empurrou-a, praticamente colidira com um homem de terno e gravata. Como Tom ainda estava com o revólver na mão, o homem recuara, dando-lhe a oportunidade de sair disparado pelo corredor. O homem fora atrás, mas Tom o despistara facilmente na rede de túneis, corredores e salas interligadas que conhecia tão bem. No momento em que Tom saiu do porão, por uma porta que tinha degraus levando ao estacionamento, o homem não estava à vista.

Ainda em pânico, Tom correria para o carro, dera a partida e fora em direção à saída do estacionamento. Temendo que a pessoa que o perseguira no porão pudesse de algum modo ter saído mais rápido do que ele, ficara atento enquanto dirigia, e, como o estacionamento não estava cheio naquela hora, pôde ver o Mercedes verde quase de imediato.

Passou perto da saída principal e foi até outra, que raramente era usada. Quando o Mercedes verde veio atrás, Tom convenceu-se de que estava sendo seguido. Consequentemente, concentrou-se em despistar o carro em meio ao rush. Graças a um sinal de trânsito e a alguns carros que tinham se interposto entre eles, Tom pudera ganhar distância. Dirigiu sem objetivo durante meia hora, só para garantir que não estava mais sendo seguido. Só então voltou para casa.

— Você nunca deveria ter ido ao Geral de Miami — disse Tom desancando a si próprio em nome da mãe. — Deveria ter ficado do lado de fora, esperado e seguido a mulher até a casa dela.

Tom ainda não tinha ideia de onde Janet morava.

— Alice, fale comigo! — gritou. Mas Alice não disse nenhuma palavra.

Tom só conseguia pensar em esperar Janet sair do trabalho no sábado. Então iria segui-la. Teria mais cuidado. Então a mataria.

— Você vai ver, mamãe — disse Tom para o freezer. — Você vai ver.



JANET ESTAVA CERTA, ainda que Sean não fosse admiti-lo. O que o animou especialmente foram as minúsculas xícaras de café cubano. Ele até experimentou o que as pessoas da mesa ao lado estavam fazendo. Bebeu como se fossem doses de bebida alcoólica, deixando o gole de líquido forte, espesso e doce cair no estômago de uma só vez. O gosto era imenso, e a ligeira euforia foi quase imediata.

A outra coisa que ajudou Sean a sair de sua depressão foi a atitude positiva de Janet. Apesar do dia difícil que tivera e do episódio no Geral de Miami, ela encontrara esta mina para permanecer animada. Lembrou-lhe que o que haviam feito valia muito bem o esforço de dois dias. Tinham os trinta e três prontuários dos pacientes anteriores com meduloblastoma, e ela conseguira dois frascos do medicamento secreto.

— Acho que é um progresso muito bom — disse Janet. — Nesse ritmo, tenho certeza de que chegaremos ao cerne do sucesso que O Forbes conseguiu no tratamento dessas pessoas. Vamos, anime-se! Vamos conseguir! O entusiasmo de Janet e a cafeína finalmente se combinaram para convencer Sean.

— Vamos descobrir onde fica essa Funerária Emerson — disse.

— Por quê? — perguntou Janet, desconfiando daquela sugestão.

— Podemos dar uma passada lá. Talvez estejam fazendo hora extra. Talvez eles deem amostras.

A funerária ficava na North Miami Avenue, perto do cemitério municipal e do Parque Biscayne. Era uma bem cuidada estrutura vitoriana, com dois andares de madeira e águas-furtadas, pintada de branco, com um teto de ardósia cinza e rodeada em três lados por uma varanda larga. Dava a impressão de ter sido uma casa particular.

O resto da vizinhança não era convidativo. Os prédios adjacentes eram construídos de blocos de concreto. Havia uma loja de bebidas de um lado e uma de material hidráulico do outro. Sean estacionou direto na frente, numa área de carga e descarga.

— Não creio que esteja aberta — disse Janet, olhando o prédio.

— Tem um monte de luzes — disse Sean. Todas as lâmpadas do térreo estavam acesas, menos as da varanda. O segundo andar estava completamente escuro. — Acho que vou tentar.

Sean saiu do carro, subiu os degraus e tocou a campainha. Como ninguém respondesse, ele olhou pelas janelas. Chegou a olhar por algumas das janelas laterais, antes de voltar ao carro e entrar. Ligou o motor.

— Para onde vamos agora? — perguntou Janet.

— De volta ao Home Depot. Preciso de mais algumas ferramentas.

— Não estou gostando disso.

— Posso deixar você no apartamento — sugeriu ele.

Janet ficou quieta. Sean foi primeiro até o apartamento em Miami Beach. Chegou junto ao meio-fio e parou o carro. Os dois não tinham conversado durante o caminho.

— O que, exatamente, você está planejando? — perguntou ela finalmente.

— Continuar minha busca de Helen Cabot. Não vou demorar.

— Está planejando invadir aquela funerária?

— Vou entrar lá — disse Sean. — Soa melhor. Só algumas amostras. Se acontecer o pior, qual o problema? Ela está morta.

Janet hesitou. Naquele momento já estava com a porta aberta e o pé do lado de fora. Como Sean dissera várias vezes, toda aquela aventura fora ideia sua. Além disso, pensou que ficaria louca no apartamento, esperando que ele voltasse. Voltando a colocar o pé dentro do carro, disse que tinha mudado de ideia, e iria junto.

— Estou indo como a voz da racionalidade — disse.

— Por mim, tudo bem.

Na Home Depot Sean comprou um cortador de vidro, um dispositivo de sucção para levantar pedaços grandes de vidro, uma faca olfa, uma pequena serra tico-tico e uma caixa de isopor. Depois parou num 7-Eleven, onde comprou gelo para o isopor e alguns refrigerantes. Voltou então à Funerária Emerson e estacionou outra vez na área de descarga.

— Acho que vou esperar aqui — disse Janet. — A propósito, acho que você está doido.

— Você tem direito a sua opinião. Eu prefiro pensar em mim como uma pessoa determinada.

— Um isopor e refrigerantes — comentou Janet. — É como se estivesse indo a um piquenique.

— Eu só gosto de estar preparado.

Sean pegou o pacote de ferramentas e o isopor e foi até a varanda da funerária.

Janet observou enquanto ele verificava as janelas. Vários carros passavam nas duas direções. Estava espantada com o sangue-frio dele. Era como se ele acreditasse ser invisível. Olhou enquanto Sean ia até uma janela lateral e punha o pacote no chão. Curvando-se, ele pegou uma das ferramentas.

— Que se dane tudo! — disse Janet. Com irritação, abriu a porta, subiu os degraus da frente da funerária e foi até onde Sean trabalhava.

Ele tinha prendido o dispositivo de sucção à janela.

— Mudou de ideia? — perguntou Sean sem olhar para Janet. Em seguida passou o cortador de vidro com habilidade por todo o perímetro da janela.

— Fico pasma com a sua loucura. Não consigo acreditar que esteja fazendo isso.

— Traz de volta lembranças agradáveis — disse Sean. Com um puxão decidido, tirou um grande segmento do vidro e deixou-o no piso da varanda. Depois de se curvar para dentro, disse a Janet que só havia um alarme simples, de caixilho, exatamente o que ele esperava.

Sean passou as ferramentas e o isopor para dentro e pousou-os no chão. Depois de pular a janela, voltou a inclinar-se para fora.

— Se você não vem, é melhor esperar no carro — disse. — Uma mulher linda parada numa varanda de funerária a esta hora pode atrair atenção. Eu posso demorar alguns minutos, caso encontre o corpo de Helen.

— Me dá uma mão! — disse Janet impulsivamente, enquanto tentava passar pela janela com a mesma facilidade de Sean.

— Cuidado com o vidro. É como navalha.

Assim que Janet entrou, Sean pegou as ferramentas e entregou a ela o isopor.

— Foi gentileza deixarem as luzes acesas para nós — disse ele.

As duas grandes salas da frente funcionavam como mostruários. A sala em que haviam entrado tinha oito caixões em exibição. Suas tampas estavam abertas. Num estreito corredor havia um escritório. Na parte de trás da casa, estendendo-se de um lado ao outro, ficava a sala de embalsamamento. As janelas eram cobertas com pesadas cortinas.

Havia quatro mesas de aço inoxidável, para embalsamamento. Duas estavam ocupadas por corpos amortalhados. O primeiro era de uma mulher gorda, que parecia suficientemente viva para estar

dormindo, não fosse a grande incisão em Y, grosseiramente suturada na frente do torso. Fora autopsiada.

Indo até o segundo corpo, Sean levantou o lençol.

— Finalmente — disse. — Cá está ela.

Janet aproximou-se e preparou-se mentalmente antes de olhar. A visão foi menos perturbadora do que imaginara. Como a outra mulher, Helen Cabot parecia dormir. Sua cor estava melhor do que estivera em vida. Nos últimos dias, ela ficara muito pálida.

— Mal — comentou Sean. — Ela já foi embalsamada. Tenho que deixar de lado a amostra de sangue.

— Ela parece tão natural! — disse Janet.

— Esses embalsamadores devem ser bons. — Sean apontou para um grande armário de metal, com a frente de vidro. — Veja se encontra algumas agulhas e um bisturi.

— De que tamanho?

— Não faço questão. Quanto maior a agulha melhor.

Sean conectou a serra tico-tico na tomada. Quando ligou, ela fez um barulho medonho. Janet encontrou uma coleção de seringas, agulhas, até material de sutura e luvas de látex. Mas não achou bisturis. Trouxe para a mesa o que havia encontrado.

— Vamos coletar primeiro o líquido cefalorraquiano.

Sean colocou um par de luvas. Pediu que Janet ajudasse a colocar Helen de lado, para que ele pudesse inserir uma agulha na área lombar, entre duas vértebras.

— Isso só vai doer um segundo — disse Sean enquanto batia no quadril de Helen.

— Por favor — disse Janet. — Não fique brincando. Só vai me deixar mais perturbada do que já estou.

Para sua própria surpresa, Sean conseguiu o Líquido cefalorraquiano na primeira tentativa. Ele só realizara a manobra em pacientes vivos umas duas vezes. Encheu a seringa, tampou e colocou-a no gelo. Janet colocou Helen outra vez de costas.

— Agora a parte difícil — disse ele voltando à mesa de embalsamamento. — Estou presumindo que você já tenha visto uma autópsia.

Janet assentiu. Tinha visto uma, mas não fora uma experiência agradável. Retesou-se enquanto Sean se preparava.

— Nenhum bisturi? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda bem que eu pensei na faca olfa. — Sean pegou a faca e estendeu a lâmina. Em seguida passou-a pela nuca de Helen, de uma orelha a outra. Agarrando a parte de cima da incisão, puxou com força. Com o tipo de som rascante de uma erva daninha sendo arrancada, o couro cabeludo de Helen foi descolado da cabeça. Sean puxou-o até cobrir o rosto de Helen. Em seguida apalpou o orifício da craniotomia que fora feita no Boston Memorial, no lado esquerdo do crânio, e depois procurou o do lado direito, feito no Forbes dois dias antes.

— Esquisito — disse. — Onde está o buraco da segunda craniotomia?

— Não vamos perder tempo — disse Janet. Apesar de ter ficado nervosa na hora em que tinham entrado, sua ansiedade crescia a cada minuto.

Sean continuou a procurar o segundo orifício de craniotomia, mas finalmente desistiu. Pegando a serra tico-tico, olhou para Janet.

— Afaste-se. Talvez você não queira olhar. Isso não vai ser bonito.

— Faça logo — disse Janet.

Sean enfiou a lâmina no orifício da craniotomia que havia encontrado e ligou a serra. Ela bateu contra o osso e quase saltou de suas mãos. O serviço não seria tão fácil quanto ele imaginara.

— Você precisa firmar a cabeça — disse a Janet. Segurando os dois lados do rosto de Helen, Janet tentou em vão impedir que a cabeça balançasse de um lado para outro enquanto Sean lutava para

impedir que a serra saltasse. Com grande dificuldade, conseguiu serrar uma tampa de osso.

Pretendera manter a profundidade da lâmina igual à espessura do osso, mas fora impossível. A lâmina cavara o cérebro em vários lugares, rasgando a superfície.

— Isso é nojento — disse Janet retesando as costas e afastando-se um pouco.

— Não é uma serra para ossos — admitiu Sean. — Tivemos que improvisar.

A parte seguinte foi quase igualmente difícil. A faca olfa era muito mais larga do que um bisturi. E Sean teve dificuldade para inseri-la abaixo do cérebro e cortar a medula vertebral e os nervos cranianos. Fez o melhor que pôde. Depois, inserindo as mãos nos dois lados do crânio, agarrou o cérebro mutilado e arrancou-o.

Sean tirou então os refrigerantes do isopor e colocou o cérebro no gelo. Depois tirou a tampa de uma das garrafas e ofereceu-a a Janet.

Ele tinha suor brotando na testa.

Janet declinou a oferta. Enquanto Sean tomava um grande gole, ela ficou balançando a cabeça, espantada.

— Algumas vezes não acredito que você existe — disse.

De repente uma sirene. Janet entrou em pânico e começou a voltar para a sala de mostruário, mas Sean segurou-a.

— Precisamos sair daqui — sussurrou Janet, ansiosa.

— Não. Eles não viriam com a sirene ligada. Tem que ser outra coisa. O som cresceu. Janet sentiu o coração disparando cada vez mais rápido. Exatamente quando parecia que a sirene estava entrando na casa, seu tom mudou abruptamente.

— Efeito doppler — disse Sean. — Uma demonstração perfeita.

— Por favor! — implorou Janet. — Vamos embora. Já temos o que você queria.

— Precisamos limpar a área — disse ele pousando o refrigerante. Isso é uma operação clandestina. Veja se consegue encontrar uma

vassoura ou um esfregão. Vou ajeitar Helen de modo que ninguém perceba a diferença.

Apesar de sua agitação, Janet fez o que ele pediu. Trabalhou febrilmente. Quando terminou, Sean ainda estava suturando o couro cabeludo no lugar, usando pontos subcutâneos. Quando terminou, puxou o cabelo por sobre a incisão. Janet ficou impressionada, o corpo de HeLen Cabot parecia intocado.

Levaram as ferramentas e o isopor de volta para a sala de exposição dos caixões.

— Eu vou primeiro e você me passa as coisas — disse Sean, e pulou a janela.

Janet entregou-lhe o material.

— Precisa de ajuda? — perguntou Sean. Estava com os braços cheios.

— Acho que não — disse Janet. Entrar não tinha sido tão difícil.

Sean foi em direção ao carro, levando os objetos.

Sem querer, Janet agarrou a borda do vidro antes de pular a janela. Na pressa, esquecera-se do aviso anterior de Sean. Sentindo a borda afiada cortar quatro dedos, ela recuou em pânico. Olhou para a mão e viu um fio de sangue pingando. Fechou o punho e xingou em silêncio.

Como estava do lado de dentro, decidiu que seria muito mais fácil e menos perigoso sair abrindo a janela. Não havia necessidade de correr o risco de se cortar passando de novo pelo vidro. Sem pensar, abriu a tranca e puxou para cima a janela de guilhotina. Imediatamente o alarme soou.

Lutando para atravessar a janela, Janet saiu correndo atrás de Sean. Chegou ao carro logo depois de ele prender o isopor no piso junto ao banco de trás. Saltaram ao mesmo tempo no banco da frente e Sean deu a partida.

— O que aconteceu? — perguntou ele enquanto saía com o carro a toda.

— Esqueci do alarme — admitiu Janet. — Abri a janela.
Desculpe. Eu disse que não era boa nisso.

— Bom, não tem problema — disse Sean virando à direita na primeira esquina e seguindo para o leste. — Vamos estar longe antes que alguém apareça.

O que Sean não viu foi o homem saindo da loja de bebidas. Ele reagira imediatamente ao alarme, e viu Janet e Sean entrando no 4X4. Também deu uma boa olhada na placa do carro. Voltando para dentro da loja, escreveu os números antes que esquecesse. Em seguida ligou para a polícia de Miami.

Sean voltou ao Forbes, para que Janet pudesse pegar seu carro.

No momento em que chegaram ao estacionamento, Janet já estava um pouco mais calma. Sean parou perto do carro alugado. Ela abriu a porta e começou a sair.

— Você vai direto para o apartamento? — perguntou ela.

— Estou indo ao meu laboratório. Quer vir?

— Tenho trabalho amanhã — lembrou Janet. — E foi um dia duro. Estou exausta. Mas tenho medo de deixar você longe da minha vista.

— Não vou demorar. Venha! Só quero fazer umas coisas. Além disso, amanhã é sábado, e nós vamos dar aquele passeio que eu prometi. Vamos viajar depois de você sair do trabalho.

— Parece que já decidiu para onde vamos — disse Janet.

— Já. Vamos pelos Everglades até Naples. Ouvi dizer que é um lugar e tanto.

— Certo. Está combinado — disse Janet fechando a porta do carro.

— Mas hoje você precisa me levar para casa no máximo antes da meia-noite.

— Sem problema — disse Sean enquanto dirigia até junto ao prédio de pesquisas.



— PELO MENOS O JATO da Sushita não saiu de Washington — disse Sterling. Estava no escritório do dr. Mason. Wayne Edwards também estava lá, bem como o dr. Mason e Margaret Richmond. — Não creio que Tanaka faça qualquer movimento até que o avião esteja aqui e à sua disposição.

— Mas você disse que Sean foi seguido — disse o dr. Mason. — Quem estava atrás dele? — Eu esperava que vocês pudessem nos esclarecer — disse Sterling. — Tem alguma ideia de por que alguém seguiria Sean Murphy? Wayne percebeu o sujeito quando atravessamos o rio Miami.

O dr. Mason olhou para a sra. Richmond, que deu de ombros. Ele voltou a olhar para Sterling.

— Esse indivíduo misterioso poderia estar a serviço de Tanaka?

— Duvido — disse Sterling. — Não é o estilo dele. Se Tanaka fizer um movimento, Sean simplesmente vai desaparecer. Não haverá qualquer aviso. Será uma coisa limpa e profissional. O indivíduo que estava seguindo Sean era desalinhado. Usava camisa e calça marrom desbotada, a camisa aberta no pescoço. E certamente não estava agindo como o tipo de profissional que Tanaka contrataria.

— Diga exatamente o que aconteceu — pediu o dr. Mason.

— Seguimos Sean e uma jovem enfermeira desde o estacionamento do Forbes por volta das quatro horas — disse Sterling.

— A enfermeira deve ser Janet Reardon — interveio a sra. Richmond. — Os dois são amigos, de Boston.

Sterling assentiu. Fez um gesto para que Wayne anotasse o nome.

— Precisamos investigá-la também. É importante eliminar a possibilidade de que estejam trabalhando em equipe. Sterling descreveu o que aconteceu até chegarem ao Geral de Miami, e suas instruções para que Wayne seguisse o desconhecido de marrom, caso ele saísse primeiro.

O dr. Mason ficou surpreso ao saber que Sean e a enfermeira tinham ido para o necrotério. Que diabo eles estariam fazendo lá?

— Essa era outra coisa que eu esperava que vocês pudessem nos dizer.

— Não consigo imaginar — disse o dr. Mason balançando a cabeça.

Novamente olhou para a sra. Richmond. Ela também balançou a cabeça.

— Quando o sujeito misterioso entrou no necrotério atrás de Sean Murphy e da senhorita Reardon, eu só pude dar uma rápida olhada — continuou Sterling. — Mas tive a impressão de que ele estava segurando um revólver. O que depois se confirmou. De qualquer modo, eu estava preocupado com a segurança do sr. Murphy; por isso, corri até a porta do necrotério e encontrei-a trancada.

— Que horrível — disse a sra. Richmond.

— Só havia uma coisa que eu podia fazer. Apaguei as luzes.

— Foi um toque interessante — disse o dr. Mason. — Boa ideia.

— Esperei que as pessoas lá dentro não se machucassem até eu conceber um jeito de abrir a porta. Mas não houve necessidade. O homem de marrom aparentemente tem uma grande fobia do escuro. Dentro de pouco tempo ele saiu da sala nitidamente abalado. Foi então que vi o revólver com clareza. Fui atrás, mas infelizmente eu estava com sapatos de sola de couro, o que me colocou em desvantagem com relação aos tênis dele. Além disso, ele parecia totalmente familiarizado com o lugar. Quando ficou claro que eu o

havia perdido, voltei ao necrotério. Mas Sean e a senhorita Reardon também já haviam partido.

— E Wayne seguiu o sujeito de marrom? — perguntou o Dr. Mason.

— Ele tentou — disse Sterling.

— Eu o perdi — admitiu Wayne. — Era hora do rush, e não tive sorte.

— Então agora não temos ideia de onde esteja o sr. Murphy. — gemeu o dr. Mason. — E temos uma nova preocupação com um atacante desconhecido.

— Temos um colega do senhor Edwards vigiando a residência Forbes, esperando a volta de Sean — disse Sterling. — É importante que nós o encontremos.

O telefone da mesa do dr. Mason tocou. Ele atendeu.

— Dr. Mason, aqui é Juan Suárez, da segurança. O senhor pediu para ligar se o senhor Sean Murphy aparecesse. Bom, ele e uma enfermeira acabam de chegar, e foram ao quinto andar.

— Obrigado, Juan — disse o dr. Mason aliviado. Desligou o telefone. — Sean Murphy está em segurança. Acaba de entrar aqui no prédio, provavelmente para aplicar injeções nos camundongos. Que dedicação! Vou lhes contar, acho que o garoto é um vencedor, e que vale toda essa preocupação.



JÁ PASSAVA DAS DEZ da noite quando Robert Harris saiu do apartamento de Ralph Seaver. O sujeito não fora particularmente cooperativo. Ficara ressentido por Harris puxar o assunto de sua condenação por estupro em Indiana, que ele dizia ser "história antiga".

Harris não deu muito valor à autoavaliação feita por Seaver, mentalmente tirou-o de sua lista de suspeitos no minuto em que pôs os olhos em cima. O atacante fora descrito como de estatura e Complexão medianas. Seaver tinha pelo menos dois metros de altura e provavelmente pesava uns cento e dez quilos. Subindo em seu sedã Ford azul-escuro, Harris pegou a última ficha de categoria prioritária. Tom Widdicomb morava em Hialeah, não muito longe de Harris. Apesar da hora, decidiu ir até a casa do sujeito. Se as luzes estivessem acesas, ele tocava a campainha. De outro modo, deixaria para o dia seguinte.

Harris já dera vários telefonemas buscando informações sobre Tom Widdicomb. Descobrira que ele fizera um curso de técnico em emergências médicas e passara na prova para tirar a licença. Uma ligação para a empresa de ambulâncias onde Tom trabalhara não rendeu muita informação. O proprietário recusou-se a comentar, explicando que da última vez em que falara sobre um ex-empregado os pneus de duas ambulâncias haviam sido rasgados.

Uma ligação para o Geral de Miami fora um pouco mais útil, mas não muito. Um funcionário do departamento de pessoal dissera que o sr. Widdicomb se demitira do hospital por acordo mútuo. O funcionário admitiu que não conhecera o sr. Widdicomb; estava meramente lendo a ficha do funcionário.

Harris também checara com Glen, o chefe da limpeza do Hospital Forbes. Glen disse que Tom era confiável, pelo seu ponto de vista, mas que frequentemente brigava com os colegas. Disse que Tom trabalhava melhor sozinho.

A última ligação que Harris fizera foi para um veterinário chamado Maurice Springborn. Mas o número não era mais o mesmo, e o serviço de informações não tinha outro. De modo que, no total, Harris não obtivera nada que incriminasse Tom Widdicomb. Enquanto ia até Hialeah e procurava a Palmetto Lane, no 18, não se sentia otimista.

— Bem, pelo menos as luzes estão acesas — disse enquanto parava junto ao meio-fio, diante de uma casa malcuidada, estilo rancho. Em agudo contraste com as outras casas modestas da vizinhança, a de Tom Widdicomb estava iluminada como a Times Square na noite de Ano Novo.

Todas as luzes de dentro e de fora estavam brilhando.

Saindo do carro, Harris olhou para a casa. Era espantoso quanta luz emanava dela. Arbustos a três casas de distância lançavam sombras nítidas. Enquanto subia pela entrada de carros, percebeu que o nome na caixa de correio era Alice Widdicomb. Ficou imaginando qual era a relação entre ela e Tom.

Harris subiu os degraus da frente e apertou a campainha.

Enquanto esperava, observou a casa. Era decorada num estilo simples, com cores pastel desbotadas. As portas e janelas estavam precisando tremendamente de uma pintura.

Como ninguém atendesse, Harris tocou outra vez e encostou o ouvido na porta, para certificar-se de que a campainha funcionava. Ouviu claramente. Era difícil acreditar que não houvesse ninguém em casa com todas aquelas luzes acesas.

Depois de um terceiro toque, Harris desistiu e voltou ao carro.

Em vez de sair imediatamente, ficou sentado olhando, imaginando o que poderia motivar alguém a iluminar tanto uma casa. Estava para dar partida no motor quando pensou ter visto algum movimento através da janela da sala de estar. Em seguida viu de novo. A pessoa parecia estar tentando dar uma espiada em Harris.

Sem um instante de hesitação, ele saiu do carro e voltou ao alpendre. Apoiou-se na campainha, dando um toque longo. Mas mesmo assim ninguém apareceu.

Aborrecido, Harris voltou ao carro. Usou o telefone do veículo para ligar para Glen e saber se Tom Widdicomb estava escalado para trabalhar no dia seguinte.

— Não, senhor — disse Glen, com seu sotaque sulista. — Ele só está escalado para segunda-feira. O que é uma coisa boa. Hoje ele estava mal. Parecia péssimo. Mande-o para casa mais cedo.

Harris agradeceu a Glen antes de desligar. Se Widdicomb não se sentia bem e estivesse de cama, por que todas as luzes? Será que estava tão mal que não podia chegar à porta? E onde estaria Alice, quem quer que ela fosse? Enquanto dirigia para fora de Hialeah, Harris ponderava sobre o que deveria fazer. Havia alguma coisa esquisita na casa dos Widdicomb.

Ele podia voltar e entrar à força, mas parecia uma atitude extrema. Deveria esperar até segunda, quando Tom aparecesse no trabalho, mas, e nesse meio-tempo? Em vez disso, decidiu voltar na manhã seguinte e ver se conseguia dar uma olhada em Tom Widdicomb. Glen dissera que ele era de estatura média e complexão mediana, com cabelos castanhos.

Harris suspirou. Ficar sentado do lado de fora da casa de Tom Widdicomb não era uma grande ideia para um sábado, mas ele estava desesperado. Sentia que era melhor conseguir algum resultado com relação às mortes das pacientes de câncer no seio, se estivesse interessado em continuar empregado no Forbes.



SEAN ASSOBIAVA baixinho enquanto trabalhava, a própria imagem da concentração satisfeita. Janet observava de um banco alto, semelhante ao de Sean, que ela arrastara até a bancada. Diante dele havia uma quantidade de vidros.

Era em horas tranquilas assim que Janet o achava mais atraente.

Seu cabelo escuro caíra na testa, emoldurando o rosto curvado com pequenos anéis macios que tinham uma aparência quase

feminina em contraste nítido com as feições duras e masculinas. Seu nariz era estreito na parte de cima, onde se juntava à confluência das grossas sobrancelhas. Era um nariz reto, a não ser na ponta, onde se curvava para dentro antes de se juntar à curva dos lábios. Os olhos azuis estavam fixos, sem piscar, numa bandeja de plástico transparente segura com os dedos fortes, porém ágeis.

Ele ergueu o rosto e olhou direto para Janet. Tinha os olhos brilhantes e luminosos. Ela podia dizer que ele estava excitado. Naquele momento, ela se sentia incomumente apaixonada, e até o episódio recente na funerária recuou em seu pensamento. Queria que ele a tomasse nos braços, dissesse que a amava e que desejava passar o resto da vida ao seu lado.

— Esses primeiros padrões de eletroforese de coloração prata são maravilhosos — disse Sean, despedaçando a fantasia de Janet. — Venha ver! Janet desceu de seu banco. No momento não estava interessada em padrões de eletroforese, mas sentia ter pouca escolha. Não ousaria correr o risco de diminuir o entusiasmo dele. Mesmo assim, estava desapontada por Sean não perceber seus sentimentos de afeição.

— Essa é a amostra do frasco maior — explicou ele. — É um gel não-redutor, de modo que é possível dizer, pelo controle, que só tem um componente, e o seu peso molecular é de aproximadamente 150.000 dáltons.

Janet assentiu.

Sean pegou o outro gel e mostrou.

— Agora, o medicamento do frasco menor é diferente. Aqui existem três faixas separadas, significando que há três componentes diversos. Têm pesos moleculares muito menores. Suponho que o frasco maior contenha um anticorpo de imunoglobulina e o menor provavelmente contém citocinas.

— O que é citocina?

— É um termo genérico. — Sean levantou-se do banco. — Venha comigo. Preciso pegar alguns reagentes.

Desceram pela escada. Enquanto caminhavam, Sean continuou a explicar.

— Citocinas são moléculas de proteína produzidas por células do sistema imunológico. Estão envolvidas na comunicação entre as células, passando instruções, por exemplo, sobre quando crescer, quando começar a fazer seu serviço, quando se aprontar para uma invasão de vírus, bactérias, ou até de células de tumor. O NIH vem cultivando *in vitro* os linfócitos de pacientes de câncer com uma citocina chamada interleucina-2, e depois injetando as células de volta no paciente. Em alguns casos, tiveram bons resultados.

— Mas não tão bons quanto o Forbes, com seus casos de meduloblastoma — disse Janet.

— Sem dúvida que não.

No depósito, Sean entregou a Janet uma quantidade de reagentes e pegou outros tantos; em seguida, começaram a voltar para o laboratório.

— Essa é uma época excitante para a biologia — disse ele. O século XIX foi o século da química; o século XX foi o século da física. Mas o século XXI será da biologia molecular; é onde as três, química, física e biologia, vão se fundir. Os resultados serão espantosos, como a ficção científica tornada real. Na verdade, já estamos vendo isso acontecer.

No momento em que chegaram ao laboratório, Janet se viu genuinamente interessada, apesar dos traumas emocionais do dia e de seu cansaço. O entusiasmo de Sean era contagioso.

— Qual é o próximo passo com esses remédios? — perguntou ela.

— Não tenho certeza. Suponho que tenhamos de ver que tipo de reação conseguimos entre o anticorpo desconhecido, que está no frasco grande, e o tumor de Helen Cabot.

Sean pediu que Janet pegasse uma tesoura e um bisturi numa gaveta perto de onde ela estava. Em seguida, levou o isopor até a pia e, depois de colocar um par de luvas de látex, pegou o cérebro e lavou-o.

Embaixo da pia, apanhou uma tábua de corte. Colocou o cérebro sobre a tábua.

— Espero não ter dificuldade para encontrar o tumor — disse. — Nunca tentei fazer uma coisa dessas antes. A julgar pela RM que fizemos em Boston, o tumor maior fica no lobo temporal esquerdo. Foi onde fizeram a biópsia lá. Acho que é onde devo procurar.

Sean ajustou o cérebro de modo a poder determinar o que era a parte da frente e o que era a parte de trás. Em seguida, fez vários S no lobo temporal.

— Tenho uma ânsia quase irresistível de fazer piada sobre isso.

— Por favor, não — disse Janet. Para ela estava sendo difícil lidar com o fato de que era o cérebro de uma pessoa com quem se relacionara recentemente.

— Isso aqui está parecendo promissor — disse Sean, e afastou as bordas da incisão mais recente. Na base havia um tecido comparativamente denso e mais amarelado, com cavidades minúsculas, porém visíveis.

— Acho que esses pontos podem ser as áreas em que o tumor desenvolveu seu próprio suprimento de sangue.

Sean pediu que Janet o ajudasse, de modo que ela colocou um par de luvas e segurou as bordas cortadas do cérebro, enquanto ele retirava com a tesoura uma amostra do tumor.

— Precisamos separar as células — disse ele, colocando a amostra em meio de cultura e em seguida adicionando enzimas. Pôs o frasco na estufa, para dar às enzimas a chance de atuar. — Agora temos que caracterizar essa imunoglobulina — continuou, segurando o frasco maior com o medicamento desconhecido. — E para isso temos um teste chamado ELISA, onde usamos anticorpos

fabricados comercialmente para identificar tipos específicos de imunoglobulinas.

Colocou o frasco maior sobre a bancada e pegou uma placa de plástico que tinha noventa e seis minúsculas concavidades circulares. Em cada uma delas colocou um diferente anticorpo de captura e deixou que ele se aglutinasse. Em seguida, bloqueou qualquer área de aglutinação que ainda restasse com albumina de soro bovino. Colocou então uma pequena porção da substância desconhecida em cada uma das concavidades.

— Agora preciso descobrir qual anticorpo reagiu ao remédio desconhecido — disse, lavando cada uma das concavidades para retirar toda a imunoglobulina desconhecida que não tivesse reagido. — Fazemos isso colocando em cada concavidade o mesmo anticorpo que estava ali originalmente, só que desta vez com um composto enzimaticamente capaz de provocar uma reação colorida. — Essa última substância tinha a característica de provocar uma coloração lavanda pálida.

Durante todo o tempo em que fazia o teste, Sean continuava explicando. Janet tinha ouvido falar do teste, mas nunca o vira sendo realizado.

— Bingo! — disse Sean quando uma das concavidades ficou da cor apropriada, igualando-se aos controles que ele pusera em dezesseis das concavidades na borda da placa. O desconhecido não é mais desconhecido. É uma imunoglobulina humana chamada IgGl.

— Como o Forbes a produz? — perguntou Janet.

— Boa pergunta. Imagino que por técnica de anticorpo monoclonal. Apesar de não estar fora de questão produzi-la com tecnologia de DNA recombinante. O problema nesse caso é que é uma molécula grande.

Janet tinha uma vaga ideia do que Sean estava falando, e ficara bastante interessada no processo de descobrir o que eram aqueles medicamentos desconhecidos, mas de repente sua exaustão física

não pôde mais ser ignorada. Olhando para o relógio, entendeu por quê. Era quase meia-noite.

Com sentimentos contraditórios por interromper o entusiasmo de Sean, sentimentos que ela estivera tentando estimular, tocou no braço dele. Sean estava segurando uma pipeta de Pasteur. Começara o ELISA para o segundo líquido desconhecido.

— Tem ideia de que horas são? — perguntou ela.

Sean olhou o relógio.

— É o que eu digo, o tempo voa quando a gente está se divertindo.

— Tenho que trabalhar amanhã — disse ela. — Preciso dormir. Acho que posso voltar sozinha para o apartamento.

— Não a essa hora. Deixe só eu acabar com isso aqui, e depois quero fazer um rápido teste de imunofluorescência para ver o nível de reação entre a IgG1 e as células do tumor de Helen. Vou usar um diluidor automático. Só vai levar alguns minutos.

Janet concordou, relutante. Mas não podia continuar sentada num banco. Em vez disso, pegou uma poltrona no escritório envidraçado. Menos de meia hora depois, o entusiasmo de Sean deu outro salto. O teste ELISA na segunda substância desconhecida identificou três citocinas: interleucina-2, que, como ele explicara a Janet, era um fator de crescimento de linfócitos T; fator alfa de necrose de tecido, um estimulante para que certas células matassem células estranhas, como cancerosas; e interferon gama, uma substância que parecia ajudar ativar todo o sistema imunológico.

— As células T não são as que desaparecem na AIDS? — perguntou Janet. Estava cada vez com mais dificuldade de ficar acordada.

— Exato. — Agora Sean estava segurando várias lâminas onde fizera testes de fluorescência para anticorpos a diferentes diluições da imunoglobulina desconhecida. Colocando uma das lâminas com

alta diluição sob a objetiva do microscópio de fluorescência, Sean colocou os olhos na ocular.

— Uau! A intensidade dessa reação é incrível. Até mesmo com uma diluição de um para dez mil esse anticorpo IgG1 reage tremendamente com o tumor. Janet, venha cá e dê uma olhada nisso!

Quando Janet não respondeu, Sean afastou os olhos do microscópio binocular. Janet estava largada na poltrona. Tinha adormecido.

Ao vê-la dormindo, Sean imediatamente sentiu-se culpado. Não considerara como ela devia estar exausta. Ficando em pé e esticando os braços, foi até Janet e olhou-a. Ela parecia particularmente angélica no sono. O rosto estava emoldurado pelos cabelos louros e finos. Sean teve uma vontade enorme de beijá-la. Em vez disso, sacudiu-lhe gentilmente o ombro.

— Venha — sussurrou. — Vou levá-la para a cama.

Janet já estava aninhada no carro de Sean quando sua mente sonolenta lembrou que viera em seu carro, naquela manhã. Falou isso a Sean.

— Você está em condições de dirigir? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— Quero meu carro — disse, sem deixar espaço para discussão.

Sean foi até o estacionamento do hospital e deixou que ela saísse. Assim que Janet ligou o carro, ele abriu caminho para que ela fosse na frente. Saindo para a rua, Sean estava atento demais a Janet para perceber o Mercedes verde-escuro que lentamente começou a segui-los sem acender os faróis.

7

6 de março
Sábado, 4h45 da manhã

Assim que seus olhos se abriram, Sean acordou instantaneamente.

Não podia esperar para ir ao laboratório e desvendar mais uma etapa do mistério da cura do meduloblastoma. O pequeno trabalho que ele conseguira fazer na noite anterior meramente aguçara seu apetite. Apesar da hora, deslizou para fora da cama, tomou um banho e se vestiu.

Quando estava pronto para ir ao laboratório, voltou na ponta dos pés até o quarto escuro e gentilmente cutucou Janet. Sabia que ela iria querer dormir até o último minuto possível, mas desejava dizer-lhe uma coisa.

Janet rolou e gemeu: — Já é hora de levantar? — Não — sussurrou Sean. — Estou saindo para o laboratório. Você pode dormir mais um pouco. Mas eu queria lembrá-la de arrumar suas coisas para nossa viagem à noite até Naples. Quero sair ta tarde, quando você largar o trabalho.

— Por que será que tenho a sensação de que você tem algum motivo para isso? — perguntou Janet esfregando os olhos. — O que há em Naples?

— Digo quando estivermos a caminho. Se formos direto do Forbes, vamos evitar o tráfego de saída de Miami. Não leve muita coisa. só vai precisar de alguma roupa para o jantar desta noite, uma de banho e jeans. Outra coisa... — Sean acrescentou, curvando-se sobre ela.

Janet olhou em seus olhos.

— Quero que consiga um pouco do remédio de Louis Martin esta manhã.

Janet se sentou.

— Grande! — exclamou, sarcástica. — Como você espera que eu faça isso? Eu contei como foi difícil conseguir as amostras de Helen.

— Acalme-se. Apenas tente. Pode ser importante. Você disse que achava que todos os remédios vinham de um mesmo lote. Quero provar que isso é impossível. Não preciso de muito, e só do frasco maior. Bastam alguns mililitros.

— Eles controlam o medicamento mais do que os narcóticos — reclamou Janet.

— E que tal diluir com soro? — sugeriu Sean. — Você sabe, o velho truque de colocar água nas garrafas de bebidas dos seus pais. Eles não vão saber que a concentração mudou. Janet pensou na sugestão.

— Você acha que isso poderia prejudicar o paciente? — Não vejo como. É mais do que provável que seja especificado com uma ampla margem de segurança.

— Certo, vou tentar — disse Janet relutante. Odiava estar sendo desonesta com Marjorie.

— É só isso que eu posso pedir — disse Sean, e em seguida beijou-a na testa.

— Agora não consigo dormir de novo — reclamou ela enquanto Sean ia em direção à porta.

— Vamos ter tempo de sobra para dormir no fim de semana — prometeu. Enquanto Sean encaminhava-se para o 4X4, havia apenas

uma ligeira sugestão de alvorada no céu ao leste. No oeste, as estrelas piscavam como se ainda fosse meia-noite.

Ao se afastar do meio-fio, ele já estava preocupado com o trabalho que teria no laboratório, e não percebia nada ao redor. Mais uma vez não percebeu o Mercedes verde-escuro que também entrava no tráfego, alguns carros atrás.

Dentro do Mercedes, Wayne Edwards estava discando o telefone, ligando para Sterling Rombauer no Grand Bay Hotel, em Coconut Grave.

Um Sterling sonolento atendeu ao terceiro toque.

— Ele saiu da toca e está indo para o oeste — disse Wayne. — Presumivelmente para o Forbes.

— Certo — disse Sterling. — Fique com ele. Vou encontrar você. Fui informado há meia hora que o jato da Sushita está neste exato momento vindo para o sul.

— Parece que vai começar o jogo — disse Wayne.

— É o que eu acho.



ANNE MURPHY ESTAVA deprimida outra vez. Charles viera para casa, mas só tinha ficado uma noite. E, agora que se fora, o apartamento parecia tão solitário! Era um prazer ficar com ele, tão calmo e tão perto de Deus. Ela ainda estava na cama, pensando se deveria se levantar, quando a campainha da porta da frente tocou.

Anne pegou seu robe de lã xadrez e foi em direção à cozinha. Não estava esperando ninguém, mas também não estivera esperando as duas pessoas que tinham vindo perguntar por Sean. Lembrou-se da promessa de não falar com nenhum estranho sobre Sean ou sobre Oncogen.

— Quem é? — perguntou Anne, apertando o botão de comunicação do interfone.

— Polícia de Boston — respondeu uma voz.

Um tremor perpassou sua espinha enquanto ela apertava o botão para abrir a porta. Tinha certeza de que essa visita significava que Sean voltara aos tempos antigos. Depois de escovar rapidamente o cabelo, foi até a porta. Um homem e uma mulher estavam ali, vestidos com uniformes da polícia de Boston. Anne nunca vira nenhum dos dois antes.

— Desculpe incomodá-la, senhora — disse a policial, mostrando a identificação — Sou a comissária Hallihan, e este é o comissário Mercer.

Anne estava segurando as lapelas do robe, mantendo-o fechado. A polícia tinha aparecido várias vezes em sua porta quando Sean era adolescente. A visita trouxe de volta lembranças ruins.

— Qual é o problema? — perguntou.

— A senhora é Anne Murphy, mãe de Sean Murphy? — perguntou a Comissária Hallihan.

Anne assentiu.

— Estamos aqui a pedido da polícia de Miami — disse a comissária. A senhora sabe onde seu filho Sean Murphy está no momento?

— Está no Forbes Cancer Center, em Miami. O que aconteceu?

— Não sabemos — disse a comissária Hallihan.

— Ele está com problemas? — perguntou Anne, com medo de ouvir a resposta.

— Realmente não temos nenhuma informação. A senhora tem o endereço dele em Miami?

Anne foi até a mesa de telefone, no corredor, copiou o endereço da residência Forbes e deu-o à policial.

— Obrigada, senhora — disse Hallihan. — Agradecemos sua cooperação.

Anne fechou a porta e encostou-se nela. Em seu coração tinha certeza de que acontecera o que temia: Miami fora a má influência de que ela suspeitara; Sean estava novamente metido em encrenca.

Assim que pensou estar suficientemente recomposta, ligou para a casa de Brian.

— Sean está encrencado outra vez — disse abruptamente quando Brian atendeu. As lágrimas vieram assim que ela pronunciou as palavras.

— Mãe, tente se controlar.

— Você precisa fazer alguma coisa — disse Anne entre soluços.

Brian conseguiu que a mãe se acalmasse o bastante para contar o que acontecera e o que a polícia dissera.

— Vai ver é alguma infração de trânsito — disse Brian. — Ele provavelmente passou com o carro no gramado de alguém, alguma coisa assim.

— Acho que é pior — fungou Anne. — Sei que é. Posso sentir. Aquele garoto vai causar a minha morte.

— Que tal eu dar uma passada aí? — disse Brian. — Nesse meio-tempo, vou fazer algumas ligações e checar. Aposto que é alguma bobagem.

— Espero que sim — disse Anne, assoando o nariz.

Enquanto esperava que Brian viesse da Marlborough Street, Anne vestiu-se e começou a prender o cabelo. Brian morava perto do rio Charles, em Back Bay, e, como era sábado e não havia muito tráfego, chegou em meia hora. Quando ele apertou a campainha para que ela soubesse de sua chegada, Anne estava colocando o último grampo no cabelo.

— Antes de sair do apartamento liguei para um colega advogado em Miami, chamado Kevin Porter — disse Brian à mãe. — Ele trabalha numa empresa com a qual fazemos negócios em Miami. Contei o que havia acontecido e ele disse que tinha um contato na polícia e poderia descobrir o que está ocorrendo.

— Sei que é coisa ruim — disse Anne.

— Você não sabe se é ruim! Agora não fique tão abalada.

Lembre-se de que na última vez você acabou no hospital.

Kevin Porter ligou minutos depois da chegada de Brian.

— Temo que não tenha notícias muito boas para você — disse Kevin. — O dono de uma loja de bebidas anotou a placa do carro de seu irmão saindo da cena de um roubo.

Brian suspirou e olhou para a mãe. Ela estava sentada na ponta de uma cadeira de espaldar reto, com as mãos cruzadas no colo. Brian estava furioso com Sean. Será que ele não considerava os efeitos que suas travessuras provocavam na pobre mãe?

— É uma história esquisita — continuou Kevin. — Parece que um cadáver foi mutilado e... posso contar o resto?

— Conte tudo — disse Brian.

— Alguém roubou o cérebro do cadáver — disse Kevin. — E não era nenhum cadáver de indigente. A defunta era uma jovem cujo pai é um figurão dos negócios aí.

— Aqui em Boston?

— Isso, e está havendo uma tremenda balbúrdia aqui por causa de uns contatos dele. Estão pressionando para que a polícia faça alguma coisa. O promotor estadual aprontou uma lista de acusações com um quilômetro de comprimento. O perito médico que olhou o corpo acha que o crânio foi aberto com uma serra tico-tico.

— E o 4X4 de Sean foi visto saindo do local? — perguntou Brian. Já estava tentando pensar numa defesa.

— Temo que sim. Além disso, um dos peritos médicos disse que seu irmão e uma enfermeira estiveram no escritório dele apenas algumas horas antes, perguntando pelo mesmo cadáver. Parece que queriam amostras de tecidos. Pelo visto conseguiram. Obviamente a polícia está procurando seu irmão e a enfermeira para interrogatório e, provavelmente, prisão.

— Obrigado, Kevin — disse Brian. — Diga onde você vai estar. Posso precisar de você, especialmente se Sean for preso.

— Você pode me encontrar em qualquer hora neste fim de semana. Vou deixar recado na delegacia para me ligarem caso seu irmão seja apanhado.

Brian recolocou lentamente o fone no gancho e olhou para a mãe.

Sabia que ela não estava preparada para isso, sobretudo porque pensava que Sean estava sozinho em Sodoma e Gomorra.

— Os números de telefone de Sean estão à mão? — perguntou tentando deixar a preocupação longe do tom de voz. Anne pegou-os sem falar.

Brian ligou primeiro para a residência. Deixou o telefone tocar uma dúzia de vezes antes de desistir. Em seguida tentou ligar para o prédio de pesquisas do Forbes Cancer Center. Infelizmente, tudo que conseguiu foi uma gravação dizendo que a mesa telefônica funcionava de segunda a sexta, das oito às cinco.

Pegando decididamente o fone outra vez, ligou para a Delta Airlines e fez uma reserva no voo do meio-dia para Miami. Alguma coisa estranha estava acontecendo, e ele achou que era melhor estar lá, no meio dos acontecimentos.

— Eu estava certa, não estava? — disse Anne. — É coisa ruim.

— Tenho certeza de que é algum mal-entendido. Por isso acho que devo ir até lá e esclarecer as coisas.

— Não sei o que fiz de errado — disse Anne.

— Mãe — disse Brian —, não é culpa sua.



O ESTÔMAGO DE HIROSHI Gyuhama estava incomodando. Seus nervos estavam à flor da pele. Desde que Sean o apavorara no

poço da escada, ele relutara em espioná-lo. Mas naquela manhã não tinha escolha. Foi verificar, assim que percebeu o 4X4 no estacionamento tão cedo. Quando viu que Sean trabalhava febrilmente no laboratório, Hiroshi voltou a sua sala.

Sentia-se duplamente perturbado agora que Tanaka Yamaguchi estava na cidade. Hiroshi o encontrara no aeroporto dois dias antes, e o levara ao Doral Country Club, onde ele planejava ficar e jogar golfe até que chegasse a palavra final da Sushita.

A palavra final chegara na sexta à noite. Depois de rever o memorando de Tanaka, a diretoria da Sushita decidira que Sean Murphy era um risco para o investimento no Forbes. A Sushita o queria em Tóquio imediatamente, onde "argumentariam" com ele.

Hiroshi não se sentia confortável tendo Tanaka por perto. Saber das associações do sujeito com a Yakuza deixava Hiroshi extremamente inquieto. E Tanaka sugerira sutilmente que não respeitava Hiroshi. Tinha se curvado quando se encontraram, mas não o bastante, e nem por muito tempo. A conversa no caminho até o hotel fora inconsequente. Tanaka não mencionou Sean Murphy. E, assim que chegaram ao hotel, tinha ignorado Hiroshi. Pior de tudo, não convidara Hiroshi para jogar golfe.

Todas essas desconsiderações haviam sido dolorosamente óbvias para Hiroshi e as implicações eram claras.

Hiroshi ligou para o Doral Country Club Hotel e pediu para falar com o sr. Yamaguchi. A ligação foi transferida para a sede do clube, já que o sr. Yamaguchi tinha marcado um chá para dentro de vinte minutos.

Tanaka atendeu. Foi particularmente lacônico ao ouvir a voz de Hiroshi. Falando em japonês rápido, Hiroshi foi direto ao ponto.

- O senhor Sean Murphy está aqui no centro de pesquisas.
- Obrigado — disse Tanaka.
- O avião está a caminho. Tudo em ordem. Estaremos no Forbes esta tarde.



SEAN COMEÇARA A MANHÃ amimado. Depois da facilidade inicial em identificar a imunoglobulina e as três citocinas, esperara um progresso igualmente rápido na determinação do tipo exato de antígeno com o qual a imunoglobulina reagia. Como ela reagia tão fortemente com a célula do tumor em suspensão, raciocinou que o antígeno teria de ser de superfície. Em outras palavras, o antígeno tinha de estar na superfície das células cancerosas.

Para certificar-se dessa suposição, bem como confirmar que o antígeno era, pelo menos parcialmente, um peptídeo, Sean tratara células intactas do tumor de Helen com tripsina. Quando tentou ver se essas células digeridas reagiam com a imunoglobulina, percebeu rapidamente que isso não ocorria. Mas a partir desse momento começou a ter problemas.

Não conseguia caracterizar o antígeno de superfície. Sua ideia era tentar inumeráveis antígenos conhecidos e ver se eles reagiam com a parte da imunoglobulina que se ligava aos antígenos. Nenhum reagiu.

Usando literalmente centenas de linhagens de células cultivadas em tecido de cultura, passou horas enchendo as pequenas concavidades, mas não conseguiu nenhuma reação. Estava particularmente interessado em linhagens de células cujas origens fossem tecidos nervosos. Experimentou células normais e células transformadas ou neoplásicas. Tentou digerir todas as células com detergentes em concentrações cada vez maiores, primeiro para abrir as membranas celulares e expor os antígenos citoplásmicos, e depois abrir as membranas nucleares para expor antígenos nucleares. Mesmo assim nada reagiu. Não houve um único episódio de

imunofluorescência em qualquer das centenas de minúsculas concavidades.

Sean não conseguia acreditar em como estava ficando difícil encontrar um antígeno que reagisse com a imunoglobulina misteriosa.

Ainda não conseguira sequer uma reação parcial. Quando já estava perdendo a paciência, o telefone tocou. Foi atender numa extensão de parede. Era Janet.

— Como está indo, Einstein? — perguntou ela, alegre.

— Terrível. Não estou chegando a lugar nenhum.

— Que pena! Mas eu tenho uma coisa que pode alegrar seu dia.

— O quê? — perguntou Sean. Naquele momento, não podia pensar em nada, a não ser no antígeno que estava procurando. Mas Janet certamente não o conseguiria.

— Consegui uma amostra do remédio de Louis Martin — disse ela. — Usei sua ideia.

— Grande — disse Sean, sem muito entusiasmo.

— Qual é o problema? Pensei que você ia ficar satisfeito.

— E estou satisfeito. Mas também estou frustrado com esse trabalho aqui. Sinto-me perdido.

— Vamos nos encontrar, para eu te entregar essa seringa — disse Janet. — Talvez você precise dar uma parada.

Encontraram-se, como sempre, na lanchonete. Sean aproveitou o tempo para comer alguma coisa. Como antes, Janet passou a seringa por baixo da mesa. Ele colocou-a no bolso.

— Trouxe minha bolsa com as coisas para passar a noite — disse ela, esperando levantar o ânimo de Sean.

Sean meramente assentiu enquanto comia o sanduíche.

— Você parece muito menos empolgado com a nossa viagem do que nesta manhã — comentou Janet.

— Só estou preocupado. Nunca imaginei que não encontraria algum antígeno que reagisse com a imunoglobulina misteriosa.

— Meu dia também não foi grande coisa — disse Janet. — Gloria não está melhor. Ao contrário, está até um pouquinho pior. Vê-la me deixa deprimida. Não sei quanto a você, mas estou realmente ansiosa por esse passeio. Acho que vai fazer bem a nós dois. Talvez algum tempo longe do laboratório lhe dê algumas ideias.

— Seria ótimo — disse Sean em tom opaco.

— Eu saio por volta das três e meia — disse ela. — Onde vamos nos encontrar?

— Venha ao prédio de pesquisas. Encontro você no saguão. Se formos por aquele lado, vamos evitar a confusão da troca de turnos do hospital.

— Estarei lá, com tudo em cima — disse ela animada.



STERLING ESTENDEU O braço e cutucou Wayne, que estava dormindo no banco de trás e se sentou depressa.

— Isso parece promissor — disse Sterling. Apontou através do para-brisa para um Lincoln Town Car preto, estacionado junto ao meio-fio, entre o prédio do hospital e o de pesquisas.

— É Tanaka Yamaguchi — disse Sterling. — Dá para ver quantas pessoas estão na limusine?

— E difícil enxergar através dos vidros escuros — disse Wayne, usando um pequeno binóculo. — Há um segundo homem no banco de trás. Espere um instante. A porta da frente também está abrindo. Dá para ver mais dois. São quatro pessoas no total.

— É o que eu esperava. Aposto que são todos japoneses.

— Acertou, cara.

— Estou surpreso por eles virem aqui ao Forbes. A técnica preferida de Tanaka é sequestrar pessoas em lugares isolados, para

que não haja testemunhas.

— Provavelmente vão segui-lo — sugeriu Wayne. — E esperar o lugar certo.

— Imagino que você esteja certo. — Sterling viu um segundo homem saindo da limusine. Era alto, comparado a Tanaka. — Deixe-me olhar nesse binóculo — disse.

Wayne entregou-o.

Sterling ajustou o foco e estudou os dois orientais. Não reconheceu o segundo.

— Por que não vamos até lá e nos apresentamos? — sugeriu Wayne. — Fazer com que eles saibam que é uma operação arriscada. Talvez assim desistam do plano.

— Isso só serviria para alertá-los. É melhor assim. Se nos anunciarmos muito rápido, eles simplesmente vão operar de modo clandestino. Temos que agarrá-los no ato, para termos alguma coisa com a qual barganhar.

— Parece um jogo de gato e rato — disse Wayne.

— Você está absolutamente correto.



ROBERT HARRIS ESTAVA sentado em seu carro, não muito longe da casa de Tom Widdicomb na Palmetto Lane, em Hialeah, desde cedo naquela manhã. Apesar de encontrar-se ali há mais de quatro horas, não vira qualquer sinal de vida, a não ser que as luzes tinham sido apagadas. Uma vez achou ter visto as cortinas se movendo como na noite anterior, mas não teve certeza. Achou que, talvez devido ao tédio, seus olhos o estivessem enganando.

Várias vezes Harris estivera prestes a desistir. Estava perdendo um tempo valioso com um indivíduo que só era suspeito por causa

de uma mudança de profissão, por manter todas as luzes acesas e não atender à porta. Mesmo assim, a ideia de que os ataques contra as duas enfermeiras poderiam estar relacionados aos episódios com as pacientes de câncer não se afastava de Harris. Sem outra ideia ou pista, ficou onde estava.

Foi somente depois das duas da tarde, e quando Harris estava para ir embora e tratar da fome e de outras necessidades corporais, que viu pela primeira vez Tom Widdicomb. A porta da garagem se abriu, e lá estava ele, piscando à luz forte do sol.

Fisicamente, Tom correspondia à ficha. Era de altura média e compleição mediana, com cabelos castanhos. Suas roupas eram meio desalinhadas. A camisa e as calças estavam amassadas. Tinha uma das mangas da camisa enrolada até o meio do braço, e a outra baixada, mas desabotoada. Nos pés usava velhos tênis de corrida.

Havia dois carros na garagem: um gigantesco e antigo Cadillac conversível verde-lima e um Ford Escort cinza. Tom deu partida no Ford com alguma dificuldade. Assim que o motor pegou, saiu fumaça preta do cano de descarga, como se o carro não fosse usado há algum tempo. Tom deu marcha a ré, fechou manualmente a porta da garagem e depois entrou de novo no Escort. Quando ele chegou à rua, Harris deixou-o ganhar alguma distância antes de ir atrás dele.

Harris não tinha qualquer plano preconcebido. Ao ver Tom pela primeira vez, no momento em que a garagem se abriu, considerara a ideia de sair do carro e conversar com ele. Mas controlou-se, e agora estava seguindo-o sem qualquer motivo específico. Mas logo ficou claro para onde Tom se dirigia, e Harris ficou cada vez mais interessado. Tom ia para o Forbes Cancer Center.

Quando entrou no estacionamento, Harris foi atrás, mas de propósito dirigiu-se para o lado oposto, para evitar que Tom O percebesse.

Harris parou rapidamente, abriu a porta e ficou parado junto ao estribo, observando Tom fazer uma volta e finalmente parar junto à

entrada do hospital. Harris voltou ao seu carro e procurou se aproximar, encontrando uma vaga a cerca de quinze metros do Escort. O que lhe passava pela mente era a possibilidade de que Tom Widdicomb pudesse estar vigiando a segunda enfermeira que fora atacada, Janet Reardon.

Isso fosse verdade, talvez fosse ele quem a havia atacado, e, nesse talvez fosse o assassino das pacientes de câncer no seio. Harris balançou a cabeça. Tudo eram conjecturas, com tantos "se", contrárias ao modo como ele gostava de pensar! Gostava de fatos, e não de suspeitas vagas. Mas era só isso que tinha no momento, e Tom Widdicomb estava agindo de modo estranho: ficando em casa com todas as luzes acesas; escondendo-se a maior parte do dia; agora flanando no estacionamento do hospital àquela hora do dia, especialmente quando deveria estar em casa, doente. Por mais ridículo que pudesse soar de um ponto de vista racional, aquilo bastava para manter Harris dentro do carro, desejando ter pensado em trazer sanduíches e Gatorade.



QUANDO VOLTOU DO encontro com Janet, Sean mudou o rumo de suas investigações. Em vez de tentar caracterizar a especificidade antigênica do medicamento de Helen Cabot, decidiu determinar exatamente em que o remédio de Louis Marfim diferia do dela. Uma eletroforese mostrou que os dois tinham aproximadamente Lesmo peso molecular, o que ele esperava. Um teste ELISA igualmente rápido com a anti-imunoglobulina humana IgG1 confirmou que era da mesma classe de imunoglobulina encontrada no medicamento de Helen. Ele também esperava isso.

Mas então descobriu o inesperado. Fez um teste de imunofluorescência de anticorpos do medicamento de Louis Martin com o tumor de Helen, e conseguiu uma reação positiva tão forte quanto a que conseguira com o de Helen! Mesmo com Janet achando que os medicamentos vinham da mesma fonte, Sean não acreditara que pudessem ser iguais. Pelo que ele sabia da especificidade antigênica dos Cânceres e de seus anticorpos, isso era extremamente improvável. E no entanto estava diante do fato de que o medicamento de Louis reagia com o tumor de Helen. Ele quase desejava colocar as mãos na biópsia de Louis, só para testá-la com o remédio de Helen, e confirmar aquela descoberta espantosa.

Sentado no banco do laboratório, tentou pensar no que fazer em seguida. Poderia submeter o medicamento de Louis Marfim à mesma bateria de antígenos que experimentara com o de Helen, mas isso provavelmente seria em vão. Em vez disso, decidiu caracterizar as áreas de ligação antigênica das duas imunoglobulinas. Assim, poderia comparar diretamente suas sequências de aminoácidos.

O primeiro passo desse procedimento foi digerir cada uma das imunoglobulinas com uma enzima chamada papaína, para partir os fragmentos que fossem associados à ligação com antígenos. Depois de parti-los, Sean separou os segmentos e "desdobrou" as moléculas.

Finalmente introduziu esses compostos num analisador automático de peptídeos, que faria o trabalho complicado de sequenciar os aminoácidos.

A máquina ficava no sexto andar.

Sean foi até o sexto andar e ligou os equipamentos automatizados. Havia alguns outros pesquisadores trabalhando naquela manhã de sábado, mas Sean estava muito envolvido em seu trabalho para começar qualquer conversa.

Assim que o analisador ficou preparado, e pronto para funcionar, Sean voltou ao seu laboratório. Como tinha uma quantidade maior do medicamento de Helen do que de Louis, usou o dela para

continuar tentando encontrar alguma coisa que reagisse com a área do medicamento que se ligava aos antígenos. Tentou pensar que tipo de antígeno de superfície poderia estar nas células do tumor, e raciocinou que provavelmente era algum tipo de glicoproteína que formava uma área de ligação celular.

Foi então que pensou na glicoproteína do Forbes, que estava tentando cristalizar.

Como vinha fazendo com numerosos outros candidatos a antígeno, testou a reatividade da proteína do Forbes com o medicamento de Helen, usando um teste de imunofluorescência. Exatamente no momento em que estava verificando a placa em busca de sinais de reatividade, que ele não viu, Sean foi sobressaltado por uma VOZ feminina rouca.

— Você está fazendo exatamente o quê?

Sean virou-se e viu a dra. Deborah Levy atrás dele. Os olhos da mulher brilhavam com uma intensidade feroz.

Sean foi completamente tomado de surpresa. Nem tivera a precaução de inventar uma história convincente para disfarçar todos aqueles testes imunológicos. Não esperava que alguém o interrompesse numa manhã de sábado, principalmente a dra. Levy; nem esperava que ela estivesse na cidade.

— Fiz uma pergunta simples — disse a dra. Levy. — Espero uma resposta.

Sean olhou para longe da dra. Levy, passando o olhar pela confusão de reagentes sobre a bancada do laboratório, a profusão de tubos de cultura de células e a desarrumação geral. Balbuciou, temendo pensar em alguma explicação razoável. Nada lhe veio à mente, a não ser o trabalho com cristais que ele deveria estar fazendo. Infelizmente, isso não tinha nada a ver com imunologia.

— Estou tentando cultivar cristais — disse.

— E onde eles estão? — perguntou a dra. Levy tranquilamente. Seu tom indicava que seria difícil convencê-la.

Sean não respondeu de imediato.

— Estou esperando uma resposta — disse a dra. Levy.

— Não sei exatamente — disse Sean, sentindo-se um idiota.

— Eu disse antes que exijo disciplina total aqui. Tenho a sensação de que você não levou isso a sério.

— Levei — Sean apressou-se em dizer. — Quero dizer, eu levo.

— Roger Calvet disse que você não apareceu para injetar mais nenhum camundongo — disse a dra. Levy.

— Sim, bem... — começou Sean.

— E o sr. Harris disse que o pegou na área de isolamento máximo — interrompeu a dra. Levy. — Claire Barington disse que disse especificamente a você que a área era restrita.

— Eu só pensei... — começou Sean a dizer.

— Eu fiz com que você soubesse desde o início que não aprovo sua vinda. Seu comportamento até agora só confirmou minhas reservas. Quero saber o que você está fazendo com esse equipamento e esses reagentes caros. Não se usam materiais imunológicos para ativar cristais de proteína.

— Estava só experimentando — disse Sean, pouco convincente. A última coisa que desejaria admitir era que estava trabalhando com meduloblastoma, particularmente depois de ter sido proibido.

— Só experimentando! — respondeu a dra. Levy com ar de reprovação. — O que acha que este lugar é, seu parque de diversões particular? — Apesar da cor morena, ela ficou com o rosto vermelho.

— Ninguém faz nenhum trabalho aqui sem me submeter uma proposta formal. Eu sou chefe da pesquisa. Você veio trabalhar no projeto de glicoproteína do cólon, e só nisso. Estou sendo clara? Quero ver cristais defratáveis na próxima semana.

— Certo — disse Sean, evitando olhar a mulher.

A dra. Levy ficou mais um minuto, como para se certificar de que suas palavras haviam sido captadas. Sean se sentiu como uma criança apanhada em flagrante fazendo coisa feia. Não encontrava

nada para dizer em defesa própria. Seu talento usual para respostas rápidas o abandonara momentaneamente. Por fim a dra. Levy saiu do laboratório. O silêncio voltou.

Por alguns minutos, Sean apenas olhou, sem se mexer, para a bagunça à sua frente. Ainda não tinha ideia de onde estava o trabalho com os cristais. Tinha que estar em algum lugar, mas não fez movimento algum para encontrá-lo. Simplesmente balançou a cabeça. Que situação ridícula! O sentimento de frustração voltou por inteiro. Realmente, já estava cheio daquele lugar. Nunca deveria ter vindo e nunca teria vindo se soubesse dos termos do Forbes Center. Deveria ter ido embora, protestando, assim que fosse informado. Era tudo o que podia fazer para se impedir de usar as mãos e varrer todos os vidros, pipetas e reagentes imunológicos de cima da bancada, deixando que caíssem no chão.

Sean olhou o relógio. Passava de duas da tarde.

"Para o inferno, tudo isso!", pensou. Juntando o material da imunoglobulina desconhecida, meteu-o no fundo da geladeira junto com o cérebro de Helen Cabot e a amostra de seu líquido cerebrospinal. Pegou a jaqueta jeans e dirigiu-se aos elevadores, deixando para trás a bagunça que havia criado.

Saindo à brilhante luz do sol de Miami, sentiu um pouco de alívio. Jogou a jaqueta no banco de trás do 4X4 e sentou-se ao volante. O motor rugiu para a vida. Fez questão de cantar um pouco dos pneus ao sair do estacionamento e voar para o sul em direção à residência Forbes. Estava tão envolvido nos próprios pensamentos que não percebeu a comprida limusine que saía atrás, batendo o fundo na depressão enquanto lutava para manter Sean à vista, nem viu o Mercedes verde-escuro seguindo a limusine. Sean voltou depressa ao apartamento, bateu a porta do carro com força extra e chutou a porta da frente da residência para fechá-la. Estava de péssimo humor.

Chegando ao apartamento, ouviu a porta em frente se abrir. Era Gary Engels, vestido com seu jeans de sempre, sem camisa.

— Ei, cara — disse Gary em tom casual, encostando-se no batente da porta. — Você teve visita.

— Que tipo de visita?

— A polícia de Miami. Dois caras grandes vieram aqui xeretar, fazendo todo tipo de perguntas sobre você e seu carro.

— Quando?

— Há alguns minutos. Você deve ter cruzado com eles no estacionamento.

— Obrigado — disse Sean.

Em seguida entrou no apartamento e fechou a porta, irritado com mais um problema. Só havia uma explicação para a visita da polícia: alguém anotara sua placa depois que o alarme da funerária tinha tocado.

A última coisa que Sean queria era confusão com a polícia. Pegou uma mala e colocou dentro artigos de higiene, cuecas, calção de banho e sapatos. Na valise de roupas, colocou uma camisa, gravata, calças e um paletó. Em menos de três minutos, estava descendo outra vez a escada.

Antes de sair do prédio, procurou ver se havia algum carro da polícia ou algum outro veículo especial. O único que parecia deslocado era uma limusine. Confiando que os caras não o estariam seguindo numa limusine, Sean foi rápido até o 4X4 e dirigiu-se outra vez ao Forbes Cancer Center. No caminho, parou para telefonar.

A ideia de a polícia estar atrás dele incomodou-o imensamente.

Trouxe de volta más lembranças da juventude desregrada. Algumas artes de sua curta vida de pequenos crimes haviam sido empolgantes, mas seus encontros com o sistema judiciário só tinham sido tediosos e desanimadores. Nunca mais queria se ver atolado naquele lodaçal burocrático.

A primeira pessoa para quem Sean pensou em ligar depois de saber que a polícia estava atrás dele foi Brian. Antes de falar com qualquer policial, queria entrar em contato com o melhor advogado que conhecia.

Esperava que o irmão estivesse em casa. Nos sábados à tarde, geralmente estava. Mas em vez disso ouviu a secretária eletrônica de Brian, com sua mensagem inócua acompanhada de música de elevador. Algumas vezes Sean se perguntava como os dois Podiam ter crescido na mesma casa.

Uma mensagem dizendo que era importante que eles conversassem, mas que não poderia deixar um número. Ligaria mais tarde.

Sean tentaria outra vez assim que chegasse a Naples.

Voltando ao carro, apressou-se em direção ao Forbes. Queria garantir que estaria no ponto de encontro assim que Janet Saísse do trabalho.

8

6 de março
Sábado, 3h20 da tarde

Às três e vinte, quando estavam sendo dados os últimos detalhes do relatório para a mudança de turno, Janet adormeceu. Estava exausta quando Sean a acordara de manhã cedo, mas, depois de um banho e um café, sentira-se razoavelmente bem. Precisara de mais café no meio da manhã, e de novo no meio da tarde. Saíra-se bem até sentar para o relatório.

Assim que parou, sua fadiga tornou-se avassaladora, e ela sentiu-se embaraçada ao cabecear de sono. Marjorie teve de dar-lhe um cutucão nas costelas.

— Você parece exausta — disse Marjorie.

Janet apenas sorriu. Mesmo que pudesse contar tudo o que fizera no dia anterior, duvidava que Marjorie acreditasse. Na verdade, nem ela mesma tinha certeza de acreditar.

Assim que o relatório terminou, Janet juntou suas coisas e atravessou a passarela para o prédio de pesquisas. Sean estava sentado no saguão, lendo uma revista. Sorriu assim que a avistou. Janet ficou feliz ao ver como o humor dele melhorara desde que tinham se encontrado na lanchonete.

— Está pronta para a nossa pequena viagem? — perguntou Sean, levantando-se.

— Não podia estar mais pronta. Mas, apesar disso, eu gostaria de tirar esse uniforme e tomar um banho.

— No uniforme podemos dar um jeito — disse Sean. — Há um toalete de senhoras aqui no saguão. Você pode trocar de roupa. O banho vai ter que esperar, mas evitar o trânsito vale o sacrifício. Nossa rota passa perto do aeroporto, e tenho certeza de que lá tem trânsito a tarde toda.

— Eu só estava brincando sobre o chuveiro. Mas vou trocar de roupa.

— Esteja à vontade — disse Sean, e apontou para a porta do toalete de senhoras.



TOM WIDDICOMB TINHA a mão no bolso da calça, agarrando o revólver de cabo de madrepérola modelo "sessão especial de sábado".

Estava de pé ao lado da entrada do hospital, esperando a saída de Janet Reardon. Pensou que poderia ter uma chance de atirar assim que ela entrasse no carro. Imaginava-se chegando perto assim que ela sentasse ao volante. Atiraria em sua nuca e continuaria andando. Com toda a confusão de pessoas e carros, e o ruído de motores dando partida, o som do revólver não seria percebido.

Mas havia um problema. Janet não aparecera. Tom vira outros rostos familiares, inclusive de enfermeiras do quarto andar. Não parecia que ela estivesse atrasada por causa do relatório.

Olhou o relógio. Eram três e trinta e sete, e o êxodo em massa do turno do dia se reduzira a um fio. A maioria das pessoas já tinha

saído, e Tom sentia-se confuso e frenético. Tinha de encontrá-la. Havia se esforçado para certificar se de que ela viera trabalhar, mas onde estava? Afastando-se de onde estivera encostado, Tom rodeou a esquina do hospital e foi em direção ao prédio de pesquisas. Dava para ver a passarela ligando as duas estruturas. Pensou se ela teria atravessado e saído pelo outro lado. Estava a meio caminho entre os dois prédios quando a Visão de uma comprida limusine preta fez com que ele parasse.

Tom imaginou que alguma celebridade estaria sendo tratada no ambulatório. Isso já acontecera antes.

Examinando todo o estacionamento, Tom tentou nervosamente pensar no que fazer. Desejou saber que tipo de carro era o de Janet, porque assim saberia se ela já tinha ido embora ou não. Se tivesse, seria um grande problema. Sabia que ela teria folga no dia seguinte e, a não ser que descobrisse onde ela morava, a mulher estaria inacessível pelo resto do fim de semana. E isso seria um problema. Sem algum tipo de informação definitiva, Tom odiava a ideia de voltar para uma casa silenciosa. Alice não falara com ele a noite toda.

Tom ainda tentava imaginar o que fazer quando viu o 4X4 preto que ele seguira na véspera. Começou a ir na direção do carro, para olhar mais de perto, quando, subitamente, lá estava ela! Tinha acabado de sair do prédio de pesquisas. Sentiu-se aliviado por vê-la finalmente, mas contrariado porque Janet não estava só. Vinha com o mesmo sujeito que estivera com ela na tarde anterior. Tom observou enquanto eles andavam até o 4X4. Ela carregava uma bolsa grande, de viagem.

Tom já ia correr de volta até o seu carro quando viu que eles não estavam entrando no Isuzu. Em vez disso, apenas tiraram outra maleta e uma valise de roupas. Tom sabia que estava fora de questão atirar em Janet no estacionamento agora que o turno do dia já tinha ido embora.

Além disso, o fato de ela estar com outra pessoa significava que ele teria de matar os dois se não quisesse deixar testemunha.

Começou a voltar para o seu carro, continuando a observar o casal. Assim que se aproximou do Escort, Janet e Sean tinham chegado a um Pontiac vermelho alugado. Tom entrou no seu carro e deu a partida, enquanto Janet e Sean colocavam as bagagens no porta-malas do Pontiac.



ROBERT HARRIS ESTIVERA observando cada movimento de Tom Widdicomb. Vira Sean e Janet antes de Tom, e, quando Tom a princípio não reagiu, Harris ficara desapontado, achando que todo castelo de cartas de sua teoria estava errado. Mas logo Tom a identificara e voltara às pressas para o Escort. Em resposta, Harris dera partida em seu carro e saíra do estacionamento, achando que Tom pretendia seguir Janet. Na esquina da Rua Doze, parou junto à calçada. Se estivesse certo, Tom logo estaria saindo, e a suspeita de Harris seria significativamente reforçada.

Sean e Janet viraram em direção ao norte para atravessar o rio Miami. Em seguida, como Harris esperava, Tom apareceu e foi na mesma direção. Somente uma limusine preta separava Tom de sua aparente presa.

— Isso está ficando cada vez mais interessante — disse Harris a si mesmo enquanto começava a se afastar da calçada. Atrás soou uma buzina, e Harris pisou no freio. Um grande Mercedes passou a centímetros dele.

— Droga! — grunhiu Harris. Não queria perder Tom Widdicomb e teve que pisar fundo no acelerador para acompanhá-lo. Estava determinado a seguir o sujeito para ver se ele fazia algum

movimento ameaçador contra Janet Reardon. Se fizesse, Harris o agarraria.

Sentia-se contente até que Tom virou para oeste, em vez de leste, na Via Expressa Leste-Oeste 836. Enquanto passava pelo Aeroporto Internacional de Miami e em seguida entrava na Florida Turnpike, dirigindo-se para o sul, Harris percebeu que seria uma viagem muito mais longa do que previra.



— NÃO GOSTO DISSO — disse Sterling enquanto saíam da Florida Turnpike na Rota 41. — Para onde eles estão indo? Eu queria que fossem para casa ou ficassem no meio da multidão.

— Se virarem para o oeste no próximo cruzamento é porque estão indo para os Everglades — disse Wayne, que estava dirigindo.

— Ou isso ou estão atravessando a Flórida. A Rota 41 cruza os Everglades de Miami até a Costa do Golfo.

— O que há na Costa do Golfo? — perguntou Sterling.

— Não muita coisa, para o meu gosto. Praias bonitas e bom clima, mas nada demais. Naples é a primeira cidade de verdade. Há também algumas ilhas como Marco e Sanibel. Na maior parte são áreas de condomínio, com um monte de aposentados. Pouca agitação, mas muita grana. Pagam milhões por um condomínio em Naples.

— Parece que eles estão virando para oeste — disse Sterling com o olhar fixo na limusine diante deles. Estavam seguindo Tanaka, e não Sean, presumindo que Tanaka ficaria atento a Sean.

— O que existe daqui até Naples? — perguntou Sterling.

— Pouca coisa. Só jacarés, capim e pântanos com ciprestes.

— Isso está me deixando nervoso. Eles estão caindo direto nas mãos de Tanaka. Vamos esperar que não parem em algum lugar isolado.

Sterling olhou para a direita e reagiu com surpresa. No sedã azul que passava a lado havia um rosto familiar. Era Robert Harris, chefe de segurança do Forbes. Sterling fora apresentado a ele no dia anterior.

Sterling mostrou Harris a Wayne e explicou quem era.

— Essa é uma complicação perturbadora — disse. — Por que o sr. Harris estaria seguindo Sean Murphy? As chances são de que ele só sirva para tornar essa situação muito mais difícil.

— Será que ele sabe de Tanaka? — perguntou Wayne.

— Não creio. O dr. Mason não seria tão idiota.

— Talvez ele esteja a fim da gata — sugeriu Wayne. — Talvez esteja seguindo Reardon, e não Murphy.

Sterling suspirou.

— É desconcertante como uma operação pode, num instante, se desviar do rumo. Há um minuto eu estava seguro de que podíamos controlar o curso dos acontecimentos, já que tínhamos informações a mais. Infelizmente não acredito mais nisso. Estou começando a ter a sensação desconfortável de que o acaso vai se tornar um fator fundamental. De repente, começa a haver muitas variáveis.



BRIAN NÃO TEVE de esperar pela bagagem. Trouxera apenas uma bolsa de mão e sua pasta. Saiu do avião e foi direto ao balcão da Hertz.

Depois de um rápido passeio no ônibus da Hertz, encontrou seu carro alugado no estacionamento: um Lincoln Town Car creme.

Armado com um detalhado mapa das ruas de Miami, Brian foi primeiro até a residência Forbes. Do aeroporto de Boston tentara várias vezes ligar para o número de Sean, mas ninguém havia atendido.

Preocupado, ligara do avião para Kevin, mas Kevin assegurara que a polícia ainda não encontrara Sean.

Na residência Forbes, Brian bateu à porta de Sean, mas não houve resposta. Esperando que ele voltasse logo, deixou um bilhete dizendo que estava na cidade e que ficaria no Colonnade Hotel. Brian anotou o número do telefone. No momento em que passava o bilhete por baixo da porta, a porta em frente se abriu.

— Está procurando Sean Murphy? — perguntou um jovem de jeans, sem camisa.

— Estou — disse Brian, e em seguida se apresentou como irmão de Sean.

Gary Engels se apresentou. — Sean esteve aqui esta tarde, por volta das duas e meia — disse. — Eu disse a ele que a polícia tinha aparecido, procurando-o, de modo que ele não ficou muito tempo.

— Ele disse para onde estava indo? — perguntou Brian.

— Não. Mas levou uma maleta e uma bolsa de roupas.

Brian agradeceu a Gary e voltou para o carro. A ideia de Sean saindo com bagagem não parecia promissora. Só esperava que o irmão não fosse idiota o bastante para tentar fugir. Infelizmente, com Sean, tudo era possível.

Brian foi para o Forbes Cancer Center. Apesar da mesa telefônica fechada, Brian imaginou que o prédio estivesse aberto, e estava. Entrou no saguão.

— Estou procurando Sean Murphy — disse ao guarda. — Meu nome é Brian Murphy. Sou irmão de Sean, de Boston.

— Ele não está — disse o guarda com um forte sotaque espanhol.

Em seguida consultou um livro de registros. — Saiu às duas e vinte. Voltou às três e cinco, mas saiu de novo às três e cinquenta.

— Tem alguma ideia de como posso entrar em contato com ele?
— perguntou Brian.

O guarda consultou outro livro. — Ele está hospedado na residência Forbes. Quer o endereço?

Brian disse ao guarda que já tinha essa informação, e agradeceu.

Saiu do prédio e voltou ao carro, pensando o que fazer.

Questionou a sensatez de ter vindo a Miami sem primeiro falar com Sean, e tentou imaginar onde o irmão se encontraria.

Decidindo registrar-se no hotel, deu partida no carro e fez uma volta para sair do estacionamento. Nesse processo, vislumbrou um Isuzu preto que parecia o de Sean. Dirigindo o carro até perto dele, percebeu que a placa era de Massachusetts. Brian parou, querendo olhar o 4X4. Era mesmo o de Sean. O interior estava cheio de suas embalagens de lanche e copos plásticos vazios.

Parecia estranho Sean tê-lo deixado no estacionamento do hospital. Voltando ao prédio, mencionou ao guarda a presença do carro, e perguntou se ele teria uma explicação para isso. O guarda simplesmente deu de ombros.

— Existe algum modo de entrar em contato com o diretor do Centro antes da segunda-feira? — perguntou Brian.

O guarda balançou a cabeça.

— Se eu deixar meu nome e o número do telefone do hotel — disse Brian —, você poderia ligar para seu chefe e pedir que ele passe a informação ao diretor do Centro?

O guarda assentiu e pegou caneta e papel para Brian. Brian escreveu rapidamente e entregou o papel ao guarda, junto com uma nota de cinco dólares. O rosto do guarda se iluminou com um grande sorriso.

Brian voltou ao carro, foi até o hotel e registrou-se. No quarto a primeira coisa que fez foi ligar para Kevin e dar-lhe o número do telefone. Mais uma vez, Kevin assegurou que não houve prisão. Em seguida Brian ligou para Anne, dizendo que chegara bem a Miami.

Admitiu que ainda não tinha falado com Sean, mas esperava vê-lo em breve. Antes de desligar, deu o número do telefone do hotel. Depois de falar com a mãe, chutou longe os sapatos e abriu a pasta. Já que estava preso num quarto de hotel, pelo menos podia trabalhar um pouco.



— ISSO JÁ SE PARECE mais com a paisagem que eu esperava ver no sul da Flórida — disse Sean. Finalmente tinham deixado a civilização para trás.

A autoestrada de quatro pistas, com shoppings de beira de estrada e condomínios, dera lugar a uma rodovia de duas mãos atravessando direto os Everglades.

— É lindo demais — disse Janet. — Parece quase pré-histórico.

Fico esperando ver um brontossauro se levantando de um desses lagos — acrescentou, rindo. Estavam passando por oceanos de capim-navalha, entremeados por pequenas elevações cobertas de pinheiros, palmeiras e ciprestes. Pássaros exóticos em todos os lugares. Alguns de um branco fantasmagórico, outros de um azul iridescente. Gigantescos cúmulos empilhavam-se a distância, parecendo mais brancos do que o normal contra o céu intensamente azul.

O passeio ajudara a acalmar Janet. Estava satisfeita por deixar Miami e os pacientes para trás. Já que Sean estava dirigindo, ela tirara os sapatos e apoiara os pés no painel. Vestira seus jeans mais confortáveis, com uma blusa simples de algodão branco. Para o trabalho ela prendia o cabelo atrás, mas os soltara assim que saiu do estacionamento do Forbes. Com todas as janelas do carro abertas, eles se agitavam, livres.

O único problema era o sol. Como iam para o oeste, a luz brilhante atravessava o para-brisa como uma vingança. Sean e Janet estavam de óculos escuros, e tinham baixado os protetores de sol, numa tentativa de deixar o rosto à sombra.

— Acho que estou começando a entender a atração da Flórida — disse Janet, a despeito do sol.

— Faz o inverno de Boston parecer mais cruel ainda.

— Por que você não quis pegar seu Isuzu? — perguntou Janet.

— Meu carro está com um probleminha.

— Que tipo de problema?

— A polícia está interessada em conversar com o dono dele.

Janet tirou os pés do painel.

— Acho que não gosto do que estou ouvindo. O que há com a polícia?

— A polícia foi até a residência Forbes. Gary Engels falou com eles. Acho que alguém pegou o número da placa depois que o alarme da funerária disparou.

— Ah, não! Então a polícia está nos procurando.

— Correção. Está *me* procurando.

— Ah, meu Deus! Se alguém viu a placa, então viu nós dois. — Ela fechou os olhos. Era o tipo de pesadelo que temera.

— Tudo que eles têm é o número da placa — disse Sean. — Isso nem é uma prova.

— Mas eles podem conseguir nossas impressões digitais.

Sean lançou-lhe um olhar meio desdenhoso.

— Não seja boba. Eles não vão mandar uma equipe de investigadores para esquadriñar o local por causa de uma janela quebrada e um cadáver sem cérebro.

— Como você sabe? — contra-atacou Janet. — Você não é especialista em leis. Acho que devíamos dar meia-volta e ir à polícia explicar tudo.

Sean deu um riso de escárnio.

— Por favor! Não vamos desistir. Não seja ridícula. Lembre-se, eles estão *me* procurando. Querem falar comigo. Se acontecer o pior, eu assumo. Mas isso não vai acontecer. Liguei para o Brian. Ele conhece pessoas em Miami. Ele dá um jeito.

— Você falou com Brian?

— Ainda não — admitiu Sean. — Mas deixei um recado na secretária eletrônica. Quando chegarmos, vou tentar de novo e deixar o número do hotel, caso ele não esteja. A propósito, você trouxe seu cartão de crédito?

— Claro que trouxe.

— Dou graças aos céus por você ser uma herdeira — disse Sean. Em seguida deu um tapinha no joelho de Janet. — Fiz uma reserva no Ritz Carlton. O Quality Inn estava cheio.

Janet olhou pela janela, pensando no que estava fazendo da vida.

Não tinha nada a ver com a questão do cartão de crédito. Ela não se importava em pagar a conta de vez em quando. Sean era generoso com seu dinheiro, quando tinha, e ela possuía mais do que o suficiente. O que a incomodava era o fato de estarem sendo procurados pela polícia. Sean fora gentil em se oferecer para assumir sozinho a culpa, mas Janet sabia que não podia deixá-lo fazer isso, mesmo sendo possível, o que provavelmente não seria. Quem tivesse visto aquela placa também a teria visto. A paixão por Sean parecia estar trazendo apenas problemas, primeiro emocionais, e agora, possivelmente, profissionais. Ela não tinha certeza de como o Forbes Center reagiria por abrigar em sua equipe uma enfermeira que estava sendo acusada sabe Deus de que conexão com o assalto a uma funerária. Não conseguia pensar em muitos padrões que veriam esse tipo de registro como vantagem para o currículo.

Janet se encontrava à beira do pânico, e no entanto ali estava Sean, calmo e atrevido como sempre. Parecia na verdade estar se divertindo. Como ele podia ser tão frio e controlado, sabendo que a

polícia de Miami estava procurando-o! Tentou imaginar se algum dia conseguiria compreendê-lo de verdade.

— E qual é a história de Naples? — perguntou, decidida a mudar de assunto. — Você disse que explicaria assim que estivéssemos a caminho.

— Muito simples. Um dos pacientes daquele grupo de trinta e três vive em Naples. Seu nome é Malcolm Betencourt.

— Um dos pacientes de meduloblastoma em remissão?

— É. Um dos primeiros a serem tratados. Ele está em remissão há quase dois anos.

— O que você planeja fazer?

— Ligar para ele.

— E dizer o quê?

— Não sei exatamente. Vou ter que improvisar. Acho que seria interessante ouvir falar do tratamento do Forbes do ponto de vista do paciente. Estou especialmente curioso sobre o que disseram a ele. Eles certamente disseram alguma coisa para conseguir a assinatura dos formulários de permissão.

— O que o faz pensar que ele vai conversar com você? — perguntou Janet.

— Como ele resistiria ao meu charme irlandês?

— Sério. As pessoas não conversam abertamente sobre suas doenças.

— Doenças talvez — admitiu Sean. — Mas a recuperação de uma doença que seria terminal é outra coisa. Você ficaria surpresa. As pessoas adoram falar desse tipo de coisa e do médico mundialmente famoso que fez isso acontecer. Já percebeu como as pessoas gostam de pensar que seus médicos são mundialmente famosos, mesmo que exerçam a profissão em algum lugar como Malden ou Revere?

— Acho que você é atrevido demais — disse Janet. Ela não estava convencida de que Malcolm Betencourt seria receptivo à ligação de

Sean, mas também sabia que não podia fazer nada para impedi-lo de tentar.

Além disso, a não ser por essa nova preocupação com a polícia de Miami, a ideia de um fim de semana viajando ainda era deliciosa, mesmo que, por trás disso, Sean tivesse uma outra ideia. Chegou a pensar que os dois poderiam ter finalmente um momento para conversar sobre o futuro. Afinal de contas, a não ser por Malcolm Betencourt, teria Sean para ela sem interrupções.

— Como você se saiu com a amostra do remédio de Louis Martin? — perguntou Janet. Pensou em manter a conversa num tom leve até a hora do jantar. Podia imaginar um jantar à luz de velas num terraço diante do mar. Então falaria sobre compromisso e amor.

Sean disparou um olhar de frustração.

— Fui interrompido pela charmosa chefe de pesquisas. Ela fez uma leitura da lei antimotim e disse que eu tinha que voltar ao papo furado da glicoproteína. Realmente me pegou desprevenido. Não pude pensar em nada inteligente para dizer.

— Que pena — disse Janet.

— Bem, isso acabaria acontecendo cedo ou tarde. Mas mesmo antes de a harpia aparecer eu não estava conseguindo grande coisa. Não consegui fazer o remédio de Helen reagir com nenhum antígeno celular, viral ou bacteriano. Mas você deve estar certa quanto a todos os remédios virem de um mesmo lote. Testei o remédio de Louis com o tumor de Helen, e ele reagiu tão fortemente quanto o de Helen, na mesma diluição.

— Então eles usam o mesmo medicamento — disse Janet. — E daí? Quando as pessoas são tratadas com antibiótico, todas recebem o mesmo medicamento. Colocar uma etiqueta para cada paciente é provavelmente mais uma questão de controle.

— Mas a imunoterapia para o câncer não se compara com os antibióticos. Como eu disse antes, os cânceres são antigenicamente distintos, inclusive os mesmos tipos de câncer.

— Eu pensei que um dos princípios do raciocínio científico incluía a ideia de uma exceção — disse Janet. — Se é descoberta uma exceção para uma hipótese, somos forçados a reconsiderar a hipótese original.

— É, mas... — Sean começou a falar, mas hesitou. Aquilo fazia sentido. O fato era que o Forbes estava conseguindo cem por cento de remissão, aparentemente com medicação não-individualizada. Vira esse sucesso documentado em trinta e três casos. Portanto, teria que haver um erro em sua insistência na especificidade imunológica das células cancerosas.

— Você tem que admitir que eu posso estar certa — insistiu Janet.

— Tudo bem, mas ainda acho que existe alguma coisa estranha nisso tudo. Alguma coisa que não estou conseguindo ver.

— Obviamente você não sabe com qual antígeno a imunoglobulina reage. É isso que você não está conseguindo ver. Assim que descobrir, talvez todo o resto se encaixe. Vamos ver o que um fim de semana relaxante vai fazer pela sua criatividade. Talvez na segunda-feira tenha uma ideia que o faça dar a volta nesse aparente beco sem saída.

Depois de atravessar o coração dos Everglades, Sean e Janet começaram a ver sinais de civilização. Primeiro um ou outro balneário, e depois a estrada se alargou para quatro pistas. Rapidamente o capim deu lugar a shoppings de beira de estrada, postos de gasolina com lojas de conveniência e campos de golfe em miniatura, quase tão feios quanto nos arredores de Miami.

— Ouvi dizer que Naples era um lugar chique — disse Janet. — Não parece nem um pouco chique.

— Vamos guardar o veredicto até chegarmos ao golfo.

Subitamente a estrada virou para o norte, e a profusão de cartazes e estabelecimentos comerciais pouco atraentes continuou.

— Como tantos shoppings de beira de estrada podem sobreviver? — perguntou Janet.

— É um dos mistérios da cultura americana — respondeu Sean.

Com o mapa na mão, Janet dava as orientações. Avisou um monte de vezes antes de precisarem virar para a esquerda, em direção à água.

— Está começando a ficar mais interessante — disse Sean.

Depois de pouco mais de um quilômetro de paisagens cenográficas, o Ritz Carlton, em estilo mediterrâneo, surgiu em meio aos manguezais à esquerda da estrada. A profusão de plantas tropicais luxuriantes e flores exóticas era espantosa.

— Estamos em casa! — disse Sean, enquanto paravam sob a varanda.

Um homem de casaca azul-clara e cartola preta abriu as portas do carro.

— Bem-vindos ao Ritz Carlton — disse o sujeito de libré.

Entraram através de grandes portas de vidro para um ofuscamento de mármore rosa, amplos tapetes orientais e candelabros de cristal.

Estava sendo servido chá na plataforma atrás das imensas janelas em arco. Ao lado, havia um piano de cauda com um pianista de smoking.

Sean passou o braço ao redor de Janet enquanto iam até o balcão de recepção.

— Acho que vou gostar deste lugar — disse.



TOM WIDDICOMB PASSARA por uma gama de emoções durante as duas horas da perseguição. Inicialmente, quando Janet e

Sean saíram da cidade na direção dos Everglades, ele ficara perturbado. Em seguida decidiu que era uma coisa boa. Se estavam indo numa miniviagem de recreio, estariam relaxados e confiantes. Na cidade as pessoas eram naturalmente mais desconfiadas e cheias de cuidado. Mas quando uma hora já havia se transformado em duas, e Tom começou a olhar o mostrador de gasolina, ficou com raiva. Aquela mulher causara tantos problemas! Começou a desejar que eles parassem no acostamento da estrada. Com isso, poderia atirar nos dois e acabar com tudo.

Ao chegar ao Ritz Carlton, pensou se ainda tinha alguma gasolina. O ponteiro registrava vazio nos últimos sete quilômetros.

Evitando a entrada da frente, Tom fez a volta e estacionou num grande espaço perto das quadras de tênis. Saiu do carro e correu pelo caminho acima, reduzindo a velocidade ao ver o carro vermelho estacionado na frente da entrada. Agarrando o cabo do revólver no bolso, Tom rodeou o carro, misturou-se a um grupo de hóspedes e entrou no hotel. Tinha medo de que alguém tentasse impedi-lo mas ninguém fez isso.

Nervosamente, examinou o luxuoso saguão. Descobriu Janet e Sean junto ao balcão de recepção. Com sua raiva dando-lhe coragem, Tom caminhou ousadamente até o balcão e ficou junto de Sean. Janet estava logo do outro lado. Ficar tão perto causou um tremor na espinha de Tom.

— Não temos nenhum quarto para não-fumantes e com vista para o mar — disse a recepcionista para Sean. Era uma mulher miúda, com olhos grandes, cabelos dourados e o tipo de bronzeado que faz os dermatologistas se encolherem de pavor. Sean olhou para Janet e levantou Sean olhou para Janet e levantou as sobrancelhas.

— O que você acha?

— Podemos ver se o quarto para fumantes é ruim — sugeriu ela. Sean virou-se de novo para a recepcionista.

— Em que andar fica o quarto com vista para o mar?

— Quinto — respondeu a recepcionista. — Quarto 501. É um quarto lindo.

— Certo — disse Sean. — Vamos experimentar.

Tom afastou-se do balcão, murmurando em silêncio "quarto 501", enquanto se dirigia aos elevadores. Viu um homem troncudo, de terno e com um pequeno fone de ouvido. Evitou-o. O tempo todo manteve a mão no bolso, agarrando o revólver.



ROBERT HARRIS PAROU junto ao piano, torturado pela indecisão. Como Tom, ficara empolgado no início da caçada. A perseguição óbvia de Tom a Janet parecia confirmar sua teoria precária. Mas, à medida que a procissão saía de Miami, ele se irritara, especialmente quando também pensou que poderia ficar sem gasolina. Além disso, estava morrendo de fome; sua última refeição fora no início da manhã. Agora que fizera todo o caminho através dos Everglades até o Ritz Carlton em Naples, estava com dúvidas quanto ao que, exatamente, aquela viagem provava.

Certamente não era crime ir até Naples, e Tom poderia dizer que não estava seguindo ninguém. Infelizmente Harris tinha de admitir que até agora não chegara a nada conclusivo. O elo entre Tom e o ataque a Janet ou o destino das pacientes de câncer no seio era, na melhor das hipóteses, tênue, por enquanto criado apenas por hipótese e conjectura.

Harris sabia que teria de aguardar até que Tom fizesse um gesto de agressão aberta contra Janet, e esperava que isso acontecesse. Afinal de contas, o aparente interesse de Tom pela enfermeira podia estar ligado a alguma obsessão maluca. A mulher não era nada má.

Na verdade, era bem atraente e sensual; o próprio Harris apreciara isso.

Sentindo-se claramente deslocado, de bermuda e camiseta, Harris passou pelo piano enquanto Tom Widdicomb desaparecia de vista, indo até a recepção. Harris andou depressa e passou por Janet e Sean, que ainda estavam ocupados se registrando.

Pôde ver Tom, lá na frente, virar num canto e desaparecer.

Harris estava para segui-lo quando sentiu uma mão agarrar-lhe o braço.

Virando-se, deu com o rosto de um homem atarracado com um fone no ouvido direito. Estava vestido de terno escuro, presumivelmente para se confundir com os hóspedes. Não era hóspede. Era um segurança do hotel.

— Desculpe-me — disse o segurança. — Posso ajudá-lo?

Harris lançou um olhar rápido na direção em que Tom desaparecia, em seguida olhou de volta para o segurança que ainda estava agarrando seu braço. Sabia que precisava pensar em alguma coisa rápido.



— O QUE VAMOS FAZER? — perguntou Wayne, curvado sobre o volante. O Mercedes verde estacionara junto ao meio-fio perto da entrada principal do Ritz Carlton. Adiante deles estava a limusine, parada ao lado da varanda. Ninguém saía da limusine, apesar de o porteiro de libré ter falado com o motorista e o motorista ter lhe dado uma nota, presumivelmente de alto valor.

— Na verdade, não sei o que fazer — disse Sterling. — Minha intuição diz para ficar com Tanaka, mas estou preocupado com o

fato de o sr. Harris ter entrado no hotel. Não tenho ideia do que ele planeja.

— Opa! — murmurou Wayne. — Mais complicações.

Viram a porta do passageiro da frente se abrir. Um jovem japonês imaculadamente vestido desceu da limusine. Colocou um telefone celular em cima do carro, ajustou a gravata preta e abotoou o paletó. Em seguida, pegou o telefone e entrou no hotel.

— Acha que eles podem estar considerando a hipótese de matar Sean Murphy? — perguntou Wayne. — Aquele cara parece um profissional.

— Eu ficaria terrivelmente surpreso — disse Sterling. — Não é o estilo japonês. Por outro lado, Tanaka não é o japonês típico, especialmente por suas conexões com a Yakuza. E a biotecnologia se tornou uma coisa importante demais. Tenho medo de estar perdendo confiança em minha capacidade de prever as intenções dele. Talvez seja melhor você seguir o japonês. Faça tudo para garantir que ele não prejudique o sr. Murphy.

Aliviado por sair do carro, Wayne não perdeu tempo e entrou no hotel.

Depois de Wayne entrar, os olhos de Sterling se viraram para a limusine. Tentou imaginar o que Tanaka estaria pensando, o que planejava fazer em seguida. Absorvido por esses pensamentos, subitamente lembrou-se do jato da Sushita. Pegando o telefone do carro, ligou para seu contato na FAA. O contato pediu que esperasse um pouco, enquanto consultava o computador. Depois de breve pausa, voltou à linha.

— Seu pássaro voou da gaiola — disse.

— Quando? — perguntou Sterling.

Ele não queria ouvir a resposta. Se o avião tivesse ido embora, Wayne podia estar certo. Tanaka certamente não estaria planejando levar Sean para o Japão se não tinha mais o jato da Sushita às ordens.

— Saiu há pouco — disse o contato.

— Ele vai subir a costa leste?
— Não. Está indo para Naples, Flórida. Isso significa alguma coisa para você?
— Sem a menor dúvida — disse Sterling, aliviado.
— De lá ele vai para o México — disse o contato. — Isso o leva para fora da nossa jurisdição.
— Você foi muito útil — disse Sterling.

Desligou o telefone. Sentia-se feliz por ter ligado. Agora tinha certeza de que Sean Murphy não estava para ser morto. Em vez disso receberia uma oferta de viagem grátis através do Pacífico.



— NÃO ESTOU SENTINDO nenhum cheiro de cigarro aqui — disse Janet enquanto cheirava o quarto espaçoso. Em seguida abriu as portas duplas que davam para o terraço.

— Sean, venha cá! Isso é lindíssimo.

Sean estava sentado na beira da cama, lendo as instruções para uma ligação interurbana. Levantou-se e foi até Janet no terraço. A vista era espetacular. Uma praia em forma de cimitarra seguia para o norte num arco gigantesco que terminava, a distância, na Ilha Sanibel. Diretamente sob o terraço deles, havia o verde luxuriante de um manguezal. Para o sul, a praia seguia em linha reta, desaparecendo por trás de uma linha de condomínios luxuosos. Para o oeste, o sol baixava através de um invólucro de nuvens vermelhas. O golfo estava calmo e de um verde profundo. Alguns windsurfistas pontilhavam a superfície, com as velas oferecendo manchas brilhantes de cor.

— Vamos à praia nadar — sugeriu Janet, com os olhos brilhando de entusiasmo.

— Você manda. Mas primeiro quero ligar para Brian e para o sr. Betencourt.

— Boa sorte — disse Janet por sobre o ombro, entrando para trocar de roupa.

Com Janet no banheiro, Sean discou o número de Brian. Eram mais de seis horas, e Sean esperava que ele estivesse em casa. Foi desapontador ouvir a droga da secretária eletrônica e repassar toda a mensagem outra vez. Depois do bipe, Sean deixou o telefone do Ritz e o número do quarto, e pediu que o irmão ligasse. Como um pensamento de última hora, disse que era importante.

Em seguida, discou o número de Malcolm Betencourt. O próprio sr. Betencourt atendeu ao segundo toque.

Sean atacou. Explicou que era estudante de medicina de Harvard fazendo estágio no Forbes Cancer Center. Disse que estivera revendo prontuários dos pacientes que tinham passado pelo protocolo de meduloblastoma e que estavam bem. Tendo tido a oportunidade de rever o prontuário do sr. Betencourt, ele apreciaria poder conversar com ele pessoalmente sobre seu tratamento, se fosse possível.

— Por favor, me chame de Malcolm — disse o sr. Betencourt. — De onde você está ligando, Miami?

— Estou em Naples. Minha namorada e eu viemos de carro até aqui.

— Esplêndido. Então você já está por perto. E é de Harvard. Só da faculdade de medicina ou fez também a graduação lá?

Sean explicou que estava de férias do programa de M.D./Ph.D., mas que também fizera a graduação em Harvard.

— Eu também estudei em Harvard — disse Malcolm. — Turma de 50. Aposto que para você isso soa como o século passado. Você praticou algum esporte enquanto esteve lá?

Sean ficou um tanto surpreso pelo rumo que a conversa tomara, mas decidiu ir em frente. Disse a Malcolm que fizera parte do time de hóquei no gelo.

— Eu também fiz parte do time — disse Malcolm. — Mas você está interessado é no tempo que passei no Forbes, e não em meus gloriosos dias da juventude. Quanto tempo vai ficar em Naples?

— Só o fim de semana.

— Espere um segundo. — Logo Malcolm voltou à linha. — Que tal aparecer aqui para jantar?

— Isso é tremendamente gentil. Tem certeza de que não será um incômodo?

— Ora, eu já verifiquei com a chefona — disse Malcolm em tom alegre. — E Harriet vai adorar ter companhia jovem. Que tal às oito e meia? Roupa informal.

— Perfeito — disse Sean. — E como chegamos aí?

Malcolm disse que morava numa rua chamada Galleon Drive, em Port Royal, uma área ao sul da parte antiga de Naples. Em seguida deu indicações específicas, que Sean anotou.

Nem bem desligou o telefone houve uma batida na porta. Sean releu as indicações enquanto ia até lá. Distraidamente, abriu a porta, sem perguntar quem era nem olhar pelo olho mágico. O que não percebeu foi que Janet havia passado a corrente de segurança. Quando abriu a porta, ela parou subitamente, deixando uma fenda de cinco centímetros.

Através da fenda, Sean viu um brilho momentâneo de metal na mão da pessoa do lado de fora. O significado daquele brilho não se registrou em seu pensamento. Estava embaraçado demais por não ter conseguido abrir a porta para se concentrar nisso. Assim que voltou a abri-la direito, desculpou-se com o homem que estava ali.

O sujeito, vestido num uniforme do hotel, sorriu e disse que não havia necessidade de desculpas. Disse que ele é que se desculpava por estar incomodando, mas a gerência estava mandando frutas e uma garrafa de champanhe, desculpando-se por não ter um quarto para não-fumantes com vista para o mar.

Sean agradeceu ao homem e deu-lhe uma gorjeta antes que ele saísse. Em seguida chamou Janet e encheu duas taças.

Janet apareceu na porta do banheiro vestindo um maiô inteiro Cavado nos quadris e com um decote fundo nas costas. Sean precisou engolir em seco.

— Você está estonteante — disse.

— Gosta? — perguntou Janet, dando uma pirueta no meio do quarto. — Comprei logo antes de sair de Boston.

— Adoro. — Mais uma vez admirava a figura de Janet, lembrando-se de que fora isso que o atraía da primeira vez.

Sean entregou-lhe uma taça de champanhe, explicando o presente da gerência.

— Ao nosso fim de semana — disse Janet estendendo a taça na direção de Sean.

— Isso, isso! — disse Sean tocando as taças.

— E às nossas discussões neste fim de semana — acrescentou Janet, estendendo a taça outra vez na direção dele.

Sean tocou as taças mais uma vez, porém seu rosto assumiu uma expressão irônica.

— Que discussões?

— Em algum momento nas próximas vinte e quatro horas eu quero falar sobre nosso relacionamento — disse Janet.

— Mesmo?

— Não fique tão fúnebre. Beba e troque de roupa. O sol vai acabar se pondo antes de a gente chegar lá.

O calção de ginástica, de náilon, teria de servir como roupa de banho. Sean não conseguira encontrar o calção de banho quando fez as malas em Boston. Mas isso não o tinha preocupado. Não planejava ir muito à praia, e, se fosse, seria apenas para dar uma volta e olhar as garotas. Não tinha pensado em se molhar.

Depois de cada um tomar uma taça de champanhe, vestiram os robes felpudos do hotel. Enquanto desciam pelo elevador, Sean

contou a Janet sobre o convite de Malcolm Betencourt. Ela ficou surpresa e um pouco desapontada. Imaginara um jantar romântico apenas para os dois.

No caminho da praia, passaram perto da piscina do hotel, em forma de trevo estilizado. Havia meia dúzia de pessoas na água a maioria crianças. Depois de atravessar uma passarela de tábuas por cima de uma pequena língua de manguezal, chegaram ao golfo do México.

Mesmo àquela hora, a praia estava ofuscante. A areia era branca e misturada com os restos esmagados de bilhões de conchas. Móveis de madeira e sombrinhas de pano azul pontilhavam a praia na frente do hotel. Grupos vadios de banhistas espalhavam-se para o norte, mas para o sul a areia estava vazia.

Optando pela privacidade, viraram para o sul, andando em ângulo com a praia até chegar ao apogeu das pequenas ondas. Sean esperava que a água fosse como a de Cape Cod no verão, e ficou agradavelmente surpreso.

Era fresca, mas não fria.

De mãos dadas, andaram pela areia firme e úmida à beira d'água.

Um bando de pelicanos deslizou silencioso acima deles. Das profundezas do vasto mangue veio o grito de um pássaro tropical.

Depois de passar diante dos condomínios de beira de praia logo ao sul do Ritz Carlton, as construções deram lugar a uma fileira de pinheiros australianos misturados com trepadeiras e algumas palmeiras. O golfo mudava de verde para prateado, enquanto o sol se punha além do horizonte.

— Você realmente se importa comigo? — perguntou Janet de súbito.

Como não teria chance de conversar seriamente com Sean durante o jantar, decidiu que não haveria momento melhor do que aquele, para ao menos iniciar a conversa. Afinal de contas, o que

podia ser mais romântico do que uma caminhada na praia ao pôr-do-sol?

— Claro que me importo.

— Por que nunca disse isso?

— Não? — perguntou Sean, surpreso.

— Não, não disse.

— Bom, penso nisso o tempo todo.

— Você diria que se importa muito comigo?

— Sim, diria.

— Você me ama, Sean?

Os dois andaram em silêncio, olhando suas pegadas na areia.

— Sim — disse Sean.

— Sim o quê?

— O que você disse — respondeu Sean, olhando o ponto do horizonte onde o sol havia se posto. O lugar ainda estava marcado por um brilho feroz.

— Olhe para mim, Sean.

Relutante, Sean olhou nos olhos de Janet.

— Por que não consegue dizer que me ama?

— Eu estou dizendo.

— Você não consegue dizer as palavras. Por quê?

— Sou irlandês — disse Sean, tentando aliviar o clima. — Os irlandeses não são bons para falar de sentimentos.

— Bom, pelo menos você admite. Mas o importante não é se você realmente gosta ou não de mim. É bobagem ter o tipo de conversa que eu quero se os sentimentos básicos não existem.

— Os sentimentos existem — insistiu Sean.

— Certo, não vou forçar a barra por enquanto — disse Janet, fazendo com que Sean parasse de andar. — Mas preciso dizer que para mim é um mistério como você pode ser tão expressivo sobre tudo na vida, e tão incomunicável quando se trata de nós. Mas podemos falar disso mais tarde. Que tal um mergulho?

— Você realmente quer entrar na água? — perguntou ele, relutante. A água estava muito escura.

— O que você acha que significa dar um mergulho?

— Tudo bem — disse Sean. — Mas isso aqui não é um calção de banho. — Ele estava com medo de que, assim que o calção ficasse molhado, fosse a mesma coisa que estar usando nada.

Janet não podia acreditar que, depois de terem vindo de tão longe, ele estava reclamando de entrar na água por causa do calção.

— Se o calção é um problema — disse ela —, por que simplesmente não tira?

— Olha só! — disse Sean, zombeteiro. — Madame Educação sugerindo que eu fique pelado. Bom, por mim tudo bem, desde que você faça o mesmo.

Sean encarou Janet à meia-luz. Parte dele adorava deixá-la desconfortável. Afinal de contas, ela não o fizera se sentir mal com o tema da expressão de sentimentos? Não tinha certeza se ela responderia ao seu desafio, mas ultimamente Janet vinha surpreendendo-o muito, começando por tê-lo seguido até a Flórida.

— Quem tira primeiro? — perguntou ela.

— Vamos tirar juntos.

Depois de um momento de hesitação, os dois tiraram os roupões atalhados e em seguida as roupas de banho, e correram nus para a fraca arrebentação. Enquanto a tarde se aprofundava na noite, cabriolaram na água rasa, deixando as ondas em miniatura cascadearem sobre os corpos despidos. Depois da prisão controladora do inverno de Boston, aquilo parecia a epítome da liberdade, especialmente para Janet. Para sua própria surpresa, ela estava gostando imensamente da sensação.

Quinze minutos mais tarde, saíram da água e correram para pegar as roupas, rindo como adolescentes volúveis. Janet começou imediatamente a vestir o maiô, mas Sean tinha outras ideias.

Agarrando a mão dela, puxou-a para as sombras dos pinheiros

australianos. Depois de estender os roupões sobre o leito arenoso de agulhas de pinheiro na beira da praia, os dois se deitaram num abraço apertado e alegre.

Mas não durou muito.

Janet foi a primeira a sentir alguma coisa errada. Erguendo a cabeça, olhou para a linha luminosa da praia de areia branca.

— Ouviu? — perguntou ela.

— Acho que não — respondeu Sean, sem prestar atenção.

— Sério. — Janet sentou-se. — Ouvi alguma coisa.

Antes que qualquer um dos dois pudesse se mexer, surgiu uma figura da escuridão que envolvia o bosque de pinheiros. O resto do estranho estava envolto em sombras. Só podiam ver claramente o revólver de cabo de madrepérola apontado para Janet.

— Se isso aqui é propriedade sua, nós vamos embora — disse Sean, sentando-se.

— Quietos! — sibilou Tom. Ele não conseguia afastar os olhos da nudez de Janet. Planejara sair da escuridão e atirar imediatamente nos dois, mas agora hesitava. Apesar de não conseguir ver muita coisa à meia-luz, o que ele enxergava era hipnotizante. Estava achando difícil pensar.

Sentindo os olhos penetrantes de Tom, Janet agarrou o maiô e apertou-o contra o peito. Mas Tom não queria perder a visão. Com sua mão livre, arrancou o maiô e deixou-o cair na areia.

— Você nunca devia ter interferido — disse, ríspido.

— Do que está falando? — perguntou Janet, incapaz de afastar os olhos do revólver.

— Alice me disse que garotas como você iam querer me tentar — disse Tom.

— Quem é Alice? — perguntou Sean, ficando em pé. Esperava manter Tom falando.

— Quietos! — gritou Tom, virando o revólver para o lado de Sean.

Decidiu que estava na hora de se livrar do sujeito. Estendeu o braço, aumentando a força no gatilho até que o revólver disparou.

Mas a bala passou longe. No exato momento em que Tom apertou o gatilho, uma segunda figura saiu das sombras, chocando-se contra ele, jogando-o de lado a vários metros de distância.

O revólver voou da mão de Tom. Caiu no chão a centímetros do pé de Sean. Com o som do tiro ainda ecoando nos ouvidos, Sean olhou para o revólver, em choque. Não podia acreditar; alguém atirara nele!

— Pegue o revólver! — Harris conseguiu grunhir enquanto lutava com Tom. Os dois rolaram contra o tronco de um dos pinheiros. Tom conseguiu se soltar momentaneamente. Começou a correr para a praia, mas só se afastou uns quinze metros antes que Harris o derrubasse outra vez.

Sean e Janet superaram o choque inicial e começaram a reagir ao mesmo tempo. Janet agarrou os roupões e as roupas de banho. Sean pegou o revólver. Podiam ver Harris e Tom rolando na areia, perto da água.

— Vamos embora daqui — disse Sean, ansioso.

— Mas quem foi que nos salvou? — perguntou Janet. — Será que não devemos ajudá-lo?

— Não — disse Sean. — Eu o reconheci. Ele não precisa de ajuda. Vamos embora.

Sean agarrou a mão relutante de Janet, e juntos correram do abrigo de pinheiros até a praia, e depois para o norte, em direção ao hotel. Várias vezes Janet tentou olhar por sobre o ombro, mas a cada uma delas Sean apressou-a. Quando se aproximavam do hotel, pararam pelo tempo suficiente para colocar os roupões.

— Quem era o sujeito que nos salvou? — perguntou Janet, respirando afogueada.

— O chefe da segurança do Forbes — disse Sean, igualmente sem fôlego. — O nome dele é Robert Harris. Ele vai estar bem. Não

devemos nos preocupar com o outro imbecil.

— Quem era ele?

— Não tenho a menor ideia.

— O que vamos contar à polícia? — perguntou Janet.

— Nada. Não vamos à polícia. Eu não posso. Estão me procurando. Não posso ir até eles antes de falar com Brian.

Correram, passando pela piscina, até entrar no hotel.

— O sujeito de revólver deve ter alguma coisa a ver com o Forbes também — disse Janet. — Ou o chefe da segurança não estaria aqui.

— Você provavelmente está certa. A não ser que Robert Harris esteja atrás de mim, como a polícia. Ele pode estar dando uma de caçador de recompensa. Tenho certeza de que ele adoraria se ver livre de mim.

— Não gosto nada disso — admitiu Janet enquanto subiam pelo elevador.

— Nem eu. Alguma coisa esquisita está acontecendo, e não temos a menor ideia do que seja.

— O que vamos fazer? Ainda acho que devíamos ir à polícia.

— A primeira coisa a fazer é mudar de hotel. Não gosto de que Harris saiba onde nós estamos. Já é ruim ele saber que estamos em Naples.

Assim que chegaram ao quarto, juntaram rapidamente as coisas.

Mais uma vez Janet tentou convencer Sean a ir à polícia, mas ele recusou, inflexível.

— Bem, o plano é o seguinte — disse Sean. — Vou pegar as malas e descer até a piscina, e depois sair de fininho até as quadras de tênis. Você desce pela porta da frente, pega o carro e depois vem me pegar.

— Está pensando em quê? Por que sair de fininho?

— Fomos seguidos até aqui pelo menos por Harris. Quero que todo mundo pense que ainda vamos ficar.

Janet decidiu que seria mais fácil concordar com Sean. E claramente não havia clima para discutir. Além disso, ele podia estar certo com aquela paranoia.

Sean saiu primeiro com as malas.



WAYNE EDWARDS voltou num passo rápido até o Mercedes e sentou-se no banco do passageiro. Sterling passara para trás do volante. Lá na frente, Sterling podia ver o jovem japonês voltando a entrar na limusine.

— O que está acontecendo? — perguntou Sterling.

— Não tenho certeza. O japa ficou sentado no saguão lendo revistas. Depois a garota apareceu sozinha. Ela está na entrada, esperando o carro. Nenhum sinal de Sean Murphy. Aposto que esses caras da limusine estão tão confusos quanto nós.

Um encarregado do estacionamento trouxe o Pontiac vermelho.

A limusine deu partida, lançando um sopro de fumaça preta pelo cano de descarga.

Sterling ligou o Mercedes. Disse a Wayne que o jato da Sushita estava a caminho de Naples.

— Sem dúvida, alguma coisa vai acontecer — disse Wayne.

— Tenho certeza de que será esta noite. Temos de estar preparados.

O Pontiac vermelho saiu com Janet Reardon ao volante. Atrás dela foi a limusine. Sterling fez uma volta em U.

— Estou farejando caça — disse Wayne. — Tem alguma coisa errada nisso tudo. Para pegar a estrada é preciso virar à esquerda. Para a direita não há saída.

Sterling virou para a direita, seguindo os outros. Wayne estava certo; a rua era sem saída. Mas logo antes do final eles chegaram à entrada de um grande estacionamento parcialmente obscurecido pela folhagem. Sterling foi em frente.

— Lá está a limusine — disse Wayne apontando para a direita.

— E lá está o Pontiac — disse Sterling, indicando a direção das quadras de tênis. — E lá está o sr. Murphy, colocando as bagagens no porta-malas. Uma saída bem pouco ortodoxa.

— Imagino que eles achem que estão sendo espertos — disse Wayne, balançando a cabeça.

— Talvez esse movimento tenha alguma coisa a ver com o sr. Robert Harris — sugeriu Sterling.

Observaram o Pontiac passar pela saída. A limusine foi atrás. Depois de esperar um pouco, Sterling fez o mesmo.

— Preste atenção ao sedã azul de Harris — alertou Sterling. Wayne assentiu.

— Já estou atento — assegurou.

Foram para o sul por seis ou sete quilômetros, depois viraram para o oeste, na direção do golfo. Acabaram chegando ao Gulf Shore Boulevard.

— Essa área tem muito mais construções — disse Wayne. Os dois lados da estrada tinham prédios de condomínios com gramados aparados e canteiros floridos.

Continuaram por pouco tempo, antes de ver o Pontiac vermelho subir uma rampa para a entrada do primeiro andar do Edgewater Beach Hotel. A limusine saiu da estrada, mas permaneceu no nível do térreo, entrando sob o prédio. Sterling também abandonou a estrada e estacionou numa vaga diagonal à direita da rampa. Desligou a ignição. No alto da rampa, podiam ver Sean comandando a arrumação das bagagens no porta-malas do Pontiac.

— Um hotelzinho simpático — disse Wayne. — Menos ostentação.

— Acho que você vai achar a fachada enganadora. Soube pelas minhas conexões em bancos que este lugar foi comprado por um suíço refinado, que colocou nele muita elegância europeia.

— Você acha que Tanaka vai tentar fazer sua jogada aqui? — perguntou Wayne.

— Acho que ele espera que Sean e a amiga saiam, para poder encurralá-los em algum local isolado.

— Se eu estivesse com aquela gata, acho que trancaria a porta e pediria o serviço de quarto.

Sterling pegou o telefone do carro.

— Falando na amiga do sr. Murphy, vamos ver o que meus contatos em Boston descobriram sobre ela.

9

6 de março
Sábado, 7h50 da noite

— É um quarto fabuloso — disse Janet, ao abrir as grandes janelas de madeira.

Sean juntou-se a ela.

— E quase como se estivéssemos numa plataforma em cima da praia.

O quarto ficava no terceiro andar. A praia estava iluminada até a beira d'água. Havia uma fila de Hobie Cats bem abaixo deles.

Ambos tentavam deixar a experiência perturbadora para trás. A princípio Janet quisera voltar para Miami, mas Sean convenceu-a a ficar.

Disse que, qualquer que fosse a explicação para o episódio, pelo menos já passara. E que, depois de viajar até Naples, deviam pelo menos se divertir.

— Vamos andando — disse Sean. — Malcolm Betencourt está esperando por nós dentro de quarenta minutos.

Enquanto Janet tomava banho, Sean sentou-se e tentou mais uma vez falar com Brian. Ficou frustrado quando foi de novo atendido pela secretária eletrônica. Deixou uma terceira mensagem, instruindo o irmão para não levar em conta o número de telefone

anterior. Deu o número do Edgewater Bridge e o número do quarto, acrescentando que sairia para jantar, mas para Brian ligar mais tarde, não importava a hora. Disse que era importantíssimo que os dois conversassem.

Em seguida ligou para a casa dos Betencourt, para dizer que talvez se atrasassem alguns minutos. O sr. Betencourt assegurou que não seria problema, e agradeceu por ele ter ligado.

Sentado na beira da cama, com Janet ainda no banheiro, Sean pegou o revólver que havia apanhado na praia. Abriu o tambor e sacudiu um pouco de areia. Era um antiquíssimo 38 Smith and Wesson. Havia quatro balas sobrando. Sean balançou a cabeça, pensando em como estivera perto de levar um tiro. Também pensou na ironia de ser salvo por uma pessoa de quem não gostara desde o primeiro instante.

Fechando o tambor, pôs o revólver sob a camisa. Nas últimas vinte e quatro horas, tinha havido muitos encontros inexplicáveis com desastre para que ele deixasse de lado a chance de permanecer armado.

Sentia alguma coisa esquisita acontecendo, e, como qualquer médico bom em diagnósticos, tentava relacionar todos os sintomas a uma única doença. Intuitivamente, sentia que deveria ficar com o revólver, só para garantir. Por dentro, continuava abalado, com a sensação de impotência que tivera logo antes de o revólver saltar da mão do sujeito.

Depois de Janet sair do chuveiro, Sean entrou. Janet ainda estava reclamando de não terem denunciado o sujeito de arma, e disse isso enquanto se maquiava. Mas Sean continuou inabalável: acreditava que Robert Harris era totalmente capaz de cuidar da situação.

— Não parecerá suspeito se tivermos que explicar, depois, por que não fomos à polícia? — insistiu Janet.

— Provavelmente. Mas isso é mais uma coisa que Brian vai ter de resolver. Vamos parar de falar nisso por enquanto e tentar nos

divertir um pouquinho.

— Mais uma pergunta — disse Janet. — O sujeito disse alguma coisa sobre eu estar interferindo. O que você acha que ele quis dizer?

Sean abriu os braços, exasperado.

— Aquele cara era obviamente doido. Sem dúvida estava no meio de algum surto paranoico agudo. Como vou saber do que ele estava falando?

— Tudo bem — disse Janet. — Fique calmo. Tentou falar de novo com Brian?

Sean assentiu.

— O bundão ainda não está em casa. Mas deixei o número daqui. Ele provavelmente vai ligar enquanto estivermos jantando.

Quando estavam prontos para sair, Sean ligou para o manobrista, pedindo que deixasse o carro junto à entrada. Enquanto saíam do quarto, Sean colocou o Smith and Wesson no bolso, sem que Janet percebesse.

Enquanto se dirigiam para o sul pelo Gulf Shore Boulevard, Janet finalmente começou a ficar mais calma. Até voltou a prestar atenção na paisagem, e a apreciar as árvores floridas. Percebeu que não havia lixo, pichações nem sinal de mendigos. Os problemas da América urbana pareciam muito distantes de Naples, Flórida.

Enquanto tentava fazer com que Sean olhasse uma árvore florida particularmente bonita, percebeu que ele passava um tempo incomum olhando o retrovisor. Está procurando o quê?

— Robert Harris.

Janet olhou para trás, depois para Sean.

— Você o viu?

Sean balançou a cabeça.

— Não. Não vi Harris, mas acho que há um carro nos seguindo.

— Ah, grande! — disse Janet. O fim de semana não estava acontecendo absolutamente do jeito que ela previra! De repente,

Sean fez um retorno no meio da rua. Janet precisou agarrar o painel para se firmar. Num piscar de olhos, estavam indo para o norte, voltando na direção de onde tinham vindo.

— É o segundo carro — disse Sean. — Veja se dá para dizer que tipo de carro é, e se pode ver o motorista.

Havia dois automóveis vindo no sentido oposto a eles, com os faróis cortando uma faixa de escuridão. O primeiro carro passou. Sean reduziu a velocidade, e em seguida o segundo carro passou por eles.

— É uma limusine — disse Janet, surpresa.

— Bom, isso mostra como estou ficando paranoico — disse Sean com um toque de vergonha. — Certamente não é o tipo de carro que Robert Harris estaria dirigindo.

Sean fez outro retorno súbito e novamente virou para o sul.

— Será que dá para me avisar antes de fazer uma dessas manobras? — reclamou Janet, voltando a se acomodar no banco.

— Desculpe.

Enquanto seguiam para o sul, além da parte antiga da cidade, perceberam que as casas ficavam progressivamente maiores e mais impressionantes. Dentro de Port Royal eram ainda mais luxuosas, e, quando chegaram à entrada de carros de Malcolm Betencourt, iluminada por uma fila de postes de luz, ficaram espantados. Pararam numa área designada "estacionamento de visitantes", a pelo menos trinta metros da porta.

— Isso mais parece um castelo francês transplantado — disse Janet. — É imenso. O que esse sujeito faz?

— Dirige uma enorme corporação de hospitais particulares — disse Sean. Em seguida saiu do carro e deu a volta, abrindo a porta para Janet.

— Eu não sabia que havia tanto dinheiro na medicina particular — disse ela.

Os Betencourt eram anfitriões afáveis. Receberam Janet e Sean como se fossem velhos amigos. Até brincaram com eles, por terem estacionado na área reservada aos "vendedores".

Armados com taças do champanhe mais fino, perfumado com uma simples gota de cassis, Sean e Janet foram levados por um grande passeio pela casa de mil e oitocentos metros quadrados. Também caminharam pelo terreno que incluía duas piscinas, uma cascadeando na outra, e um veleiro de cento e vinte pés ancorado num píer de tamanho considerável.

— Algumas pessoas podem dizer que esta casa é grande demais — disse Malcolm quando todos se sentaram na sala de jantar. — Mas Harriet e eu estamos acostumados a muito espaço. Nossa casa em Connecticut é, na verdade, um pouco maior.

— Além disso, nós recebemos regularmente — disse Harriet. Em seguida ela tocou uma sineta e surgiu um criado com as entradas. Outro serviu um vinho branco seco.

— Então você está estudando no Forbes? — disse Malcolm para Sean. — É um sujeito de sorte, Sean. É um lugar ótimo. Suponho que tenha conhecido o dr. Mason.

— O dr. Mason e a dra. Levy — disse Sean.

— Eles estão fazendo coisas importantíssimas. Claro, não preciso dizer a você. Como você sabe, sou uma prova viva.

— Tenho certeza de que o senhor se sente grato — disse Sean. — Mas...

— Grato é pouco — interrompeu Malcolm. — Eles me deram uma segunda chance na vida, de modo que somos mais do que gratos.

— Doamos cinco milhões de nossa fundação — disse Harriet. — Nós, nos Estados Unidos, temos que colocar nossos recursos nas instituições bem-sucedidas, em vez de seguir a política da pocilga do Congresso.

— Harriet é muito sensível com relação à questão das pesquisas — explicou Malcolm.

— Ela tem razão — admitiu Sean. — Mas, senhor Betencourt, como estudante de medicina, estou interessado em sua experiência como paciente, e gostaria de ouvir sobre isso em suas próprias palavras. O que o senhor achou do tratamento que recebeu? Especialmente considerando o seu ramo de negócios, tenho certeza de que se interessou em saber a respeito disso.

— Está falando da qualidade do tratamento em si?

— Do tratamento em si.

— Sou um homem de negócios, e não um médico — disse Malcolm. — Mas me considero um leigo bem informado. Quando cheguei ao Forbes, eles imediatamente começaram uma imunoterapia com anticorpo. No primeiro dia, fizeram biópsia do tumor, e retiraram glóbulos brancos do meu corpo. Incubaram os glóbulos brancos com o tumor para sensibilizá-los a se tornarem "células assassinas". Finalmente, reinjetaram minhas células sensibilizadas na corrente sanguínea. Pelo que entendo, o anticorpo cobriu as células cancerosas, e depois as células assassinas vieram e as comeram.

Malcolm deu de ombros e olhou para Harriet, para ver se ela queria acrescentar alguma coisa.

— Foi isso que aconteceu — concordou ela. — Aquelas pequenas células foram lá e mandaram o tumor para o inferno!

— No princípio meus sintomas pioraram um pouco — disse Malcolm. — Mas depois foram ficando progressivamente melhores. Seguimos o progresso através de RM. Os tumores simplesmente se dissolveram. E hoje em dia me sinto ótimo. — Para enfatizar isso, ele deu um soco no peito.

— E agora está sendo tratado no ambulatório? — perguntou Sean.

— Certo. Atualmente tenho de voltar a cada seis meses. Mas o dr. Mason está convencido de que estou curado, de modo que espero passar para uma vez por ano. Cada vez que vou lá recebo uma dose de anticorpo, só para garantir.

— E não houve mais nenhum sintoma? — perguntou Sean.

— Nada. Estou vendendo saúde.

As entradas foram retiradas. O prato principal chegou com um vinho tinto suave. Sean sentiu-se relaxado, apesar do episódio na praia.

Olhou para Janet, que estava tendo uma conversa à parte com Harriet. Descobriram que tinham amigos de família em comum. Janet sorriu de volta para Sean quando os olhares se cruzaram. Sem dúvida, ela também estava apreciando aquilo.

Malcolm tomou um gole, avaliando o vinho.

— Nada mau para um Napa 86 — disse. Em seguida pousou a taça na mesa e olhou para Sean. — Não só não tenho nenhum sintoma do tumor cerebral como me sinto ótimo. Melhor do que há muito. Claro, provavelmente estou comparando com o ano anterior à imunoterapia, que foi puro inferno. Nada podia estar dando mais errado. Primeiro fiz uma cirurgia no joelho, o que não foi divertido, depois tive encefalite e depois o tumor cerebral. Este ano estou ótimo. Não tive nem um resfriado.

— O senhor teve encefalite? — perguntou Sean, com o garfo a meio caminho da boca.

— Tive. Fui uma curiosidade médica. Alguém poderia fazer todo um curso de medicina somente me estudando. Tive dor de cabeça, febre, estava me sentindo uma porcaria, e... — Malcolm curvou-se e disse por trás da mão. — Sentia uma queimação no pau quando mijava. — Ele olhou, para se certificar de que as mulheres não tinham ouvido.

— Como o senhor soube que era encefalite? — perguntou Sean, pousando o garfo cheio no prato.

— Bem, o pior foi a dor de cabeça. Fui até meu médico, que me mandou para o Hospital Presbiteriano de Columbia. Lá estão acostumados a ver coisas estranhas, todo tipo de doenças exóticas, tropicais. Fizeram aquele pessoal bamba em doenças tropicais me examinar. Foram eles os primeiros a suspeitar de encefalite, e depois provaram isso, com um método novo chamado de polimerase não sei-o-quê.

— Polimerase em reação de cadeia, ou PRC — disse Sean como estivesse em transe. — Que tipo de encefalite era?

— Chamaram de ESL. Encefalite Saint Louis. Ficaram todos surpresos, dizendo que era meio fora de época. Mas eu fizera algumas viagens. De qualquer modo, a encefalite não foi muito forte, e depois de um período em repouso me senti bem. Claro, dois meses depois, bam! Eu tinha um tumor cerebral. Pensei que estava acabado. O mesmo pensaram meus médicos lá no norte. Primeiro acharam que ele tinha se espalhado de outro lugar, como o cólon ou a próstata. Mas, quando todo o resto se mostrou limpo, decidiram biopsiar. O resto, claro, é história.

Malcolm pegou outro bocado de comida, mastigou e engoliu. Tomou um gole de vinho e em seguida olhou de novo para Sean. Sean não tinha se mexido. Parecia atordoado. Malcolm curvou-se na mesa para olhá-lo nos olhos.

— Tudo bem, meu chapa?

Sean piscou como se estivesse saindo de uma hipnose.

— Estou bem — gaguejou. Rapidamente se desculpou por parecer distraído, dizendo que estava simplesmente espantado com a história de Malcolm. Agradeceu profusamente por ele ter decidido contá-la.

— O prazer é meu — disse Malcolm. — Se eu puder ajudar no ensino de alguns estudantes de medicina, vou me sentir como se estivesse repassando um pouco do que devo à profissão médica. Se

não fosse seu mentor, dr. Mason, e a colega dele, a dra. Levy, eu não estaria aqui hoje.

Em seguida Malcolm voltou a atenção para as mulheres, e enquanto todos, menos Sean, comiam, a conversa passou para Naples e por que os Betencourt haviam decidido construir sua casa ali.

— Que tal se levássemos a sobremesa para o terraço junto à piscina? — sugeriu Harriet depois de os pratos serem retirados.

— Sinto muito, mas temos que deixar a sobremesa — disse Sean, falando depois de um longo silêncio. — Janet e eu estivemos trabalhando demais. Acho que devemos voltar ao hotel antes de dormirmos em pé. Não é, Janet?

Janet assentiu e sorriu, sem graça, mas não era um sorriso motivado por uma confirmação satisfeita. Era uma tentativa de esconder a mortificação.

Cinco minutos mais tarde, estavam se despedindo no grande saguão dos Betencourt, com Malcolm insinuando que, caso Sean tivesse mais alguma pergunta, devia ligar para ele. Deu a Sean o número do telefone particular direto.

Quando a porta se fechou atrás dos dois e eles caminharam para a larga entrada de carros, Janet mostrou-se exasperada.

— Foi um modo grosseiro de terminar a noite. Depois de eles serem tão gentis conosco, você praticamente saiu andando no meio do jantar.

— O jantar já tinha terminado — lembrou Sean. — Harriet estava falando da sobremesa. Além disso, eu não podia ficar nem mais um minuto. Malcolm me fez perceber várias coisas extraordinárias. Não sei se você estava ouvindo quando ele descreveu a doença dele.

— Eu estava conversando com Harriet — disse Janet irritada.

— Ele me disse que fez uma operação, teve encefalite, e em seguida o tumor cerebral, tudo num período de alguns meses.

— O que isso significou para você?

— Me fez perceber que Helen Cabot e Louis Martin tiveram a mesma história — disse Sean. — Sei porque fiz o exame físico e a anamnese deles.

— Você acha que, de algum modo, essas doenças estão relacionadas?

Parte da raiva sumira da voz de Janet.

— Acho que vi uma sequência e um espaço de tempo semelhantes em vários prontuários que copiamos. Não tenho certeza, porque não estava atento a isso, mas mesmo com três ocorrências, a possibilidade de acontecer por acaso é muito pequena.

— O que você quer dizer?

— Não estou certo. Mas isso me convenceu de que devo ir a Key West. O Forbes tem um laboratório de diagnósticos lá, para onde mandam as biópsias. É um dos truques preferidos dos hospitais, ter laboratórios quase independentes para maximizar os lucros que têm com o diagnóstico laboratorial, e que se danem as leis.

— Vou ter folga no próximo fim de semana — disse Janet. — No sábado e no domingo. Não me importaria de visitar Key West.

— Não quero esperar. Quero ir imediatamente. Acho que estamos diante de alguma coisa. — Além disso, achava que, com a polícia atrás dele, e não conseguindo falar com Brian, não podia se dar o luxo de esperar uma semana.

Janet parou de andar e olhou para o relógio. Passava das dez.

— Está falando em ir lá esta noite? — perguntou incrédula.

— Vamos descobrir qual é a distância. Depois podemos decidir.

Janet começou a andar outra vez, passando na frente de Sean, que tinha parado junto com ela.

— Sean, você está ficando cada vez mais incompreensível. Liga para as pessoas na última hora, faz com que elas gentilmente o convidem para jantar, depois sai no meio porque de repente teve a ideia de ir a Key West. Desisto. Mas vou dizer uma coisa: a senhora aqui não vai a Key West esta noite. Esta senhora vai...

Janet não terminou seu monólogo irado. Rodeando o Pontiac, que estava parcialmente oculto atrás de uma grande figueira, ela praticamente colidiu com uma figura vestida de terno preto, camisa branca e gravata preta. Seu rosto e seu cabelo estavam ocultos pelas sombras.

Janet arquejou. Ainda estava tensa com o episódio na praia, e o encontro com outro homem que saía da escuridão apavorou-a terrivelmente. Sean ia em sua direção, mas foi impedido por uma figura igualmente sombria, que estava do seu lado do carro.

Apesar da escuridão, Sean pôde ver que o sujeito à sua frente era asiático. Antes que Sean percebesse, um terceiro homem tinha parado atrás dele. Por um instante ninguém disse nada. Sean voltou a olhar para a casa e avaliou quanto tempo demoraria para cobrir a distância até a porta da frente. Também pensou no que faria assim que chegasse lá.

Infelizmente, muita coisa dependeria do tempo que Malcolm Betencourt demorasse para atender.

— Por favor — disse o homem diante de Sean num inglês sem falhas. — O senhor Yamaguchi agradeceria muito se o senhor e sua amiga viessem dar uma palavra com ele.

Sean olhou para cada um dos homens. Todos emitiam uma aura de confiança e tranquilidade que ele achava enervante. Podia sentir o peso do revólver de Tom no bolso do casaco, mas não ousava pegá-lo. Não tinha experiência com armas, e não haveria meio de atirar em todos. E ele temia pensar em como eles podiam retaliar.

— Seria lamentável se houvesse algum problema — disse o mesmo homem. — Por favor, o senhor Yamaguchi está esperando num carro estacionado na rua.

— Sean — disse Janet por cima do carro, numa voz hesitante. — Quem são essas pessoas?

— Não sei — respondeu Sean. Depois, para o homem à sua frente, disse: — Pode me dar uma ideia de quem seja o senhor

Yamaguchi, e por que ele deseja falar conosco?

— Por favor — repetiu o sujeito. — O próprio senhor Yamaguchi vai lhe dizer. Por favor, o carro está estacionado aqui perto.

— Bom, já que vocês estão sendo tão gentis... Certo, vamos dizer alô ao senhor Yamaguchi.

Virou-se e rodeou o carro. O homem atrás dele ficou de lado.

Sean pôs um braço ao redor dos ombros de Janet e os dois foram juntos em direção à rua. O japonês mais alto, que estivera diante de Sean, foi na frente. Os outros dois os acompanharam em silêncio.

A limusine estava estacionada atrás de uma fila de árvores, e a noite era tão escura que ficava difícil enxergá-la até chegarem a apenas alguns metros. O homem mais alto abriu a porta de trás e fez um gesto para que Sean e Janet entrassem.

— O senhor Yamaguchi não pode sair? — perguntou Sean. Estava imaginando se aquela seria a mesma limusine que ele pensara que os tinha seguido a caminho da casa dos Betencourt. Achou que era.

— Por favor — disse o japonês alto. — Seria muito mais confortável aí dentro.

Sean fez um gesto para que Janet entrasse, e seguiu-a. Quase imediatamente a outra porta de trás se abriu, e um dos silenciosos japoneses sentou-se junto de Janet. Outro homem entrou logo depois de Sean. O mais alto sentou-se ao volante e deu partida no carro.

— O que está acontecendo aqui, Sean? — perguntou Janet. Seu choque inicial estava se transformando em alarme.

— Senhor Yamaguchi? — perguntou Sean. A sua frente ele só ia vislumbrar a figura de um homem sentado num dos bancos, ao lado de um console com uma pequena TV embutida.

— Muito obrigado por virem — disse Tanaka com um ligeiro curvar de cabeça. Seu sotaque mal era perceptível. — Quero me desculpar pelo inconveniente, mas faremos apenas um pequeno passeio. O carro partiu.

Janet agarrou a mão de Sean.

— Vocês são muito educados — disse Sean. — E nós apreciamos isso. Mas também apreciaríamos ter alguma ideia do que está acontecendo e para onde estamos indo.

— Os senhores foram convidados para umas férias — disse Tanaka. — Seus dentes brancos brilharam no escuro.

Quando passaram por um poste de luz, Sean teve um primeiro vislumbre do rosto dele. Era calmo, porém determinado. Não havia qualquer sinal de emoção.

— Sua viagem é uma cortesia da Sushita Industries — prosseguiu Tanaka. — Posso lhe assegurar que serão tratados extremamente bem. A Sushita não teria todo esse trabalho se não tivesse grande respeito pelo senhor. Sinto que isso tenha de ser feito desse modo bárbaro, mas eu recebo ordens. Também sinto que sua amiga tenha sido apanhada em meio a este caso, mas seus anfitriões vão tratá-la com igual respeito. Sua presença neste momento é útil, tenho certeza de que o senhor não gostaria que lhe acontecesse nenhum mal. De modo que, por favor, sr. Murphy, não tente bancar o herói. Meus colegas são profissionais.

Janet começou a reclamar, mas Sean apertou sua mão, para acalmá-la.

— E para onde estamos indo? — perguntou Sean.

— Tóquio — disse Tanaka, como se não houvesse qualquer questionamento possível.

Seguiram num silêncio tenso na direção nordeste. Sean avaliou suas opções. Não eram muitas. A ameaça de violência contra Janet era frustrante, e o revólver em seu bolso não o tranquilizava.

Tanaka estivera certo sobre a viagem de carro. Em menos de vinte minutos estavam na área de aviação geral do aeroporto de Naples. Como já era tarde, naquela noite de sábado havia pouquíssimos sinais de vida, apenas algumas luzes no prédio principal. Sean tentou pensar num meio de alertar alguém, mas o

espectro da violência contra Janet manteve-o controlado. Apesar de, sem dúvida, não querer ser levado à força para o Japão, não conseguia pensar num meio plausível de impedi-lo.

A limusine atravessou um portão numa cerca de correntes e entrou no chão de asfalto. Passando por trás do prédio de aviação geral, dirigiram-se a um grande jato particular claramente preparado para decolar a qualquer momento. Seus motores estavam ligados, as luzes de navegação e anticolisão piscavam, a porta estava aberta e a escada retrátil estava estendida.

A limusine parou a uns quinze metros do avião. Sean e Janet foram educadamente chamados a descer do carro e atravessar a curta distância até a escada. Tapando os ouvidos com as mãos, para protegê-los do zumbido do jato, Sean e Janet relutantemente dirigiram-se para o avião, como fora mandado. Mais uma vez Sean considerou suas opções. Nenhuma parecia promissora. Cruzou o olhar com Janet. Ela parecia perturbada. Pararam na base da escada do avião.

— Por favor — gritou Tanaka por sobre o som dos motores, enquanto fazia um gesto para que Sean e Janet subissem as escadas.

Sean e Janet mais uma vez cruzaram os olhares. Sean assentiu, para que ela subisse, e em seguida acompanhou-a. Tiveram de se curvar para entrar no avião, mas, uma vez dentro, podiam ficar de pé. À esquerda estava a cabine de comando, com a porta fechada.

O interior do avião era simples mas elegante, forrado de mogno escuro e couro curtido. O tapete era verde-escuro. Os assentos incluíam uma banquetta e uma série de poltronas reclináveis que podiam girar em qualquer direção. No fundo do avião havia uma cozinha e a porta de um lavatório. No balcão da cozinha, uma garrafa aberta de vodca e uma lima cortada.

Sean e Janet pararam junto à porta, inseguros sobre aonde ir.

Uma das poltronas mais próximas estava ocupada por um caucasiano vestido de terno. Como os japoneses, ele exalava uma

aura de confiança calma.

Suas feições eram angulares e atraentes; o cabelo, ligeiramente ondulado. Na mão direita segurava uma bebida. Sean e Janet podiam ouvir o gelo batendo no copo quando ele o levou aos lábios.

Tanaka, que entrara logo depois de Sean e Janet, viu o caucasiano segundos depois de Sean e Janet. Pareceu espantado.

O japonês mais alto bateu contra Tanaka, já que este parara tão abruptamente. A colisão provocou um jorro de frases em japonês irado por parte de Tanaka.

O japonês mais alto começou a responder, mas foi interrompido pelo caucasiano.

— Devo avisá-los — disse em inglês — de que falo japonês fluente. Meu nome é Sterling Rombauer.

Ele pousou a bebida numa depressão no braço da poltrona, feita para esse objetivo, levantou-se, pegou um cartão de visitas e entregou-o a Tanaka com uma reverência.

Tanaka curvou-se ao mesmo tempo, enquanto aceitava o cartão. E, apesar da surpresa que obviamente estava sentindo, examinou o cartão com cuidado e curvou-se outra vez. Depois falou rapidamente em japonês com os companheiros que estavam atrás.

— Acho que posso responder melhor a isso — disse Sterling casualmente, enquanto voltava a sentar-se e pegava a bebida. — O piloto, o copiloto e a tripulação não estão na cabine de comando. Estão descansando no lavatório. — Sterling fez um gesto por sobre o ombro.

Tanaka disse algo mais em japonês irritado para seus seguidores.

— Por favor, desculpe interrompê-lo de novo — disse Sterling. — Mas o que o senhor está pedindo a seus companheiros fazerem não é razoável. Tenho certeza de que, se considerar cuidadosamente a situação, vai concordar que não serviria aos meus objetivos estar aqui sozinho. E, de fato, se o senhor olhar para estibordo, verá um veículo ocupado por um amigo que, no momento, está com um

telefone celular programado para ligar rapidamente para a polícia. Neste país o sequestro é crime. Um delito grave, para ser mais específico.

Tanaka olhou outra vez para o cartão de visitas de Sterling, como se houvesse alguma coisa que ele deixara passar despercebido no primeiro exame.

— O que você quer? — perguntou, em inglês.

— Acho que precisamos conversar, senhor Tanaka Yamaguchi. — Sterling sacudiu os cubos de gelo de sua bebida e tomou um último gole.

— No momento estou representando os interesses do Forbes Cancer Center — continuou. — Seu diretor não quer prejudicar o relacionamento do Centro com a Sushita, mas há limites. Ele não deseja que o sr. Murphy seja raptado para o Japão.

Tanaka ficou quieto.

— Senhor Murphy — disse Sterling, ignorando Tanaka por um instante. — O senhor permitiria que o senhor Yamaguchi e eu tivéssemos alguns minutos a sós? Sugiro que o senhor e sua companheira desembarquem e se reúnam a meu amigo no carro. Podem esperar por mim lá; não vou demorar.

Tanaka não fez qualquer esforço para contrariar a sugestão de Sterling. Sem precisar de um segundo convite, Sean agarrou a mão de Janet, e juntos passaram por Tanaka e seu grupo, desceram a escada e correram para o carro escuro estacionado perpendicularmente ao avião.

Chegando ao Mercedes, Sean foi até a porta de trás, do lado do passageiro, e abriu-a. Deixou que Janet subisse e entrou em seguida.

Antes que ele fechasse a porta, Wayne Edwards recebeu-os com um caloroso: "Oi, pessoal". Apesar de ter olhado rapidamente para eles enquanto entravam, logo voltou a atenção para o avião, que podia ser visto claramente através do para-brisa.

— Não quero parecer pouco hospitaleiro — prosseguiu ele —, mas talvez fosse melhor vocês esperarem no prédio do terminal.

— O senhor Rombauer disse para nos reunirmos ao senhor — disse Sean.

— Estou sabendo. Porque esse era o plano. Mas estive pensando. Se alguma coisa der errado, e aquele avião começar a andar, vou mandar o carro direto contra o nariz dele. Não temos airbags nos bancos de trás.

— Deu para entender — disse Sean. Em seguida saiu e estendeu a mão para Janet. Juntos foram para o prédio de aviação geral.

— Isso está ficando cada vez mais confuso — reclamou Janet. — Ficar com você é viver na corda bamba, Sean Murphy. O que está acontecendo?

— Gostaria de saber. Talvez eles achem que eu sou mais do que sou.

— E o que significa isso?

Sean deu de ombros.

— Só sei que acabamos de perder uma viagem não-desejada ao Japão.

— Mas por que Japão?

— Não tenho certeza. Mas aquele tal de Hiroshi, do Forbes, vem me vigiando desde que cheguei, e uns japoneses visitaram minha mãe recentemente, perguntando por mim. A única explicação em que posso pensar é que eles me veem, de algum modo, como um risco ao investimento que fazem no Forbes.

— Toda essa situação é uma loucura. Quem era o homem que nos livrou do avião?

— Nunca o vi antes — disse Sean. — É só outra parte do mistério. Ele disse que estava trabalhando para o Forbes.

Chegaram ao prédio de aviação geral e encontraram a porta fechada.

— E agora? — perguntou Janet.

— Venha. Não vamos ficar aqui.

Sean agarrou a mão dela e juntos rodearam a estrutura de dois andares de cimento, saindo do campo de aviação pelo mesmo portão em que a limusine entrara. Na frente do prédio havia um estacionamento de tamanho razoável. Sean começou a ir de carro em carro, experimentando as portas.

— Não diga nada, deixe que eu adivinhe — disse Janet. — Agora você vai roubar um carro só para dar uma volta durante a noite!

— Pegar emprestado é uma expressão melhor. — Sean encontrou um Chevrolet Celebrity com as portas destrancadas. Depois de se curvar, passando as mãos sob o painel, sentou-se atrás do volante.

— Entre — gritou. — Isso vai ser fácil.

Janet hesitou, sentindo cada vez mais que estava sendo levada para uma coisa da qual não queria participar. A ideia de andar num carro roubado não era atraente, ainda mais com os problemas que eles já tinham.

— Entre! — gritou Sean de novo.

Janet abriu a porta e fez o que ele mandava.

Sean deu partida no carro instantaneamente, para perplexidade de Janet.

— Ainda é um profissional — comentou ela com escárnio.

— A prática faz a perfeição.

Quando o caminho do aeroporto se encontrou com a estrada, Sean pegou a direita. Seguiram durante um bom tempo em silêncio.

— Posso perguntar para onde estamos indo? — perguntou Janet.

— Não tenho certeza. Gostaria de encontrar algum lugar onde me informar sobre como ir a Key West. O problema é que essa cidade é muito calma, mesmo sendo apenas onze da noite de sábado.

— Por que não me leva de volta à casa dos Betencourt? — disse Janet. — Eu pego o carro alugado e volto ao hotel. Depois você pode ir a Key West, se está tão interessado.

— Não acho uma boa ideia. Aqueles japoneses não apareceram na casa dos Betencourt por acaso. Estavam naquela limusine que eu achei que vinha nos seguindo. Obviamente nos seguiam desde o Edgewater Beach Hotel, o que significa que devem estar nos acompanhando desde o Ritz Carlton. Mais provavelmente, estão nos seguindo desde o Forbes.

— Mas os outros também nos seguiram — disse Janet.

— Nós devemos ter formado uma caravana atravessando os Everglades — concordou Sean. — Mas a questão é que não podemos voltar para o carro ou o hotel, se não quisermos nos arriscar a outras perseguições.

— E suponho que não possamos ir à polícia.

— Claro que não — disse Sean, ríspido.

— E as nossas coisas?

— Nós ligamos de Miami e pedimos que as mandem para lá.

Ligamos para os Betencourt para falar do carro. A Hertz vai ter de pegá-lo. Não é tão importante. O importante é que não estamos mais sendo seguidos.

Janet suspirou. Sentia-se indecisa. Queria ir para a cama, mas o que Sean dizia estava fazendo sentido, numa situação em que nada fazia sentido algum. O episódio com os japoneses a deixara apavorada, de certa forma ainda mais do que o acontecido na praia.

— Ali estão algumas pessoas — disse Sean. — Posso perguntar a elas.

Adiante podiam ver uma fila de carros estacionados perto de um grande letreiro escrito Oasis, algum tipo de boate/discoteca. Sean parou ao lado da estrada. A fila para o estacionamento serpenteava através de um terreno cheio de barcos colocados em reboque. O Oasis dividia o estacionamento com uma marina.

Sean saiu do Celebrity e abriu caminho entre os carros estacionados, na direção da entrada da discoteca. Um som de contrabaixo, de arrepiar a espinha, emanava da porta aberta. Depois

de esperar na plataforma do encarregado do estacionamento, Sean parou um dos homens e pediu informações sobre como ir ao cais da cidade. O sujeito apressado descreveu rapidamente o caminho com gestos floreados das mãos. Alguns minutos mais tarde, Sean estava de volta ao carro. Repetiu as indicações a Janet, para que ela pudesse ajudar.

— Por que estamos indo para o cais? — perguntou Janet. — Ou será que esta é uma pergunta estúpida?

— Ei, não fique chateada comigo — reclamou Sean.

— Com quem mais eu posso ficar chateada? Esse fim de semana está muito distante do que previ.

— Guarde sua raiva para o doido da praia ou aqueles japoneses paranoicos.

— E quanto ao cais da cidade? — perguntou Janet de novo.

— Key West fica ao sul de Naples. Disso eu me lembro, por ter visto num mapa. As Keys seguem em curva para o oeste. Ir de barco deve ser mais fácil e provavelmente mais rápido. Podemos até dormir um pouco. Além disso, não estaríamos usando um carro "emprestado".

Janet não comentou nada. A ideia de uma viagem de barco durante toda a noite seria um final adequado para um dia tão doido.

Encontraram facilmente o cais, na base de um pequeno *cul de sac* com um grande mastro de bandeira na entrada. Mas para Sean o cais foi um desapontamento. Esperava que ele estivesse muito mais agitado, pois ouvira dizer que a pesca era um esporte popular na costa oeste da Flórida. A única marina estava fechada. Havia algumas ofertas de aluguel de barcos para pesca num quadro, e nada mais. Depois de estacionar o carro, andaram pelo píer. Os grandes barcos comerciais estavam todos às escuras.

Voltando para o carro, Janet apoiou-se no capô.

— Mais alguma ideia brilhante, Einstein?

Sean estava pensando. A ideia de ir a Key West de barco ainda era atraente. Na certa já era tarde para alugar outro carro. Além disso, estariam exaustos quando chegassem. Perto do cais havia um restaurante/bar apropriadamente chamado The Dock. Sean apontou em sua direção.

— Vamos até lá. Eu gostaria de uma cerveja, e podemos ver se o garçom conhece alguém que alugue barcos.

The Dock era um lugar rústico, construído de madeira compensada e mobiliado com mesas feitas de tampas de alçapões de barco cobertas de epóxi. Não havia janelas, só aberturas que podiam ser fechadas com postigos. No lugar de cortinas, uma coleção de redes de pesca, boias e outros equipamentos náuticos. Ventiladores de teto giravam devagar. Um balcão de madeira escura, em forma de J, estendia-se junto a uma parede.

Havia um grupo de pessoas ao redor do balcão, assistindo a um jogo de basquete na TV posicionada no alto na parede, num canto junto à entrada. Não era como o Old Scully, em Charlestown, mas Sean achou que o lugar tinha um ar confortável. Na verdade, deixou-o com saudades de casa.

Sean e Janet arranjaram espaço no balcão, com as costas viradas para a TV. Havia dois garçons, um alto, sério e de bigode, e o outro atarracado e com um sorriso constante no rosto. Os dois estavam vestidos de modo simples, com camisas estampadas, de mangas curtas, e shorts escuros. Tinham aventais curtos amarrados na cintura.

O garçom mais alto veio imediatamente e colocou bolachas de papelão diante de Sean e Janet, com um gesto hábil do punho.

— O que vai ser? — perguntou.

— Pelo visto vocês têm bolinhos de mariscos — disse Sean, olhando um grande menu preso na parede.

— Certamente — disse o garçom.

— Queremos uma porção. E eu quero uma cerveja light. — Sean olhou para Janet.

— O mesmo para mim — disse ela.

Logo havia canecas de cerveja gelada diante deles, e Sean e Janet só tiveram um instante para comentar o jeito tranquilo do lugar quando chegaram os bolinhos.

— Uau! — comentou Sean. — Foi rápido.

— Comida boa demora para ser feita — disse o garçom.

Apesar de tudo o que acontecera naquela noite, Sean e Janet viram-se gargalhando. O garçom, como qualquer bom comediante, nem mesmo sorriu.

Sean aproveitou a oportunidade para perguntar sobre barcos.

— Em que tipo de barco você está interessado? — perguntou o garçom.

Sean deu de ombros.

— Não sei o suficiente sobre barcos para dizer. Queremos ir esta noite para Key West. Quanto tempo demoraria?

— Depende. São cento e cinquenta quilômetros em linha reta. Com um barco de bom tamanho, vocês estariam lá em três ou quatro horas.

— Alguma ideia de como podemos encontrar alguém que nos levasse?

— Vai ser caro — disse o garçom.

— Quanto?

— Quinhentos, seiscentos — disse o garçom, dando de ombros.

— Eles aceitam cartão de crédito? — perguntou Sean. Janet começou a reclamar, mas Sean agarrou sua perna sob a borda do balcão. — Eu te pago — sussurrou.

O garçom foi até o canto, onde pegou um telefone.



STERLING DISCOU o número da casa de Randolph Mason com um prazer malicioso. Por mais bem pago que estivesse sendo, Sterling não gostava de trabalhar às duas da madrugada. Achou que o dr. Mason se sentiria igualmente incomodado.

Mesmo com a voz soando grogue e sonolenta, o dr. Mason pareceu satisfeito em ouvir Sterling.

— Resolvi o problema Tanaka-Sushita — anunciou Sterling. — Até recebemos uma confirmação de Tóquio, via fax. Não vão mais sequestrar o sr. Murphy. Ele pode ficar no Forbes Cancer Center, desde que você pessoalmente garanta que ele não tenha contato com segredos patenteáveis.

— Não posso garantir isso — disse o dr. Mason. — É muito tarde. Sterling estava surpreso demais para falar.

— Houve uma novidade — explicou o dr. Mason. — O irmão de Sean Murphy, Brian Murphy, apareceu aqui em Miami, preocupado com ele. Incapaz de localizá-lo, entrou em contato comigo. Brian me informou que a polícia de Miami está procurando Sean, devido à invasão de uma funerária e ao roubo não-autorizado do cérebro de um cadáver.

— O cérebro desse cadáver tem a ver com o Forbes Cancer Center?

— Totalmente. A morta era paciente do Forbes, com meduloblastoma, a única que morreu em vários anos, devo acrescentar. O problema é que nosso protocolo de tratamento ainda não foi patenteado.

— Quer dizer que Sean Murphy pode estar de posse de segredos patenteáveis tendo esse cérebro em mãos?

— Exatamente — disse o dr. Mason. — Como sempre, você vai direto ao alvo. Já instruí a segurança do Forbes para negar o acesso do sr. Murphy a nossos laboratórios. O que desejo é que ele seja levado à polícia.

— Isso pode ser difícil — disse Sterling. — O sr. Murphy e a senhorita Reardon desapareceram. Estou ligando do hotel onde estavam. Deixaram todas as coisas, mas não creio que planejem voltar. Agora já passa das duas da manhã. Acho que subestimei a resistência deles. Pensei que depois de serem resgatados de uma perspectiva de sequestro, o alívio os deixaria. Pelo contrário. Acho que se apoderaram de um automóvel e foram para longe.

— Quero que você os descubra.

— Aprecio sua confiança em minha capacidade — disse Sterling. — Mas o caráter deste trabalho está mudando. Acho que seria melhor você contratar um detetive particular, já que o preço deles é bem menor do que o meu.

— Quero que você permaneça na missão. — Havia um toque de desespero na voz do dr. Mason. — Quero Sean Murphy entregue à polícia o quanto antes. Na verdade, sabendo o que sei agora, desejaria que você tivesse deixado os japoneses o levarem. Eu lhe pago cinquenta por cento a mais do que o normal. Mas faça o serviço.

— É muito generoso, mas, Randolph...

— O dobro — disse o dr. Mason. — Demoraria muito para conseguir que alguém se envolvesse nesse ponto. Quero Sean Murphy entregue à polícia agora!

— Certo — disse Sterling, relutante. — Vou continuar no serviço. Mas devo avisar que, a não ser que a senhorita Reardon use seu cartão Visa, não terei como descobri-lo até que volte a Miami.

— Por que o cartão dela? — perguntou o dr. Mason.

— Foi como eles pagaram as contas dos hotéis.

— Você nunca me deixou na mão — disse o dr. Mason.

— Vou fazer o máximo — prometeu Sterling.

Depois de desligar, Sterling disse a Wayne que teria que fazer outra ligação. Estavam no saguão do Edgewater Beach Hotel. Wayne encontrava-se confortavelmente acomodado numa poltrona, com uma revista no colo.

Sterling ligou para um de seus muitos contatos bancários em Boston. Assim que se certificou de que o sujeito estava suficientemente desperto para ser coerente, deu-lhe os detalhes que ficara sabendo sobre Janet Reardon, inclusive o fato de que usara seu cartão Visa em dois hotéis naquela noite. Sterling pediu que ligasse de volta para o seu telefone celular, se o cartão fosse usado de novo.

Voltando para perto de Wayne, Sterling informou-o de que teriam de continuar no serviço, mas que o objetivo havia mudado. Contou o que o dr. Mason dissera e que teriam de garantir que o sr. Murphy fosse levado à polícia. Além disso, Sterling perguntou se Wayne tinha alguma sugestão.

— Só uma. Vamos pegar dois quartos e dar uma cochilada.



JANET SENTIU O estômago embrulhar. Era como se o bife com molho de pimenta que jantara na casa dos Betencourt tivesse revertido o caminho através do sistema digestivo. Estava deitada num catre sob a proa do barco de quarenta e dois pés que os levava a Key West. No catre do outro lado do quarto estreito, Sean dormia a sono solto. À meia-luz, ele parecia tão em paz! O fato de poder estar tão relaxado naquelas circunstâncias deixou Janet exasperada. Tornava seu desconforto muito mais agudo.

Apesar da aparente calma durante a caminhada ao pôr-do-sol, agora o golfo parecia violento como um oceano agitado. Viajavam

para o sul, chocando-se contra as ondas que vinham a quarenta e Cinco graus. O barco balançava-se vertiginosamente para a direita, para em seguida virar para a esquerda com um estremecimento. O tempo todo havia o rugido constante e grave dos motores diesel.

Não conseguiram se pôr a caminho antes das duas e quarenta e cinco da madrugada. A princípio tinham seguido através de águas calmas, com centenas de ilhas escuras cobertas de manguezais, visíveis luz da lua. Por mais exausta que estivesse, Janet fora dormir e logo acordara com as batidas súbitas do barco contra as ondas e o som do vento forte. Não ouvira Sean descer, mas, quando acordou, ali estava ele, dormindo pacificamente.

Janet passou os pés pela borda do catre e tentou se equilibrar enquanto o barco se chocava contra outra onda. Segurando-se com as duas mãos, andou na direção da popa e subiu para o salão principal. Sabia que ficaria enjoada se não tomasse ar. Abaixo do convés, o leve cheiro de diesel só fazia aumentar a náusea.

Segurando-se com toda a força, Janet conseguiu chegar à proa do barco, onde havia, presas ao convés, duas cadeiras giratórias destinadas à pesca em mar aberto. Achando as cadeiras expostas demais, Janet desmoronou numa pilha de almofadas sobre uma espreguiçadeira do lado de bombordo. O lado de estibordo estava sendo constantemente molhado pelo salpico das ondas.

O vento e o ar puro fizeram maravilhas pelo estômago de Janet, mas não houve oportunidade de descanso. Ela tinha literalmente de se agarrar. Com o rugido dos motores e os baques ampliados no ponto da proa em que estava, Janet não conseguia imaginar o que as pessoas viam de bom nos barcos a motor. Lá adiante, sob uma cobertura, estava Doug Gardner, o sujeito que se dispusera a perder uma noite de sono para levá-los a Key West — por uma nota preta. Estava silhuetado contra os mostradores luminosos. Não tinha muito o que fazer, desde que colocara o barco no piloto automático.

Janet levantou os olhos para o dossel de estrelas e lembrou-se de como costumava fazer a mesma coisa nas noites de verão, quando era adolescente. Ficava assim, sonhando com o futuro. Agora estava vivendo o futuro, e de uma coisa tinha certeza: não era nem um pouco o que costumava imaginar.

Talvez sua mãe estivesse certa, pensou relutante. Talvez fosse idiotice vir à Flórida, tentar conversar com Sean. Deu um sorriso torto.

A única conversa até agora fora o pouquinho que tinham falado na praia aquela tarde, quando Sean apenas repetira como um eco a sua expressão de amor. Fora menos do que satisfatório.

Janet viera à Flórida esperando assumir o comando da própria vida, mas, quanto mais tempo ficava com Sean, menos se sentia no comando.



STERLING EXPERIMENTOU satisfação ainda maior ao ligar para o dr. Mason às três e meia da madrugada. O médico só atendeu depois de quatro toques. O próprio Sterling acabara de ser acordado por um telefonema de seu contato em Boston.

— Agora sei o destino do abominável casal — disse Sterling. — Felizmente a jovem usou outra vez seu cartão de crédito, debitando um valor considerável. Pagou quinhentos e cinquenta dólares para ser levada, de barco, de Naples a Key West.

— Essa notícia não é boa — disse o dr. Mason.

— Achei que você ficaria satisfeito em saber que descobrimos para onde estão indo — disse Sterling. — Acho que foi um pouco de sorte.

— O Forbes tem uma instalação em Key West. Chama-se Basic Diagnostics. Imagino que é para onde o sr. Murphy está indo.

— Por que você acha que ele iria ao Basic Diagnostics?

— Nós mandamos vários trabalhos de laboratório para lá. Com o esquema atual de pagamentos por terceiros, os custos valem a pena.

— Por que você se preocupa com o fato de o sr. Murphy visitar o laboratório?

— As biópsias de meduloblastoma são mandadas para lá. Não quero o sr. Murphy tendo contato com nossas técnicas de sensibilização dos linfócitos T dos pacientes.

— E o sr. Murphy pode deduzir essas técnicas a partir de uma simples visita?

— Ele é muito esperto em termos de biotecnologia — disse o dr. Mason. — Não posso correr o risco. Vá para lá imediatamente e mantenha-o fora do laboratório. Certifique-se de que ele seja levado à polícia.

— Dr. Mason, são três e meia da madrugada — recordou Sterling.

— Alugue um avião. Estamos pagando as despesas. O nome do gerente é Kurt Wanamaker. Vou ligar para ele imediatamente e mandar que o espere.

Depois de pegar o número do sr. Wanamaker, Sterling desligou.

Apesar do dinheiro que estava recebendo, não se sentia feliz com a ideia de correr para Key West no meio da noite. Achava que o dr. Mason estava exagerando. Afinal de contas, era domingo, e o laboratório certamente não estaria aberto. Mesmo assim, Sterling saiu da cama e foi até o banheiro.

10

7 de março
Domingo, 5h30 da manhã

O primeiro vislumbre que Sean teve de Key West às primeiras luzes da alvorada foi uma linha de construções de madeira aninhadas num verde tropical. Algumas estruturas de tijolos, mais altas, destacavam-se na linha do horizonte aqui e ali, mas mesmo estas não tinham mais de cinco andares. A beira da água, vista do noroeste, era pontilhada de marinas e hotéis lado a lado.

— Qual é o melhor lugar para desembarcarmos? — perguntou Sean a Doug.

— Provavelmente o cais do Pier House — respondeu Doug, enquanto desligava os motores. — É logo no início da Duval Street, que é a rua principal de Key West.

— Você conhece a área?

— Estive aqui mais ou menos uma dúzia de vezes.

— Já ouviu falar de uma organização chamada Basic Diagnostics?

— Creio que não.

— E hospitais?

— Existem dois. Há um logo aqui em Key West, mas é pequeno. Há um maior na próxima key, chamada ilha Stock. Lá ficam as

instalações principais.

Sean desceu e acordou Janet, que não ficou satisfeita por levantar. Disse que só dormira quinze ou vinte minutos.

— Quando eu desci, há horas, você estava dormindo feito um bebê — disse ele.

— É, mas assim que chegamos ao mar bravio tive que voltar para o convés. Não dormi a viagem inteira, como você. Tremendo fim de semana de descanso, este.

A atracação foi tranquila, já que não havia qualquer atividade náutica tão cedo na manhã de domingo. Doug acenou e afastou-se com o barco assim que Sean e Janet saltaram para o cais.

Enquanto saíam do píer e começavam a olhar em volta, Sean e Janet tiveram a sensação estranha de que eram os únicos seres vivos na ilha. Havia evidências suficientes da agitação da noite anterior; garrafas de cerveja vazias e outros dejetos estavam jogados nas sarjetas. Mas não havia gente. Nem animais. Parecia a calmaria depois da tempestade.

Subiram pela Duval Street, com suas lojas de camisetas, joalherias e souvenirs fechadas como se esperassem um motim. O famoso Conch Tour Train parecia abandonado junto ao quiosque amarelo brilhante de venda de ingressos. O lugar tinha o jeito de espelunca que Sean esperava, mas o efeito era surpreendentemente encantador.

Enquanto passavam pelo Sloppy Joe's Bar, o sol espiou hesitante sobre o oceano Atlântico e encheu a rua deserta de uma nevoenta luz matinal. Meio quarteirão adiante, os dois foram envolvidos por um aroma delicioso.

— Isso está me cheirando a... — começou Sean.

— Croissants — concluiu Janet.

Seguindo seus narizes, chegaram a uma padaria francesa que também funcionava como café. O cheiro delicioso vinha das janelas abertas de um terraço cheio de mesas e guarda-sóis. A porta da frente estava fechada, e Sean precisou gritar através da janela aberta.

Uma mulher com cabelos ruivos frisados veio enxugando as mãos no avental.

— Ainda não abrimos — disse ela com um leve sotaque francês.

— Que tal nos vender dois daqueles croissants? — sugeriu Sean.

A mulher inclinou a cabeça para o lado enquanto pensava no assunto.

— Acho que posso oferecer a vocês um pouco de café com leite que fiz para mim. A máquina do expresso ainda não foi ligada.

Sentados sob um dos guarda-sóis no terraço deserto, Sean e Janet saborearam os pães recém-saídos do forno. O café os reavivou.

— Agora que estamos aqui — disse Janet —, qual é o plano?

Sean coçou o queixo, onde a barba espessa começava a crescer.

— Vou ver se há um catálogo aí. Assim consigo o endereço do laboratório.

— Enquanto você faz isso, acho que vou ao toalete. Sinto-me como alguma coisa que um gato andou arrastando.

— Um gato teria medo de chegar perto de você — disse Sean, e curvou-se quando Janet jogou contra ele o guardanapo amassado.

Quando Janet voltou, parecendo recuperada, Sean não conseguira só o endereço. Consequira também, com a ruiva, indicações de como chegar lá.

— É meio longe — disse ele. — Vamos precisar de condução.

— E claro que isso vai ser fácil. Podemos pegar carona ou um dos muitos táxis que estão passando. — Eles não tinham visto um único carro passar, desde que chegaram.

— Eu estava pensando em outra coisa — disse Sean enquanto deixava uma gorjeta generosa para a mulher. Em seguida se levantou.

Janet olhou-o interrogativa, antes de perceber o que ele tinha em mente.

— Ah, não! — disse. — Não vamos roubar outro carro.

— Pegar emprestado — corrigiu-a Sean. — Eu tinha esquecido como é fácil.

Janet recusou-se a ter qualquer coisa a ver com o "empréstimo" de um carro, mas Sean prosseguiu, decidido:

— Não quero quebrar nada — disse ele, indo de carro em carro numa rua lateral, experimentando as portas. Todas estavam trancadas. — Deve ter muita gente suspeita por aqui. — Em seguida parou, olhando para a rua. — Acabo de mudar de ideia. Não quero um carro.

Atravessando até uma grande motocicleta apoiada no descanso, Sean fez o motor pegar quase tão rapidamente quanto se tivesse a chave de ignição. Empurrando a moto e batendo o descanso de volta para o lugar, fez um gesto para que Janet viesse.

Janet estudou Sean, o rosto barbado e as roupas amarrotadas, enquanto ele esquentava o motor da moto. Como podia ter se apaixonado por um sujeito daqueles?, perguntou a si própria. Relutantemente, passou uma perna por sobre a máquina e envolveu com os braços a cintura de Sean. Ele girou o acelerador e eles saíram a toda, despedaçando o silêncio da manhã.

Voltaram pela Duval Street, na direção de onde tinham vindo; em seguida, viraram para o norte no quiosque do Conch Train e seguiram a costa. Terminaram chegando a um antigo ancoradouro. O Basic Diagnostics ocupava um armazém de tijolos de dois andares, que fora muito bem restaurado. Sean foi até os fundos do prédio e estacionou a moto atrás de um telheiro. Assim que a moto foi desligada, o único som que podiam ouvir era o grito das gaivotas distantes. Não havia viva alma ao redor.

— Acho que estamos sem sorte — disse Janet. — Não parece estar aberto.

— Vamos verificar.

Subiram alguns degraus nos fundos e olharam pela porta de trás.

Não havia luzes acesas no interior. Uma plataforma corria para o lado norte do prédio. Experimentaram as portas ao longo da plataforma, inclusive uma grande porta que ficava no alto, mas estava tudo trancado.

Na frente do prédio havia um letreiro sobre as portas duplas, anunciando que o laboratório abria de meio-dia às cinco da tarde nos domingos e feriados. Havia uma portinhola de metal para deixar amostras fora do horário de funcionamento.

— Acho que vamos ter que voltar — disse Janet.

Sean não respondeu. Colocou as mãos em concha e olhou através das janelas da frente. Rodeando a esquina do prédio, fez o mesmo com outra janela. Janet seguiu-o enquanto ele ia de janela em janela, voltando para os fundos, de onde tinham vindo.

— Espero que você não esteja com nenhuma ideia — disse Janet.
— Vamos encontrar algum lugar para dormir algumas horas. Podemos voltar depois do meio-dia.

Sean não respondeu. Em vez disso, afastou-se da última janela pela qual estivera olhando. Sem aviso, deu no vidro uma espécie de golpe de caratê com o lado da mão. A janela implodiu, despedaçando-se no chão do lado de dentro. Janet saltou para trás, e em seguida olhou rapidamente por cima do ombro, para ver se havia alguma testemunha.

Depois, voltando a olhar para Sean, disse:

— Não vamos fazer isso. A polícia já está nos procurando desde o que aconteceu em Miami.

Sean estava ocupado removendo os pedaços maiores de vidro.

— Não tem alarme no vidro — disse.

Rapidamente pulou a janela e depois virou-se para inspecioná-la cuidadosamente.

— Nenhum alarme — disse.

Soltando a tranca, levantou a janela.

Em seguida, estendeu a mão para Janet.

Janet recuou.

— Não quero fazer parte disso.

— Venha — insistiu ele. — Eu não estaria invadindo isso aqui se não achasse importante. Alguma coisa esquisita está acontecendo, e pode haver respostas aqui. Confie em mim.

— E se chegar alguém? — perguntou Janet, outra vez olhando nervosa por cima do ombro.

— Ninguém vai aparecer. São sete e meia da manhã de domingo. Além disso, só vou dar uma olhada. Vamos sair dentro de quinze minutos, prometo. E, se isso a faz sentir-se melhor, deixamos uma nota de dez dólares para o conserto da janela.

Depois de tudo o que tinham passado, Janet achou que não havia muito sentido em resistir agora. Deixou Sean ajudá-la a pular a janela.

Estavam no toalete dos homens. Havia o cheiro forte de desinfetante vindo de uma barra oval, cor-de-rosa, na base do urinol preso à parede.

— Quinze minutos! — disse Janet, enquanto eles abriam cuidadosamente a porta.

Fora do banheiro dos homens havia um corredor que atravessava todo o prédio. Uma verificação superficial daquele andar revelou, do outro lado do banheiro dos homens, um grande laboratório que também ocupava toda a extensão do prédio. Do mesmo lado do banheiro dos homens havia o das mulheres, um depósito, um escritório e uma escada.

Sean abriu cada uma das portas e olhou para dentro. Janet olhava por sobre o seu ombro. Entrando no laboratório, ele foi até o espaço central entre as mesas. O chão era de vinil cinza, os armários de laminado plástico cinza mais claro, e os tampos das bancadas eram de um branco brilhante.

— Parece um laboratório clínico normal — disse ele. — Todo o equipamento comum.

Parou na seção de microbiologia e olhou para uma estufa cheia de placas de Petri.

— Está surpreso? — perguntou Janet.

— Não, mas eu esperava mais. Não estou vendo uma seção de patologia, onde processem as biópsias. Disseram que as biópsias são mandadas para cá.

Voltando ao corredor principal, Sean foi até a escada. Subiu. No topo havia uma forte porta de metal. Estava trancada.

— Opa! Isso pode demorar mais de quinze minutos.

— Você prometeu.

— Então eu menti — disse Sean, inspecionando a fechadura. — Se eu conseguir arranjar ferramentas adequadas, pode demorar dezesseis minutos.

— Já se passaram catorze — disse Janet.

— Venha cá. Vamos ver se encontro alguma coisa para usar como barra de tensão e algum arame duro para usar como gazua.

Ele desceu de novo a escada. Janet foi atrás.



O SEA KING QUE Sterling alugara pousou com um ruído de borrachas às sete e quarenta e cinco da manhã no aeroporto de Key West e taxiou até a área de aviação geral. No terminal comercial ao lado, um Amerman Eagle estava em processo final de embarque.

Quando Sterling conseguira se comunicar com a empresa de aluguel, já eram quase cinco da manhã. Depois de alguma persuasão, que incluiu a promessa de um dinheiro extra, o avião deveria ter partido por volta das seis, mas, devido a problemas de combustível, não pôde sair antes das seis e quarenta e cinco.

Sterling e Wayne aproveitaram o atraso para dormir um pouco, primeiro no Edgewater Beach Hotel, depois na sala de espera do aeroporto. Dormiram também a maior parte do voo.

Chegando ao prédio de aviação geral em Key West, Sterling viu um homem baixo e careca, vestido de camisa estampada de mangas curtas, olhando pela janela da frente. Estava segurando um copo de isopor fumegante.

Assim que Sterling e Wayne desembarcaram, o careca veio e se apresentou. Era Kurt Wanamaker. Era atarracado, o rosto largo e bronzeado. O pouco cabelo que tinha estava descorado pelo sol.

— Passei pelo laboratório por volta das sete e quinze — disse Kurt enquanto se encaminhavam para o seu Chrysler Cherokee. — Estava tudo quieto. De modo que acho que vocês passaram à frente deles, se é que eles estão planejando vir.

— Vamos direto ao laboratório — disse Sterling. — Gostaria de estar lá se e quando o sr. Murphy o invadir. Então podemos fazer mais do que simplesmente entregá-lo à polícia.



— ISSO DEVE FUNCIONAR — disse Sean. Estava com os olhos fechados enquanto revirava as duas cargas de esferográfica. Amassara a ponta de uma delas em ângulo reto, para servir como barra de tensão.

— O que, exatamente, você está fazendo? — perguntou Janet.

— Eu contei a você no Forbes, quando estávamos tentando entrar no depósito de prontuários. Chama-se esquadrinhar os pinos. Existem cinco pininhos lá dentro, que impedem o cilindro de girar. Ah, lá vamos nós.

A fechadura abriu-se com um estalo. A porta girou para dentro.

Sean entrou primeiro. Como não havia janelas, o interior estava escuro como uma noite sem lua, a não ser pela luz que subia do poço da escada.

Tateando na parede à esquerda da porta, a mão de Sean bateu no painel de interruptores. Apertou todos ao mesmo tempo, e o teto inteiro acendeu-se num piscar de olhos.

— Nossa, olhe só para isso! — disse Sean, em espanto total.

Ali estava o laboratório que ele esperara ver no prédio de pesquisas do Forbes Cancer Center. Era enorme, abarcando todo o andar. Também era muito branco, com piso branco, armários brancos e paredes brancas.

Lentamente, Sean foi até o centro, apreciando o equipamento.

— Tudo novo em folha — disse, em tom admirado. Pôs a mão numa máquina sobre uma das bancadas. — E estritamente da melhor procedência. Isso é um aparelho de hibridização *southern blot*. Custa pelo menos doze mil dólares. E aqui está o último tipo de espectrofotômetro. Custa uns vinte e três mil. E lá adiante uma unidade de cromatografia. Por volta de vinte mil. E um separador automático de células. Pelo menos cento e cinquenta mil. E, meu Deus! — Sean parou espantado diante de um aparato peculiar, em forma de ovo. — Não deixe o seu cartão de crédito chegar perto desse sujeito — disse. — É um aparelho de ressonância magnética nuclear. Tem alguma ideia de quanto custa esse neném?

Janet balançou a cabeça.

— Chute meio milhão de dólares. E se eles têm isso significa que também têm um defrator de raios X.

Continuando a andar, Sean chegou a uma área envidraçada. Dentro pôde ver um escudo de isolamento máximo Tipo III, além de filas e filas de estufas de cultura de tecidos. Sean experimentou a porta de vidro.

Ela abria para fora, de modo que ele teve de fazer força contra a sucção que a mantinha fechada. Para impedir o escape de qualquer

organismo, a pressão dentro do laboratório virológico era mantida abaixo da do resto do laboratório. Entrando na área de isolamento máximo, Sean fez um gesto para Janet ficar onde estava. Primeiro foi até um freezer horizontal e abriu a tampa. A temperatura num mostrador interno era de cinquenta e sete graus negativos. Dentro do freezer havia múltiplas prateleiras com pequenos frascos. Cada frasco continha uma cultura de vírus congelada.

Fechando o freezer, Sean olhou algumas estufas de cultura de tecidos.

Estavam sendo mantidas a trinta e sete ponto três graus centígrados, reproduzindo a temperatura normal do interior de um corpo humano.

Indo até a mesa, Sean pegou algumas microfotografias eletrônicas de vírus isométricos e os desenhos técnicos dos capsídeos virais. Os desenhos destinavam-se a estudar a simetria icosaédrica dos invólucros virais, e incluíam as medidas dos capsômeros. Sean observou que a partícula viral tinha um diâmetro geral de 43 nanômetros.

Saindo do isolamento máximo, foi até uma área onde se sentia muito mais à vontade. Toda uma seção do laboratório parecia destinada ao estudo de oncógenes, exatamente o que Sean estava fazendo em Boston. Mas a diferença era que, neste laboratório, o equipamento era todo novo em folha. Sean olhou admirado para prateleiras e mais prateleiras de reagentes apropriados para o isolamento de oncógenes e seus produtos, as oncoproteínas.

— Este lugar é a última palavra, em todos os sentidos — disse.

Na seção de oncógenes havia mais estufas de cultura de tecidos. Ele abriu a porta de uma delas e olhou para as fileiras de células.

— Este é um lugar onde eu poderia trabalhar — disse, fechando a estufa.

— É isso que você esperava ver? — perguntou Janet. Ela o vinha seguindo como uma boneca, a não ser quando ele entrara na área de

isolamento máximo.

— Mais do que eu esperava. Deve ser aqui que a Levy trabalha. Acho que a maior parte desse equipamento veio da área isolada no sexto andar do prédio de pesquisas do Forbes.

— E o que isso tudo diz a você?

— Diz que preciso de algumas horas lá no laboratório do Forbes. Acho que...

Sean não terminou. Sons de vozes e passos vinham pela escada.

Janet colocou a mão na boca, em pânico. Sean agarrou-a, os olhos vasculhando desesperadamente o laboratório em busca de um lugar onde se esconder. Não havia como escapar.

11

7 de março
Domingo, 8h05 da manhã

— Aí estão eles! — anunciou Wayne Edwards. Tinha acabado de abrir uma grossa porta de metal que dava numa pequena despensa perto da área de isolamento máximo.

Sean e Janet piscaram com a súbita intrusão de luz. Sterling foi em direção à descoberta de Wayne. Kurt estava a seu lado.

— Eles podem não parecer fugitivos ou agentes provocadores — disse Sterling. — Se bem que, claro, nós sabemos da verdade.

— Saiam da despensa! — ordenou Wayne.

Uma Janet subjugada e cheia de remorso e um Sean desafiante saíram à luz forte.

— Vocês não deveriam ter saído do aeroporto ontem à noite — ralhou Sterling. — E pensar nos esforços que fizemos para impedir seu sequestro. Isso é que é gratidão. Estou curioso para saber se vocês têm consciência da quantidade de problemas que causaram.

— Da quantidade de problemas que *eu* estou causando — corrigiu Sean.

— Ah, o dr. Mason mencionou que você era impetuoso — disse Sterling. — Bem, vamos deixar você expressar sua petulância para os

policiais de Key West. Eles podem brigar com os de Miami pela jurisdição do seu caso, agora que cometeram delito aqui também.

Sterling pegou um telefone e preparou-se para discar. Sean pegou o revólver que há muito estivera no bolso de seu casaco e apontou-o.

— Largue o telefone — ordenou.

Janet prendeu o fôlego ao ver o revólver na mão de Sean.

— Sean! — gritou ela. — Não!

— Quieta! — disse Sean, ríspido. Os três, rodeando-o num arco, deixaram-no nervoso. A última coisa que queria era deixar que Janet desse a eles a oportunidade de dominá-lo.

Enquanto Sterling baixava o fone, Sean fez um movimento para os três se juntarem.

— Esse é um comportamento extremamente tolo — comentou Sterling.

— Invadir propriedade alheia com posse de arma é um crime muito mais sério do que apenas invasão.

— Para a despensa! — ordenou Sean, indicando o espaço de onde Janet acabara de sair.

— Sean, isto está indo longe demais! — disse Janet, e deu um passo em direção a ele.

— Saia do meu caminho! — rosnou Sean, e empurrou-a para o lado.

Já perturbada pelo aparecimento da arma, Janet ficou duplamente chocada com a súbita mudança na personalidade de Sean. O som cruel e violento de sua voz e a expressão de seu rosto a intimidaram.

Sean conseguiu guiar os três homens para a pequena despensa.

Rapidamente, fechou e trancou a porta. Colocando o revólver no bolso, empurrou alguns móveis grandes contra a porta, inclusive um arquivo pesado, de cinco gavetas.

Satisfeito, pegou a mão de Janet e começou a andar para a saída.

Janet tentou se soltar. Estavam no meio da escada quando ela conseguiu se libertar.

— Eu não vou com você.

— Do que está falando? — sussurrou Sean, enérgico.

— O jeito como você falou comigo lá em cima. Eu não conheço você.

— Por favor — disse Sean entre os dentes cerrados. — Aquilo foi puro teatro para os outros. Se as coisas não saírem do jeito que imagino, você pode argumentar que foi coagida o tempo todo. Com o trabalho que preciso fazer no laboratório em Miami, há uma chance de que as coisas fiquem piores, antes de melhorar.

— Seja direto comigo. Pare de falar por enigmas. O que está se passando na sua cabeça?

— É muita coisa para explicar no momento. Agora temos que sair daqui. Não posso saber quanto tempo aquela despensa vai segurar aqueles três. Assim que eles saírem, vai acabar o segredo.

Mais confusa do que nunca, Janet acompanhou Sean escada abaixo, passando pelo laboratório do primeiro andar e saindo pela frente do prédio. O Cherokee de Kurt Wanamaker estava estacionado em ângulo com a rua. Sean fez um gesto para Janet entrar.

— Muito conveniente da parte deles ter deixado a chave — disse Sean.

— Como se fizesse diferença para você.

Sean deu partida no carro, mas em seguida desligou imediatamente o motor.

— E agora o quê? — perguntou Janet.

— Na agitação, esqueci que preciso de alguns reagentes daqueles lá em cima. — Sean saiu do carro e curvou-se junto à janela. — Só vai demorar um minuto. Já volto.

Janet tentou protestar, mas Sean já tinha ido. Não que ele se preocupasse muito com os sentimentos dela com relação àquela

confusão.

Ela saiu do carro e começou a andar nervosamente de um lado para outro.

Felizmente, Sean voltou em alguns minutos, carregando uma grande caixa de papelão, que colocou no banco de trás. Sentou-se atrás do volante e deu partida. Janet entrou do seu lado. Em seguida saíram na estrada, em direção ao norte.

— Veja se há algum mapa no porta-luvas — disse ele.

Janet procurou e encontrou um. Abriu-o na região das Florida Keys. Sean pegou o mapa e estudou-o enquanto dirigia.

— Não podemos contar com a possibilidade de ir até Miami com este carro — disse. — Assim que aqueles três saírem da despensa, vão perceber que ele sumiu. A polícia vai começar a procurar pelo carro, e, como só há uma estrada para o norte, não vai ser difícil achá-lo.

— Eu sou uma fugitiva! — admirou-se Janet. — Exatamente como o sujeito disse quando nos encontrou na despensa. Não acredito. Não sei se rio ou se choro.

— Há um aeroporto em Marathon — disse Sean, ignorando o comentário de Janet. — Vamos deixar este carro lá e alugar outro, ou pegar um avião, dependendo dos horários de voo.

— Presumo que estejamos indo para Miami — disse Janet.

— Exatamente. Vamos direto para o Forbes.

— O que há na caixa de papelão?

— Um monte de reagentes que não tenho em Miami.

— Como o quê?

— Principalmente pares de tubos e sondas de DNA para oncógenes. Também encontrei alguns tubos e sondas para ácido nucleico viral, particularmente os usados para a encefalite de St. Louis.

— E você não vai me dizer por que tudo isso?

— Vai soar muito absurdo — admitiu Sean. — Quero primeiro ter alguma prova. Preciso provar a mim mesmo antes de dizer a qualquer pessoa, até mesmo a você.

— Pelo menos me dê alguma ideia de para que servem esses tubos e sondas — disse Janet.

— Os tubos de DNA são usados para encontrar sequências de DNA. Eles identificam uma sequência específica em meio a milhares de outras, e em seguida reagem com ela. Depois, por um processo chamado de polimerase reação em cadeia, ou PRC, a sequência original de DNA pode ser reproduzida bilhões de vezes. Assim, ela pode ser facilmente detectada por uma sonda específica de DNA.

— Então usar esses tubos e sondas é como procurar uma agulha no palheiro com um ímã poderoso — disse Janet.

— Exatamente — disse Sean, impressionado de como ela percebia rapidamente a ciência da coisa. — Um ímã muito, muito poderoso. Quero dizer, ele pode encontrar uma sequência específica de DNA em meio a uma solução contendo milhões de outras. Nesse sentido, é quase como um ímã mágico. Acho que o sujeito que desenvolveu o processo devia ganhar o Prêmio Nobel.

— A biologia molecular está andando a passos largos — disse Janet, em voz sonolenta.

— É inacreditável — concordou Sean. — Até as pessoas da área têm dificuldade para se manter em dia.

Janet lutou contra as pálpebras pesadíssimas, situação piorada pelo barulho abafado do motor e o balanço suave. Queria forçar Sean a dar mais explicações sobre o que tinha na cabeça, e achou que o melhor modo de fazê-lo era levá-lo a falar sobre biologia molecular e sobre o que planejava fazer quando chegasse ao laboratório do Forbes. Mas estava exausta demais para prosseguir.

Janet sempre achara andar de carro uma coisa calmante. Com o pouco que dormira no barco e toda a correria por que passaram, não demorou muito para adormecer. Caiu num sono profundo,

extremamente necessário, e descansou sem ser perturbada até que Sean afastou-se da Rota 1 para o Aeroporto Marathon.

— Até agora, tudo bem — disse, quando percebeu que Janet estava acordando. — Nada de estrada bloqueada nem de polícia.

Janet sentou-se. Por um instante não teve ideia de onde estava, mas logo a realidade voltou num clarão atordoante. Agora sentia-se pior do que quando adormecera. Passar os dedos pelos cabelos fez com que pensasse num ninho de pássaros. Era difícil imaginar como estava sua aparência. Decidiu não tentar.

Sean parou o carro na parte mais cheia do estacionamento. Pensou que assim sua presença teria menos probabilidade de ser percebida, dando-lhes mais tempo. Levantando a caixa de papelão do banco de trás, levou-a para o terminal. Mandou Janet checar os voos para Miami, enquanto ia perguntar sobre a possibilidade de aluguel de carros. Ainda estava procurando por uma locadora quando Janet voltou dizendo que o voo para Miami partia em vinte minutos.

O funcionário da empresa aérea deu um tapinha na caixa de papelão depois de colocar do lado de fora adesivos de "frágil", e garantiu que o pacote seria tratado com o máximo cuidado. Depois, enquanto embarcava no pequeno avião turbo, Sean viu alguém colocando sua caixa num carro de bagagens. Mas não estava preocupado. Encontrara plástico de bolha no Basic Diagnostics quando empacotava os reagentes.

Tinha razoável confiança de que seus tubos e sondas resistiriam à viagem.

Chegando ao aeroporto de Miami, alugaram um carro. Usaram a Avis, evitando a Hertz, para o caso de o computador indicar que Janet Reardon já estava de posse de um Pontiac vermelho.

Com os tubos e sondas no banco de trás, foram diretamente ao Forbes. Sean estacionou perto do seu 4X4, junto à entrada do prédio de pesquisas. Pegou o crachá do Forbes.

— Vai querer entrar ou não? — perguntou. Nesse ponto a exaustão também o estava envolvendo. — Pode pegar esse carro e ir para o apartamento se quiser.

— Já que cheguei até aqui, quero que você explique tudo, enquanto estiver fazendo.

— Tudo bem.

Saíram do carro e entraram no prédio. Sean não esperava problemas, de modo que ficou surpreso quando o guarda se levantou.

Nenhum dos guardas jamais fizera isso. O nome do sujeito era Alvarez.

Sean já o vira antes, em várias ocasiões.

— Senhor Murphy? — perguntou Alvarez com um nítido sotaque espanhol.

— Eu mesmo. — Sean bateu no braço da roleta, que Alvarez não tinha liberado. Sean trazia o crachá visível, na mão. A caixa de papelão estava sob seu outro braço. Janet vinha atrás.

— O senhor não tem permissão de entrar no prédio — disse Alvarez.

Sean pousou a caixa de papelão.

— Eu trabalho aqui — disse. Em seguida, curvou-se para segurar o crachá mais perto do rosto de Alvarez, para o caso de o guarda não o ter visto.

— Ordens do dr. Mason — disse Alvarez, afastando-se do crachá como se fosse uma coisa repulsiva. Pegou um dos telefones com uma das mãos e começou a revirar um arquivo de fichas com a outra.

— Largue o telefone — disse Sean, tentando controlar a voz.

Entre todas as coisas pelas quais ele passara e a fadiga geral, estava no fim de sua paciência.

O guarda o ignorou. Encontrou o número de telefone do dr. Mason e começou a apertar os números.

— Eu pedi por bem. Largue o telefone! — disse Sean, agora com muito mais força.

O guarda terminou de discar e depois olhou Sean calmamente enquanto esperava que a ligação se completasse.

Com velocidade de relâmpago, Sean estendeu a mão por sobre a mesa e agarrou o fio do telefone. Um puxão rápido soltou o cabo. Em seguida, segurou a ponta do cabo diante do rosto surpreso do guarda. Era uma massa confusa de minúsculos fios vermelhos, verdes e amarelos.

— Seu telefone está com defeito — disse Sean.

O rosto de Alvarez ficou vermelho. Largando o fone, ele pegou um cassete e começou a rodear a mesa.

Em vez de recuar, como o guarda esperava, Sean atirou-se para a frente na direção de Alvarez, como se fosse fazer um bloqueio corporal num jogo de hóquei. Atacou de baixo para cima. A base de seu antebraço chocou-se com a mandíbula inferior do guarda. Alvarez foi levantado do chão e bateu contra a parede, antes de poder tentar qualquer coisa com o cassete. Com o impacto, Sean pôde ouvir um estalo nítido, como um graveto seco sendo partido. Ouviu também o homem arfar ao bater na parede, quando o ar saiu de seus pulmões. Quando se afastou, Alvarez caiu no chão, o corpo inerte.

— Ah, meu Deus! — gritou Janet. — Você o machucou.

— Nossa, que queixo! — disse Sean, enquanto esfregava a base do antebraço.

Janet passou por trás de Sean, chegando até Alvarez, que sangrava pela boca. Temia que ele estivesse morto, mas logo determinou que estava apenas inconsciente.

— Quando isso vai acabar? — gemeu. — Sean, acho que você quebrou o queixo desse homem, e ele mordeu a língua. Você o nocauteou.

— Vamos levá-lo até o prédio do hospital — sugeriu ele.

— Lá eles não têm serviço de traumatologia. Vamos ter que levá-lo ao Geral de Miami.

Sean revirou os olhos e suspirou. Olhou a caixa de papelão cheia de tubos e sondas. Precisava de algumas horas, talvez umas quatro, no laboratório. Olhou o relógio. Passava de uma da tarde.

— Sean! — ordenou Janet. — Vamos! São só três minutos. Podemos voltar logo. Não podemos deixá-lo assim.

Relutantemente, Sean colocou a caixa de papelão atrás da mesa do guarda e depois ajudou Janet a carregar Alvarez para fora. Levaram-no até o banco de trás do carro.

Sean compreendia a sensatez de levar Alvarez à emergência do Geral de Miami. Não fazia sentido deixar um sujeito inconsciente e sangrando sem atendimento. Se acontecesse o pior com Alvarez, Sean estaria com sérios problemas, do tipo que até mesmo seu inteligente irmão teria dificuldade de livrá-lo. Mas Sean não pretendia ser apanhado agora, só porque concordara com essa missão de piedade.

Mesmo sendo domingo, Sean contava com um centro de emergência agitado. Não se desapontou.

— Vai ser uma coisa rápida — avisou a Janet. — Entrar e sair rapidinho. Colocamos o sujeito na emergência e saímos. O pessoal de lá vai saber o que fazer.

Janet não concordava totalmente, mas achou melhor não discutir.

Sean deixou o motor ligado e em ponto morto enquanto lutavam para transportar o corpo ainda inerte de Alvarez.

— Pelo menos está respirando — disse ele.

Assim que entraram na emergência Sean encontrou uma maca vazia.

— Ponha-o aí — ordenou a Janet.

Com Alvarez colocado em segurança, Sean deu um leve empurrão na maca.

— Emergência com risco de vida! — gritou enquanto a maca deslizava pelo corredor. Em seguida, agarrou Janet pelo braço e disse: — Vamos embora.

Enquanto corriam para o carro, Janet disse: — Ele não corre risco de vida.

— Sei disso. Mas foi no que pensei para conseguir alguma ação. Você sabe como são os prontos-socorros. Alvarez pode ficar ali horas até alguém fazer alguma coisa.

Janet apenas deu de ombros. Sean estava certo. E, antes de terem saído, ela se sentiu aliviada ao ver um enfermeiro já interceptando a maca.

A caminho do Forbes, Sean e Janet não disseram qualquer palavra. Ambos estavam exaustos. Além disso, Janet sentia-se irritada com a violência explosiva de Sean; era mais um comportamento que ela não previra.

Enquanto isso, Sean tentava imaginar como garantir quatro horas de trabalho ininterrupto no laboratório. Depois do episódio infeliz com Alvarez e o fato de a polícia de Miami já estar procurando por ele, Sean sabia que teria que pensar em algo criativo para manter as hordas afastadas. De repente teve uma ideia. Era radical, mas, sem dúvida nenhuma, funcionaria. Seu plano trouxe-lhe um sorriso ao rosto, apesar do cansaço. Havia nele uma espécie de justiça poética que lhe agradava. Naquela altura se sentia justificado por usar medidas extremas. Quanto mais pensava em sua teoria atual sobre o que acontecia no Forbes Cancer Center, mais se convencia de que estava certo. Mas precisava de uma prova, e, para conseguir a prova, precisava de tempo no laboratório. Para conseguir esse tempo, precisava de alguma coisa drástica. Na verdade, quanto mais drástica melhor.

Quando viraram pela última vez, entrando no estacionamento do Forbes, Sean rompeu o silêncio:

— Na noite em que você chegou à Flórida, fui a uma festa na casa do dr. Mason. Um paciente de meduloblastoma doou dinheiro ao Forbes, muito dinheiro. O sujeito dirige uma fábrica de aviões em St. Louis.

Janet estava quieta.

— Louis Martin é executivo-chefe de uma fábrica de computadores ao norte de Boston — disse ele olhando para Janet enquanto estacionava.

Ela parecia confusa.

— Malcolm Betencourt dirige uma grande rede de hospitais particulares — prosseguiu Sean.

— E Helen Cabot era estudante universitária — disse Janet por fim.

Sean abriu a porta do carro, mas não saiu.

— Certo, Helen era estudante universitária. Mas também é verdade que o pai é fundador e executivo-chefe de uma das principais empresas de software do mundo.

— O que está tentando dizer?

— Só quero que você pense nisso — disse Sean, finalmente saindo do carro. — E, quando subirmos, quero que olhe os trinta e três prontuários que copiamos, pense em termos de demografia econômica e diga o que achou.

Sean ficou satisfeito ao ver que não havia outro guarda de serviço. Pegou a caixa de papelão atrás da mesa. Em seguida, passou com Janet por baixo da roleta e pegou o elevador para o quinto andar.

Primeiro verificou a geladeira para se certificar de que o cérebro de Helen e a amostra de líquido cefalorraquidiano não tinham sido mexidos. Então, pegou os prontuários no esconderijo e deu-os a Janet.

Olhou a bagunça na bancada, mas não tocou nela.

— Enquanto você verifica os prontuários — disse Sean casualmente —, vou dar uma saída. Volto logo, talvez dentro de uma hora.

— Aonde você vai? — perguntou Janet. Como sempre, Sean cheio de surpresas. — Achei que você precisava de tempo no laboratório. Por isso corremos para cá.

— E preciso. Mas temo ser interrompido por causa de Alvarez e do pessoal que tranquei na despensa em Key West. Eles já devem ter saído e estar prontos para atacar. Preciso fazer algumas coisas para manter os bárbaros a distância.

— O que quer dizer com algumas coisas? — perguntou Janet desanimada.

— Talvez seja melhor você não saber. Tive uma grande ideia que vai funcionar, mas é meio drástica. Acho que você não deve ser envolvida nisso.

— Não gosto nem um pouco disso.

— Se alguém aparecer enquanto eu estiver fora e perguntar por mim — disse Sean, ignorando as preocupações de Janet —, diga que não tem ideia de onde estou, o que é verdade.

— Quem pode aparecer?

— Espero que ninguém. Mas se alguém vier, provavelmente será Robert Harris, o sujeito que salvou o dia na praia. Se Alvarez ligar para alguém será ele.

— E se ele perguntar o que estou fazendo aqui?

— Diga a verdade. Diga que está examinando esses prontuários para tentar entender meu comportamento.

— Ah, por favor! — disse Janet, desdenhosa. — Não vou entender seu comportamento examinando esses prontuários. Isso é ridículo.

— Apenas leia e tenha em mente o que eu disse.

— Está falando da demografia econômica?

— Exatamente. Agora preciso sair daqui. Mas quero uma coisa emprestada. Posso pegar aquele frasco de Mace que você sempre carrega na bolsa?

— Não gosto disso nem um pouco — repetiu Janet, mas pegou o spray de pimenta e entregou-o a Sean. — Isso está me deixando muito nervosa.

— Não se preocupe. Preciso do Mace para o caso de dar de cara com o Batman.

— Dá um tempo! — Janet disse exasperada.



SEAN TINHA CONSCIÊNCIA de que seu tempo era limitado. Logo Alvarez estaria recuperando a consciência, caso isso já não tivesse acontecido. Sean sabia que o guarda passaria a alguém a mensagem de que não estava mais guardando o prédio de pesquisas do Forbes e que Sean Murphy estava de volta à cidade.

Usando o carro alugado, chegou ao cais, perto do auditório municipal. Estacionou o carro e foi até uma das marinas, onde alugou um Boston Whaler de dezesseis pés. Deixando o cais, saiu de barco pela Baía Biscayne, rodeando o porto de Dodge Island. Como era Uma tarde de domingo, vários navios de cruzeiro estavam alinhados no porto, com pessoas embarcando para aventuras no Caribe. Também havia uma horda de barcos de recreio, desde jet skis até enormes iates Oceânicos.

Atravessar o trecho de mar foi perigoso, por causa da agitação causada pelo vento e pelo tráfego marítimo, mas Sean chegou em segurança até a ponte que ligava a MacArthur Causeway a Miami Beach. Passando sob a ponte, viu seu objetivo à esquerda: a ilha Star.

Foi fácil achar a casa dos Mason, já que o enorme iate branco, Lady Luck, estava ancorado no píer em frente. Sean encostou seu Boston Whaler atrás do iate, junto a um cais flutuante que estava conectado ao píer por uma escada de navio. Como esperava, Batman, o doberman dos Mason, estava no alto da escada, rosnando e mostrando os formidáveis dentes.

Sean subiu a escada, dizendo e repetindo "cachorro bonzinho".

Batman curvou-se o máximo possível sobre o píer e respondeu aos agrados de Sean repuxando o lábio superior num rugido de ameaça. O volume do rugido crescia, enquanto ele mostrava mais dentes.

Chegando a trinta centímetros do nariz do cão, Sean deu um jato do Mace de Janet, que mandou o bicho uivando para seu canil ao lado da garagem.

Confiando em que só houvesse um cachorro, Sean chegou até o píer e examinou as redondezas. O que tinha de fazer precisava ser rápido, antes que pudesse ser dado qualquer telefonema. As portas corrediças que ligavam a sala de estar à piscina estavam abertas. Um som de ópera vinha do interior.

De onde se encontrava, Sean não podia ver ninguém. Num dia lindo daqueles, esperava que Sarah Mason estivesse se bronzeando numa das espreguiçadeiras da piscina. Sean viu uma toalha, loção de bronzear e parte do jornal de domingo, mas nada de Sarah.

Movendo-se rápido, rodeou a piscina e aproximou-se da porta corrediça. Portas de tela obscureciam a visão de dentro. Quanto mais perto da casa, mais alta a música ficava.

Sean experimentou a porta de tela. Estava destrancada.

Silenciosamente, fez com que ela deslizasse. Entrando na sala, tentou ouvir sons de pessoas acima do súbito crescendo da ópera.

Avançou até o aparelho de som e examinou o conjunto brilhante de mostradores. Encontrando o botão power, desligou o sistema,

lançando a sala em relativo silêncio. Esperava que o corte da ária da *Aída* teria o efeito de atrair alguém. Teve.

Quase imediatamente o dr. Mason apareceu à porta de seu gabinete, olhando para o aparelho de som com expressão curiosa. Deu alguns passos para dentro da sala antes de ver Sean. Parou, obviamente perplexo.

— Boa tarde, dr. Mason — disse Sean, aparentando mais jovialidade do que sentia. — A senhora Mason está?

— Em nome de Deus, o que significa essa...? — vociferou o dr. Mason. Parecia não encontrar as palavras certas.

— Intrusão? — sugeriu Sean.

Sarah Mason surgiu, aparentemente também espantada com o súbito silêncio. Estava vestida, se é que a palavra serve, com um biquíni preto brilhante. A roupa exígua mal cobria suas carnes fartas. Sobre o biquíni, usava uma blusa diáfana com botões de cristal, mas era tão transparente que mal servia para dar uma aparência mais decorosa.

Completando a imagem, tinha chinelos de salto alto, abertos no calcanhar, decorados com um tufo de penugens sobre cada peito do pé..

— Vim convidar vocês dois para irem ao laboratório — disse Sean em tom casual. — Sugiro que tragam alguma coisa para ler. Pode ser uma tarde longa.

O dr. e a sra. Mason trocaram olhares.

— O problema é que não tenho muito tempo — acrescentou Sean. — Vamos andando. Podemos usar seu carro, já que vim de barco.

— Vou ligar para a polícia — anunciou o dr. Mason, começando a voltar para o seu gabinete.

— Não creio que isso faça parte do plano — disse Sean. Pegou o revólver de Tom e segurou-o no alto, para que o casal Mason pudesse vê-lo claramente.

A sra. Mason sufocou um grito. O dr. Mason ficou rígido.

— Vim esperando que um simples convite bastasse — disse Sean.
— Mas tenho este revólver, para o caso de ser necessário.

— Acho que está cometendo um grande equívoco, garoto — disse o dr. Mason.

— Com todo respeito — disse Sean —, se minhas suspeitas estão corretas, o senhor é que cometeu grandes equívocos.

— Você não vai se livrar disso — alertou o dr. Mason.

— E não pretendo.

— Faça alguma coisa! — ordenou a sra. Mason ao marido.

Lágrimas se haviam formado nos cantos de seus olhos, ameaçando o rímel.

— Quero todo mundo calmo — disse Sean. — Ninguém vai se machucar. Agora, se pudermos ir até o carro... — fez um gesto com o revólver.

— Você precisa saber que estamos esperando visita — disse o dr. Mason. — Na verdade, estamos esperando seu...

— Isso só significa que temos que sair mais depressa — interrompeu Sean, e em seguida gritou: — Mexam-se! — Com o revólver na mão, fez um gesto em direção ao hall.

Relutantemente, o dr. Mason passou um braço protetor pelo ombro da esposa e andou até a porta da frente. Sean abriu-a para eles. A sra. Mason soluçava, dizendo que não podia ir vestida daquele jeito.

— Fora! — gritou Sean, com óbvia impaciência.

Estavam a meio caminho para o carro do dr. Mason quando outro veículo parou junto ao meio-fio.

Consternado com a interrupção, Sean colocou o revólver no bolso. Estava pensando que precisaria acrescentar o visitante ao casal de reféns. Quando viu quem era, teve que piscar várias vezes: era seu irmão Brian.

— Sean! — gritou Brian no momento em que o reconheceu. Correu pelo gramado, o rosto refletindo surpresa e prazer. — Estou procurando você há vinte e quatro horas! Onde esteve?

— Andei ligando para sua casa — disse Sean. — O que você está fazendo em Miami?

— Foi bom ter chegado, Brian — exclamou o dr. Mason. — Seu irmão estava nos sequestrando.

— Ele tem um revólver! — avisou a sra. Mason entre soluços.

Brian olhou incrédulo para o irmão.

— Revólver? — ecoou incrédulo. — Que revólver?

— Está no bolso dele — disse o dr. Mason ríspidamente.

Brian encarou Sean.

— É verdade?

Sean deu de ombros.

— Foi um fim de semana doido.

— Me dá o revólver — disse Brian, estendendo a mão.

— Não.

— Me dá esse revólver — repetiu Brian, dessa vez com mais firmeza.

— Brian, há mais coisa envolvida nisso do que parece. Por favor, não interfira agora. Obviamente vou precisar de seus talentos legais mais tarde, de modo que não vá embora. Simplesmente fique frio durante algumas horas.

Brian deu outro passo mais para perto de Sean, chegando à distância de um braço.

— Me dá o revólver — repetiu. — Não vou deixar você cometer esse tipo de crime. Sequestro com arma é um delito sério. Dá prisão.

— Entendo que você tenha boa intenção — disse Sean. — Sei que é mais velho, e que é advogado. Mas não posso explicar tudo agora. Confie em mim!

Brian chegou perto e enfiou a mão no casaco de Sean, procurando o volume revelador. Seus dedos envolveram o revólver.

Sean agarrou o punho de Brian num aperto de aço.

— Você é mais velho — disse Sean —, mas eu sou mais forte. Já passamos por isso antes.

— Não vou deixar você fazer isso! Largue o revólver. Não vou deixar você jogar sua vida fora!

— Não me obrigue a fazer isso — alertou Sean.

Brian tentou soltar o braço do aperto de Sean, enquanto continuava a segurar o revólver.

Sean reagiu dando um *uppercut* de esquerda na boca do estômago de Brian. Com velocidade de relâmpago, deu-lhe um *jab* no nariz. Brian caiu como um saco de batatas, enrolando-se numa bola enquanto tentava respirar. Um fio de sangue descia de seu nariz.

— Desculpe — disse Sean.

O dr. e a sra. Mason, que observavam tudo, correram para a garagem. Sean disparou atrás deles, agarrando primeiro a sra. Mason. O dr. Mason, que estava segurando o outro braço da esposa, também foi puxado.

Tendo acabado de bater no irmão, Sean não estava com humor para mais discussões.

— Para dentro do carro — grunhiu. — Dr. Mason, o senhor dirige.

Obediente, o dr. Mason fez o que lhe foi mandado. Sean entrou no banco de trás.

— Para o laboratório — disse.

Enquanto saíam pelo acesso de carros, Sean vislumbrou Brian, que conseguira se sentar. O rosto de Brian refletia um misto de confusão, dor e raiva.



— JÁ NÃO ERA SEM TEMPO — disse Kurt Wanamaker, ríspido, quando, com Sterling e Wayne, saiu da despensa. Estavam pingando suor.

Apesar do ar-condicionado do laboratório principal, a temperatura na despensa sem ventilação era insuportável.

— Acabei de ouvir vocês — explicou o técnico.

— Nós estamos gritando desde o meio-dia — reclamou Kurt.

— É difícil ouvir lá de baixo. Especialmente com todo o equipamento funcionando. Além disso, nós nunca subimos aqui.

— Não entendo como você pode não ter ouvido — disse Kurt.

Sterling foi direto a um telefone e discou o número particular do dr. Mason. Quando o médico não atendeu, Sterling xingou, imaginando-o numa relaxante tarde de domingo num clube esportivo.

Colocando o fone no gancho, avaliou o que deveria fazer em seguida. Com rapidez decidida, reuniu-se a Kurt e Wayne e disse que gostaria de voltar para o aeroporto.

Enquanto desciam a escada, Wayne rompeu o silêncio tenso: — Eu nunca imaginaria que Sean Murphy andava com um revólver.

— Foi uma legítima surpresa — concordou Sterling. — Acho que e mais uma evidência de que Sean Murphy é um indivíduo muito mais complexo do que imaginamos.

Quando chegaram à frente do prédio, Kurt Wanamaker entrou em pânico.

— Meu carro sumiu!

— Sem dúvida, com os cumprimentos do sr. Murphy — disse Sterling. — Ele parece estar gozando com a nossa cara.

— Como será que Murphy e a garota vieram do centro da cidade? — perguntou Wayne.

— Há uma motocicleta nos fundos que não pertence a ninguém que trabalha aqui — disse o técnico.

— Acho que isso responde — disse Sterling. — Ligue para a polícia e dê detalhes sobre o carro desaparecido. Podemos presumir que saiu da ilha. Talvez a polícia possa alcançá-lo.

— E um carro novo! — gemeu Kurt. — Comprei-o há três semanas.

Que droga! Sterling segurou a língua. Sentia apenas desprezo por aquele careca nervoso e chato com quem passara mais de cinco desconfortáveis horas socado numa despensa minúscula.

— Talvez você possa pedir a um dos técnicos para nos dar uma carona até o aeroporto — disse, consolando-se com a esperança de que era a última coisa que teria de falar com o sujeito.

12

7 de março
Domingo, 2h30 da tarde

Assim que o dr. Mason entrou no estacionamento do Forbes, Sean tentou enxergar o saguão do prédio de pesquisas, para ver se alguma coisa havia mudado desde que ele saíra. Com a luz do sol refletindo-se em todas as janelas, ficava impossível ver lá dentro. Não poderia dizer se havia outro guarda de serviço.

Somente depois de estacionarem, e de Sean entrar no prédio mantendo o casal Mason à sua frente, é que viu que outro guarda se encontrava no lugar do primeiro. No crachá do homem estava escrito "Sanchez".

— Diga quem é e peça a chave-mestra dele — sussurrou Sean enquanto o trio chegava junto à roleta.

— Ele sabe quem eu sou — disse o dr. Mason ríspido.

— Diga que não quer mais ninguém no prédio até descermos. — Sean sabia que essa ordem seria ignorada com o correr da tarde, mas pensou que valia a pena tentar.

O dr. Mason fez o que foi mandado. Passou a Sean o grande chaveiro assim que Sanchez o entregou. O guarda olhou-os estranhamente enquanto atravessavam a roleta. Louras peitudas

usando biquínis pretos e sandálias de salto alto com penugem não eram exatamente comuns no prédio de pesquisas do Forbes.

— Seu irmão estava certo — disse o dr. Mason quando Sean trancou as portas de entrada depois da roleta. — É um delito sério. Você vai para a prisão. Não vai se livrar disso.

— Eu já disse, não pretendo me livrar disso.

Sean trancou a porta que dava para a escada. No segundo andar, trancou as portas anti-incêndio que levavam à passarela do hospital.

Assim que chegaram ao quinto andar, trancou o elevador, e em seguida chamou o outro. Quando ele chegou, trancou-o também.

Acompanhando os Mason para dentro do laboratório, Sean acenou para Janet. Ela estava dentro do escritório envidraçado lendo os prontuários. Saiu e olhou com curiosidade para os Mason. Sean apresentou-os apressadamente e em seguida colocou o casal dentro do escritório envidraçado, dizendo para ficarem quietos. Fechou então a porta.

— O que eles estão fazendo aqui? — perguntou Janet preocupada. — E por que a sra. Mason está usando roupa de banho? Parece que ela andou chorando.

— Ela é meio histérica — explicou Sean. — Não houve tempo para trocar de roupa. Trouxe-os aqui para impedir que outras pessoas nos perturbem. Além disso, assim que eu fizer o que estou pretendendo, o dr. Mason será a primeira pessoa com quem vou querer falar.

— Você os forçou a virem aqui? — perguntou Janet. Mesmo depois de tudo que Sean fizera, isso ultrapassara os limites.

— Eles teriam preferido ouvir o resto da *Aída* — admitiu Sean. Em seguida começou a limpar a área de trabalho na bancada, principalmente sob a coifa de um dos exaustores.

— Você usou aquele revólver? — perguntou Janet, não querendo ouvir a resposta.

— Tive que mostrar a eles — admitiu Sean.

— Deus nos ajude! — exclamou ela, olhando para o teto e balançando a cabeça.

Sean pegou vidros limpos, inclusive um grande frasco de erlenmeyer. Empurrou para longe um pouco do entulho junto à pia, para abrir espaço.

Janet segurou o braço dele.

— Isso já foi longe demais. Você sequestrou os Mason! Entende isso?

— Claro. O que você acha, que sou maluco?

— Não me faça responder.

— Alguém apareceu enquanto eu estive fora?

— Sim. Robert Harris apareceu, como você pensou.

— E...? — perguntou Sean levantando os olhos do que estava fazendo.

— Eu disse o que você mandou. Ele queria saber se você tinha voltado para a residência. Eu disse que não sabia. Acho que ele foi lá procurar você.

— Perfeito. É dele que tenho mais medo. É um sujeito muito estourado. Tudo tem que estar pronto quando ele chegar.

Sean voltou ao trabalho.

Janet não sabia o que fazer. Observou Sean alguns minutos enquanto ele misturava reagentes no grande frasco de erlenmeyer, criando um líquido oleoso e incolor.

— O que você está fazendo, exatamente?

— Uma dose grande de nitroglicerina. E um banho de gelo para ela assentar e esfriar.

— Está brincando — disse Janet com uma nova preocupação. Era difícil manter-se no passo de Sean.

— Certo — disse Sean baixando a voz. — É puro teatro. Na verdade, é para o dr. Mason e sua linda cômpute. Como médico, ele sabe química o suficiente para tornar isso crível.

— Sean, você está agindo de modo muito esquisito.

— Eu sou meio maníaco. A propósito, o que achou dos prontuários?

— Acho que você estava certo — disse Janet. — Nem todos os prontuários faziam referência à situação econômica, mas os que faziam indicavam que os pacientes eram executivos-chefes ou parentes de executivos-chefes.

— E todos entre as quinhentas maiores empresas da *Fortune*, imagino. O que isso a faz pensar?

— Estou exausta demais para tirar conclusões — disse Janet. — Mas suponho que seja uma coincidência estranha.

Sean gargalhou.

— Qual você acha que seria a probabilidade estatística de isso acontecer por acaso?

— Não sei o suficiente de estatística para responder.

Sean levantou o frasco e fez girar a solução que ele continha.

— Está bem parecido — disse. — Esperemos que o velho dr. Mason se lembre o suficiente de sua química inorgânica para ficar impressionado.

Janet observou Sean levando o frasco para a área envidraçada.

Imaginou se ele estaria perdendo contato com a realidade. Sem dúvida, Sean fora levado a atos cada vez mais desesperados, mas sequestrar os Mason com um revólver era um salto quântico de deixar qualquer um tonto. As consequências legais desse ato seriam severas.

Janet não sabia muito sobre leis, mas tinha consciência de que estava até certo ponto implicada naquilo. Duvidava de que a teoria da coerção, proposta por Sean, a deixasse livre. Só gostaria de saber o que fazer.

Observou enquanto Sean apresentava a nitroglicerina falsa para os Mason. Julgando pela impressão que causou no dr. Mason, deduziu que o diretor do Forbes lembrara-se o bastante de seus estudos de química inorgânica para tornar a apresentação plausível.

Os olhos do dr. Mason se arregalaram. A sra. Mason pôs uma das mãos na boca. Quando Sean sacudiu o frasco, os dois deram um passo para trás, apavorados. Em seguida, Sean pôs o frasco no banho de gelo que ele colocara sobre a mesa, recolheu os prontuários que Janet deixara lá e saiu para o laboratório. Jogou os prontuários sobre um banco.

— O que os Mason disseram? — perguntou Janet.

— Ficaram bem impressionados. Especialmente quando eu disse que o ponto de congelamento é a apenas treze graus centígrados, e que a coisa é baem instável em estado sólido. Disse para terem cuidado, porque bater na mesa pode fazer com que o negócio detone.

— Acho que devíamos parar com isso tudo — disse Janet. — Você está indo longe demais.

— Peço licença para discordar — disse Sean. — Além disso, sou eu que estou fazendo isso, e não você.

— Estou envolvida. Só o fato de estar aqui provavelmente me torna cúmplice.

— Quando tudo tiver sido dito e feito, Brian vai dar um jeito. Confie em mim.

A atenção de Janet foi atraída pelo casal na área envidraçada.

— Você não devia ter deixado os Mason a sós. O dr. Mason está dando um telefonema.

— Bem — disse Sean. — Eu esperava que ele ligasse para alguém. Na verdade, espero que chame a polícia. Quero um circo armado aqui.

Janet olhou para Sean. Pela primeira vez, pensou que ele podia estar tendo um surto psicótico.

— Sean — disse ela gentilmente. — Tenho a sensação de que você está descompensado. Talvez tenha sofrido pressões demais.

— Sério — disse Sean. — Eu quero uma atmosfera de carnaval. Vai ser muito mais seguro. A última coisa que desejo é que algum

comando frustrado como Robert Harris venha se arrastando pelos dutos de ar, com uma faca na boca e tentando bancar o herói. Nesses casos é que as pessoas acabam se machucando. Quero a polícia e o corpo de bombeiros lá fora coçando a cabeça, mas mantendo os pretensos paladinos a distância. Quero que eles achem por algumas horas que estou doido.

— Não compreendo você.

— Vai compreender. Enquanto isso, tenho trabalho para você. Você disse que sabe alguma coisa de computadores. Vá até a administração, no sétimo andar. — Entregou-lhe o molho de chaves mestras. — Vá até aquela sala de vidro que vimos quando copiamos os prontuários, onde o computador estava rodando aquele programa, piscando os números de nove dígitos. Acho que são números do seguro social. E os números dos telefones. Acho que eram números das seguradoras de saúde. Veja se consegue confirmar isso. Depois tente penetrar no mainframe do Forbes. Quero que procure os arquivos das viagens de pessoas da clínica, especialmente Deborah Levy e Margaret Richmond.

— Dá para dizer por que estou fazendo isso? — perguntou Janet.

— Não. É como um teste duplo-cego. Quero que você seja objetiva.

A obsessão de Sean era estranhamente irresistível e persuasiva.

Janet pegou as chaves e foi até a escada. Sean fez um sinal com o polegar para cima, como despedida. Qualquer que fosse a solução daquela travessura doida e irresponsável, ela saberia dentro de quatro ou cinco horas.

Antes de voltar ao trabalho, Sean pegou um telefone e ligou para o número de Brian, em Boston, deixando um recado. Primeiro desculpou-se por ter batido nele. Em seguida, disse que, em caso de algo dar terrivelmente errado, queria dizer o que acreditava estar acontecendo no Forbes Cancer Center. Isso lhe custou cerca de cinco minutos.



O TENENTE HECTOR Salazar, do Departamento de Polícia de Miami, normalmente usava as manhãs de domingo para acabar com o trabalho burocrático gerado pelas tipicamente agitadas noites de Sábado em Miami.

Em geral os domingos eram calmos. Os acidentes de carro, dos quais a patrulha uniformizada e seus sargentos podiam dar conta, representavam a maior parte do trabalho do dia. No final das tardes de domingo, depois de terminados os jogos de futebol, a violência doméstica costumava explodir. Algumas vezes isso podia envolver o comandante de plantão, de modo que Hector queria fazer o máximo de trabalho possível antes de o telefone começar a tocar. Sabendo que o jogo dos Miami Dolphins ainda estava acontecendo, Hector atendeu o telefone às três e quinze sentindo-se despreocupado. A chamada vinha de uma linha externa, através da sala de queixas.

— Aqui é o sargento Anderson — disse a voz. — Estou no prédio do Forbes Cancer Center. Temos um problema.

— O que é? — A cadeira de Hector rangeu quando ele se recostou.

— Tem um cara metido no prédio de pesquisas, aqui ao lado, com dois, talvez três reféns. Está armado. Além disso, tem uma espécie de bomba.

— Deus do céu! — disse Hector enquanto a cadeira tombava para a frente com um ruído surdo. Pela sua experiência, sabia a papelada que esse tipo de cena poderia gerar. — Há mais alguém no prédio?

— Achamos que não — disse Anderson. — Pelo menos de acordo com o guarda. Para deixar as coisas piores, os reféns são VIPs. É o diretor do centro, dr. Randolph Mason, e sua esposa, Sarah Mason.

— Você resguardou a área? — perguntou Hector. Sua mente já estava saltando adiante. Essa operação seria uma batata quente. O dr. Randolph Mason era bem conhecido em Miami.

— Estamos fazendo isso agora. Estamos colocando fita amarela em volta de todo o prédio.

— Já apareceu alguém da imprensa? — perguntou Hector. Algumas vezes a imprensa chegava a uma cena de crime antes do pessoal de apoio da polícia. A imprensa costumava monitorar as faixas de rádio da polícia.

— Ainda não — disse Anderson. — Por isso estou usando essa linha telefônica. Mas esperamos uma tempestade deles a qualquer minuto. O nome do sequestrador é Sean Murphy. É um estudante de medicina que trabalha na clínica. Está com uma enfermeira chamada Janet Reardon. Não sabemos se ela é cúmplice ou refém.

— O que você quis dizer com "uma espécie de bomba"?

— Ele preparou uma garrafa de nitroglicerina. Ela está no gelo, numa mesa dentro da sala, junto com os reféns. Assim que ela congelar, uma batida na porta pode fazer tudo explodir. Pelo menos foi isso que o dr. Mason disse.

— Você falou *com* os reféns? — perguntou Hector.

— Falei. O dr. Mason disse que está com a esposa num escritório envidraçado, junto com a nitroglicerina. Estão aterrorizados, mas até agora não sofreram nada, e têm um telefone. Dizem que podem ver o sujeito. Mas a garota sumiu. Não sabem para onde ela foi.

— O que Murphy está fazendo? Já fez alguma exigência?

— Ainda não — disse Anderson. — Aparentemente está ocupado com algum tipo de experiência.

— O que você quer dizer com experiência?

— Não faço a menor ideia. Só estou repetindo o que o dr. Mason disse. Aparentemente, Murphy ficou chateado porque não recebeu permissão para trabalhar num projeto específico. Talvez esteja trabalhando nele. De qualquer modo, está armado. O dr. Mason

disse que ele lhes apontou o revólver na cara quando entrou na casa deles.

— Que tipo de revólver?

— Parece um 38, pela descrição do dr. Mason.

— Certifique-se de que o prédio esteja seguro — disse Hector. — Não quero ninguém entrando nele. Certo?

— Certo.

Depois de dizer a Anderson que estaria na área em alguns minutos, Hector fez três ligações. Primeiro para a equipe especializada em negociações de sequestros, e falou com o chefe, Ronald Hunt. Em seguida, ligou para o comandante de plantão da SWAT, George.

Finalmente telefonou para Phil Darell, chefe do esquadrão de bombas. Disse aos três para reunir suas equipes para um encontro imediato no Forbes Cancer Center.

Hector levantou seus cem quilos da cadeira. Era um sujeito atarracado que fora todo músculos aos vinte anos. No início dos trinta, boa parte daqueles músculos virou banha. Usando as mãos curtas, que mais pareciam pás, colocou no cinto a parafernália policial que tirara ao sentar-se. Estava colocando o colete Kevlar quando o telefone tocou de novo. Era o chefe de polícia, Mark Witman.

— Soube que está havendo um sequestro — disse o chefe Witman.

— Sim, senhor — gaguejou Hector. — Acabaram de ligar para mim. Estamos mobilizando o pessoal necessário.

— Você se sente à vontade para lidar com isso?

— Sim, senhor.

— Tem certeza de que não quer um capitão para comandar a festa? — perguntou Witman.

— Acho que não haverá problema, senhor.

- Certo. Mas devo dizer que já recebi uma ligação do prefeito. É uma situação politicamente delicada.
- Não vou esquecer, senhor.
- Quero essa situação resolvida dentro das regras.
- Sim, senhor — disse Hector.



SEAN ATACOU O TRABALHO com determinação. Sabendo que seu tempo era limitado, tentou trabalhar com eficiência, planejando cada passo. A primeira coisa que fez foi subir ao sexto andar, para checar o analisador automático de peptídeos que ele pusera para funcionar no sábado, para sequenciar os aminoácidos. Pensou que havia uma boa chance de que tivessem sido mexido em seu trabalho, já que Deborah Levy aparecera para dar o sermão logo depois que ele começara. Mas a máquina não fora tocada, e sua amostra ainda estava dentro dela. Tirou o papel da impressora.

A tarefa seguinte foi levar dois núcleos térmicos do sexto para o quinto andar. Seriam seus burros de carga durante toda a tarde. Era nos núcleos térmicos que ocorriam reações em cadeia de polimerase.

Depois de verificar rapidamente como estavam os Mason, que pareciam passar a maior parte do tempo discutindo de quem era a culpa por terem sido sequestrados, Sean começou o trabalho de verdade.

Primeiro examinou a tira impressa pelo analisador de peptídeos.

Os resultados eram dramáticos. As sequências de aminoácidos nas áreas de ligação dos antígenos do remédio de Helen Cabot eram idênticas às do medicamento de Louis Martin. As imunoglobulinas eram as mesmas, o que significava que todos os pacientes de meduloblastoma estavam sendo tratados, pelo menos inicialmente,

com o mesmo anticorpo. A informação era coerente com a teoria de Sean, de modo que isso aumentou sua excitação.

Em seguida, Sean pegou na geladeira o cérebro de Helen e a seringa que continha seu líquido cerebrospinal. Tirou uma amostra de tumor do cérebro e em seguida colocou o órgão de volta na geladeira.

Depois de cortá-la em pequenos pedaços, Sean pôs a amostra do tumor num frasco com as enzimas apropriadas, para criar uma suspensão das células cancerosas. Colocou o frasco na estufa.

Enquanto as enzimas atuavam na amostra de tumor, Sean começou a encher algumas das noventa e cinco concavidades do primeiro núcleo térmico com pequenas quantidades do líquido cerebrospinal de Helen. Em cada concavidade, acrescentou uma enzima chamada transcriptase reversa, para transformar qualquer RNA viral em DNA. Em seguida, colocou os pares de tubos para o vírus da encefalite de St. Louis na mesma concavidade.

Por fim, acrescentou os reagentes para manter a PCR. Entre esses reagentes, havia uma enzima estável ao calor, chamada Ta.

Voltando à suspensão de células do câncer de Helen, Sean usou um detergente chamado NP-40 para abrir as células e suas membranas nucleares. Depois, através de complicadas técnicas de separação, isolou as nucleoproteínas das células do resto do entulho celular. Numa etapa final, separou o DNA do RNA.

Colocou amostras do DNA nas concavidades que sobraram no primeiro núcleo térmico. Nas mesmas concavidades acrescentou cuidadosamente os pares de tubos para oncógenes, um par em cada concavidade. Colocou então em cada concavidade uma quantidade adequada de reagentes para a PCR.

Com o primeiro núcleo térmico totalmente cheio, Sean ligou-o.

Virando-se para o segundo núcleo térmico, colocou amostras do RNA das células do tumor de Helen em cada concavidade. Nessa segunda passada, planejava procurar um RNA mensageiro feito a

partir de oncógenes. Para isso, tinha de acrescentar em cada concavidade pequenas quantidades de transcriptase reversa, a mesma enzima que ele colocara nas amostras do líquido cerebrospinal. Enquanto estava no processo tedioso de adicionar os pares de tubos de oncógenes, um par em cada concavidade, o telefone tocou.

A princípio ignorou-o, presumindo que o dr. Mason atenderia.

Quando ele não o fez, o ruído contínuo começou a dar nos nervos de Sean.

Deixando a pipeta que estivera usando, foi até o escritório envidraçado.

A sra. Mason estava sentada carrancuda numa cadeira encostada num canto.

Aparentemente se cansara de chorar, e estava fungando num lenço. O dr. Mason olhava nervosamente o frasco no banho de gelo, com medo de que a campainha do telefone provocasse algum distúrbio.

Sean empurrou a porta.

— Dá para atender o telefone? — disse, irritado. — A quem quer que seja, diga que a nitroglicerina está em vias de congelar.

Puxou a porta com força. Quando ela se chocou contra o batente, Sean pôde ver o dr. Mason se encolher, mas o médico obedientemente pegou o fone. Sean voltou à bancada e ao trabalho com a pipeta. Só tinha enchido uma concavidade quando sua concentração foi rompida outra vez.

— É um tal tenente Hector Salazar, do Departamento de Polícia de Miami — disse o dr. Mason. — Ele quer falar com você.

Sean olhou para o escritório, cuja porta o dr. Mason mantinha aberta com o pé. Estava segurando o fone com uma das mãos e o aparelho com a outra. O fio serpenteava pelo escritório.

— Diga que não haverá problema se ele esperar mais algumas horas.

O dr. Mason falou ao telefone alguns instantes, e em seguida gritou:

— Ele insiste em falar com você.

Sean revirou os olhos. Recolocou a pipeta na bancada, foi até a extensão na parede e apertou o botão que piscava.

— Estou muito ocupado agora — disse, sem qualquer preâmbulo.

— Calma — disse Hector em tom apaziguador. — Sei que você está chateado, mas tudo vai dar certo. Há uma pessoa aqui que quer falar com você. Seu nome é sargento Hunt. Queremos ser razoáveis com relação a isso tudo. Tenho certeza de que você também quer.

Sean tentou protestar, dizendo que não tinha tempo para conversas, quando a voz rouca do sargento Hunt entrou na linha.

— Agora quero que você fique calmo — disse o sargento Hunt.

— Isso é meio difícil. Tenho muita coisa para fazer em pouco tempo.

— Ninguém vai se machucar. Gostaríamos que você descesse aqui para podermos conversar.

— Sinto muito — disse Sean.

— Ouvi dizer que você está com raiva por não ter podido trabalhar num determinado projeto. Vamos conversar sobre isso. Compreendo como pode ser desagradável. Você pode querer se virar contra as pessoas que acha responsáveis. Mas também devemos falar sobre o fato de que prender pessoas contra a vontade é um crime sério.

Sean sorriu ao perceber que a polícia presumira que ele sequestrara os Mason por ter sido mantido fora do protocolo de meduloblastoma. De certo modo, não estavam longe da verdade.

— Agradeço sua preocupação e sua presença — disse Sean. — Mas não tenho tempo para conversar. Preciso voltar ao trabalho.

— Apenas diga o que quer.

— Tempo. Só quero um pouquinho de tempo. Duas ou três horas, talvez quatro, no máximo.

Desligou. Voltando à bancada, levantou a pipeta e recomeçou a trabalhar.



RONALD HUNT ERA um sujeito ruivo com quase dois metros de altura. Aos trinta e sete anos, já estava na força policial há quinze, desde que se formara na faculdade. Fizera especialização em aplicação da lei, mas também estudara cadeiras de psicologia. Na tentativa de combinar a psicologia ao trabalho policial, aproveitara a chance de entrar para a Equipe de Negociação de Sequestros assim que surgiu uma vaga. Apesar de não ter de usar sua habilidade com a frequência que desejaria, gostava do desafio quando precisava fazê-lo. Até se sentira estimulado a fazer mais cursos de psicologia à noite na Universidade de Miami.

O sargento Hunt tivera sucesso em todas as suas operações anteriores, e desenvolvera confiança na própria capacidade. Depois da solução bem-sucedida do último episódio, que envolvera um empregado descontente de uma fábrica de refrigerantes que tomara três colegas como reféns, Ronald recebeu uma menção honrosa da força policial. De modo que, quando Sean desligou, foi um golpe em seu ego.

- O filho da mãe desligou na minha cara! — disse, indignado.
- O que ele disse que queria? — perguntou Hector.
- Tempo. Disse que precisava voltar ao trabalho. Deve estar trabalhando no projeto do qual foi proibido de participar.
- Que tipo de projeto é? — perguntou Hector.

— Não sei — disse Ron, e em seguida apertou o botão de rediscagem do telefone portátil. — Não posso negociar, a não ser que conversemos.

O tenente Hector Salazar e o sargento Ronald Hunt estavam atrás de três carros azuis e brancos da polícia de Miami, parados no estacionamento do prédio de pesquisas do Forbes. Os carros haviam sido estacionados na forma de um U virado para o lado oposto ao prédio. No centro desse U, os policiais tinham estabelecido um minicentro de comando, com dois telefones e um rádio numa mesa dobrável.

A presença da polícia na área crescera consideravelmente. A princípio havia apenas quatro policiais: os dois patrulheiros uniformizados que tinham respondido ao telefonema, mais o sargento e seu parceiro. Agora havia uma pequena multidão. Além de dezenas de policiais uniformizados, inclusive Hector, havia os dois negociadores, um esquadrão de bombas composto por cinco pessoas e uma equipe de dez policiais da SWAT vestidos em uniformes pretos de assalto. A equipe da SWAT estava um pouco afastada, e se aquecia dando saltos de polichinelo.

Além da polícia, o Forbes estava representado pela dra. Deborah Levy, por Margaret Richmond e Robert Harris. Eles tinham recebido permissão de ficar perto do posto de comando, mas os policiais pediram que não interferissem. Uma pequena multidão, que incluía a imprensa local, se reunira do outro Lado da fita amarela de isolamento. Vários furgões de TV estavam estacionados o mais perto possível, com suas antenas estendidas. Repórteres com microfones na mão e equipes de câmera nos calcanhares examinavam a multidão para entrevistar qualquer pessoa que parecesse ter alguma informação sobre o drama que ocorria lá dentro.

Enquanto a multidão de espectadores crescia, a polícia tentava fazer seu trabalho.

— O dr. Mason diz que Murphy se recusa terminantemente a voltar ao telefone — disse Ron, sentindo-se claramente ofendido.

— Continue tentando — aconselhou Hector. Virando-se para o sargento Anderson, disse: — Imagino que todas as entradas e saídas estejam vigiadas.

— Todas — garantiu Anderson. — Ninguém vai entrar ou sair sem que a gente saiba. Além disso, temos atiradores de elite na cobertura do hospital.

— E a passarela de pedestre ligando os dois prédios?

— Temos um homem na passarela, do lado do hospital. Não vai haver nenhuma surpresa nessa operação.

Hector fez um gesto, chamando Phil Darell.

— Qual é a história da bomba? — perguntou.

— É um negócio pouco ortodoxo. Conversei com o doutor. É um frasco de nitroglicerina. Ele avalia que haja cerca de duzentos ou trezentos mililitros. Está colocado num banho de gelo.

Aparentemente, Murphy chega de vez em quando e coloca mais gelo no banho. Cada vez que faz isso, aterroriza o doutor.

— E isso é um problema?

— É, é um problema — disse Phil. — Especialmente depois de solidificar.

— Uma porta batendo poderia detoná-la?

— Provavelmente não — respondeu Phil. — Mas uma sacudida sim. Uma queda no chão certamente a detonaria.

— Mas você pode lidar com isso?

— Claro — disse Phil.

Em seguida Hector acenou para Deborah Levy.

— Creio que a senhora dirige as pesquisas aqui.

A dra. Levy assentiu.

— O que acha que o garoto está fazendo? Ele disse ao nosso negociador que queria tempo para trabalhar.

— Trabalhar! —, disse a dra. Levy com desprezo. — Ele provavelmente já está sabotando nossa pesquisa. Ele ficou bravo porque não permitimos que trabalhasse em um de nossos protocolos. Ele não tem respeito por ninguém ou nada. Francamente, achei-o perturbado desde o primeiro momento em que o conheci.

— Ele pode estar trabalhando nesse protocolo agora? —, perguntou Hector.

— Absolutamente não —, disse ela. — Esse protocolo já passou a ensaios clínicos.

— Então você acha que ele está lá causando problemas... — disse Hector.

— Eu *sei* que ele está causando problemas —, disse a dra. Levy.
— Acho que vocês deveriam subir lá e arrastá-lo para fora.

— Temos a segurança dos reféns a considerar —, disse Hector.
Hector estava para confabular com George Loring e sua equipe da SWAT quando um dos patrulheiros uniformizados chamou sua atenção.

— Este homem insiste em conversar com o senhor, tenente. Ele afirma que é irmão do sujeito que está lá em cima.

Brian se apresentou. Explicou que era advogado em Boston.

— Alguma ideia do que está acontecendo lá? — perguntou Hector.

— Não. Sinto muito. Mas conheço meu irmão. Apesar de sempre ter sido um cabeça-dura, Sean não faria nada disso se não houvesse um motivo muito bom. Quero me certificar de que vocês não farão nada violento.

— Tomar reféns com arma e ameaçá-los com uma bomba é ser mais do que cabeça-dura. Esse tipo de comportamento coloca-o numa categoria instável, imprevisível e perigosa. Temos que agir com base nisso.

— Admito que o que ele fez parece loucura. Mas Sean é absolutamente racional. Talvez o senhor devesse me deixar falar com

ele.

— Acha que ele vai escutá-lo? — perguntou Hector.

— Acho que sim — disse Brian, apesar de continuar sentindo os efeitos do episódio na casa dos Mason.

Hector pegou o telefone com Ronald Hunt e deixou que Brian tentasse ligar. Infelizmente ninguém atendeu. Nem o dr. Mason.

— O doutor vinha atendendo até minutos atrás — disse Ron.

— Deixe-me entrar e falar com ele — pediu Brian.

Hector balançou a cabeça.

— Já temos reféns demais.

— Tenente Salazar! — gritou uma voz. Hector virou-se e viu um caucasiano alto e esguio se aproximar junto com um afro-americano barbudo e forte. Sterling apresentou-se e a Wayne Edwards.

— Conheço muito o seu chefe, Mark Witman — disse Sterling, depois das apresentações. Em seguida acrescentou: — Ouvimos falar dessa situação envolvendo Sean Murphy, de modo que viemos oferecer nossos serviços.

— Este é um assunto policial — disse Hector, olhando com suspeita os recém-chegados. Ele não gostava de pessoas que tentavam intimidá-lo dizendo que eram amigos do peito de seu chefe. Ficou imaginando como teriam conseguido atravessar o cordão de isolamento.

— Meu colega e eu temos seguindo o sr. Murphy há vários dias — explicou Sterling. — Estamos trabalhando temporariamente para o Forbes Cancer Center.

— Têm alguma explicação para o que está acontecendo aqui? — perguntou Hector.

— Sabemos que esse sujeito está ficando cada vez mais doido — disse Wayne.

— Ele não é doido! — interrompeu Brian. — Sean é atrevido e imprudente, mas não é louco.

— Se alguém faz uma sequência de coisas loucas — disse Wayne — é certo dizer que é louco.

Naquele momento todos baixaram a cabeça, enquanto um helicóptero passava sobre o prédio e em seguida pairava acima do estacionamento. O trovejar das lâminas do rotor fazia estremecer as costelas de todo mundo. Cada partícula de poeira e terra abaixo do tamanho médio subiu para o ar. Alguns papéis sobre a mesa dobrável foram varridos para longe.

George Loring, comandante da equipe da SWAT, adiantou-se.

— É o nosso helicóptero — gritou no ouvido de Hector. — Eu o chamei para podermos subir ao teto assim que você der o sinal verde.

Hector estava tendo problemas para segurar o chapéu.

— Pelo amor de Deus, George — gritou de volta. — Diga a essa droga de helicóptero para sair daqui até que a gente o chame.

— Sim, senhor! — gritou George outra vez. Em seguida pegou um pequeno microfone preso a uma das divisas de ombro. Protegendo-o com as mãos, falou brevemente com o piloto. Para alívio de todos, o helicóptero se elevou e em seguida partiu para um heliporto perto do hospital.

— Como você avalia a situação? — perguntou Hector a George, agora que podiam falar.

— Examinei as plantas dos andares fornecidas pelo chefe de segurança, que foi bem cooperativo — disse George, apontando para Robert Harris. — Acho que só vamos precisar de uma equipe de seis homens no telhado: três em cada poço de escada. O suspeito está no laboratório do quinto andar. Só precisamos de uma, mas provavelmente vamos usar duas granadas de concussão. A coisa acaba em segundos. Moleza.

— E a nitroglicerina que está no escritório? — perguntou Hector.

— Não ouvi falar de nenhuma nitroglicerina.

— Está num escritório envidraçado.

— Seria um risco — interrompeu Phil, que ouvira a conversa. — As ondas concessivas poderiam detonar a nitroglicerina, se ela estiver em estado sólido.

— Diabos! — disse George. — Esqueça as granadas. Podemos sair pelas duas escadas simultaneamente. O terrorista não saberia o que o atacou.

— Sean não é terrorista — disse Brian, horrorizado com a conversa.

— Eu gostaria de ir como voluntário, com a equipe de assalto — disse Harris pela primeira vez. — Conheço o terreno.

— Isso não é coisa para amador — disse Hector.

— Não sou amador — disse Harris indignado. — Fiz treinamento com comando no serviço militar, e realizei várias missões de comando na Tempestade no Deserto.

— Acho que alguma coisa deve ser feita o quanto antes — disse a dra. Levy. — Quanto mais tempo esse garoto doido for deixado lá, mais problemas pode causar a nossas experiências.

Todos se curvaram outra vez quando outro helicóptero passou voando baixo sobre o estacionamento. Este tinha escrito ao lado "Canal 4 TV".

Hector gritou para que Anderson ligasse para a delegacia, a fim de que eles dissessem ao Canal 4 para afastar a droga do helicóptero da cena, ou deixaria o pessoal da SWAT derrubá-lo com suas armas automáticas.

Apesar do ruído e do pandemônio geral, Brian pegou um dos telefones e apertou o botão de rediscagem. Rezou para que atendessem, e atenderam. Mas não foi Sean. Foi o dr. Mason.



SEAN NÃO TINHA IDEIA de durante quantos ciclos deveria deixar os núcleos térmicos funcionando. Só estava procurando uma reação positiva em qualquer das aproximadamente cento e cinquenta concavidades que havia preparado. Impaciente, parou a primeira máquina depois de vinte e cinco ciclos e tirou a bandeja com as concavidades.

Primeiro adicionou uma prova hiotinilada e os reagentes enzimáticos usados para detectar se a sonda havia reagido na série de concavidades que continham o líquido cerebrospinal de Helen Cabot. Em seguida, introduziu essas amostras no instrumento de quimiluminescência e esperou que saísse o impresso, para ver se havia alguma luminescência.

Para sua surpresa, a primeira amostra foi positiva. Apesar de achar que acabaria surgindo uma positiva, não esperava uma reação tão depressa. O que isso estabelecia era que Helen Cabot, como Malcolm Betencourt, contraíra encefalite de St. Louis no meio do inverno, o que era estranho, já que o vetor normal da doença é um mosquito.

Em seguida, Sean voltou a atenção para as outras concavidades onde procurava a presença de oncógenes. Mas, antes de poder começar a colocar as sondas apropriadas, foi interrompido pelo dr. Mason.

Apesar de o telefone ter tocado intermitentemente depois de ele ter falado com o sargento Hunt, Sean ignorou-o. Aparentemente, o dr. Mason também o tinha ignorado, porque em várias ocasiões o aparelho tocara por longos períodos. Sean terminou desligando a campainha de sua extensão. Aparentemente o telefone tocara outra vez, e, pelo visto, o dr. Mason havia atendido, porque abrira cuidadosamente a porta dizendo a Sean que seu irmão estava na linha.

Apesar de odiar interromper o que estava fazendo, Sean se sentia suficientemente culpado com relação a Brian para não atender. A

primeira coisa que fez foi se desculpar por ter batido nele.

— Estou disposto a esquecer e perdoar — disse Brian. — Mas você precisa acabar agora com esse absurdo, descer e se entregar.

— Não posso. Preciso de mais uma hora, talvez duas, no máximo.

— O que, em nome de Deus, você está fazendo?

— Vai demorar muito para explicar — disse Sean. — Mas é uma coisa da pesada.

— Acho que você não tem ideia do tumulto que está causando. Fora a Guarda Nacional, está todo mundo aqui. Dessa vez você foi longe demais. Se não descer neste minuto e acabar com isso, eu não vou ter nada a ver com você.

— Só preciso de mais um tempinho. Não estou pedindo o mundo.

— Tem um bando de pirados aqui — disse Brian. — Estão falando em invadir o prédio.

— Certifique-se de que eles saibam da suposta nitroglicerina. É para dissuadir os heróis.

— O que quer dizer com "suposta nitroglicerina"?

— É etanol com um pouquinho de acetona. Parece nitroglicerina. Pelo menos o suficiente para enganar o dr. Mason. Você não acha que eu ia fazer de verdade, acha?

— Nesse momento, não ponho a mão no fogo por nada.

— Simplesmente faça com que esqueçam qualquer ação tipo comando. Me dê pelo menos mais uma hora.

Sean pôde ouvir Brian continuar protestando, mas não deu importância. Desligou o telefone e voltou para a bandeja do primeiro núcleo térmico.

Não tinha ido muito longe com as sondas de oncogene quando Janet surgiu na porta da escada trazendo tiras de papel de computador.

— Não tive nenhum problema para encontrar o arquivo de viagens do Forbes — disse, entregando o papel a Sean. — O que quer que isso signifique, a dra. Deborah Levy viaja um bocado, mas principalmente para Key West.

Sean olhou o impresso.

— Ela realmente está sempre em movimento. Mas observe todas essas outras cidades.

— É o que eu esperava. E quanto a Margaret Richmond?

— Nenhuma viagem a Key West. Mas algumas pelo país. Mais ou menos uma vez por mês ela vai a alguma outra cidade.

— E o programa automatizado que nós vimos?

— Você estava certo. Estava rodando quando cheguei lá, de modo que copiei dois números que achamos que poderiam ser de telefones. Quando tentei ligar direto, vi que eram linhas usadas por computador, de modo que usei o mainframe e o modem para fazer o contato. Os dois eram de companhias de seguros: uma era a Medi-First; a outra era a Healthnet.

— Bingo! — disse Sean. — Tudo está se encaixando.

— E que tal me fazer a revelação?

— Eu apostaria que o computador procura arquivos de pré-certificação de companhias de seguro médico, em busca de números de seguro social específicos. Provavelmente faz isso todas as noites durante a semana e nas tardes de domingo.

— Está falando de pré-certificação para cirurgias? — perguntou Janet.

— Exatamente. Numa tentativa de reduzir cirurgias desnecessárias, a maioria dos planos de saúde, se não todos, exige que o médico ou o hospital notifique a companhia de seguros com antecedência sobre a cirurgia proposta. Em geral isso não passa de um exercício de burocracia bem superficial. Duvido que haja alguma preocupação quanto à confiabilidade. Aquele computador lá em

cima está separando cirurgias eletivas dentro de uma lista específica de números do seguro social.

— Os números que estão piscando na tela — disse Janet.

— Só pode ser.

— E daí?

— Vou deixar você deduzir. Enquanto continuo processando essas amostras nos núcleos térmicos, você examina as anamneses desses trinta e três prontuários que nós copiamos. Acho que vai descobrir que a maioria mencionará que o paciente passou por uma cirurgia eletiva num período relativamente curto antes do diagnóstico de meduloblastoma. Quero que você compare as datas dessas cirurgias com a programação de viagens da dra. Levy.

Janet olhou para Sean sem piscar. Apesar da exaustão, começava a assimilar os fatos da maneira como Sean os entendia, e com isso começava a compreender a direção dos pensamentos dele. Sem dizer nenhuma palavra, sentou-se com os prontuários e os impressos de computador que trouxera do sétimo andar.

Voltando a seu trabalho, Sean encheu mais algumas concavidades com as sondas de oncógenes apropriadas. Não tinha ido muito longe quando o dr. Mason o interrompeu:

— Minha esposa está ficando com fome.

Com o cansaço geral, os nervos de Sean estavam ficando à flor da pele. Depois de tudo que acontecera, ele não conseguia tolerar os Mason, principalmente a mulher. O fato de terem achado certo incomodá-lo por causa da fome levou-o a uma ira momentânea. Pousando a pipeta, correu até o escritório envidraçado.

O dr. Mason viu Sean chegando e rapidamente avaliou seu estado mental. Solto a porta e recuou para o escritório.

Sean abriu a porta do escritório e deixou que ela se chocasse contra o batente. Pegou o frasco de erlenmeyer no banho de gelo e sacudiu-o. Parte do conteúdo havia solidificado, e pedaços de gelo bateram contra o vidro.

O dr. Mason empalideceu enquanto se encolhia, antecipando a explosão. A sra. Mason afundou o rosto nas mãos.

— Se eu ouvir mais um som vindo de vocês dois, venho aqui e jogo esse frasco no chão — gritou Sean.

Quando não ocorreu explosão nenhuma, o dr. Mason abriu os olhos.

A sra. Mason espreitou por entre os dedos.

— Estão entendendo? — disse Sean ríspidamente.

O dr. Mason engoliu em seco, e em seguida assentiu. Desgostoso com os Mason e com seu próprio destempero, Sean voltou à bancada do laboratório.

Olhou para Janet sentindo-se culpado, mas ela não tinha prestado atenção. Estava atenta demais aos prontuários.

Pegando a pipeta, Sean voltou a trabalhar. Não foi fácil, e ele teve de se concentrar. Precisava colocar a sonda correta na concavidade correta, e tinha pares de tubos e sondas para mais de quarenta oncógenes, uma lista bastante extensa.

Uma quantidade das primeiras amostras foi negativa. Sean não sabia se as havia retirado do núcleo térmico após um número insuficiente de ciclos ou se realmente eram negativas. Na quinta amostra, começou a desanimar. Pela primeira vez desde que pusera o carrossel em movimento, questionou seriamente as conclusões que até então vira como rochas sólidas. Mas a sexta amostra provou-se positiva. Ele detectou a presença de um oncogene conhecido pela designação ERB-2, que se referia a um vírus de eritroblastose avícola, um vírus cujo hospede normal eram as galinhas.

Quando Janet terminou com os prontuários, Sean encontrara outro oncogene, chamado V-MYC, que respondia pelo vírus do mielocitoma, outro vírus que se reproduzia em galinhas.

— Somente uns três quartos dos prontuários têm as datas das cirurgias — disse Janet. — Mas a maioria delas combina com as datas e os lugares para onde a dra. Levy viajou.

— Aleluia! — exclamou Sean. — Está tudo se encaixando como um quebra-cabeça.

— O que não entendo — disse Janet — é o que ela faz nessas cidades.

— No pós-operatório, quase todo mundo fica no soro. Isso mantém as pessoas hidratadas; além do que, se houver algum problema, os médicos têm um caminho para aplicar medicação. Aposto que a dra. Levy deu a eles uma injeção através do equipo de soro.

— Injeção de quê?

— Do vírus da encefalite de St. Louis.

Sean contou a Janet sobre o teste positivo para o vírus de ESL no líquido cefalorraquiano de Helen Cabot. Também disse que Louis Martin tivera sintomas neurológicos transitórios parecidos com os que Helen sentira alguns dias depois de sua cirurgia eletiva.

— E se você voltar a olhar os prontuários — prosseguiu Sean — acho que vai descobrir que a maioria dessas pessoas teve sintomas passageiros semelhantes.

— Por que eles não tiveram uma encefalite total, especialmente tendo sido injetada através do soro?

— Essa é realmente a parte inteligente da coisa toda. Acho que os vírus da encefalite eram alterados e atenuados com a inclusão de oncógenes virais. Já detectei dois desses oncógenes no tumor de Helen. Acho que vou encontrar outro. Uma das teorias atuais sobre o câncer é que são precisos pelo menos três eventos isolados para que uma célula se torne cancerosa.

— Como você percebeu tudo isso? — perguntou Janet. Parecia uma coisa complicada, complexa demais e, no geral, hedionda demais para ser verdade.

— Aos poucos — disse Sean. — Infelizmente, levei muito tempo. Suponho que, a princípio, meu nível de suspeita esteve muito baixo; era a última coisa que eu podia esperar. Mas, quando você disse que

eles começaram a imunoterapia com um agente específico a partir do primeiro dia, achei que havia alguma coisa fora de esquadro. Contrariava tudo que eu sabia sobre a especificidade da imunoterapia. Leva tempo desenvolver um anticorpo, e o tumor de cada pessoa é antigenicamente único.

— Mas foi na casa dos Betencourt que você começou a agir estranhamente — disse Janet.

— Malcolm Betencourt foi quem enfatizou a sequência. Cirurgia eletiva, sintomas neurológicos e em seguida o tumor cerebral. Helen Cabot e Louis Martin tiveram a mesma progressão. Até ouvir a história de Malcolm Betencourt, eu não tinha percebido o significado. Como dizia um de meus professores de medicina, se você for tremendamente cuidadoso na anamnese, pode fazer praticamente qualquer diagnóstico.

— Então você acha que o Forbes Cancer Center anda pelo país provocando câncer nas pessoas — disse Janet forçando-se a verbalizar seu medo pavoroso.

— Um tipo de câncer muito especial — disse Sean. — Um dos oncógenes virais que detectei cria uma proteína que atravessa a membrana celular. Como é homóloga à proteína que forma o receptor do hormônio do crescimento, ela age como um interruptor na posição de "ligado", para estimular o crescimento e a divisão da célula. Mas, além disso, a parte que atravessa a célula é um peptídeo, e provavelmente um antígeno. Acho que a imunoglobulina que eles dão a essas pessoas é um anticorpo para essa parte extracelular da oncoproteína ERB-2.

— Agora estou me perdendo — admitiu Janet.

— Vamos experimentar. Talvez eu possa mostrar a você. Só vai levar um instante, já que tenho um pouco da oncoproteína ERB-2 do laboratório de Key West. Vejamos se o medicamento de Helen Cabot reage a ele. Lembre-se de que não consegui que ele reagisse a

nenhum antígeno celular normal. A única coisa a que ele reagia era o tumor de Helen.

Enquanto Sean preparava rapidamente o teste de imunofluorescência, Janet tentava absorver o que ele dissera até então.

— Em outras palavras — disse ela depois de uma pausa —, o que torna esse meduloblastoma tão diferente é que ele não apenas foi criado pelo homem. Ele é curável.

Com súbita admiração, Sean levantou os olhos do trabalho.

— Exato! Você entendeu. Eles criaram um câncer com um antígeno específico para o tumor, e para o qual já têm um anticorpo monoclonal. Esse anticorpo reage com o antígeno e cobre todas as células cancerosas. Então, tudo o que eles precisavam fazer era estimular o sistema imunológico, tanto *in vivo* quanto *in vitro*, para conseguir o máximo possível de "células assassinas". O único pequeno problema é que o tratamento provavelmente tornava os sintomas piores no início, por causa da inflamação que indubitavelmente causaria.

— E foi por isso que Helen Cabot morreu.

— É o que imagino — disse Sean. — Boston segurou-a por muito tempo no estágio de diagnóstico. Deviam tê-la mandado logo para Miami. O problema é que o pessoal de Boston não consegue acreditar que alguém possa ser melhor do que eles em qualquer problema clínico.

— Como você pôde ter certeza disso tudo? Quando voltamos para cá, você não tinha nenhuma prova. Mesmo assim estava seguro o bastante para sequestrar os Mason com uma arma. Parece que estava correndo um risco enorme.

— A confirmação foram alguns desenhos técnicos de cápsides virais que vi no laboratório de Key West. Assim que os vi, soube que tudo tinha que ser verdade. Você vê, a área de especialização da dra. Levy é virologia. Os desenhos eram de um vírus esférico com

simetria icosaédrica. E o tipo de cápsula de um vírus da ESL. A parte cientificamente elegante desse plano odioso é que Deborah Levy pôde empacotar os oncógenes dentro da cápsula viral da ESL. Não haveria espaço para mais de um oncógene em cada vírus porque ela teria que deixar uma quantidade suficiente do genoma do vírus intacto, para que ele continuasse podendo ser infeccioso. Não sei como ela conseguiu. Também deve ter incluído alguns genes de retrovírus além do oncógene, para que o oncógene se inserisse nos cromossomos das células infectadas. Imagino que ela tenha transformado alguns vírus com os oncógenes, e que somente as células cerebrais que tinham o azar de receber todos os oncógenes ao mesmo tempo ficavam cancerosas.

— Por que um vírus de encefalite? — perguntou Janet.

— Ele tem uma predileção natural por neurônios. Se eles queriam causar um câncer que pudessem tratar, precisavam de um tumor que provocasse sintomas rapidamente. O câncer cerebral é um deles. Cientificamente, é tudo muito racional.

— Diabólico é uma palavra melhor.

Janet olhou para o escritório envidraçado. O dr. Mason estava andando de um lado para outro, evitando cuidadosamente a mesa e o frasco no banho de gelo.

— Acha que ele sabe disso tudo? — perguntou ela.

— Não sei. Mas se tivesse que apostar diria que sim. Seria difícil comandar toda essa elaborada operação sem que o diretor soubesse. Afinal de contas, em última análise, era um método de levantamento de verbas.

— Por isso tinham como alvo os executivos-chefes e suas famílias — disse Janet.

— É o que presumo. É fácil descobrir qual companhia de seguro uma grande empresa usa. Também não é difícil descobrir o número do seguro social de uma pessoa, especialmente de figuras quase

públicas. Assim que tenham o número do seguro social da pessoa, fica fácil chegar a seus dependentes.

— Então, naquela noite, quando estávamos copiando os prontuários e ouvimos a palavra doador, estavam se referindo a dinheiro, e não a órgãos.

Sean confirmou.

— Naquele momento, nossa imaginação estava ativa demais. Esquecemos que os hospitais especializados e os centros de pesquisa associados a eles se tornaram cada vez mais desesperados quando ficou mais difícil conseguir doações do governo. Criar um grupo de pacientes ricos e agradecidos é um bom caminho para chegar ao século XXI.

Enquanto isso, o teste de imunofluorescência envolvendo a ERB-2 e o medicamento de Helen Cabot registrava fortemente positivo, ainda mais forte do que com as células do tumor.

— É isso aí — disse Sean em tom presunçoso. — Eis a reação antígeno-anticorpo que eu estava procurando.

Em seguida virou-se para as centenas de amostras nos dois núcleos térmicos.

— Posso ajudar? — perguntou Janet.

— Mas claro!

Mostrou como manusear uma pipeta de doze canais, em seguida deu-lhe uma série de sondas de oncogene para colocar nas concavidades do núcleo térmico.

Trabalharam juntos por cerca de quarenta e cinco minutos, concentrados no trabalho meticuloso. Estavam fisicamente exaustos e emocionalmente desgastados com a magnitude da conspiração da qual suspeitavam. Depois de a última concavidade ser sondada e analisada em função da luminescência, descobriram mais dois oncógenes: o Ha-ras, que recebeu o nome a partir do vírus do sarcoma de Harvey, que normalmente infecta ratos, e o SV40 Large T, de um vírus geralmente encontrado em rins de macacos. A partir

dos estudos de RNA no segundo núcleo térmico, onde Sean fizera uma PCR quantitativa, foi determinado que todos os oncógenes eram supermanifestados.

— Que coquetel de oncógenes! — disse ele atônito, enquanto espreguiçava os músculos cansados. Qualquer célula nervosa que receber esses quatro sem dúvida vai se tornar cancerosa. A dra. Levy estava deixando o mínimo de espaço possível para o acaso.

Janet pousou a pipeta que estava segurando e apoiou a cabeça nas mãos.

— E agora?

— A gente se rende, acho — disse Sean.

Enquanto Sean tentava imaginar o próximo passo, olhou para o escritório onde os Mason estavam discutindo outra vez. Felizmente, a divisória de vidro abafava o som das vozes.

— Como vamos fazer essa rendição? — perguntou Janet com a voz sonolenta.

Sean suspirou.

— Bem, não pensei muito nisso. Pode ser uma coisa complicada. Janet levantou a cabeça.

— Você deve ter tido alguma ideia quando imaginou esse plano.

— Nenhuma — admitiu Sean. — Não pensei tão na frente assim.

Janet levantou-se do banco e foi até a janela. Dali podia ver o estacionamento.

— Você conseguiu o circo que queria. Há centenas de pessoas lá fora, inclusive um grupo de uniformes pretos.

— São eles que me deixam nervoso. Acho que é uma equipe da SWAT.

— Talvez a primeira coisa a fazer seja mandar os Mason para fora, dizendo que estamos prontos para sair.

— É uma ideia. Mas você vai com eles.

— Mas aí você vai ficar aqui sozinho. — Janet voltou e se sentou.

— Não gosto disso. Não com todos aqueles caras de uniforme preto doidos para virem à toda.

— O maior problema é o cérebro de Helen Cabot — disse Sean.

— Por quê? — perguntou Janet, exasperada.

— É nossa única prova. Não podemos deixar que o pessoal do Forbes destrua o cérebro, o que certamente farão se tiverem chance. Aposto que não vou ser uma pessoa muito popular quando acabarmos com isso. Durante a confusão, há uma boa chance de que o cérebro caia em mãos erradas. Duvido que alguém pare para me ouvir.

— Tenho que concordar.

— Espere um segundo! — disse Sean com súbito entusiasmo. — Tive uma ideia.

13

7 de março
Domingo, 4h38 da tarde

Sean demorou vinte minutos para convencer Janet de que o melhor para ela era reunir-se aos Mason no escritório. Esperava que a ideia de que ela fora coagida funcionasse mais facilmente se Janet fosse considerada refém. Ela se mostrou cética, mas no final cedeu.

Com essa questão definida, Sean embalou o cérebro de Helen Cabot em gelo e colocou-o no isopor que usara para transportá-lo ao laboratório. Em seguida, com um pedaço de barbante que encontrara no armário de suprimentos, fez um grande pacote com as trinta e três cópias dos prontuários e o impresso de computador do arquivo de viagens do Forbes Cancer Center. Quando tudo estava pronto, pegou as chaves mestras e, com o isopor em uma das mãos e os prontuários na outra, subiu até o andar da administração.

Usando a chave-mestra, Sean foi até o departamento de finanças.

Depois de tirar as prateleiras do monta-carga, enfiou-se dentro dele com os dois pacotes. Desceu pelo monta-carga até o porão, tentando manter os cotovelos junto do corpo, para não roçarem as paredes.

O depósito de prontuários representou um problema. O interruptor ficava junto à entrada, e Sean teve de atravessar toda a

extensão no escuro total. Lembrando-se pelo menos da arrumação geral das estantes, pôde mover-se com um mínimo de confiança, apesar de várias vezes ficar desorientado. Terminou por encontrar o monta carga que ficava no outro extremo. Dentro de alguns minutos, estava subindo os dois andares até o departamento de registros médicos do prédio do hospital.

Quando abriu a porta do monta-carga, sentiu-se grato por as luzes estarem acesas, mas teve medo ao ouvir uma voz abafada fazendo um ditado. Antes de abandonar o pequeno elevador, Sean percebeu que a voz vinha de um cubículo que ficava fora de vista. Saiu o mais silenciosamente possível do monta-carga; em seguida atravessou a sala pé ante pé, carregando os dois embrulhos, cada um debaixo de um braço.

Assim que chegou ao corredor, percebeu a eletricidade no ar.

Estava claro que os departamentos de análises clínicas e radiologia tinham sido informados do sequestro que ocorria no prédio ao lado; a excitação provocava uma atmosfera quase de festa para o pessoal que trabalhava no final de semana. A maioria estava no hall, do lado oposto aos elevadores, junto às janelas que iam do chão ao teto e davam para o prédio de pesquisas. Nenhum deles prestou atenção a Sean.

Evitando os elevadores, Sean desceu pela escada até o primeiro andar. Quando chegou ao saguão principal, sentiu-se logo à vontade. Por sorte era horário de visitas, e havia uma multidão de pessoas emboladas na entrada do saguão. Apesar dos grandes pacotes que carregava, Sean conseguiu misturar-se a elas.

Saiu do hospital sem que ninguém o impedisse. Atravessando o estacionamento até o lado que servia ao prédio de pesquisas, começou a apreciar a quantidade de pessoas que viera para o seu espetáculo.

Estavam amontoadas perto do monte de carros estacionados, inclusive o seu 4X4.

Passando perto do Isuzu, Sean pensou em deixar o cérebro e os prontuários no carro. Mas decidiu entregá-los diretamente a Brian.

Confiava em que o irmão ainda estivesse ali, apesar das ameaças de abandoná-lo.

A polícia tinha estendido de veículo em veículo a fita amarela de isolamento usada nos locais de crime, passando-a por toda a frente do prédio de pesquisas. Atrás do prédio usaram árvores para isolar completamente a área. Por toda a extensão da fita, a intervalos regulares, policiais montavam guarda.

Sean percebeu que a polícia havia montado uma central de comando numa mesa dobrável, posicionada atrás de um grupo de patrulhas. Havia várias dezenas de policiais reunidos nas vizinhanças do ponto central. À esquerda estava a equipe da SWAT, com suas roupas pretas, alguns fazendo ginástica, outros supervisionando um sortimento de armas impressionantes. Sean parou junto à fita e examinou a multidão. Conseguiu identificar Brian imediatamente. Era o único homem vestido de camisa branca e suspensórios xadrez. Estava um pouco de lado, numa conversa animada com um membro da SWAT que tinha tinta preta espalhada debaixo dos dois olhos.

Chegando até um dos policiais uniformizados junto ao cordão de isolamento, Sean acenou para chamar sua atenção. O homem estava ocupado cortando as unhas.

— Desculpe incomodar — disse Sean. — Eu sou parente do sujeito que está com os reféns, e aquele lá é o meu irmão, conversando com um membro da SWAT. — Sean apontou na direção de Brian. — Acho que eu posso resolver o dilema.

O policial levantou a fita sem dizer uma palavra. Fez apenas um gesto para Sean entrar. Em seguida voltou a cuidar das unhas.

Sean passou longe de Deborah Levy e Robert Harris, que ele vira perto de uma das patrulhas. Felizmente não estavam olhando na sua direção. Também evitou um dos homens que ele trancara na

despensa em Key West, o mesmo que estivera esperando no jato da Sushita em Naples, e que ele vira junto à mesa dobrável.

Foi direto até o irmão, chegando por trás dele. Captou trechos da discussão sobre como invadir o prédio. Era óbvio que os dois interlocutores tinham pontos de vista contrários.

Sean bateu no ombro de Brian, mas Brian evitou a intromissão dando uma sacudida desinteressada. Estava defendendo um ponto de vista e batendo um dos punhos na palma da outra mão. Continuou o monólogo emocionado até que Sean entrou no seu campo de visão. Brian parou no meio da frase, com a boca escancarada.

George Loring seguiu a linha do olhar de Brian, avaliou Sean como um sem-teto, e em seguida voltou a olhar para Brian.

— Conhece esse sujeito? — perguntou.

— Somos irmãos — disse Sean enquanto puxava Brian, em choque, para o lado.

— Que diabo...? — exclamou Brian.

— Não faça cena! — alertou Sean, puxando o irmão mais para longe. — Se ainda está com raiva de mim por ter batido em você, desculpe. Eu não queria bater, mas você não me deixou outra escolha. Foi um momento inconveniente para você aparecer.

Brian lançou um olhar rápido porém preocupado na direção do posto de comando, a menos de dez metros de distância. Voltando a atenção para Sean, disse:

— O que está fazendo aqui?

— Quero que você pegue este isopor — disse Sean entregando o objeto. — E essas cópias de prontuários. Mas o mais importante é o isopor.

Brian recompôs sua postura para acomodar o peso dos prontuários.

— Como foi que você saiu de lá? Eles me garantiram que o lugar estava isolado: ninguém podia entrar nem sair.

— Daqui a pouco eu conto. Mas, primeiro, quanto ao isopor: há um cérebro aí dentro. Não é um cérebro bonito, mas é importante.

— Foi o cérebro que você roubou? Nesse caso, é propriedade roubada.

— Não venha com seu papo de advogado.

— De quem é o cérebro?

— De uma paciente. E vamos precisar dele para indiciar um bocado de pessoas aqui do Forbes Cancer Center.

— Quer dizer que ele é uma prova?

— Ele vai fazer explodir muitas cabeças — prometeu Sean.

— Mas não há uma corrente de custódia adequada... — reclamou Brian.

— O DNA resolve isso. Só não deixe ninguém ficar com ele. E as cópias de prontuários também são importantes.

— Mas elas não servem como prova — disse Brian. — Não são cópias autenticadas.

— Pelo amor de Deus, Brian. Sei que foi burrice não ter tido a ideia de trazer um tabelião comigo quando fiz as cópias, mas podemos usá-las no julgamento principal. Além disso, as cópias vão mostrar quem precisaremos intimar, e podemos usá-las para garantir que eles não alterem os originais. — Sean baixou a voz. — Agora, o que podemos fazer para acabar com esse carnaval sem perda de vidas, particularmente a minha? Aqueles caras da SWAT me dão arrepios.

Mais uma vez Brian olhou em volta.

— Não sei. Deixe-me pensar. Você vive me deixando perturbado. Ser seu irmão equivale ao trabalho em horário integral de vários advogados. Gostaria de poder trocá-lo por uma irmã boazinha.

— Não foi assim que você se sentiu quando vendemos as ações da Immunotherapy.

— Acho que podemos simplesmente sair andando daqui — disse Brian.

— O que for melhor — disse Sean, em tom de concordância.
— Mas depois eles podem me acusar de cumplicidade.
— Faça o que você mandar — disse Sean. — Mas preciso dizer que Janet está lá em cima.

— É a garota rica que você estava namorando em Boston?
— Ela mesma. Ela me surpreendeu e apareceu aqui no dia em que cheguei.

— Talvez seja melhor você se entregar aqui mesmo — ponderou Brian. — Provavelmente vai contar ponto com o juiz. Quanto mais penso nisso, mais gosto. Venha, vou apresentá-lo ao tenente Hector Salazar. Ele está comandando o show, e parece ser um sujeito decente.

— Por mim tudo bem. Vamos logo, antes que um desses SWAT fazendo ginástica tenha uma distensão na virilha e eu seja acusado de causar impotência.

— É melhor você ter uma boa explicação para isso tudo.
— Você vai subir nas nuvens. Garanto.
— Deixe que eu falo — disse Brian. Em seguida começou a andar na direção da mesa dobrável.

Enquanto se aproximavam da mesa, Sean olhou Sterling Rombauer e Robert Harris, que estavam discutindo ao lado. Sean tentou passar longe deles, para que não o reconhecessem e causassem algum tipo de pânico.

Mas não precisava se preocupar. Eles estavam envolvidos demais na conversa para percebê-lo.

Chegando atrás de Hector Salazar, Brian tossiu, limpando a garganta, para chamar a atenção do policial. Mas não conseguiu nada.

Hector partira do ponto em que Brian parara com George Loring. George estava ansioso por assumir o comando da ação. Hector pedia paciência.

— Tenente! — gritou Brian.

— Droga! — rugiu Hector. — Anderson, você mandou a delegacia resolver o caso daquele helicóptero da TV? Ele está voltando.

Todas as conversas tiveram que parar enquanto o helicóptero do Canal 4 sobrevoava o estacionamento. Hector apontou um dedo para o câmara, coisa da qual se arrependeu mais tarde, ao ter que ver aquilo passando e repassando na TV.

Assim que o helicóptero desapareceu, Brian atraiu a atenção de Hector.

— Tenente — disse, em tom animado. — Quero que conheça meu irmão Sean Murphy.

— Outro irmão! — disse Hector, sem associar o nome. — O que é isso, uma reunião de família? — Em seguida disse a Sean: — Você acha que pode ter alguma influência sobre aquele seu irmão idiota que está lá em cima no laboratório? Precisamos fazer com que ele volte a conversar com nossa equipe de negociação.

— Este é Sean! — disse Brian. — Ele é que estava lá em cima. Mas agora saiu, e quer se desculpar por todo esse problema.

Hector olhou para um irmão e para o outro, enquanto sua mente tentava dar sentido àquela mudança súbita e estonteante dos acontecimentos.

Sean estendeu a mão. Hector apertou-a automaticamente, ainda atordoado demais para falar. Os dois se cumprimentaram como se acabassem de ser apresentados numa festa.

— Oi! — disse Sean, dando a Hector um de seus melhores sorrisos. — Quero agradecer pessoalmente o esforço. Realmente salvou o dia.

8 de março
Segunda-feira, 11h15 da manhã

Sean passou na frente de Brian através das portas de vaivém do Tribunal do Condado de Dade e deixou que o sol e o ar fresco banhassem seu corpo enquanto esperava que Brian saísse. Sean passara a noite na cadeia, depois de ser preso e fichado na tarde do dia anterior.

— Foi pior do que a faculdade de medicina — disse Sean, referindo-se à noite na cadeia, enquanto descia com Brian os largos degraus ensolarados.

— Você tem garantida uma boa sentença de prisão, se esse caso não correr perfeitamente tranquilo — disse Brian.

Sean parou, alarmado.

— Você não está falando sério, está? Não depois de tudo que contei sobre o que esse pessoal do Forbes vinha fazendo.

— Agora tudo está nas mãos do sistema judiciário — disse Brian, dando de ombros. — Chegando a julgamento, vai ser merda no ventilador. E você ouviu aquele juiz, na sua denúncia. Ele não ficou satisfeito, apesar de você se entregar e apesar de a nitroglicerina não ser nitroglicerina. Basta os reféns pensarem que era. É melhor você agradecer por eu ter gastado tempo anulando sua ficha da época de

adolescente. Se não fosse isso, você provavelmente não sairia sob fiança.

— Você podia ter confirmado que Kevin Porter diria ao juiz que havia circunstâncias atenuantes.

— Uma denúncia não é um julgamento — explicou Brian. — Já lhe disse isso. É só um momento para ouvir as acusações formais contra você e para dar entrada no pedido de defesa. Além disso, Kevin aludiu a circunstâncias atenuantes no estabelecimento da fiança.

— Isso é outra coisa: uma fiança de quinhentos mil dólares! Meu Deus! Não podíamos conseguir nada melhor que isso? Agora comprometemos nossa parte do capital da Oncogen.

— Você teve sorte de sair sob fiança, ponto final. Vamos rever as acusações: conspiração, apropriação indébita, roubo, roubo com arma, invasão de propriedade, invasão com arma, aprisionamento, sequestro, lesões corporais e mutilação de cadáver. Meu Deus, Sean, por que não completou com estupro e assassinato?

— E que tal o procurador distrital do Condado de Dade? — perguntou Sean.

— Aqui é chamado de procurador estadual. Estive com ele e com o procurador distrital dos Estados Unidos na noite passada. Enquanto você dormia confortavelmente na cadeia, eu estava trabalhando feito um doido.

— O que eles disseram?

— Obviamente ficaram interessados. Mas sem outra prova para apresentar, a não ser registros circunstanciais de viagens e cópias de prontuários, eles sensatamente evitaram comentários.

— E quanto ao cérebro de Helen Cabot? Ele é a prova.

— Ainda não é uma prova. Os testes que você disse que fez ainda não foram reproduzidos.

— Onde está o cérebro?

— Foi apreendido pela polícia. Mas está sob a custódia do perito médico do Condado de Dade. Lembre-se, é propriedade roubada. O que é mais um problema para o status de prova.

— Odeio advogados.

— E tenho a sensação de que vai gostar ainda menos deles quando isso acabar. Ouvi dizer esta manhã que, dadas as suas afirmações irresponsáveis e caluniosas, o Forbes contratou um dos advogados mais bem-sucedidos e hábeis do país, além do apoio da maior firma de advocacia de Miami. Pessoas poderosas de todo o país se sentiram afetadas por suas alegações e estão atulhando o Forbes de dinheiro para pagar a representação legal. Além das acusações de crime, você vai enfrentar uma barreira de processos cíveis.

— Não me surpreendo que pessoas importantes do mundo empresarial apoiem o Forbes. Mas essas mesmas pessoas vão mudar de ideia quando souberem da cura fantástica que o Forbes lhes deu para um câncer que o próprio Forbes causou.

— É melhor você ter certeza disso.

— E tenho. O tumor que eu analisei tinha quatro oncógenes virais. Até a descoberta de apenas um seria fantástica.

— Mas esse é apenas um tumor em trinta e oito casos — disse Brian.

— Não se preocupe. Eu estou certo.

— Mas a outra prova também já foi questionada. Através de seus advogados, o Forbes está dizendo que o fato de a dra. Deborah Levy estar em cidades importantes um dia depois de os pacientes do Forbes terem passado por uma cirurgia eletiva foi pura coincidência.

— Ah, sem dúvida! — disse Sean, sarcástico.

— Eles têm uma certa razão. Em primeiro lugar, as viagens dela não se ajustam a todos os casos.

— Então mandaram outra pessoa. Como Margaret Richmond. Você vai ter que exigir a apresentação de todos os registros de

viagens deles.

— E tem mais — disse Brian. — O Forbes argumenta que a dra. Levy é inspetora do Colégio Americano de Patologia. Eu já verifiquei. É verdade. Ela costuma viajar pelo país fazendo inspeções em laboratórios clínicos, necessárias para que os hospitais mantenham os credenciamentos. Também já chequei com alguns hospitais. Parece que a dra. Levy fez inspeções naqueles dias específicos.

— E que tal o programa rodando à noite com os números do seguro social? Isso é bem incriminador.

— O Forbes já negou isso categoricamente. Dizem que costumam acessar companhias de seguro, mas só para processar pedidos. Dizem que nunca acessam arquivos de pré-certificação de cirurgias eletivas. E mais, as companhias seguradoras dizem que todos os seus arquivos são seguros.

— Claro que as companhias vão dizer isso — disse Sean. — Tenho certeza de que estão pisando em ovos, com medo de serem envolvidas na parte judicial dessa coisa. Mas, quanto ao programa do Forbes, Janet e eu o vimos rodando.

— Vai ser difícil provar. Precisaríamos do programa em si, e certamente eles não vão nos entregar.

— Droga!

— Tudo vai ficar na mão da ciência e de conseguirmos que o júri acredite nela ou a compreenda — disse Brian. — Eu não tenho certeza se entendo. É um negócio bem esotérico.

— Onde está Janet? — perguntou Sean.

Começaram a andar de novo.

— No meu carro. A denúncia dela aconteceu antes, e foi muito mais fácil, mas ela queria sair do tribunal. Não posso culpá-la. Essa experiência toda deixou-a nervosa. Não está acostumada a encrenca como você.

— Muito engraçado — disse Sean. — Ela está sendo acusada?

— Claro que está. O que você acha, que essas pessoas são imbecis? Ela foi cúmplice de tudo, menos de invasão com arma e sequestro. Felizmente o juiz pareceu acreditar que o maior crime dela era estar ligada a você. Não estabeleceu fiança. Ela foi libertada com o compromisso de comparecer perante as autoridades mais uma vez, mas é *pro forma*.

Enquanto se aproximavam do carro que Brian alugara, Sean pôde ver Janet sentada no banco da frente. Estava com a cabeça apoiada no encosto, e parecia dormir. Mas, assim que Sean chegou perto do carro, seus olhos se abriram. Ao vê-lo, saiu do carro e o abraçou.

Sean abraçou-a de volta, meio sem jeito com a presença do irmão.

— Você está bem? — perguntou Janet, afastando a cabeça, mas mantendo os braços ao redor do pescoço de Sean.

— Bem. E você?

— Ficar na cadeia me abriu os olhos — admitiu ela. — Acho que no início fiquei meio histérica. Mas meus pais vieram com um advogado da família, que apressou minha libertação.

— Onde estão seus pais agora?

— Num hotel. Ficaram doidos de raiva porque eu quis esperar você.

— Dá para imaginar.

Brian consultou o relógio.

— Escutem, vocês dois. O dr. Mason programou uma entrevista coletiva ao meio-dia no Forbes. Acho que devemos ir. Eu estava preocupado com a possibilidade de ficarmos retidos aqui no tribunal, mas ainda há tempo. O que vocês acham?

— Por que devemos ir? — perguntou Sean.

— Tenho ligação com esse caso, como você pode ver. Estou preocupado em obter um julgamento justo aqui em Miami. Prefiro que essa entrevista coletiva não se transforme no trabalho de relações públicas que o Forbes espera que seja. Você estando lá vai fazer com que eles baixem o tom da retórica. Também vai ajudar a

mostrar que você é um cara responsável, que leva a sério suas alegações.

Sean deu de ombros.

— Por mim, tudo bem. Além disso, estou curioso com o que o dr. Mason vai dizer.

— Por mim tudo bem — disse Janet.

Por causa do tráfego, demoraram mais tempo do que Brian esperava. Mas quando finalmente entraram no estacionamento do Forbes ainda pegaram a entrevista coletiva, programada para o auditório do hospital. As vagas de estacionamento perto da entrada já haviam sido ocupadas. Vários furgões de TV estavam parados na alameda destinada aos bombeiros, na entrada. Brian teve que rodear o prédio de pesquisas para encontrar uma vaga.

Enquanto andavam até o hospital, Brian comentou sobre a atenção que o caso estava recebendo da mídia.

— Deixe-me avisar: esse negócio é quente. É o tipo de caso que vai acontecer tanto na mídia quanto no tribunal. E mais: está sendo jogado no campo do Forbes. Não se surpreenda se a recepção for gelada.

Uma multidão se apinhava na frente do hospital. Muitos eram repórteres, e vários logo reconheceram Sean. Vieram em bando para cima dele, lutando entre si para enfiar microfones em seu rosto, todos fazendo perguntas hostis ao mesmo tempo. Flashes espocaram, luzes de TV inundaram a cena. No momento em que Sean, Brian e Janet chegaram à porta da frente, Sean já estava com raiva. Brian teve que impedi-lo de empurrar alguns fotógrafos.

Dentro não estava muito melhor. As notícias da chegada de Sean criaram ondas através da multidão surpreendentemente grande. Enquanto os três entravam no auditório, Sean ouviu um coro de vaías que tinha origem na equipe médica do Forbes ali presente.

— Estou vendo o que você quer dizer com recepção gelada — disse quando conseguiram lugar para sentar. — Território nem um

pouco neutro.

— É clima de linchamento — disse Brian. — Mas isso dá uma ideia do que você vai enfrentar.

As vaías dirigidas a Sean cessaram abruptamente e foram substituídas por aplausos respeitosos quando o dr. Randolph Mason apareceu no canto no pequeno palco. Andou resolutamente até o pódio, colocando sobre ele um grande envelope de papel pardo. Segurando os dois lados do pódio, passou o olhar pela audiência com a cabeça ligeiramente virada para trás. Sua postura e seu aspecto eram elogiavelmente profissionais, o cabelo classicamente grisalho estava penteado com impecável perfeição. Vestia um terno azul-escuro, camisa branca e gravata discreta. A única mancha de cor era um lenço de seda cor de lavanda no bolso do peito.

— Parece a imagem romântica que todos fazem de um médico — sussurrou Janet. — Do tipo que se vê na televisão.

Brian assentiu.

— É o tipo do homem no qual os jurados tendem a acreditar. Vai ser uma batalha morro acima.

O dr. Mason tossiu, limpando a garganta, e depois começou a falar. Sua voz ressoante preenchia facilmente o pequeno auditório.

Agradeceu a todos por terem vindo e pelo apoio ao Forbes Cancer Center diante das recentes acusações.

— O senhor vai processar Sean Murphy por calúnia? — gritou um dos repórteres na segunda fila. Mas o dr. Mason não precisou responder. Todo o auditório irrompeu num "psiu" contínuo, em resposta à grosseria do repórter, que captou a mensagem e desculpou-se humildemente.

O dr. Mason ajustou a posição do envelope de papel pardo enquanto ordenava os pensamentos.

— Estes são tempos difíceis para os hospitais e as instituições de pesquisa, particularmente para os hospitais especializados, que têm o objetivo duplo de atender pacientes e realizar pesquisas. Os

esquemas de reembolsos clínicos baseados em diagnóstico e terapia padrão não funcionam em ambientes como o Forbes, onde os planos de tratamento costumam seguir protocolos experimentais. Esse tipo de tratamento é intensivo e, portanto, caro. A questão é: de onde deve vir o dinheiro para esse tipo de atendimento? Algumas pessoas sugerem que deve vir de fundos de pesquisa, já que ele faz parte do processo de pesquisa. Mas as verbas públicas para a pesquisa geral vêm se reduzindo, forçando-nos a buscar outras fontes de apoio financeiro, como a indústria, ou mesmo, em casos excepcionais, a indústria estrangeira. Mas mesmo essa fonte tem limites, especialmente quando a economia global está em queda. Para onde mais podemos nos voltar, se não para o método mais antigo, a filantropia privada?

— Não consigo acreditar nesse cara — sussurrou Sean. — Está parecendo papo furado para levantar verba.

Algumas pessoas se viraram, olhando irritadas para ele.

— Devotei minha vida a aliviar o sofrimento — prosseguiu o dr. Mason. — A medicina e a luta contra o câncer têm sido minha vida desde o dia em que entrei na faculdade de medicina. Sempre mantive o bem da humanidade como minha força motivadora e meu objetivo.

— Agora está parecendo um político — sussurrou Sean. — Quando é que ele vai abordar a questão?

— Quietos! — disse alguém rispidamente atrás de Sean.

— Quando assumi o cargo de diretor do Forbes Cancer Center — continuou o dr. Mason —, eu sabia que a instituição estava em dificuldades financeiras. Restaurar a instituição numa base financeira sólida era um objetivo coerente com meu desejo de trabalhar pelo bem da humanidade. Devotei a essa tarefa meu coração e minha alma. Se cometi alguns erros, não foi por falta de motivações altruístas.

Houve alguns aplausos esparsos quando o dr. Mason parou e abriu o envelope de papel pardo, desamarrando o nó que o mantinha fechado.

— Isso é uma perda de tempo — sussurrou Sean.

— Foi só a introdução — sussurrou Brian de volta. — Fica frio. Estou certo de que agora ele vai entrar no miolo da coletiva.

— Neste momento eu desejo me afastar de vocês — disse o dr. Mason. — A vocês que me ajudaram neste momento difícil, meus agradecimentos de coração.

— Esse blablablá todo é para ele pedir demissão? — disse Sean em voz alta. Estava se sentindo enojado.

Mas ninguém respondeu à pergunta. Em vez disso, gritos sufocados de horror atravessaram a audiência quando o dr. Mason enfiou a mão no envelope e pegou um revólver magnum .357 níquelado.

Murmúrios surgiram num crescendo enquanto algumas pessoas junto ao pódio ficavam de pé, sem saber se corriam para longe ou se aproximavam do dr. Mason.

— Não quero causar mal-estar às pessoas — disse o dr. Mason.
— Mas acho...

Estava claro que o dr. Mason tinha mais coisas a dizer, mas dois repórteres que estavam na primeira fila foram em sua direção. O dr. Mason fez um gesto para que se afastassem, porém os dois chegaram mais perto. O dr. Mason deu um passo para longe do pódio. Parecia em pânico, como um bicho encurralado. Toda a cor sumira de seu rosto.

Então, para perplexidade geral, o dr. Mason colocou o cano do revólver na boca e puxou o gatilho. A bala atravessou seu palato duro, liquefez parte do tronco cerebral e do cerebelo e arrancou um disco de cinco centímetros do crânio antes de se enterrar fundo num lambri da parede. O dr. Mason tombou para trás enquanto a arma era lançada para a frente. O revólver caiu no chão e escorregou para

baixo da primeira fila de cadeiras, fazendo com que as pessoas sentadas ali se espalhassem.

Algumas pessoas gritaram, algumas choraram, a maioria sentiu-se momentaneamente nauseada. Sean, Janet e Brian fecharam os olhos no momento em que o revólver disparou. Quando olharam de novo, a sala tinha virado um pandemônio. Ninguém sabia o que fazer. Mesmo os médicos e as enfermeiras sentiam-se impotentes; sem dúvida o dr. Mason estava além de qualquer ajuda.

Tudo que Sean, Janet e Brian podiam ver do dr. Mason eram seus sapatos apontando para cima e o corpo em perspectiva. A parede atrás do pódio estava manchada como se alguém tivesse jogado nela um punhado de cerejas maduras.

Sean estava com a boca seca. Achava difícil engolir. Algumas lágrimas surgiram nos olhos de Janet.

Brian murmurou: — Santa Maria, mãe de Deus!

Todo mundo estava atordoado e emocionalmente exaurido. Havia pouca conversa. Algumas pessoas solícitas, inclusive Sterling Rombauer, se aventuraram a olhar o cadáver do dr. Mason. Por um tempo as pessoas ficaram onde estavam; todas exceto uma mulher, que se levantou de sua cadeira e lutou para sair. Sean viu-a empurrando para o lado pessoas atordoadas, em meio à pressa. Reconheceu-a de imediato.

— É a dra. Levy — disse, ficando em pé. — Alguém devia segurá-la. Aposto que está planejando fugir do país.

Brian agarrou Sean pelo braço, impedindo-o de persegui-la.

— Esse não é o momento para bancar o paladino. Deixe-a ir.

Sean observou a dra. Levy chegar a uma porta e desaparecer de vista. Olhou para Brian.

— A charada está começando a se desenrolar.

— Talvez — disse Brian evasivamente. Sua mente de advogado estava preocupada com a simpatia que o acontecimento chocante poderia evocar na comunidade.

Gradualmente, a multidão começou a se dispersar.

— Venha — disse Brian. — Vamos embora.

Brian, Janet e Sean levantaram em silêncio e atravessaram a multidão perplexa na entrada do hospital. Foram em direção ao carro de Brian. Cada um tentava absorver a tragédia horrível que haviam tido a infelicidade de testemunhar. Sean foi o primeiro a romper o silêncio.

— Eu diria que foi um *mea culpa* bem dramático. Acho que ele merece crédito por ter dado pelo menos um tiro certo.

— Sean, não seja grosso — disse Brian. — Humor negro não é o meu forte.

— Obrigada — disse Janet a Brian. Em seguida virou-se para Sean: — Um homem morreu. Como pode fazer piada com isso?

— Helen Cabot também está morta. A morte dela me incomoda muito mais.

— As duas mortes deveriam incomodá-lo — disse Brian. — Afinal de contas, o suicídio do dr. Mason pode ser atribuído à má publicidade que o Forbes recebeu graças a você. O suicídio não foi necessariamente uma admissão de culpa.

— Espere um segundo — disse Sean, fazendo com que os outros parassem. — Depois do que a gente acaba de testemunhar, você ainda tem alguma dúvida com relação ao que lhe contei sobre esse caso do meduloblastoma?

— Eu sou advogado. Sou treinado para pensar de um modo específico. Tento prever os movimentos da defesa.

— Esqueça que é advogado pelo menos por dois segundos. O que você sente, como ser humano?

— Certo — cedeu Brian. — Tenho de admitir que foi um ato extremamente incriminador.

Epílogo

21 de maio
Sexta-feira, 1h50 da tarde

O grande jato da Delta inclinou-se lateralmente e em seguida fez a aproximação final para o Aeroporto Logan. Estava pousando na direção noroeste, e Sean, junto a uma janela, tinha uma boa visão de Boston pelo lado esquerdo do avião. Brian estava junto dele, mas tinha o nariz enterrado num jornal de advocacia. Passaram sobre a Biblioteca Kennedy no Columbus Point e em seguida sobre a ponta de South Boston, com suas casas de madeira à margem da água.

Logo Sean teve uma visão soberba do horizonte do centro da cidade, com o porto interior de Boston em primeiro plano. Pouco antes de tocarem o solo, teve um rápido vislumbre de Charlestown, com o obelisco de Bunker Hill apontando para o céu da tarde.

Soltou um suspiro de alívio. Estava em casa.

Nenhum dos dois tinha bagagem, e depois do desembarque foram direto pegar um táxi. Primeiro foram ao escritório de Brian no Old City Hall, na School Street. Sean pediu ao chofer para esperar e desceu do carro com Brian. Os dois não haviam conversado muito desde que deixaram Miami naquela manhã, principalmente porque nos últimos três dias tinham estado sob tremenda tensão, e falado muito. Tinha ido a Miami para que Sean testemunhasse diante de

um tribunal da Flórida no caso estado da Flórida contra o Forbes Cancer Center.

Sean olhou para o irmão. Apesar das diferenças e das discussões frequentes entre os dois, sentiu uma onda de afeto por Brian. Estendeu a mão. Brian apertou-a firme. Mas não era o bastante. Sean largou a mão de Brian e deu-lhe um abraço longo e apertado. Quando se separaram os dois sentiram um instante de constrangimento. Raras vezes tinham demonstrado fisicamente seu afeto. Em geral não se tocavam, a não ser com socos no ombro e tapinhas nas costas.

— Obrigado por tudo o que fez — disse Sean.

— Não foi nada diante do que você fez por um monte de vítimas potenciais do Forbes.

— Mas sem seu acompanhamento legal, o Forbes ainda estaria funcionando.

— A coisa ainda não acabou — alertou-o Brian. — Esse foi apenas o primeiro passo.

— Bem, de qualquer modo, vamos voltar a concentrar esforços na Oncogen. A questão do Forbes está nas mãos do procurador da Flórida e do procurador distrital dos Estados Unidos. Qual dos dois você acha que vai atuar como promotor no caso?

— Talvez os dois em conjunto. Com toda a atenção por parte da mídia, os dois obviamente veem no caso um grande potencial político.

Sean assentiu.

— Bem, vou manter contato — disse, enquanto voltava a entrar no carro.

Brian segurou a porta antes que Sean pudesse puxá-la para fechar.

— Odeio parecer implicante, mas, como seu irmão mais velho, acho que devo dar um conselho. Você tornaria as coisas muito mais fáceis para si mesmo se acalmasse esse lado estourado de sua

personalidade. Não estou falando de uma grande mudança. Se ao menos você conseguisse deixar um pouco de lado essa agressividade adolescente! Você está preso demais ao passado.

— Ah, qual é! — disse Sean com um sorriso torto. — Fica frio, Brian.

— Estou falando sério. Você transforma em inimigas as pessoas menos inteligentes do que você, o que, infelizmente, significa a maioria de nós.

— Esse é o elogio mais ambíguo que já recebi.

— Bem, não pretendi que fosse um elogio — disse Brian. — Você é uma espécie de *idiot savant*. Por mais inteligente que seja em algumas áreas, é retardado em outras. No trato social, por exemplo. Ou você não tem consciência do que as pessoas estão sentindo ou não se importa. De qualquer modo, os resultados são os mesmos.

— Você se descontrolou! — disse Sean gargalhando.

— Pense um pouco nisso, mano.

Brian deu um soco amigável no ombro de Sean.

Sean disse ao motorista para levá-lo ao Hospital Boston Memorial. Já eram quase três horas, e ele estava ansioso por encontrar Janet antes que o turno acabasse. Recostando no banco, pensou no que Brian dissera. Sorriu. Por mais agradável que seu irmão fosse, ele podia algumas vezes ser um tremendo careta.

No hospital, foi direto até o andar onde Janet trabalhava. No posto de enfermagem, soube que ela estava no 503, medicando a sra Mervin. Sean foi pelo corredor até o quarto da paciente. Não podia esperar para dar a boa notícia a Janet. Encontrou-a injetando um antibiótico no equipo de soro da sra. Mervin.

— Alô, estranho — disse Janet quando o viu. Estava satisfeita por vê-lo, mas se sentia obviamente preocupada. Apresentou Sean à sra. Mervin, dizendo que ele era um dos estudantes de medicina de Harvard.

— Eu adoro todos vocês, rapazes — disse a sra. Mervin. Era uma senhora idosa, de cabelos brancos, com bochechas rosadas e olhos brilhantes. — Venha me visitar qualquer hora dessas — disse, com um risinho.

Janet piscou para Sean.

— A senhora Mervin está melhorando.

— Dá para ver — concordou Sean.

Janet fez uma anotação num cartão e colocou-o no bolso. Depois de pegar a bandeja de remédios, disse adeus à sra. Mervin, lembrando-a para tocar a campainha se quisesse alguma coisa.

No corredor, Sean teve de que apressar para manter o passo com Janet.

— Estou ansioso para conversar com você — disse chegando ao lado dela. — Se é que você não adivinhou.

— Eu adoraria bater papo — disse Janet —, mas estou realmente ocupada. Está chegando a hora do relatório, e eu tenho que acabar de ministrar essas medicações.

— O indiciamento do Forbes foi aceito pelo tribunal — disse Sean.

Janet parou e deu-lhe um sorriso grande e caloroso.

— Isso é ótimo. Fico feliz. E tenho orgulho de você. Você deve se sentir vingado.

— Como diz Brian, é um importante primeiro passo. O indiciamento inclui a dra. Levy, apesar de não haver notícia dela desde a coletiva do *mea culpa* de Mason. Ninguém sabe onde ela está. O indiciamento também inclui dois médicos e a diretora de enfermagem, Margaret Richmond.

— Ainda é difícil acreditar em tudo isso — disse Janet.

— É, até você perceber como os pacientes de meduloblastoma ficaram gratos. Até acabarmos com aquilo, eles tinham repassado mais de sessenta milhões de dólares em doativos sem restrições.

— O que aconteceu com o hospital? — perguntou Janet olhando para o relógio.

— O hospital está sob sindicância. Mas o instituto de pesquisas foi fechado. E, para o caso de você estar interessada, os japoneses também foram enganados pelo esquema. Eles não faziam parte da coisa. Assim que a tampa do bueiro explodiu, eles fizeram as contas do prejuízo e se mandaram.

— Fico com pena por causa do hospital. Pessoalmente, acho que é um bom hospital. Espero que ele seja mantido.

— Mais uma notícia. Sabe aquele doido que apareceu na praia e quase matou a gente de medo? O nome dele é Tom Widdicomb, e é mais pirado do que o chapeleiro maluco. Ele guardava a mãe morta num freezer, dentro de casa. Parece que ele achava que a mãe o mandava colocar para dormir, com succinilcolina, todas as pacientes em estado avançado de câncer no seio. A mãe tinha tido a mesma doença.

— Meu Deus! Então foi isso que aconteceu com Gloria D'Amataglio.

— Aparentemente sim. E com várias outras.

— Eu me lembro de Tom Widdicomb — disse Janet. — Era o faxineiro que vivia irritando Marjorie.

— Bem, aparentemente você é que o irritou. De algum modo, em seu pensamento distorcido, ele decidiu que você tinha sido mandada para fazer com que ele parasse. Era por isso que a estava perseguindo. A polícia acha que foi ele que apareceu no seu banheiro na residência Forbes, e sem dúvida alguma ele foi a pessoa que nos seguiu no necrotério do Geral de Miami.

— Santo Deus! — exclamou Janet. A ideia de um psicótico a perseguindo era terrivelmente amedrontadora. Fez com que se lembrasse de novo de como a viagem à Flórida tinha sido diferente do que ela previra quando decidiu ir.

— Widdicomb vai ser julgado — prosseguiu Sean. — Claro que o advogado está argumentando insanidade, e se trouxerem a mãe dentro do freezer para testemunhar, ele não terá nenhum problema — gargalhou Sean. — Desnecessário dizer que é por causa dele que o hospital está sob sindicância. Cada família que perdeu uma paciente com câncer no seio em circunstâncias suspeitas está abrindo processo.

— Nenhum dos pacientes de meduloblastoma está abrindo processo?

— Não contra o hospital. Havia duas entidades: o hospital e o centro de pesquisas. Afinal de contas, no hospital eles foram curados.

— Todos, menos Helen Cabot — disse Janet.

— Verdade.

Janet olhou outra vez para o relógio e balançou a cabeça.

— Agora estou realmente atrasada, Sean. Preciso ir. Não podemos falar sobre isso esta noite, durante o jantar?

— Esta noite não. É sexta.

— Ah, claro! — disse Janet em tom gélido, e bateu a mão na cabeça. — Que estupidez a minha, esquecer. Bem, quando você tiver uma chance, ligue.

Janet saiu andando pelo corredor.

Sean deu alguns passos e agarrou seu braço, fazendo-a parar.

— Espere! — disse, surpreso com o fim abrupto da conversa. — Não vai me perguntar sobre as acusações contra nós?

— Não é que eu não esteja interessada. Mas você me pegou num mau momento, e, claro, vai estar ocupado esta noite.

— Só vai levar um segundo — disse ele, exasperado. — Brian e eu passamos a maior parte da tarde de ontem barganhando com o procurador do Estado. Ele nos deu a palavra de que todas as acusações contra você serão retiradas. Quanto a mim, em troca de

testemunhar, só terei que assumir a culpa por perturbar a ordem e criar intriga. O que você acha?

— Acho ótimo. Agora, se me permite... — Janet tentou soltar o braço, mas Sean não deixou.

— Há mais uma coisa. Tenho pensado num monte de coisas agora que esse negócio do Forbes acabou. — Sean olhou para o lado e mexeu-se, inquieto. — Não sei como dizer isso, mas lembra-se de que você disse que queria falar sobre nosso relacionamento quando foi para a Flórida, queria falar sobre compromisso e coisa e tal? Bem, acho que quero fazer isso. Isto é, se você ainda estiver pensando no que eu acho que você estava.

Atordoadada, Janet olhou direto nos olhos azuis profundos de Sean.

Ele tentou olhar para o lado. Janet estendeu a mão e, segurando seu queixo, virou-lhe o rosto para que a encarasse.

— Essa conversa dúbia é uma tentativa de falar em casamento?

— É, é, mais ou menos — embaralhou-se Sean. Soltou o queixo do aperto de Janet para olhar o final do corredor. Era difícil encará-la.

Fez alguns gestos com as mãos, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas não veio nenhuma palavra.

— Não compreendo você — disse Janet, com um rubor se espalhando pelas faces. — Pensar em todas as vezes em que eu quis falar e você não, e agora você é que puxa o assunto, aqui e agora! Bem, deixe que eu fale uma coisa, Sean Murphy. Não tenho certeza se posso enfrentar um relacionamento com você, a não ser que você esteja disposto a fazer algumas grandes mudanças, e, para dizer a verdade, não acho que você seja capaz. Depois daquela experiência na Flórida, não tenho certeza se você é o que eu quero. Não significa que não o ame, porque amo. Só significa que não acho que consigo viver com o tipo de relacionamento do qual você é capaz.

Sean estava chocado. Por um instante ficou incapacitado de falar. A resposta de Janet fora totalmente inesperada.

— O que quer dizer com mudança? — perguntou enfim. — Mudar o quê?

— Se você não sabe, e se eu preciso dizer, então é inútil. Claro, poderíamos falar mais sobre isso hoje à noite, mas você tem que sair com os rapazes.

— Não pegue no meu pé. Não vejo os caras há semanas, com toda essa confusão legal em que me meti.

— Isso é inegavelmente verdade — disse Janet. — E você precisa se divertir. — Mais uma vez ela começou a andar. Depois de alguns passos, virou-se para encará-lo. — Outra coisa inesperada surgiu em minha viagem à Flórida. Estou pensando seriamente em entrar para a faculdade de medicina. Não que não goste de enfermagem, e só Deus sabe o desafio que ela representa, mas todo aquele material que você me apresentou, relativo à biologia molecular e à revolução que ela está provocando, me afetou de um modo que nenhum outro tema acadêmico foi capaz de me afetar. Acho que quero fazer parte disso. Bem, não seja estranho, Sean — acrescentou Janet enquanto continuava andando. — E feche a boca.

Sean estava atordoado demais para falar.



PASSAVA DAS OITO horas quando Sean entrou no Old Scully's Bar.

Sem poder aparecer durante várias semanas, estava tomado por uma expectativa agradável. O bar estava cheio de amigos e conhecidos, e borbulhante de alegria. Várias pessoas se encontravam ali desde as cinco, e já estavam altas. Um jogo dos Red Sox passava na televisão, e, no momento em que Sean olhou, Roger Clemens estava encarando a câmera com ar maligno enquanto esperava o

sinal do apanhador. Houve alguns gritos de encorajamento vindos de um grupo de fãs ardorosos amontoados bem embaixo da IV. As bases estavam ocupadas.

Em pé junto à porta, Sean parou para observar a cena. Viu Jimmy O'Connor e Brady Flanagan junto ao alvo de dardos, gargalhando à beira das lágrimas. O dardo de um dos dois errara o alvo. Na verdade havia errado a parede e se cravara numa das barras da janela. Obviamente os dois estavam de porre.

No bar, Sean pôde ver Molly e Pete realizando incansavelmente seu trabalho de encher canecas de cerveja branca e preta, às vezes segurando numa das mãos quatro ou cinco canecas geladas e cheias até as bordas. Doses de uísque irlandês apareciam em vários pontos do bar. Os problemas do dia dissolviam-se muito mais rápido no esquecimento com aqueles tragos entre os goles de cerveja.

Sean olhou os sujeitos que estavam no balcão. Reconheceu Patrick Fitzgerald, ou Fitzie, como o chamavam. Podia lembrar-se, como se tivesse sido ontem, de como Fitzie roubara sua namorada quando os dois estavam na nona série. Sean caíra de quatro por Mary O'Higgins e viu-a desaparecer, numa festa à qual tinham ido juntos, para transar com Fitzie na carroceria da pickup de Frank Kildare.

Mas, desde seu triunfo no ginásio, Fitz ganhara considerável peso na cintura, e seu rosto adquirira uma aparência rechonchuda e oleosa. Trabalhava na equipe de manutenção no antigo estaleiro da Marinha, quando trabalhava, e estava casado com Anne Shaughnessy, que engordara até ficar com noventa quilos depois de dar à luz gêmeos.

Sean deu um passo na direção do balcão. Queria ser envolvido por seu antigo mundo. Queria que as pessoas dessem tapinhas em suas costas, implicassem com o fato de seu irmão ter virado padre.

Queria lembrar-se dos dias em que achava que seu futuro era um caminho limitado, a ser percorrido junto com toda a turma.

Diversões e problemas aconteceriam em experiências compartilhadas que poderiam ser repetidas sempre, através das reminiscências. De fato, as experiências se tornavam mais agradáveis com os acréscimos inevitáveis a cada vez que eram recontadas.

Mas alguma coisa o deteve. Com um sentimento perturbador, quase trágico, ele sentiu-se à parte. A sensação de que sua vida tomara um rumo diferente da dos velhos amigos voltou com uma clareza esmagadora.

Sentiu-se mais como um observador de sua vida antiga; não era mais um participante. Os eventos na clínica Forbes estavam forçando-o a olhar para questões mais amplas, além dos confins de seus velhos amigos em Charlestown. Não possuía mais o isolamento proporcionado pela inocência daquele mundo. Ver seus antigos amigos meio bêbados, ou em estado pior, fez com que avaliasse as oportunidades limitadas que eles tinham.

Através de uma combinação confusa de motivos sociais e econômicos, eles tinham sido apanhados numa teia de erros repetidos. Estavam condenados a repetir o passado.

Sem ter falado uma única palavra com ninguém, Sean virou-se abruptamente e saiu do Old Scully's Bar. Apressou o passo quando sentiu uma voz poderosa incitando-o a voltar à familiaridade calorosa daquele porto seguro de sua juventude. Mas decidiu. Não seria como seu pai.

Olharia para o futuro, e não para o passado.



RESPONDENDO A UMA batida na porta do apartamento, Janet tirou os pés do divã e levantou-se da poltrona funda. Folheava um livro pesado que pegara na livraria da faculdade de medicina,

chamado *Molecular biology of the cell*. Chegando à porta, espreitou através do olho mágico.

Ficou chocada ao ver Sean fazendo uma careta estúpida.

Atrapalhando-se com as fechaduras, Janet finalmente escancarou a porta.

— Espero que não esteja incomodando — disse Sean.

— O que aconteceu? O seu covil favorito pegou fogo?

— Talvez em sentido figurado.

— Nenhum de seus velhos amigos apareceu?

— Estavam todos lá. Posso entrar?

— Desculpe. Entre — Janet ficou de lado e em seguida fechou a porta atrás dele. — Esqueci a boa educação. É que estou tão surpresa em vê-lo! Quer alguma coisa, uma cerveja? Um copo de vinho?

Sean agradeceu e disse que não. Sentou-se sem jeito na beira do sofá.

— Eu fui, como sempre, ao Old Scully's...

— Ah, agora sei o que aconteceu — interrompeu-o Janet. — A cerveja deles acabou.

— Estou tentando falar uma coisa com você — disse Sean exasperado.

— Certo, desculpe. Estou sendo sarcástica. O que aconteceu?

— Todo mundo estava lá. Jimmy O'Connor, Brady Flanagan, até mesmo Patrick Fitzgerald. Mas não falei com ninguém. Mal passei da porta.

— Por que não?

— Percebi que, indo lá, eu estava me condenando ao passado. De repente tive uma ideia do que você, e até mesmo Brian, estavam falando com relação a mudanças. E sabe de uma coisa? Eu quero mudar. Tenho certeza de que terei recaídas ocasionais, mas certamente não quero ser um adolescente a vida inteira. E o que desejo saber é se você quer ou não me ajudar um pouco.

Janet teve de piscar os olhos para afastar as lágrimas súbitas.

Olhou nos olhos azuis de Sean e disse:
— Eu adoraria ajudar você.

FIM

O autor e sua obra

Robin Cook pode ser considerado um homem bem-sucedido em tudo que empreende. Além de sua excelente reputação como médico — cirurgião, especialista em oftalmologia e professor desse ramo da medicina na célebre Massachusetts Eye and Ear Infirmary, é hoje um autor conhecido em todo o mundo por seus livros, em que investiga as deformações que podem levar a medicina aos domínios do horror e da loucura.

Esse clima de pesadelo está presente em obras como *Medo mortal*, *Cérebro* e *Coma*. Essa última aborda a questão dos transplantes e explora a hipótese de que os doadores de órgãos podem às vezes não estar mortos.

A repercussão causada foi tão grande que o número de órgãos doados para transplantes sofreu uma queda considerável nos Estados Unidos. A polêmica chegou à Inglaterra, onde a BBC enfocou os problemas relacionados com o conceito de morte clínica.

Coma permaneceu seis meses na lista de best sellers do jornal *The New York Times* e atingiu uma vendagem de mais de quatro milhões de exemplares somente nos Estados Unidos. A relevância do problema, com toda sua carga dramática, não passou despercebida aos produtores de Hollywood: a história foi adaptada para o cinema, com Geneviève Bujold e Michael Douglas nos papéis principais.

Em 1979, Robin Cook abriu um novo caminho em sua ficção com *Esfinge*. Apaixonado por egiptologia, o escritor arma uma trama de

mistério e suspense, cujo enredo mistura elementos como a existência de um tesouro milenar e a maldição dos faraós.

Mais uma vez, o romance transformou-se em filme, sob a direção de Franklin J. Schaffner. E também, mais uma vez, Hollywood investia num negócio seguro: o livro vendeu mais de seiscentos mil exemplares na edição encadernada e Cook recebeu uma quantia respeitável pelos direitos de publicação em edição de bolso.

Febre (1982) assinalou seu retorno ao mundo da medicina e seus perigos, enfocando o conflito de um médico honesto e brilhante, que se dedica a pesquisas para a cura do câncer, às voltas com a comercialização da medicina, os desastres gerados pela poluição e um comovente drama familiar.

Seguiram-se outros títulos, como *Medo mortal* e *Sinais vitais*. Do autor, o Círculo publicou: *Cérebro, Coma, Esfinge, Febre, Medo mortal, Memórias de um médico interno, Sinais vitais*.